



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FÍSICA UFJF/UFV**

MARCELO LUÍS RIBEIRO SILVA TAVARES

**MULHERES EM MANCHETE: A POTÊNCIA DA GERAÇÃO DE VOLEIBOL DOS
ANOS 1980**

Juiz de Fora
2015

MARCELO LUÍS RIBEIRO SILVA TAVARES

**MULHERES EM MANCHETE: A POTÊNCIA DA GERAÇÃO DE VOLEIBOL DOS
ANOS 1980**

Dissertação apresentada ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Movimento Humano e Diversidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ludmila Nunes Mourão

Juiz de Fora
2015

TAVARES, M. L. R. S. Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. Juiz de Fora (MG), 2015. 311f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora.

MARCELO LUÍS RIBEIRO SILVA TAVARES

MULHERES EM MANCHETE: A POTÊNCIA DA GERAÇÃO DE VOLEIBOL DOS ANOS 1980

Dissertação apresentada ao PPGEF – Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação Física. Área de Concentração: Movimento Humano e Diversidade.

Aprovada em 14 de maio de 2015, pela Banca Examinadora composta por:

Prof^a. Dr^a. Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof. Maurício Gattás Bara Filho
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Prof^a. Dr^a. Silvana Vilodre Goellner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Dedico este trabalho à memória daquela que me deu a vida, continua me iluminando e me ofereceu todos os ensinamentos necessários para que eu me tornasse um ser livre, responsável e feliz: minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e à proteção recebida diariamente de todos os seres de luz que estão alinhados àqueles que fazem o bem, vibram positivamente e creem que onde existe a fé não tem espaço para a dúvida.

Munido deste sentimento agradeço ao maior encontro que a vida me proporcionou. Um ser digno, equilibrado, temente a Deus e que me enxerga com lentes de aumento, trazendo à superfície o que tenho de melhor. Graças ao seu amor me mantenho firme e cada vez mais preparado: meu eterno companheiro, Antonio.

Agradeço também a minha orientadora, professora Ludmila Mourão, a Lud, que desde o início me recebeu de braços abertos e acreditou em mim e na minha proposta de trabalho. Além disso, com a tranquilidade e a leveza que lhe são peculiares, mostrou que o ensino não é o fim, mas um meio de aprendizado eficaz quando realizado com cautela, qualidade e dedicação.

Sou grato aos membros da banca, professor Maurício Gattás Bara Filho pelo conhecimento e comprometimento que possui com o voleibol e à professora Silvana Vilodre Goellner, que além da qualidade acadêmica contribuiu demais para o aperfeiçoamento desse estudo, definindo, inclusive, o recorte da pesquisa.

Aos professores do programa de pós-graduação em Educação Física da UFV/UFJF pelo esforço empreendido para aprimorar cada vez mais a qualidade do curso, bem como os professores de outros programas de pós-graduação e com os quais tive a oportunidade de aprender, como o professor Márcio Guerra, da Faculdade de Comunicação e a professora Rosane Preciosa, do Instituto de Artes e Design.

Aos meus amigos Giovanna Tatagiba Medina, pelo incentivo e por me receber em sua residência todas as vezes que precisei ficar no Rio de Janeiro; Severo Ramos de Oliveira, por discutir o tema e acreditar que essa pesquisa pudesse se concretizar; Gisele Rangel Veiga, que da Alemanha sempre acompanhou, incentivou e procurou ajudar no que foi possível e Patricia Maya Monteiro pelas observações e intervenções pontuais nos momentos mais delicados.

Não posso esquecer também dos colegas de turma, especialmente Aline Laila Gomes e Letícia Moreira, que foram parceiras fiéis nos momentos de alegria e angústia, bem como os colegas do núcleo de pesquisa GEFSS, que sempre estiveram dispostos a contribuir, trazendo discussões elevadas sobre os diversos trabalhos realizados. Nesse contexto,

aproveito para agradecer o carinho e o companheirismo da professora Kalyla Maroun, que sempre demonstrou interesse pela pesquisa e muito contribuiu enquanto esteve próxima.

Cabe aqui um agradecimento especial a quatro pessoas que contribuíram muito para o desfecho dessa pesquisa: à professora Eliete Verbena e Faria, que sempre me incentivou a ingressar no meio acadêmico e facilitou o encontro com minha orientadora; à professora Maria Elisa Caputo Ferreira, que contribuiu com aulas que promoveram debates interessantes acerca de temas afins, além de apresentar textos e autores importantes que auxiliaram no desenvolvimento da dissertação; a minha colega de mestrado e *personal trainer*, Liliane Aranda, que além de trocar experiências diversas fez com que meu corpo e mente permanecessem alinhados durante este processo e, finalmente, à colega Vera Fernandes, que desde o início me incentivou, contribuiu, interferiu, e foi figura fundamental para a revisão e conclusão deste estudo.

Aproveito também para agradecer aos funcionários da UFV e da UFJF, através dos secretários Máisa Rodrigues Chagas, Roberto Carlos de Matos Leite e Lara Lopes Velloso, como também à assessora de imprensa da CBV, Michele Steremberg, que foi atenciosa e forneceu material de estudo importante para o desenvolvimento do trabalho.

Sou muito grato a todas as jogadoras que compuseram a geração de voleibol dos anos 1980 representada nas atletas entrevistadas, por terem contribuído com suas experiências e demonstrado interesse pela pesquisa: Heloísa Roese, Ana Richa, Lica Oliveira, Dora Castanheira, Fernanda Venturini, Vera Mossa, Sandra Lima, Jacqueline Silva, Isabel Salgado e Lenice Peluso. Cabe, ainda, um agradecimento especial à atleta Blenda Bartels, pelo carinho e entusiasmo com que me recebeu e intermediou alguns encontros que foram difíceis de serem agendados.

Por fim, agradeço à CAPES pela bolsa de estudos, que viabilizou essa pesquisa.

“Ignorar sentidos, significações, desconhecer a autoridade, a autoria sobre as coisas do mundo, é uma forma de perseverar no não preenchimento, no vazio silenciado, zona de recolhimento – potência formidável do inexprimível. Esse é o movimento primeiro de uma vida pronta a suprimir toda coerência, passando ao largo de tudo aquilo que é referenciado”.
(CERQUEIRA, M. B., 2006, p.132)

TAVARES, Marcelo L. R. S. **Mulheres em Manchete**: a potência da geração de voleibol dos anos 1980. 2015. 311f. Dissertação (Mestrado em Educação Física, Movimento Humano e Diversidade) – Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa e Faculdade de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

RESUMO

A partir do reconhecimento de que mulher e esporte são temas de interesse para o estudo da sociedade, destacamos como foco dessa dissertação as atletas do voleibol feminino da década de 1980, visando recuperar a potência dessa geração e descrever a trajetória das jogadoras que integravam a seleção feminina adulta de voleibol do Brasil de então, quando transformações profundas no cenário nacional marcaram a ascensão da equipe no cenário esportivo mundial. Além disso, pretendemos apontar os principais fatos que reforçaram a consolidação do esporte nesse período no Brasil, analisando o processo de inserção, permanência e aposentadoria das atletas no esporte que atuaram na década analisada e sua contribuição individual para a ascensão do voleibol no cenário nacional e internacional. Esta pesquisa foi construída a partir dos referenciais metodológicos da História Oral Temática e utilizou como instrumento um roteiro de entrevista semiestruturado, para orientar a conversa com onze jogadoras de voleibol, da década de 1980. A fim de articular e confrontar os dados, cotejamos as narrativas dessas atletas com outros documentos. Por fim, verificamos que esta geração de atletas contribuiu não apenas para a ascensão do voleibol no cenário esportivo brasileiro, mas também, para a profissionalização da modalidade; para a divulgação do esporte na grande mídia e para a quebra de mitos e tabus sobre a maternidade e a participação da mulher no esporte, e assim, na sociedade.

Palavras-chave: Voleibol feminino. Trajetória esportiva. Profissionalização.

TAVARES, Marcelo L. R. S. **Women Headlines:** the power of the volleyball generation of the 1980s 2015. 311f. Dissertation (Master of Physical Education, Human Movement) - Department of Physical Education, Federal University of Viçosa and Faculty of Physical Education and Sports of the Federal University of Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

ABSTRACT

This dissertation recognizes the women in Sports as relevant issues to Social Studies, therefore it focus in the generation of female volleyball athletes during the 1980s in Brazil. It recovers the impact of this generation and describes the trajectory of the players that were part of the adult female volleyball team in Brazil in the 80's decade; a period of profound transformations which marked the rise of the team on the world sports scene and the consolidation of the sport on the national scene. In addition, we aim to highlight the main facts that reinforced the consolidation of Brazilian volleyball throughout this period, analyzing the sports' scouting process, the longevity and there tirement of these female athletes who played in that decade and also heir individual contribution to the rise of volleyball culture both nationally and internationally. This research was built from the methodological framework of the Thematic Oral History and used a semi-structured interview instrument script to guide the conversation with eleven volleyball players of the 1980s. In order to combine and contrast data we compare the narratives of these athletes with other documents. At last, we note that generation of athletes contributed not only to the rise of volleyball in the Brazilian sports scene, but also to the professionalization of the sport; to the promotion of the sport by mass media and it contributed to break many taboos about the maternity and the women's participation in sport, as in society.

Keywords: Female volleyball. Sports career. Professionalization.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	O Magistério34
Figura 2	Briga entre Brasil e Cuba, nos Jogos de Atlanta, 199643
Figura 3	Voleibol feminino foi medalha de ouro em Pequim, 200846
Figura 4	Comemoração das atletas campeãs em Londres, 201248
Figura 5	Heloísa em Los Angeles, 1984; Heloísa no Flamengo em 201455
Figura 6	Ana Richa em ação nos anos 1980 Ana Richa com a filha em foto recente55
Figura 7	Lica em ação pela seleção em Los Angeles, 1984; Lica em ação na novela Em Família, 201456
Figura 8	Dora nos Jogos de Moscou, 1980; Dora nos dias atuais57
Figura 9	Blenda no treinamento da seleção nos anos 1980; Blenda nos dias atuais58
Figura 10	Fernanda Venturini em ação pela seleção nos anos 1990; Fernanda Venturini e Bernardinho nos dias atuais58
Figura 11	Vera Mossa nos anos 1980; Vera Mossa em Campinas, em 201459
Figura 12	Sandra em ação pela seleção, Los Angeles, 1984; Sandra em Teresópolis, em 201460
Figura 13	Jacqueline em treinamento nos anos 1980; Jacqueline nos dias atuais60
Figura 14	Isabel nos anos 1980; Isabel em foto recente61
Figura 15	Lenice nos Jogos de Moscou, 1980; Lenice em foto recente62
Figura 16	Jacqueline no início da carreira; Blenda no início da carreira67
Figura 17	Marco Aurélio Mota, em 2012; Ênio Figueiredo68
Figura 18	Acervo Jornal O Globo, de 02/08/198171
Figura 19	Vera Mossa pela Supergasbrás nos anos 1980;	

	Equipe de voleibol feminino do Flamengo nos anos 1980	73
Figura 20	Carlos Arthur Nuzman; Antônio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha	77
Figura 21	Brasil x URSS, em jogo realizado no estádio do Maracanã	79
Figura 22	Acervo Jornal O Globo, de 21/07/1980	80
Figura 23	Vera Mossa, Ivonete, Denise e Isabel, Moscou 1980	81
Figura 24	Acervo Jornal O Globo, de 16/08/1981	82
Figura 25	Brasil campeão sulamericano, 1981	83
Figura 26	Brasil vice-campeão do Mundialito de 1982	84
Figura 27	Luciano do Valle	85
Figura 28	Acervo Jornal O Globo, de 04/09/1982	86
Figura 29	Isabel, Sócrates, William e Hortência	86
Figura 30	Acervo Jornal O Globo, de 10/02/1983	88
Figura 31	Acervo Jornal O Globo, de 02/08/1984	90
Figura 32	Jacqueline campeã olímpica em Atlanta, 1996	93
Figura 33	Brasil em ação nos Jogos de Seul, 1988	96
Figura 34	Vera Mossa nos anos 1980	104
Figura 35	Isabel, capa da revista Veja	106
Figura 36	Lenice, Vera Mossa e Isabel em Moscou, 1980	107
Figura 37	Acervo do Jornal O Globo, de 05/11/1982	109
Figura 38	Monica Caetano, Regina Uchôa e Blenda na Lufkin	119
Figura 39	Heloísa, atleta do BCN	120
Figura 40	Isabel e os filhos na praia; Ana Richa, funcionária do Botafogo; Heloísa, técnica do Flamengo	126
Figura 41	Lica, em foto recente	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Quadro comparativo entre homens e mulheres nos Jogos40
----------	--	---------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACM	Associação Cristã de Moços
CEP	Comitê de Ética e Pesquisas
CBV	Confederação Brasileira de Voleibol
CND	Conselho Nacional de Desportos
CGU	Controladoria Geral da União
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CEME	Centro de Memória do Esporte
FIVB	Federação Internacional de Voleibol
GEFSS	Grupo de Estudos de Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Objetivos	20
1.2	Motivações e contexto da pesquisa	20
1.3	Estrutura da dissertação	21
2	CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO	23
2.1	Acontecimento e modernidade	25
2.2	Mulher, sociedade e esporte na modernidade	32
2.3	Voleibol de mulheres e a participação nos Jogos Olímpicos	39
3	METODOLOGIA	49
3.1	Instrumentos e procedimentos	51
3.2	As participantes da pesquisa e os critérios de inclusão	54
3.3	Procedimentos de análise de dados	62
4	INSERÇÃO, PERMANÊNCIA E APOSENTADORIA: a trajetória das atletas do voleibol feminino dos anos 1980	65
4.1	Entre a escola e a família: a inserção delas no voleibol	66
4.2	A permanência delas no voleibol: da virada da camisa até as descamisadas, chegando na virada do jogo	69
4.2.1	A década de 1980 e seus acontecimentos	75
4.2.2	A década de 1980, seus acontecimentos e a repercussão para as atletas	96
4.2.3	A década de 1980 e a quebra de tabus: a maternidade	107
4.2.4	A década de 1980, as possibilidades de profissionalização e o legado	112
4.3	Aposentadoria	118
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
	REFERÊNCIAS	136
	ANEXO I – Parecer CEP	141
	ANEXO II – Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE)	143
	APÊNDICE A – Roteiro de entrevista	145
	APÊNDICE B – Entrevista Heloísa Roese	147
	APÊNDICE C – Entrevista Ana Richa	160
	APÊNDICE D – Entrevista Lica Oliveira	176

APÊNDICE E – Entrevista Dora Castanheira195
APÊNDICE F – Entrevista Blenda Bartels212
APÊNDICE G – Entrevista Fernanda Venturini221
APÊNDICE H – Entrevista Vera Mossa231
APÊNDICE I – Entrevista Sandra Lima242
APÊNDICE J – Entrevista Jacqueline Silva258
APÊNDICE K – Entrevista Isabel Salgado271
APÊNDICE L – Entrevista Lenice Peluso293

1 INTRODUÇÃO

Ao intitularmos um trabalho procuramos trazer as ideias principais que sintetizam seu conteúdo. Portanto, acreditamos ser pertinente explicar, primeiramente, o título da pesquisa “Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980”.

Na primeira parte do título, “Mulheres em Manchete”, fazemos alusão à equipe de voleibol feminino do Brasil que é o tema do nosso trabalho. O termo manchete refere-se àquilo que chama a atenção em uma notícia, que recebe destaque, mas que também nomeia um dos fundamentos do voleibol. O voleibol, cabe nota, inicialmente chamado de “mintonette”, foi criado no ano de 1895, pelo americano William G. Morgan, que era o diretor de educação física da Associação Cristã de Moços (ACM), na cidade de Holyoke, em Massachusetts, nos Estados Unidos. No ano de 1896, o Doutor A. T. Halstead sugeriu que o nome do esporte passasse a ser “volleyball”, uma vez que a ideia básica da modalidade era “jogar a bola de um lado para outro, por sobre a rede, com as mãos”. O esporte ganhou adeptos rapidamente e chegou ao Brasil em 1910 (KOCH, 2005, p. 15-18).

Já na segunda parte do título destacamos o uso do termo “potência” para qualificar o poder de ação dessas mulheres-atletas. Ao estabelecer a relação entre ato e potência, segundo a metafísica de Aristóteles, Santos (2013, p. 120) destaca que “o ser é o que existe permanentemente, em ato: um homem, um cavalo ou um livro” e potência “é aquilo que um ser pode vir a fazer ou realizar”. Como as jogadoras que compuseram a seleção brasileira de voleibol dos anos 1980 inovaram, foram contestadoras e protagonistas de um momento difícil, tenso, no qual o esporte experienciava a transição do amadorismo para o profissionalismo, acreditamos que se trata de uma geração potente, termo que indica “uma aliança radical com a diferença, com a capacidade de correr riscos, abandonando vínculos estáveis e tornando-se cúmplice do acaso, do improvável” (CERQUEIRA, 2006, p. 20). Atletas como Isabel, Jacqueline, Vera Mossa e Heloísa, entre outras que são apresentadas neste estudo, contribuíram para o desenvolvimento do voleibol brasileiro, alavancando o interesse do público através de suas conquistas, despertando o olhar da mídia e construindo uma trajetória para que o voleibol se tornasse um ícone da identidade esportiva brasileira na atualidade.

É importante também definir o termo “geração” para que possamos compreender a relação dessas jogadoras com o recorte temporal escolhido. Nessa tentativa, porém, nos deparamos com restrições e obstáculos de diferentes naturezas. Segundo Sirinelli (2006), ao analisar o termo pelo sentido biológico o autor destaca que ele pode ser entendido como um

fato natural, mas também cultural. Além disso, pode ser modelado pelo acontecimento e pelo sentimento de pertencer ou ter pertencido a uma faixa etária com forte identidade diferencial, de onde se constata que a geração pode ser uma reconstrução do historiador que classifica e rotula.

Já a socióloga Wivian Weller (2010, p. 205), ao escrever sobre a atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim, escrito pelo autor em 1928, explica que “o conceito de gerações vem sendo retomado nas análises sociológicas que apontam não somente para as diferenças de classe, mas também para as desigualdades de gênero, étnico-raciais, culturais e geracionais”. Ao destacar a importância de Mannheim para explicar o termo, a autora afirma que “as potencialidades de análise do conceito proposto pelo autor ainda são muitas”.

Logo, o conceito de geração ganha impacto no curso da História, pois se trata de “uma estrutura que a análise histórica deve levar em consideração para reabilitar o acontecimento” (SIRINELLI, 2006, p. 64). Ou seja, por meio de fatos ou um conjunto de fatos, avançamos na compreensão da História. Em nossa pesquisa, acontecimento, com um sentido ampliado de fato, e modernidade, como um registro temporal da contemporaneidade, formam a base conceitual que nos auxilia a compreender a importância de determinados fatos, bem como, atentar para a vinculação desses com um momento específico da modernidade.

Quando Mannheim discorre sobre a noção de vínculo geracional como fruto das experiências vividas na contemporaneidade, inspirada num conceito qualitativo de tempo, ele “chama a atenção para o fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico” (WELLER, 2010, p. 209). Portanto, é com essa abordagem de geração que contextualizamos a geração de voleibol feminino dos anos 1980, tendo em vista que, segundo Sirinelli (2006), a geração é uma peça essencial da engrenagem do tempo e quando analisada sob uma perspectiva histórica pode ser analisada simultaneamente como objeto da história e como instrumento de análise.

Por fim, destacamos em nosso estudo a parte final do título desse trabalho, os anos 1980. Ao abordarmos essa década faz-se necessário recapitular, brevemente, o cenário sócio-político-cultural que o Brasil vivenciou, como meio de se contextualizar e se valorizar a escolha dos termos “potência” e “geração” em alusão às atletas que viveram o esporte nesse período, tão significativo para o voleibol, sobretudo, feminino.

No início dos anos 1980, o Brasil vivia um momento de transição política e recessão econômica que transformaram o país e tornaram ainda mais significativas as ações da geração de voleibol feminino para o esporte nacional, que também vivia um processo de transição. O atentado do Riocentro, o movimento das “Diretas Já”, o fim da ditadura militar, a

eleição de Tancredo Neves, a posse efetiva de José Sarney e a promulgação da nova Constituição brasileira, que se perpetua até os dias atuais foram alguns eventos relevantes ocorridos na década de 1980 e servem como pano de fundo para que possamos visualizar um retrato do Brasil na referida época.

O atentado do Riocentro aconteceu no Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1981 e foi um dos episódios emblemáticos do terrorismo de direita durante o processo de abertura política brasileiro, conforme descreve Santos (2014, p. 3-4):

Cerca de vinte mil pessoas se dirigiram para o centro de convenções Riocentro, localizado na zona oeste da cidade. A terceira edição do “Show 1º de maio”, relativo à comemoração do Dia do Trabalho, contaria com a presença de vários artistas de renome, como Chico Buarque, Gonzaguinha, Alceu Valença e Elba Ramalho. O espetáculo estava sendo promovido pelo Cebrade (Centro Brasil Democrático), uma organização diretamente vinculada ao PCB (Partido Comunista Brasileiro). Quinze membros do DOI I Ex (Destacamento de Operações de Informações do I Exército) – sediado no Rio de Janeiro – se reuniram e foram para o evento. Cerca das vinte e uma horas, ocorreu uma explosão no estacionamento. Um carro Puma, onde estavam o sargento Guilherme Pereira do Rosário e o capitão Wilson Luiz Chaves Machado, ambos agentes do DOI I Ex, explodiu, no momento em que o veículo dava marcha-a-ré para sair da vaga, matando instantaneamente o sargento e deixando o capitão com ferimentos graves. A explosão chamara a atenção de quem se encontrava na área do estacionamento, que estava lotado de carros.

O chamado “caso Riocentro” teve repercussão mundial e apesar da instauração de Inquérito Policial-Militar, não foi possível identificar a autoria do atentado. Contudo, a conclusão desse inquérito manifestou a intenção de exibir os militares como vítimas do caso, fato que provocou a reabertura das investigações algumas outras vezes, trazendo a certeza de que “houve o reconhecimento social de que o atentado do Riocentro foi patrocinado e operacionalizado por agentes do Estado servindo em órgãos de informações” (SANTOS, 2014, p. 25). O que chama a nossa atenção, porém, é que se tratava de um evento em comemoração ao dia do trabalhador, com a presença de artistas importantes da música popular brasileira, que apoiavam e formavam uma rede de democratização, visto que muitos desses mesmos artistas frequentavam os palanques políticos na época.

A partir de uma discussão sobre o regime no país, o movimento conhecido por “Diretas Já”, ocorrido entre 1983 e 1984, contribuiu para marcar o fim do regime militar, que se estendia desde 1964, e deflagrar a eleição direta para presidente da república, que ocorreria em janeiro de 1985. O Movimento teve grandes proporções e reuniu milhões de pessoas em comícios e passeatas por todo o Brasil (LOPES, 2007). Tancredo Neves foi eleito pelo voto

direto e pôs fim a vinte anos de ditadura militar. Contudo, Tancredo Neves não assumiu o cargo, pois, faleceu em 21 de abril de 1985 tendo o seu vice, José Sarney, se tornado o novo presidente da República, governando o país até o ano de 1990.

Após longo período de privações de garantias, o povo brasileiro ansiava por respostas efetivas que garantissem seus direitos. Dessa forma, alguns anos mais tarde, em outubro de 1988, foi promulgada a nova Constituição brasileira, também conhecida como “Constituição cidadã” por incluir vários aspectos que garantem acesso à cidadania, como abono de férias, direito à greve, direito de voto para analfabetos, seguro desemprego, diminuição da jornada semanal de trabalho, de 48 para 44 horas, entre outros direitos. No caso específico das mulheres, a criação da licença maternidade de 120 dias possibilitou que elas continuassem recebendo seus salários nos quatro primeiros meses de idade dos seus filhos. Além disso, a nova Constituição garantiu a condição de equidade de gênero, bem como a proteção dos direitos humanos das mulheres pela primeira vez na história brasileira (SIRAQUE, 2004).

As conquistas das mulheres brasileiras estavam garantidas na Constituição de 1988 e sete anos mais tarde, em 1995, reforçadas pela Declaração de Pequim, que garantiu que “as mulheres pudessem exercer plenamente seus direitos e alcançar seu desenvolvimento integral como pessoas”. Além disso, consagrou três inovações fundamentais: o conceito de gênero, que isolou a condição biológica e passou a analisar a situação da mulher como “produto de padrões determinados social e culturalmente e, portanto, passíveis de modificações”; o empoderamento da mulher, que “consiste em realçar a importância de que a mulher adquira o controle sobre o seu desenvolvimento, devendo o governo e a sociedade criar as condições para tanto e apoiá-la nesse processo” e, finalmente, a noção de transversalidade, que “busca assegurar que a perspectiva de gênero passe efetivamente a integrar as políticas públicas em todas as esferas de atuação governamental” (DECLARAÇÃO DE PEQUIM, 1995, p. 149)¹.

Como podemos verificar, o Brasil passou por intenso processo de reestruturação política, com reflexos em todos os setores da sociedade. Para as mulheres em geral, e para as atletas de voleibol especificamente, foi uma década singular onde o voleibol iniciou seu processo de profissionalização e conquistou admiradores por todo o Brasil. A Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) criou estratégias para popularizar o esporte e, com o apoio da mídia, introduziu os jogos nas residências dos brasileiros, que ficaram cada vez mais

¹ Para mais, ver: Declaração de Pequim e plataforma de ação da IV Conferência mundial sobre a mulher. **Instrumento Internacional de Direitos das Mulheres**. Pequim, 1995.

familiarizados com os termos do esporte e com as jogadoras que mostraram significativa potência, constituindo-se uma geração que, embora não tenha obtido as melhores colocações nos pódios das competições internacionais, contribuiu fortemente para a redefinição dos rumos do voleibol feminino e na afirmação da mulher na sociedade a partir daquela época.

1.1 Objetivos

Com a definição do tema e do recorte temporal do estudo, reiteramos que o objetivo principal da pesquisa é: a) Descrever a trajetória da seleção feminina adulta de voleibol do Brasil na década de 1980, período de transformações profundas que marcaram a ascensão da equipe no cenário esportivo mundial e a consolidação do esporte no cenário nacional. Como objetivos específicos, elencamos: b) Destacar os principais fatos que corroboraram para a transformação do esporte nesse período no Brasil; c) Analisar o processo de inserção, permanência e aposentadoria das atletas no esporte e sua contribuição para a ascensão do voleibol no cenário nacional e internacional.

Dessa forma, o tema do esporte é visto a partir da experiência da seleção feminina adulta de voleibol dos anos 1980, período que houve profundas transformações para a mulher, tanto do ponto de vista atlético quanto social, além da notória projeção do voleibol nos cenários nacional e internacional, que culminou com a conquista do bicampeonato olímpico, em 2012. Apesar da seleção feminina brasileira de voleibol ser uma das melhores do mundo, observa-se a ausência de trabalhos acadêmicos e de pesquisa que tenha registrado esta trajetória, tão rica para o esporte brasileiro, sobretudo, com a aproximação dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, em que o Brasil é a sede do evento.

Assim, justifica-se esse trabalho por percebermos que não há publicações sistematizadas a respeito, configurando o caráter inédito desta pesquisa. Destaca-se ainda a oportunidade de trabalhar com a memória social para o registro de um período fundamental para a profissionalização do esporte e para a elevação da autoestima nacional, através de uma série de jogadoras que se tornaram ícones contemporâneos e de toda uma geração.

1.2 Motivações e contexto da pesquisa

A escolha do tema voleibol é um assunto já incorporado à vivência do próprio autor, que foi atleta de vôlei de quadra, como levantador, e também jogou voleibol de praia no Rio de Janeiro, onde nasceu e morou por muitos anos. Desde a “escolinha de voleibol” até os

dias de hoje, são mais de 35 anos de envolvimento com o esporte, que se estendeu pela faculdade de Jornalismo e de Educação Física, posteriormente. Das quadras e arquibancadas à interação em redes sociais, que permitem o contato com as atletas, procuramos manter viva a chama que foi acesa exatamente na década de 1980, quando acompanhávamos os jogos do campeonato carioca entre os rivais Flamengo (de Jacqueline, Isabel e Regina Vilela) e Fluminense (de Célia, Heloísa e Regina Uchôa) e, posteriormente, os jogos entre Supergasbrás (de Vera Mossa, Sandra e Lica) e Bradesco (de Ana Richa, Adriana e Denise). Nessa época, os jogos não eram sempre transmitidos pela televisão, sendo necessário comparecer aos ginásios da Gávea, das Laranjeiras, do Tijuca Tênis Clube e do Maracanãzinho, entre outros, para assistir às partidas.

Mesmo depois de já ter ingressado na faculdade de Comunicação Social e ter parado de jogar por clubes, o interesse pelos jogos não se perdeu, pois, continuei a acompanhar o desenvolvimento do voleibol brasileiro. Após cursar Educação Física e estudar o papel e as consequências das competições esportivas para a vida social decidi ingressar no Programa de Mestrado em Educação Física da UFV/UFJF para compreender melhor a década que julgava tão emblemática para o voleibol.

Assim, com a oportunidade de ingresso no Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de pesquisa Movimento Humano e Diversidade e a participação no Grupo de Pesquisa GEFSS (Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade) tive acesso ao conhecimento e debate atualizados sobre os estudos dos esportes, de gênero e o processo do empoderamento feminino na sociedade contemporânea. Nesse núcleo encontrei a professora Ludmila Mourão, orientadora desse trabalho, experiente na condução de vários estudos sobre a mulher nos esportes, além de outros professores e alunos que ajudam a formar uma rede de pesquisadores sobre o tema no Brasil, que conta com ramificações também no exterior. A convergência de interesses e oportunidades fez com que o trabalho fosse estruturando-se ao longo dos últimos dois anos até chegar ao recorte e abordagem que definimos aqui.

1.3 Estrutura da dissertação

Essa dissertação encontra-se escrita na forma monográfica e organizada em cinco seções, seguido dos anexos e apêndices. Após a “Introdução”, onde foram elencados os termos gerais e o contexto da pesquisa, apresentamos, na segunda seção, a “Constituição do Estudo”, onde trazemos apontamentos acerca do estado da arte das pesquisas sobre o esporte,

a mulher e a sociedade e das obras de referência que perpassam o tema do voleibol direta ou indiretamente. Ainda nessa seção apresentamos o embasamento teórico da pesquisa através dos conceitos de Acontecimento e Modernidade, importantes para o enquadramento do nosso objeto. Em seguida, recapitulamos a relação da mulher na história social recente e, também, a inserção da mulher no voleibol, com destaque para a participação dessas nos Jogos Olímpicos.

A terceira seção é dedicada à “Metodologia” desenvolvida para o trabalho, onde enfatizamos os pressupostos da História Oral para nortear a pesquisa de campo. Nessa seção são também apresentamos os instrumentos e os procedimentos para coleta de dados; uma breve apresentação das participantes da pesquisa e os critérios adotados para seleção do grupo de onze atletas, além dos procedimentos de análise de dados, em que descrevemos as estratégias para a formulação das entrevistas. Estas foram estruturadas a partir de três momentos distintos da vivência das atletas: a inserção no voleibol, a permanência e a aposentadoria, como meio de se articularem com os objetivos desse estudo.

A quarta seção intitulada “Inserção, permanência e aposentadoria: a trajetória das atletas de voleibol feminino dos anos 1980” é dedicada à análise e discussão das entrevistas, onde destacamos a importância das perguntas relacionadas à permanência no esporte por conter os subsídios principais que descrevam os acontecimentos e as repercussões da década de 1980. Nessa seção retomamos parte de muitas referências desse estudo para alimentar a discussão entre as fontes primárias e secundárias e o trabalho levantado em campo nas entrevistas.

A quinta seção é onde sintetizamos os principais resultados desse estudo, tecendo “Considerações Finais” para o tema da pesquisa, o voleibol feminino, e o recorte espacial adotado, a década de 1980. A seguir às considerações finais, apresentamos nos Anexos os documentos que fazem parte da validação da pesquisa e nos Apêndices a íntegra das entrevistas realizadas.

2 CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO

Esporte e mulher são dois elementos bastante ricos para se falar da sociedade. Nesse sentido, ao percorrermos trabalhos que se relacionam com o foco do nosso estudo, o voleibol feminino, nos deparamos com um conjunto diversificado de referências bibliográficas que, se não abordam o tema especificamente, nos auxiliam no entendimento mais amplo da inserção da mulher no esporte e na sociedade.

Através do contato com referências fundamentais de um campo de estudo mais amplo que nos é apresentado quando ingressamos na pós-graduação, associamos com o vasto universo de referências disponíveis hoje através de banco de dados, teses, livros e reportagens do mundo digital. Verificamos a existência de um conjunto significativo de trabalhos que nos ajudam a correlacionar o nosso objeto de estudo com os temas contemporâneos do universo acadêmico e científico.

Dentro do universo vasto da prática esportiva em nossa cultura, o século XX ofereceu-nos uma oportunidade única de acompanhar modificações sociais intensas, com reflexos na organização do indivíduo e da sociedade em geral, e no esporte em particular. Especificamente no esporte, os reflexos percebidos no âmbito individual são bem demonstrados no próprio corpo do atleta – físico e simbólico – enquanto que, para perceber a articulação do esporte com a sociedade, o estudo de algumas modalidades torna-se um recurso precioso, já que o esporte coletivo é fonte de prazer social, representação nacional e empreendimento financeiro. Dessa forma, abaixo serão destacados, de forma breve, alguns agrupamentos das referências pesquisadas. A partir de um levantamento inicial, podemos dividir a bibliografia de interesse para este estudo centrado em três grandes grupos: (1) as publicações no âmbito sociológico, incluindo questões de gênero; (2) as publicações no âmbito desportivo, que exploram as relações contemporâneas e (3) as publicações específicas da área do voleibol, incluindo biografias.

O primeiro grupo, formado pelos estudos sociológicos mais gerais, destacamos os trabalhos de Giddens (1991; 2002), que analisam a Modernidade, sob o ponto de vista da identidade e das consequências provenientes das complexas transformações que provocou na sociedade, como também o faz também Hall (2005). Além disso, o livro de Mary Del Priore (1997), *História das Mulheres no Brasil*, reúne autores que discutem a participação da mulher em diferentes épocas e contribui muito para compreendermos o papel social da mulher, da mesma forma que Nicholson (2000) e Scott (1990): a primeira interpreta o gênero e a segunda o analisa sob uma perspectiva histórica. Já Elias e Dunning (1992) abordam a gênese do

desporto e Crespo (1990) analisa o corpo visto no âmbito da história portuguesa. Este autor é bem explorado também por Soares (2002), que enfatiza a gênese da própria atividade de Educação Física a partir da ginástica francesa do século XIX. Lee-Manoel (2002) vincula o corpo ao movimento, de forma que promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a percepção de competência, aspectos relevantes para a formação de atletas.

Esse grupo, portanto, nos ajuda a conceituar o corpo no âmbito sociológico, pois, nesse aspecto, Soares (2002) lembra que ainda no século XIX o corpo era visto através de uma visão preponderantemente mecânica e médica, bastante distinta do mundo moderno e da atual sociedade de consumo, onde a imagem, assim como os corpos, é um valor em si. Para Kemp (2005, p. 81), “desde sempre as relações sociais se estendem ao corpo e à posse de determinados objetos, cujas marcas e símbolos servem para dar visibilidade e identidade às diferenças”. Assim, o corpo do atleta se distingue socialmente e se torna um rico objeto de estudo.

O segundo grupo é formado por trabalhos que oferecem um panorama geral do esporte na sociedade, como Proni e Lucena (2002) e Carmem Lúcia Soares (1994), sobre as origens da Educação Física no Brasil, bem como, Melo *et al.* (2013). Como aponta Gumbrecht (2007, p. 130), há quase um século os esportes com bola fascinam multidões mais que qualquer outra competição. Porém, até a ascensão do vôlei como esporte profissional no início dos anos 1980, conforme Marchi Júnior (2001, p. 116), foi uma época de peregrinação “na busca de novas formas de gerenciamento do esporte, as quais cuidassem de subsidiar melhores condições de participação e treinamento para as seleções e clubes brasileiros”. Destacamos também a coletânea de diversos artigos sobre a mulher e o esporte (SIMÕES, 2003), com trabalhos que abordam desde a mitificação do corpo feminino (ALONSO, 2003) até análises sobre a transição nas carreiras de mulheres jogadoras de voleibol (SIMÕES *et al.*, 2003) e, bem próximo da abordagem pretendida na dissertação, o livro de Souza e Mourão (2011), sobre a trajetória, os desafios e as conquistas de atletas no judô brasileiro. Já o livro de Guedes (2009), que conta a história do basquete feminino no Brasil, apresenta uma narrativa histórica da modalidade, semelhante ao que abordamos nesse estudo.

No terceiro e último grupo há uma variedade enorme de trabalhos que certamente complementam a pesquisa proposta sobre o voleibol, desde as regras (CBV, 2004), algumas biografias de atletas (VALPORTO, 2006; 2007; SILVA, 2004); e sobre a história da seleção masculina (KOCH, 2005; BERNARDINHO, 2006). Também é possível encontrar trabalhos que avaliam a apropriação do esporte pela indústria do entretenimento, com mudanças na rígida programação das emissoras (HELAL, 1990, p. 64), e a transformação particular do

vôlei em esporte-espetáculo, com forte influência da mídia, já que “o voleibol teve seus regulamentos e sua forma de jogar modificadas pela pressão dos veículos midiáticos” (GUIMARÃES; MATTA, 2004, p. 85). Além desses, os trabalhos de Romariz (2010), Nascimento (2012) e Vlastuin (2013), que abordam sobre mulheres e homens no voleibol de rendimento: práticas e representações; a história de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras; e abordagens sociológicas das unidades geracionais do voleibol feminino brasileiro, respectivamente, também auxiliam no entendimento do esporte e na inserção da mulher no voleibol.

A partir da leitura e da compreensão desses estudos podemos verificar que além das transformações físicas e intelectuais das atletas de voleibol que contribuíram para a estruturação do esporte, o processo de acumulação histórica que se inicia e se estende para além do marco temporal que analisamos no nosso trabalho foram fundamentais para compreendermos melhor as condições sociais que fazem a articulação com a mulher, com o voleibol e a contemporaneidade. Todos esses temas podem ser considerados origem e destino das práticas e resultados no voleibol feminino brasileiro.

2.1 Acontecimento e Modernidade

O tema das relações humanas e sociais sempre instigou o estudo de pesquisadores de diferentes áreas e distintas épocas. Com as mudanças sociais, econômicas e tecnológicas dos últimos anos, as noções de tempo e espaço se redefinem e novos cenários se anunciam. Assim, definimos para esse estudo dois fundamentos conceituais como meio de entender melhor o contexto analisado: o Acontecimento, como um fato ou conjunto de fatos que ganham notoriedade e distinção no curso da História e, a Modernidade, como o período histórico onde nossas análises se baseiam, e que guarda algumas características que se coadunam de forma específica com o tema estudado.

De complexa localização no tempo, a Modernidade (ou Modernidades), deve ser entendida mais como experiência do que como um período histórico. Entretanto, os impactos advindos com as mudanças dadas pela Revolução Industrial no século XIX são expressivos, sobretudo pelo fim de uma identidade estável, regida pelos ritmos do campo. Estavam agora nas cidades a oferta de empregos e as oportunidades de uma nova experiência subjetiva, sem precedentes. Nas grandes capitais do século XIX, como Londres, Paris e Berlin as novas fábricas, o transporte por trens e as novas tecnologias disponíveis produziram grandes choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno (CHARNEY; SCWARTZ, 2001).

No seu livro “As Consequências da Modernidade”, Giddens (1991, p. 41) afirma que a complexidade da vida moderna produziu modos de vida que desestabilizaram a ordem social: “Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes”. O mesmo autor, no livro “Modernidade e Identidade” (2002, p. 22), analisa que “as instituições modernas apresentam certas *descontinuidades* com as culturas e modos de vida pré-modernos”, reiterando que o impacto provocado por essas transformações foram muito grandes (Grifo do Autor).

No Brasil, o início do século XX fez com que as capitais tentassem se transformar em metrópoles com hábitos similares aos modelos europeus, com preocupações relacionadas à organização da família e de uma classe dirigente sólida. Das camadas populares se esperava uma força de trabalho adequada e disciplinada e sobre as mulheres:

Recaía uma forte carga de pressões acerca do comportamento pessoal e familiar desejado, que lhes garantissem apropriada inserção na nova ordem, considerando-se que delas dependeria, em grande escala, a consecução de novos propósitos (SOIHET, 1997, p. 364).

Dessa época até a Primeira Guerra Mundial houve uma série de redefinições e ajustes. Foi um tempo que exercia fascínio e oferecia diversão em grandes lojas e galerias comerciais, com espetáculos e a novidade de ver a vida pelas telas do cinema. Além disso, a sociedade moderna do início do século XX tinha grande interesse pela realidade. O surgimento da fotografia passou a ser incorporado como instrumento de investigação policial; a abertura dos necrotérios para visitação pública; os museus de cera, entre outros, acentuavam que aquele era um tempo de experiências visuais fortes (CHARNEY; SCWARTZ, 2001).

Todos esses eventos fizeram com que as mulheres também fossem afetadas e as personagens femininas da literatura tornaram-se “seres sexuais, sensuais”, como pontua Telles (1997, p. 428-429), pois, o Rio de Janeiro passa a ser o palco dos movimentos culturais e nos romances urbanos “uma moça abastada luta para conseguir seu amor”. Contudo, as modificações ocorridas no Rio de Janeiro, São Paulo e outras capitais invariavelmente pregavam valores burgueses que “eram reforçados por preconceitos de classe e raça”, evidenciando-se que essa visão da mulher era diferente das exigências e possibilidades da vida urbana que se apresentava.

Giddens (2002, p. 21) compreende a Modernidade apoiado em duas dimensões institucionais. A primeira é o industrialismo, já que as relações sociais estão “implicadas no

uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção” e a segunda é o capitalismo que, segundo o autor, é um “sistema de produção de mercadorias que envolve tanto mercados competitivos de produtos quanto a mercantilização da força de trabalho”. Dessa forma, ambas se constituem na base do crescimento da força organizacional da vida social moderna, onde se incluem ativamente as mulheres.

No entanto, essa vida moderna era diferente para homens e mulheres. Para Rago (1997) muitos consideravam que as mudanças na sociedade e nos meios de produção do início do século XX, sobretudo na Europa, induziam as mulheres ao trabalho nas fábricas, mas as afastavam cada vez mais da família, tornando os laços mais frouxos e diminuindo-se o desejo pelo casamento e pela maternidade. A autora aponta que a incorporação das mulheres ao mercado de trabalho trouxe à tona a reflexão da sociedade para temas como adultério, virgindade e prostituição.

Do início da vida urbana do século XX aos anos 1980, mulher e sociedade construíram uma nova articulação de valores. Entretanto, verificamos que mesmo com várias décadas de diferença, nossas atletas de voleibol tiveram que se esforçar bastante, rompendo barreiras e lutando por respeito para que o seu talento e o esporte fossem reconhecidos como tarefa de alto investimento pessoal e profissional.

Ao destacarmos conceitos para pós-modernidade, cultura, esporte e mulher avançamos na compreensão de como beleza e mídia também se incorporam como acepções distintas dos anos 1980. Atitudes, comportamentos irreverentes, reflexões críticas, beleza e técnica esportiva desenharam acontecimentos marcantes que ajudaram a redefinir o voleibol, deslocando-o do patamar amador para o profissional.

Antes, porém, cabe aludir ao cenário no qual todos esses acontecimentos ocorreram: a pós-modernidade. Para Giddens (1991) é importante distinguir a pós-modernidade do pós-modernismo. Segundo o autor, o pós-modernismo é um termo mais apropriado para se referir a estilos ou movimentos relacionados à literatura, artes plásticas e arquitetura. Já a pós-modernidade indica que “a trajetória do desenvolvimento social está nos tirando das instituições da modernidade rumo a um novo e diferente tipo de ordem social” (GIDDENS, 1991, p. 52).

Para deixar mais clara a diferença entre pós-modernismo e pós-modernidade recorremos a três autores contemporâneos para compreender o que representa pós-modernismo. Para Canclini (2006, p. 23), “o pós-modernismo não é um estilo, mas a co-presença tumultuada de todos”. Já Crane (2011, p. 61), identifica “o pós-modernismo como um termo de difícil coerência conceitual, pois, sugere a polissemia”. E muito próximo dessas

duas definições, Featherstone (2007, p. 97) afirma que “o pós-modernismo é uma promiscuidade de estilos, com ênfase na estetização da vida cotidiana e na transformação da realidade em imagens”. Como podemos verificar o pós-modernismo é um termo de difícil conceituação e se refere ao que Giddens afirmou acima. Porém, conforme destaca Miriam Adelman (2009, p. 186), “os debates sobre o conceito de “pós-modernidade e “pós-modernismo”, que foram centrais para a teoria social dos anos oitenta, ocupam menos espaço hoje do que dez ou quinze anos atrás, isto talvez represente mais uma trégua do que um consenso sobre o uso dos conceitos”.

A partir desses entendimentos verificamos que o cenário da pós-modernidade é abrangente, múltiplo e pode comportar inúmeras manifestações culturais. Nesse sentido, atentamos para a repercussão das ações de uma geração de atletas de voleibol feminino, que foram propagadas pela mídia de forma intensa e muito articuladas com a imagem dessas jogadoras, elementos característicos da contemporaneidade que foram bastante acentuados na sedimentação da cultura e da cultura esportiva nos anos 1980.

Compreender, portanto, a noção de cultura torna-se fundamental para contextualizarmos o esporte no cenário da pós-modernidade, uma vez que cultura é um conceito complexo para se pensar a unidade e a diversidade humana, e fundamental para entender os nossos comportamentos historicamente, como afirma Cuche (2002). É consenso afirmar que o nascimento do indivíduo moderno aconteceu com a destruição das ordens antigas que foi marcada por processos decisivos na história humana: a morte da divindade e o fim do domínio aristocrático. Logo, a Revolução Francesa demarca o declínio da Corte e eleva o mundo a um patamar mais urbano e econômico, sendo gerido por outras formas de relação e, assim, o sujeito humano fica mais centrado na materialidade das coisas (SILVA, 1999). Porém, como o Homem não pode viver sem se relacionar, mesmo que haja o predomínio de uma cultura dominante, de massa, de classe, a recepção desta não é uniforme, e cada indivíduo organiza de modo próprio seu conjunto de representações, baseado em sua herança biológica e cultural, como bem complementado por Cuche (2002), que afirma ainda que o estudo da cultura permite apreender a dialética do igual e do outro, fundamentos da dinâmica social. Aqui, cabe ressaltar a noção de uma cultura dos anos 1980 onde a mulher ampliava o processo de sua emancipação no árduo cenário social brasileiro, tempos recém saídos da ditadura e, portanto, de muito preconceito contra a inserção da mulher em fóruns mais amplos, inclusive, no esporte.

O esporte, sendo de natureza humana e, ao mesmo tempo, uma atividade relacionada ao evento social (PRONI; LUCENA, 2002), na medida em que está

historicamente associado ao lazer e à fruição, se anunciava como um importante instrumento para que a autonomia feminina se consolidasse, sobretudo pela via amadora, com a participação da mulher em atividades esportivas de clubes e associações sociais desde os anos 1900. Nesse sentido, o lazer significa uma capacidade criadora do Homem após livrar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais através de “uma excitação agradável” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 138), o que é dimensionado no esporte coletivo como uma espécie de catarse, tanto para quem pratica como para quem assiste.

A partir desse quadro geral, procuramos com Giddens (2002, p. 22) definir a alta modernidade ou a modernidade tardia a partir de seu glossário de conceitos. O autor afirma que a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas é marcada pela radicalização e globalização dos traços básicos da modernidade e “em vários aspectos fundamentais, as instituições modernas apresentam certas *descontinuidades* com as culturas e modos de vida pré-modernos”. Para o autor “o mundo moderno é um ‘mundo em disparada’: não só o *ritmo* da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a *amplitude* e a *profundidade* com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores” (Grifos do autor). Afirmação esta que nos remete à crise de identidade do sujeito quando relacionada a processos mais amplos de mudança social em um mundo pouco estável na contemporaneidade (HALL, 2005).

Por sua vez, Foucault, “um dos pensadores franceses contemporâneos mais potentes, não apenas pela sua produção teórica, mas, sobretudo, pelo seu modo de conceber e afirmar uma posição para o intelectual” (CASTRO, 2009, p. 11) foi determinante para que compreendêssemos aspectos fundamentais desse momento histórico e no recorte temporal da pesquisa, os anos 1980. No livro “Vocabulário de Foucault”, do autor Edgardo Castro (2009), as teorias do filósofo francês parecem estar dispostas, em forma de verbetes, numa “caixa de ferramentas” para que os interessados possam manuseá-las e relacioná-las com fenômenos contemporâneos que afligem a sociedade.

A ideia de “acontecimento” é um desses conceitos essenciais de Foucault que a autora Judith Revel (2005) nos ajudou a compreender e procura explicar em três níveis: o primeiro nível é uma definição de base, na qual a autora destaca que Foucault se opõe à ideia de que um “fato” para algumas análises históricas se limita a fornecer apenas uma descrição. Para Foucault, o importante é reconstruir, para além desse “fato” uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e práticas. O “fato”, portanto, se opõe à ideia de estrutura. O segundo nível procura definir de forma particularizada os desenvolvimentos do conceito da obra foucaultiana e, dessa forma, Revel (2005) aponta que a partir de uma discussão com

historiadores, Foucault cria uma definição de “acontecimentalização”, que não é uma história acontecimental, mas a tomada de consciência das rupturas da evidência induzidas por certos fatos. Por fim, o terceiro nível, visa conceder uma definição mais ampla que insere o conceito e o relaciona com outros no interior da obra de Foucault. Nesse caso, o autor desenvolve dois discursos: o primeiro consiste em dizer que nós repetimos sem saber os acontecimentos, e o segundo consiste precisamente em buscar na nossa atualidade os traços de uma “ruptura acontecimental”.

Portanto, ao compreendermos a ideia de “acontecimento” surge um interesse de buscar nessa “caixa de ferramentas” algum dispositivo que nos ajude a compreender as ações da geração de voleibol feminino da década de oitenta e os impactos provocados naquele contexto. A atitude da jogadora Jacqueline, por exemplo, que vestiu o uniforme da seleção brasileira pelo avesso e foi cortada por indisciplina é um acontecimento que chama a atenção. O uniforme estampava a marca de um patrocinador e nenhuma jogadora ganhava dinheiro ou ajuda de custo por usá-lo. A atitude da jogadora ganhou repercussão e adesão de algumas atletas e o “fato”, que poderia ser narrado hoje, mais de trinta anos após o ocorrido, apenas como uma descrição se transformou, ao contrário, num acontecimento que foi reconstruído a partir da utilização de uma rede de discursos, poderes, estratégias e práticas que modificou o cenário que estava estabelecido provocando uma “ruptura acontecimental”. Hoje em dia todas as jogadoras de voleibol recebem dinheiro dos patrocinadores oficiais para estamparem suas logomarcas nos uniformes da seleção e mesmo dos clubes pelos quais atuam, reiterando esse acontecimento como fundamental para redefinir os rumos profissionais do esporte.

A análise dos fatos ocorridos no cenário do voleibol feminino nos anos 1980 sob a luz do acontecimento proposto por Foucault faz com que estabeleçamos uma relação direta com o objeto, a noção de história, as revoluções do tempo e como ecoam as reverberações do que estudamos na sociedade e na nossa própria vida. É como se a nossa pesquisa precisasse fazer conexão com o presente e com as demandas sociais que nos atraem para atribuir sentido à história que pretendemos (re) contar, conforme elucidada Fonseca *et al.* (2006, p. 656):

Acreditamos que a pesquisa corresponde a fazer renascer o objeto livrando-o sutilmente dos discursos anteriores e inaugurando-o através de nova estética argumentativa. É preciso criar acoplamentos e diálogos entre linguagens, inventar e ativar conexões, enfim, construir uma rede múltipla de reverberações.

Assim, na medida em que fortalecemos o nosso objeto, de alguma forma também ficamos mais fortalecidos. Na intenção de descrever a trajetória da seleção brasileira feminina

de voleibol, através dos relatos das próprias integrantes, nos defrontamos com confirmações e novas informações que nos desestruturam, nos desestabilizam e aniquilam as supostas e perigosas certezas que nos constituem. Num primeiro momento ficamos perdidos, mas o desejo de investigar nos impulsiona e a insegurança cede lugar à vontade de pesquisar para descobrir. Nesse sentido como complementam suas ideias, Fonseca *et al.* (2006, p. 656):

Pesquisar refere-se a um mergulho no inumano que nos habita, constituindo-se, como nos mostra Foucault (1984), em um acontecimento que significa sempre uma ruptura evidente – a emergência de uma singularidade – e, ao mesmo tempo, uma ruptura de evidências. Falamos, pois, da pesquisa-acontecimento que, irrevogavelmente, remete-nos a uma problematização.

Pesquisar o acontecimento pressupõe compreender as práticas sociais “como as marcas dos dentes do tempo no corpo da história” (FONSECA *et al.* 2006, p. 657). Isso significa considerar que nessas marcas existe uma memória social e coletiva que estão invariavelmente acompanhadas de um passado que cresce e se conserva e esse fato nos conduz a pesquisar de forma minuciosa, levando sempre em conta as subjetividades, as entrelinhas, o que insiste se manter escondido sob as dobras, portanto, abaixo da linha de visibilidade. É nesse momento que pesquisador precisa ajustar as lentes do seu olhar para captar o que está por debaixo, deslocando o foco dos objetos instituídos no campo do conhecido para uma direção de reconstrução.

Dessa forma, a proposta da nossa pesquisa, ao buscar descrever a trajetória da seleção brasileira feminina de voleibol dos anos de 1980, aponta para uma ruptura com tendência a buscar uma constante histórica, pois, não se trata de uma evidência que se impôs da mesma maneira para todos. Acontecimentalizar a pesquisa tem a ver com um procedimento analítico e de produção de conhecimentos implicado com uma posição teórico-política de desnaturalização, conforme explica Foucault (2003, p. 339):

Ruptura das evidências, essa evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos conceitos, nossas práticas. (...) Consiste em reencontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias, etc. que, em dado momento, formaram o que em seguida funcionará como evidência, universalidade, necessidade.

É desse modo, portanto, que pretendemos conduzir a nossa pesquisa, deslocando o foco dos objetos que estão no campo do conhecido para construir acessos à “desmultiplicação causal”, ou seja, analisar os múltiplos processos que constituem um acontecimento. Para isso, segundo Fonseca *et al.* (2006, p.659), “precisamos lutar com nossa própria visão, perfurar

nossos olhos para fazê-los ir além dos contornos, dos regulamentos, das normas”, pois somente dessa maneira conseguiremos “fazer renascer o objeto; livrá-lo de sua anterioridade discursiva, inaugurar uma nova estética argumentativa”.

Por essa razão, acreditamos que o referencial teórico do “acontecimento”, através da suas evidenciações confira sentido à história, pelo viés do esporte, nesse momento da contemporaneidade, onde a modernidade encontra-se em estágio específico, permitindo reconstruir o cenário da década analisada para que estes acontecimentos emblemáticos para o esporte nacional apareçam, reverberem e cristalizem-se na memória social.

2.2 Sociedade, esporte e mulher na Modernidade

Antes de iniciarmos a discussão sobre a história da mulher no esporte, julgamos conveniente destacar essa passagem, do livro “O que é uma mulher” sobre o caráter, os costumes e o espírito das mulheres em diferentes séculos:

Deve haver, em cada século, um caráter distintivo para o mérito das mulheres; ele consiste em tirar o maior partido das qualidades dominantes em cada época, e em evitar defeitos. Segundo essa perspectiva, poderíamos dizer que a mulher estimável do século seria aquela que, absorvendo na vida social todos os encantos da sociedade, isto é, o gosto, a graça e o espírito, tivesse sabido ao mesmo tempo salvar sua razão e seu coração daquela vaidade fria, daquela falsa sensibilidade, daqueles desvarios de amor próprio, e de tantas afetações que nascem do espírito de sociedade levado ao extremo (...); que nunca poupassem um homem vil, mesmo que, por acaso, este tivesse crédito e influência; mas que arriscando-se a desagradar, soubesse, em sua casa e fora dela, conservar sua estima pela virtude, seu desprezo para com o vício, sua sensibilidade para com a amizade e, apesar do desejo de ter um amplo círculo social, no meio desse mesmo círculo, tivessem a coragem de defender um modo de pensar tão extraordinário, e a coragem ainda maior de sustentá-lo (THOMAS; DIDEROT; D'EPINAY, 1991, p. 115).

A passagem trata de um modelo ideal de mulher, cujas verdadeiras necessidades e motivações precisam ser desprezadas para que haja o reconhecimento do seu valor. Na tentativa de escrever a história das mulheres, Michelle Perrot (2007) destaca a dificuldade de encontrar fontes e documentos que aludissem à presença das mulheres nas sociedades, já que em muitas delas, a invisibilidade e o silêncio das mulheres faziam parte da ordem das coisas e até mesmo o corpo delas amedrontava, sendo preferível que estivesse coberto por véus. No Brasil, durante o século XIX, a sociedade brasileira sofreu uma série de transformações com a libertação dos escravos, a proclamação da República, a consolidação do capitalismo e o

incremento de uma vida urbana. Nesse novo contexto, as mulheres burguesas representavam, de certa forma, um capital simbólico importante e, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas já que “os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio” (D’INCAO, 1997, p. 229), o papel desempenhado por essas mulheres era fundamental para a manutenção da posição social, tão valorizada na época.

Por outro lado, as meninas das camadas populares estavam trabalhando na roça, envolvidas com os trabalhos domésticos e os cuidados com os irmãos menores, uma vez que de acordo com Louro (1997, p. 445), “essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas”. De acordo com a autora, as diferenças produzidas entre os sexos masculino e feminino estavam enraizadas nas concepções educativas dos imigrantes e determinavam o comportamento dominante da época. Porém, na virada do século XIX para o século XX, alguns grupos de trabalhadores organizados em torno de ideais políticas criaram escolas e começaram a dar “atenção às questões relativas à educação feminina” (LOURO, 1997, p. 446).



FIGURA 01: O Magistério
FONTE: Louro (1997, p. 451)

Nas primeiras décadas do século XX, grande parte do proletariado brasileiro era constituída por mulheres e crianças imigrantes, uma força de trabalho abundante e barata, conforme comprovado por Rago (1997, p. 581): “Em 1912, os Inspectores do Departamento Estadual do Trabalho visitam sete estabelecimentos fabris e constatam que, de um total de 1.775 operários, 1.340 eram do sexo feminino”. Além disso, muitas mulheres trabalhavam em casa como costureiras para complementar o orçamento doméstico, ao passo que as mulheres da elite frequentavam teatro e ópera e quando trabalhavam era como professora (RAGO,

1997). Assim, podemos sintetizar essa discussão afirmando que para a construção de uma nova sociedade, apoiada em bases civilizadas, de acordo com o modelo europeu, as classes populares cederiam mão de obra adequada e disciplinada para a indústria e isso incluía o trabalho produtivo de mulheres e crianças (SCOTT, 2013).

O cenário socioeconômico do início do século XX apresentava uma condição de desrespeito diante dos direitos das mulheres e no cenário esportivo a situação não era muito diferente. Para que tenhamos uma ideia do incômodo que as mulheres causaram, nos Jogos Olímpicos da Antiguidade grega a participação feminina era totalmente excluída, até mesmo como expectadoras, e aquelas que infringissem a proibição de assistir aos Jogos Olímpicos estavam sujeitas a uma cruel punição: seriam atiradas do alto do Monte Típeo (ADRIANO, 1992). Já nos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas, (1896), o Barão de Coubertin expressou o pensamento de que caberia às mulheres o papel de premiar os vencedores com as coroas do triunfo (SIMÕES, 2003), fato que pode ser considerado um avanço para alguns, mas que na realidade ainda se configurava em absurdo diante do tempo e dos acontecimentos que separam um evento do outro.

A primeira participação das mulheres aconteceu nos Jogos de Paris (1900), uma vez que o comitê organizador aceitou a participação das mulheres em balonismo, críquete, equitação, golfe, tênis e vela (CARVALHO; CRUZ, 2007). Maria Lenk (1992), contudo, afirma que os Jogos de Paris (1900), estavam a cargo de expositores comerciais e, por essa razão, foi admitida a inclusão de algumas tenistas mulheres. A autora supõe que as mulheres encontravam no tênis e no críquete alguma possibilidade de recreação desportiva, ainda que inibidas, já que se utilizavam de indumentárias longas e apertadas. Além disso, esses Jogos foram relegados a segundo plano por Coubertin, uma vez que haviam perdido a seriedade, e jogos extras foram marcados com a exclusão das mulheres (LENK, 1992).

A primeira participação oficial das mulheres ocorreu somente nos Jogos de Estocolmo (1912), nas provas de natação e, dezesseis anos depois com a renúncia de Coubertin à presidência do COI, nos Jogos de Amsterdam (1928) as mulheres puderam competir em algumas provas do atletismo (LENK, 1992). A primeira participação em Jogos Olímpicos de uma brasileira, porém, ocorreu somente em Los Angeles (1932), quando Maria Lenk se tornou a primeira mulher sul-americana a competir nos Jogos (SOUZA; MOURÃO, 2011).

Foi preciso acontecer duas grandes Guerras Mundiais, nas quais as circunstâncias forçaram as mulheres a ocuparem posições antes reservadas aos homens, e que exigiam grandes esforços físicos, para admitir que esses esforços também poderiam ser realizados nas

práticas esportivas. Contudo, mesmo depois da Segunda Guerra Mundial e de todos os avanços conquistados, a mulher continuou tendo seus desejos negligenciados no esporte pela restrição que lhes eram impostas em algumas modalidades. No Estado Novo de Getúlio Vargas, por exemplo, as mulheres deveriam praticar apenas aqueles esportes que as ajudassem em sua futura condição de mães e, dessa forma, lutas e futebol não se enquadravam nessa perspectiva (KNIJNIK, 2003).

Em 1964, dez anos após o suicídio de Vargas, o Regime Militar passou a comandar o Brasil, instaurando um clima de medo e punições que foi disseminado por todo país. Ainda que praticando os esportes permitidos para elas, as mulheres passaram também a ser incluídas nas práticas esportivas dos clubes, fato que acelerou o processo de democratização do esporte no Brasil e desestabilizou as determinações do Conselho Nacional de Desportos (CND) (SOUZA; MOURÃO, 2011). No entanto, em 1965, a ditadura militar regulamentou a imposição de Getúlio Vargas e as mulheres passaram a ser proibidas de praticar legalmente algumas modalidades desportivas, como lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, rugby, halterofilismo e beisebol. Essa lei só foi revogada no ano de 1979 (MOURÃO, 1998).

A partir desse decreto, as mulheres só poderiam praticar esportes consentidos, ou seja, aqueles que o Estado julgasse conveniente, independente da vontade e desejo delas. Tratava-se de “uma intervenção política de controle e cerceamento, pois sobre ele (o corpo) depositam-se saberes e poderes disciplinares orientados pela lógica do trabalho e da produção” (GOELLNER, 1999, p. 3). Essas interdições do Estado direcionadas às mulheres, através do órgão responsável pela prática esportiva no país indicavam a intenção de preparar os corpos femininos, de modo que ficassem moldados e aptos para a maternidade a fim de garantir as futuras gerações do país.

Apesar disso, segundo Mourão (2000, p. 7), “não houve, na história da emancipação esportiva da mulher brasileira, confrontos, lutas por espaço, e sim um processo lento de infiltração, que se consolida na prática e no exercício da interação”. Essa ausência de manifestação e de contestação por parte das mulheres esportistas brasileiras pode explicar porque os homens, na sua grande maioria, comandam os primeiros escalões das federações, confederações, ligas e também desempenham as funções de técnicos, dirigentes e árbitros. No entanto, é importante destacar que mesmo com a restrição legislativa, as mulheres não estavam totalmente ausentes destas práticas, já que muitas jogavam futebol e praticavam lutas e halterofilismo (MOURÃO, 2000).

Discutir a participação das mulheres na sociedade nos dias atuais ainda se torna relevante, tendo em vista o importante papel que elas vêm desempenhando em diferentes campos de atuação, apesar de variável dependendo do contexto político e cultural. No entanto, a partir da reflexão dos textos de autoras como Joan Scott (1990) e Linda Nicholson (2000), que analisam o gênero e a atuação das mulheres sob uma perspectiva histórica, percebemos que a participação efetiva das mulheres no âmbito social é muito recente. Embora as ideias feministas já estivessem presentes no século XIX, elas começaram a aparecer somente no início do século XX quando, diante de um período de modernidades, a mulher brasileira de elite iniciou sua emancipação na sociedade, se inserindo cada vez mais no espaço público e buscando o conhecimento e o reconhecimento dos seus direitos (MOURÃO, 2000). Estes fatos nos apontam para uma seara fértil de discussão acerca da inserção e ativa participação da mulher na sociedade.

No entanto, quando o tema da participação feminina apontava para o esporte, muitas barreiras precisaram ser transpostas. Para que tenhamos uma ideia da dimensão dessa questão, no século XIX e no início do século XX, as mulheres que demonstrassem interesse pelas atividades físico-desportivas encontravam muitas dificuldades para desempenhá-las, uma vez que se tratava de uma prática considerada inadequada e de reserva masculina. Somente algumas mulheres, que normalmente pertenciam à elite ou aquelas que possuíam apoio do contexto familiar, eram incentivadas às atividades físico-desportivas que, conforme destaca Mourão (2000, p. 7), “se tornavam possíveis, sobretudo com o apoio e influência da família e normalmente eram restritas ao espaço privado”.

Dessa forma, ao analisarmos, conjuntamente, o tripé sociedade, mulher e esporte, nos deparamos com inúmeras restrições provenientes dos papéis que a “natureza” lhes conferia e da moral que imperava na época, diminuindo seu espaço de realização. Além disso, conforme aponta Scott (2013, p. 21), “todo e qualquer desvio de comportamento poderia gerar críticas, desqualificação e, até mesmo, marginalização social”. No cenário esportivo, por sua vez, “as determinações dos esportes que seriam ou não praticados pelas mulheres, fosse nas escolas ou nos clubes tinham fundamento eugênico: para as mulheres restava a prática do que fosse compatível com a sua natureza” (NASCIMENTO, 2012, p. 13). A mulher brasileira, portanto, vivia numa sociedade, cujos modos de vida sofreram significativas transformações com relação ao início do século XX, como o aumento das oportunidades de convívio entre os homens e mulheres e a oferta de diversões fora dos ambientes domésticos, todavia, continuava presa a valores e padrões rigorosos que impossibilitavam a realização plena de suas vontades.

Com regras sociais rígidas, até a metade do século passado, não havia favorecimento às mulheres que questionavam os motivos pelos quais vivenciavam diferentes restrições oriundas da noção de sua frágil natureza e também os motivos que as impediam de praticar os esportes que desejavam. A restrição social vivida pelas mulheres era de tal ordem que, somente em 1943, a legislação brasileira concedeu permissão para a mulher casada trabalhar fora de casa. “A situação de dependência e subordinação das esposas em relação aos maridos estava reconhecida por lei desde o código Civil de 1916”, no qual a mulher casada era considerada “civilmente incapaz” (SCOTT, 2013, p. 23). Para aquelas que não aceitavam essa condição de subordinação ou simplesmente não desejavam mais manter um casamento por qualquer razão, o desquite aparecia como uma alternativa nova, uma vez que foi instituído no Código Civil, em 1942 (artigo 315), e estabelecia a separação sem dissolução do vínculo matrimonial. Contudo, conforme esclarece Scott (2013, p. 21), “não bastava o reconhecimento legal para que a nova situação fosse socialmente bem aceita”. Nessa época, a mulher desquitada era mal vista, marginalizada e acumulava uma série de prejuízos para a sua vida, pelo simples fato de decidir não continuar mais casada.

Somente a partir dos anos 1960 entra em vigor o Estatuto da Mulher Casada, que passa a reconhecê-la como companheira e colaboradora dos encargos da família, apagando aquela infeliz ideia de que ela era civilmente incapaz. Além disso, esse período marca também o comércio da pílula anticoncepcional e permite que “as estudantes do magistério (escola normal) pudessem disputar e ascender a vagas no ensino superior” (SCOTT, 2013, p. 23). Apesar de todos esses avanços, a sociedade brasileira continuava esperando que a mulher se casasse, tivesse filhos e se dedicasse integralmente à família depois de casada. Esse cenário legal de imposições e restrições direcionado às mulheres em relação ao esporte foi modificado em 1979, com a revogação da lei, criada em 1941 (MOURÃO, 1998) e culminou com o período de abertura política que o Brasil começou a viver naquela época.

Nos anos 1980 o voleibol caiu no gosto popular brasileiro e acompanhou o crescimento gradativo do seu público. Nomes como Renan, Montanaro, William, Xandó e Bernard começaram a se popularizar através de jogadas como os saques “viagem ao fundo mar” e “jornada nas estrelas” e, desta forma, se instalou como segundo esporte na preferência nacional, superando o basquete, conforme destaca o ex-atleta e atual técnico da seleção masculina, Bernardinho (2006, p. 45): “Com a televisão transmitindo os jogos ao vivo para todo o país, o público foi se chegando ao voleibol, familiarizando-se com ele, torcendo e até mesmo passando a acreditar em seu sucesso diante das grandes potências mundiais do esporte”.

Na mesma trilha de sucesso iniciada e percorrida pelo voleibol masculino, começaram a despontar os nomes de Isabel, Vera Mossa, Jacqueline, Heloísa e outras, fortalecendo o esporte e ancorando essa ideia. É consenso afirmar que um dos aspectos primordiais para o avanço desse esporte foi a participação da mídia para a elevação do status do voleibol. Mídia, cuja definição pode ter também múltiplos significados: etimologicamente, mídia significa meio ou aquilo que é composta por diferentes veículos de comunicação, como jornal, rádio, televisão e, mais recentemente, a internet.

Hoje, portanto, constitui-se em uma espécie de “conceito-ônibus, que carrega sentidos ligados ao passado de mero instrumento, canal ou meio de comunicação insuficientes para se compreender as complexidades de seu lugar de indústria e instituição no mundo contemporâneo” (GUAZINA, 2007, p. 62). Um fato primordial é que a centralidade da mídia é inquestionável e potencializada nos dias de hoje com a expansão das redes sociais. Todavia, nos anos de 1980, a mídia era representada majoritariamente pela televisão, que massificou a veiculação de jogos nacionais, a partir da transmissão do I Mundialito Internacional de Voleibol Feminino, em 1982, do qual o Brasil foi vice-campeão e o narrador Luciano do Vale foi carinhosamente apelidado de Luciano do Vôlei, tamanha a vibração com que narrou os jogos. Antes, porém, no ano de 1981, o locutor já havia transmitido o jogo final do campeonato sul-americano, entre Brasil x Peru, no qual a seleção feminina brasileira venceu as peruanas, em Santo André, no estado de São Paulo.

A partir da transmissão televisiva desse campeonato sul-americano, em 1981, e do I Mundialito Internacional, em 1982, ocorreram também as transmissões dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) e Seul (1988) e, dessa forma, a seleção brasileira feminina de voleibol começou a ganhar repercussão nacional não somente pela qualidade técnica das atletas, mas também pela forma como os narradores se referiam à beleza das jogadoras. Para Vigarello (2006, p. 23), a beleza “valoriza o gênero feminino a ponto de aparecer nela como a perfeição”, se associa, no caso das atletas do voleibol, ao título de musa, que, se na mitologia grega servia de fonte de inspiração para as artes e as ciências, hoje é um termo popularmente utilizado como referência à mulher bela que desperta ou inspira o desejo. Musas ou não, a geração de voleibol feminino dos anos 80 do século XX foi consagrada por ser composta também por atletas belas e, dessa forma, interessantes como potenciais agentes a serem valorizados e difundidos pela mídia, mais do que propriamente as suas conquistas, que não foram tão expressivas naquele momento.

Vale destacar que nesse período, começo dos anos 1980, houve o início da revitalização dos esportes praticados por mulheres, tendo em vista que a revogação da

deliberação nº 7/65 aconteceu no ano de 1979. Além disso, em 1985 houve a criação da Comissão de Reformulação do Desporto Brasileiro e em 1986, a participação das mulheres em diversas modalidades esportivas foi estimulada, graças à recomendação nº 2/86 do CND. Portanto, diante dessa nova fase, verificou-se a inserção e a ampliação da participação feminina em campeonatos nacionais e internacionais em esportes proibidos até aquele momento, como por exemplo, o judô (SOUZA; MOURÃO, 2011).

A partir da consolidação desse novo cenário esportivo no país, os esportes praticados por mulheres ganharam mais adeptos. Porém, a sociedade brasileira ainda estava apegada à imagem do papel social que cabia às mulheres e foi reiterado ao longo da história, como por exemplo, passividade, submissão e padrões de beleza. O voleibol e o tênis, por serem esportes consentidos e indicados às mulheres exalavam estas características, ao contrário do judô, do basquete e do futebol, que ainda eram discriminados e, nesse sentido, não produziam musas, termo que está diretamente ligado à beleza da mulher, e associado às jogadoras de voleibol dos anos 1980.

2.3 Voleibol de mulheres e a participação nos Jogos Olímpicos

De sua origem até os dias atuais, o voleibol e os esportes praticados por mulheres passaram por inúmeras outras transformações. Por exemplo, a diferença entre o número de atletas do sexo masculino, infinitamente superior ao número de atletas do sexo feminino, nas edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, fato que corrobora com o relato de Goellner sobre as inúmeras barreiras que as mulheres precisaram transpor para ascenderem no esporte:

Ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração (GOELLNER, 2005b, p. 86).

É nesse cenário de desigualdades que verificamos que a história da participação das mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos foi marcada por dificuldades e discrepâncias quando relacionadas com a participação masculina. A pioneira foi a nadadora Maria Emma Lenk, a primeira mulher brasileira a participar de uma edição dos Jogos, em Los Angeles, no ano de 1932, como já mencionado neste texto.

Quatro anos mais tarde, em Berlin, no ano de 1936, voltou a representar o Brasil, dessa vez, conforme Nascimento (2012, p. 12) ao lado de mais “cinco nadadoras e uma

esgrimista”. Nos anos de 1940 e 1944, os Jogos não aconteceram, em função da Segunda Guerra Mundial. Na edição de Londres, em 1948, a delegação brasileira contou com onze atletas mulheres, em Helsinque, em 1952, com apenas cinco mulheres e em Melbourne, no ano de 1956, apenas uma mulher brasileira participou. Na edição de Roma, em 1960, Wanda dos Santos foi a representante brasileira e em Tóquio, no ano de 1964, Aída dos Santos foi novamente a única representante e ficou em quarto lugar no salto em distância. Já no México, em 1968, apenas três brasileiras, todas do atletismo, representaram o Brasil. Na década de 1970, o quadro continuou o mesmo: em Munique, 1972, houve cinco representantes, e em Montreal, 1976, apenas sete mulheres compuseram a delegação brasileira (NASCIMENTO, 2012).

Por outro lado, vejamos os números da participação masculina nos Jogos Olímpicos: em 1932 (cinquenta e sete), em 1936 (setenta e dois), em 1948 (sessenta e dois), em 1952 (cento e três), em 1956 (quarenta e sete), em 1960 (setenta e oito), em 1964 (setenta), em 1968 (setenta e seis), em 1972 (oitenta e dois) e em 1976 (setenta e dois).

No âmbito feminino e na década de nosso estudo, destacamos que as participações foram de 15 atletas em 1980, 22 em 1984, 35 em 1988. Nos jogos seguintes houve um aumento considerável, chegando a 51 em 1992, 66 em 1996, 94 em 2000. A partir dos Jogos de Atenas, o número de mulheres que representou o Brasil alcançou os três dígitos: 122 em 2004, 133 em 2008, o maior contingente de todas as edições e, finalmente, 123, na última edição, em 2012. A seguir, apresentamos um quadro comparativo para marcar a diferença do quantitativo entre homens e mulheres que participaram dos Jogos Olímpicos modernos, desde o ano de 1932 até 2012.

JOGOS OLÍMPICOS, ANO	QUANTIDADE DE MULHERES	QUANTIDADE DE HOMENS
Los Angeles, 1932	1	57
Berlin, 1936	7	72
2ª Guerra Mundial, 1940	-	-
2ª Guerra Mundial, 1944	-	-
Londres, 1948	11	62
Helsinque, 1952	5	103
Melbourne, 1956	1	47
Roma, 1960	1	78

Tóquio, 1964	1	70
Cidade do México, 1968	3	76
Munique, 1972	5	82
Montreal, 1976	7	72
Moscou, 1980	15	94
Los Angeles, 1984	22	129
Seul, 1988	35	135
Barcelona, 1992	51	146
Atlanta, 1996	66	159
Sidney, 2000	94	111
Atenas, 2004	122	125
Pequim, 2008	133	144
Londres, 2012	123	136
Total	703	1898

QUADRO 1: Comparativo da participação de atletas nos Jogos Olímpicos (1932-2012)

FONTE: Adaptado pelo autor (Cf.: NASCIMENTO, 2012; www.cob.org.br)

A apresentação desses números, extraída, em parte, da dissertação de mestrado de Nascimento (2012, p. 12), e de dados coletados do site do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) deixa claro os reflexos das interdições impostas às mulheres de diferentes formas, inclusive aquelas específicas do esporte regidas pelo CND, que incentivava as práticas esportivas como possibilidade de divertimento. Entretanto, na realidade, objetivava disciplinar para obter resultados, conforme conclui Goellner (1999, p. 3): “tornam-se representativas (as práticas corporais e esportivas) de uma sociedade que para se coroar prescinde tanto da liberação como da canalização produtiva de um gesto educado”.

Apesar do voleibol jamais ter sido um esporte proibido para as mulheres, assim como o tênis e a natação, por exemplo, que eram incentivados, o voleibol feminino brasileiro ainda não havia sido representado em Jogos Olímpicos, até a edição de 1980. Já o voleibol masculino iniciou sua participação nos Jogos Olímpicos, em Tóquio, 1964. No entanto, na edição de Moscou, em 1980, a equipe brasileira foi convidada, mesmo sem conseguir a classificação no pré-olímpico. O convite aconteceu por conta do boicote dos Estados Unidos e dos países aliados, como protesto à ocupação soviética no Afeganistão. Com a desistência da equipe feminina de voleibol norte-americana, a equipe brasileira ocupou a vaga e se tornou a primeira delegação coletiva do país a participar dos Jogos Olímpicos, fato que se repetiu em

1984, quando a União Soviética retribuiu o boicote aos Jogos de Los Angeles (ROMARIZ, 2010).

Esses fatos históricos, geopolíticos e diplomáticos que se misturam à prática esportiva contribuíram para que as discrepâncias relativas ao número de atletas do sexo feminino diminuíssem em relação à participação masculina nos Jogos Olímpicos e serviram de alavanca para que o voleibol feminino brasileiro participasse da competição e se mostrasse para o mundo. O voleibol masculino atravessava, nos anos 1980, um momento de glória, representado pela chamada “geração de prata”. Atletas como Bernard, Renan, William, Xandó e Montanaro eram reconhecidos como grandes atletas do voleibol mundial. Por outro lado, a seleção feminina, caminhava na invisibilidade. Mas, após a primeira participação nos Jogos de Moscou, em 1980, as coisas começaram a mudar.

O convite inesperado para participar dos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, foi recebido com surpresa pela maioria das jogadoras, que apesar de acalentarem o sonho de participar de uma edição dos Jogos sabiam que ainda precisavam percorrer um longo caminho. Treinadas pelo técnico Ênio Figueiredo e com média de altura de 1,76m e de idade de 20 anos, o time do Brasil contou com Denise Matioli, Eliana Aleixo, Fernanda Emerick, Ivonete das Neves, Lenice Peluso, Paula Melo, Dora Castanheira, Regina Vilela, Rita Teixeira, além de Jacqueline Silva, Isabel Salgado e Vera Mossa. A equipe ficou na penúltima colocação, mas mostrou ao mundo que o voleibol do Brasil tinha potencial para chegar mais longe. A medalha de ouro ficou com a União Soviética, a de prata com a Alemanha Oriental e a de bronze com a Bulgária.

Em 1984, o Brasil voltou a ser beneficiado com um convite para participar dos Jogos de Los Angeles, dessa vez por conta do boicote do bloco socialista. A seleção brasileira feminina de voleibol foi novamente a única delegação coletiva de mulheres a participar. A equipe mais uma vez foi treinada por Ênio Figueiredo e repetiu a penúltima colocação. Dessa vez, porém, a participação da equipe formada por Ana Margarida (Ida), Ana Richa, Eliani Miranda (Lica), Fernanda Emerick, Heloísa Roese, Monica Caetano, Regina Uchôa, Luíza Machado, Sandra Lima, além de Jacqueline Silva, Isabel Salgado e Vera Mossa estava mais bem preparada e protagonizou jogos muito disputados. A média de idade dessa equipe foi de 22 anos e de altura 1,77m. A medalha de ouro ficou com a China, da talentosa jogadora Lang Ping, a medalha de prata ficou com a equipe dos Estados Unidos e a de bronze com a equipe do Japão. O Brasil, mesmo ocupando novamente a penúltima colocação deixou uma impressão muito positiva, principalmente pelo jogo disputado que protagonizou contra a seleção norte-americana.

Nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988, a equipe brasileira conquistou a vaga por méritos próprios, se classificando num torneio pré-olímpico. Além disso, o voleibol foi novamente o único representante feminino coletivo a participar dos Jogos e o técnico Jorge de Barros, o Jorjão, apostou numa renovação equilibrada ao convocar as seguintes jogadoras: Ana Cláudia, Ana Lúcia, Ana Richa, Sandra Lima, Lica Oliveira, Dora Castanheira, Simone Storn, Vera Mossa e as juvenis Kerly Paiva, Fernanda Venturini, Márcia Fu e Ana Moser. A média de idade dessa equipe era de 22 anos e a média de altura de 1,79m. O Brasil terminou a competição em sexto lugar e os três primeiros lugares ficaram com a União Soviética, Peru e China, medalhas de ouro, prata e bronze, respectivamente.

Os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992, permitiu a participação de atletas profissionais de basquete, futebol e tênis, anunciando um favorecimento ao profissionalismo. O voleibol feminino participava da quarta edição seguida dos jogos, mas dessa vez ao lado do basquete feminino, que fazia sua estreia olímpica. As “meninas do vôlei” participaram sob o comando do técnico Wadson Lima e contou com a participação de Ana Moser, Ana Flávia, Ana Lúcia, Ana Margarida (Ida), Ana Paula, Cristina Lopes (Tina), Cilene Rocha, Hilma Caldeira, Leila Barros, Márcia Fu, Fernanda Venturini e Hélia Souza (Fofão). A média de idade e altura era de 23 anos e 1,80m, respectivamente. Nessa edição, o Brasil disputou a primeira semifinal da sua história olímpica e terminou em quarto lugar, atrás apenas de Cuba (ouro), CEI, antiga União Soviética (prata) e Estados Unidos (bronze). Despontava ali a força da escola cubana, que dominou a década de 1990.

Nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996, o Brasil participou com grandes chances de conquistar a primeira medalha olímpica, tendo em vista que fora vice-campeão mundial dois anos antes. Sob o comando do técnico Bernardinho, a equipe composta por Ana Moser, Ana Flávia, Ana Paula, Ana Margarida (Ida), Ericléia Bodziak (Filó), Hilma Caldeira, Leila Barros, Márcia Fu, Sandra Lima, Virna Dias, Fernanda Venturini e Hélia Souza (Fofão) tinha média de idade de 26 anos e média de altura de 1,82m. Nessa edição dos jogos, a jogadora Sandra, remanescente da geração dos anos 1980, que já havia participado dos Jogos de Los Angeles e Seul, retornava à seleção brasileira. O Brasil venceu todos os jogos da primeira fase e teve a infelicidade de cruzar com Cuba na semifinal. A derrota, mais do que impedir a disputa da medalha de ouro “acabou em uma grande confusão em quadra entre as jogadoras” (BARA FILHO *et al*, 2014, p.176), com agressões físicas e verbais entre brasileiras e cubanas, cujas imagens são veiculadas na mídia até hoje. A medalha de ouro ficou com Cuba, que venceu a China na final. A medalha de bronze foi conquistada pelo Brasil, ao derrotar a Rússia por três sets a dois.



FIGURA 02: Briga entre Brasil e Cuba, nos Jogos de Atlanta, 1996.
FONTE: Folha de São Paulo online (2013)².

Nessa mesma edição dos Jogos “foram incluídas as disputas de Voleibol de Praia tanto no masculino quanto no feminino [em que] cada país pode ter o direito de levar até duas duplas de cada naipes” (BARA FILHO *et al.*, 2014, p. 170). Assim, após a conquista da medalha de bronze na quadra, fato emblemático para a trajetória do voleibol feminino brasileiro, outro acontecimento talvez ainda mais importante aconteceu na mesma edição dos Jogos: a atleta Jacqueline Silva, agora conhecida com Jackie Silva conquistou, ao lado da parceira Sandra Pires, a medalha de ouro no voleibol de praia. Lembremos que onze anos antes, em 1985, essa mesma atleta foi afastada da seleção brasileira de quadra por ter vestido o uniforme pelo avesso, num protesto reivindicatório de uma ajuda de custo, que se tornou comum alguns anos depois.

Assim, Jackie Silva impossibilitada de defender a seleção brasileira e sem espaço no cenário nacional, precisou se reinventar nas areias das praias norte-americanas, onde aprendeu mais sobre o vôlei de praia, se reconstruiu tecnicamente e, com Sandra Pires, se transformou na primeira mulher brasileira a conquistar uma medalha de ouro olímpica. De fato, a seleção brasileira de voleibol conquistou a primeira medalha de bronze olímpica e Jackie Silva conquistou o ouro, mas, por trás dessa ideia acabada, há uma rede de discursos, poderes, estratégias e práticas que ao mesmo tempo em que articulam tensionam todos esses acontecimentos.

Nos Jogos Olímpicos de Sidney, em 2000, a linha de trabalho adotada pelo então técnico Bernardinho ajudou as atletas a se conscientizarem do seu potencial e das suas boas condições. Se Cuba era a seleção a ser batida, a solução era treinar muito para superar as

² Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2013/09/1348363-cuba-libera-contrato-de-atletas-no-exterior-e-vai-aumentar-salarios-de-esportistas.shtml>. Acesso em: 25/03/2015.

próprias dificuldades e, conseqüentemente, as adversárias. A equipe do Brasil foi escalada com Elisângela Oliveira, Érica Coimbra, Janina Chagas, Karin Rodrigues, Kátia Lopes, Kelly Fraga (Kelão), Leila Barros, Raquel Peluci, Ricarda Lima, Virna Dias, Walewska Oliveira e Hélia Souza (Fofão). A média de idade era de 26 anos e a de altura era de 1,84m. O Brasil terminou a fase classificatória em primeiro lugar, com cinco vitórias em cinco jogos. Porém, na semifinal, novamente enfrentou a seleção de Cuba e perdeu por três sets a dois. Na outra semifinal, disputada entre Estados Unidos e Rússia, as russas também venceram por três sets a dois. Na disputa pela medalha de ouro, Cuba confirmou o favoritismo e se tornou tricampeã olímpica ao derrotar a Rússia. E na disputa pelo bronze, o Brasil derrotou os Estados Unidos por três sets a zero e conquistou a segunda medalha olímpica da história. Era um caminho de conquistas sem volta para a seleção brasileira de voleibol feminina adulta, pois, soube trabalhar a base do esporte, além de desenvolver um campeonato nacional forte, que se transformou em modelo mundial.

O resultado desse trabalho se refletia nas conquistas dos mundiais juvenis dos anos 2001, 2003 e 2005 e na hegemonia do continente sul americano, que não conhecia derrota desde 1995. Foi com esse espírito vitorioso que a seleção feminina garantiu sua participação nos Jogos Olímpicos de Atenas, no ano de 2004, “já comandadas por José Roberto Guimarães, uma nova geração fez uma excelente campanha” (BARA FILHO *et al.*, 2014, p. 176). A equipe composta por Ana Beatriz Chagas (Bia), Arlene Queiroz, Elisângela Oliveira, Érica Coimbra, Fabiana Claudino, Marianne Steinbrecher (Mari), Valeska Menezes (Valeskinha), Virna Dias, Walewska Oliveira, Welissa Gonzaga (Sassá), Fernanda Venturini e Hélia Souza (Fofão) tinha média de idade de 27 anos e de altura de 1,82m. O otimismo da equipe, cada vez mais madura, era compreensível visto que a equipe de Cuba estava reformulada e não contava com os expoentes do passado, fato que tornou a seleção brasileira favorita ao título.

A equipe brasileira venceu todos os jogos que disputou chegando à semifinal invicta. A disputa com a seleção russa, no entanto, traria uma derrota com gosto amargo: as brasileiras venceram os dois primeiros sets, enquanto as russas venceram o terceiro set e também o quarto set, sendo que neste a seleção brasileira chegou ao placar de vinte e quatro a dezenove. Sem conseguir colocar a bola na quadra adversária, as russas fecharam o quarto set e, no “tie-break”, acabaram com o sonho brasileiro de chegar à primeira final olímpica. A China ficou com a medalha de ouro, a Rússia ficou com a prata e Cuba com o bronze. O Brasil, bastante abatido, ficou em quarto lugar.

O pesadelo de Atenas, porém, não desacelerou o processo de desenvolvimento do voleibol feminino que continuava soberano no continente sul americano. Além disso, conquistou o vice-campeonato mundial adulto, em 2006 e o campeonato mundial juvenil no mesmo ano. Dentro do país, a Superliga de Voleibol se consolidava como uma das mais fortes e organizadas do mundo, atraindo jogadoras estrangeiras para jogar no Brasil atestando a potência desse esporte para o mundo. Em 2008, os Jogos de Pequim, anunciavam bons presságios para a modalidade, pois, durante o ciclo olímpico, que se inicia quando termina a última Olimpíada, as “meninas do Brasil” venceram quatro edições seguidas do Grand Prix (2005, 2006, 2007 e 2008). Porém, a seleção o título mundial novamente para a Rússia e a medalha de ouro no Pan-americano do Rio de Janeiro, em 2007, para Cuba. Estava claro que a seleção era forte, mas precisava superar traumas diante das disputas de títulos importantes.

A equipe brasileira que disputou a edição de 2008 dos Jogos foi novamente comandada pelo técnico José Roberto Guimarães e contou com as seguintes jogadoras: Carol Albuquerque, Fabiana Alvim (Fabi), Fabiana Claudino, Marianne Steinbrecher (Mari), Jaqueline Carvalho, Paula Pequeno, Sheilla Castro, Thaísa Daher, Valeska Menezes (Valeskinha), Walewska Oliveira, Welissa Gonzaga (Sassá) e Hélia Souza (Fofão). A média de idade e altura era de 27 anos e 1,83m respectivamente. O Brasil terminou a primeira fase da competição vencendo todos os jogos por três sets a zero. Na semifinal derrotou a China também por três sets a zero e avançou para a primeira final olímpica. Na decisão, o Brasil venceu os Estados Unidos por três sets a um e conquistou a medalha de ouro e a ponteira Paula Pequeno foi eleita a melhor jogadora dos Jogos Olímpicos. A prata ficou com os Estados Unidos e o bronze com a China. Após o expressivo resultado a levantadora, Fofão, a grande maestrina da equipe, anunciou sua aposentadoria da seleção e nomes como os de Sheilla, Mari, Fabiana, Thaísa, Jaqueline e Fabi apareceram para ficar definitivamente na história do voleibol mundial. Além disso, o técnico José Roberto Guimarães se tornou “o único treinador campeão olímpico dirigindo as equipes masculina (1992) e feminina (2008 e 2012)” (BARA FILHO, *et al.*, 2014, p. 176).



FIGURA 03: Voleibol feminino foi medalha de ouro em Pequim, 2008.

FONTE: Blog Dodo Exclusivo³

Apesar dessa conquista olímpica, em 2008 e do vice-campeonato mundial, em 2010 o voleibol feminino brasileiro parou de vencer os campeonatos mundiais juvenis, competições que apontam novos valores e garantem a manutenção de vitórias no esporte. Mesmo assim, a equipe brasileira continuou nas primeiras posições do ranking internacional. Os Estados Unidos que era o país favorito à conquista da medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, não teve sucesso. Novamente comandada pelo técnico José Roberto Guimarães, a equipe manteve a base vitoriosa de 2008, composta por Fabiana Claudino, Jaqueline Carvalho, Sheilla Castro, Fabiana Alvim (Fabi), Thaísa Daher, Paula Pequeno e mesclou com jogadoras mais jovens como Natália Zilio, Tandara Caixeta, Adenizia Ferreira, Fernanda Garay, Dani Lins e Fernanda Ferreira (Fernandinha). A média de idade foi de 27 anos e a de altura de 1,83m.

O Brasil estreou mal na competição e terminou a fase de classificação em último lugar, fato que o obrigou a jogar contra a Rússia, primeira colocada da outra chave, nas quartas de final. Em um jogo emocionante, com atuação fantástica de Sheilla, o Brasil avançou na competição com uma vitória por três sets a dois. Nas semifinais, o Brasil não encontrou dificuldades para despachar as japonesas por três sets a zero e mais uma vez disputaria o ouro olímpico. Na outra semifinal, entre Coreia do Sul e Estados Unidos, as americanas também venceram com facilidade: três sets a zero. Na disputa da medalha de

³ Disponível em: <http://dodo-exclusivo.blogspot.com.br/2011/05/voleibol-feminino-brasil-ouro-em-pequim.html>
Acesso em: 25/03/2015.

bronze, as japonesas derrotaram as coreanas e voltaram a subir no pódio olímpico. Já na disputa da medalha de ouro, o Brasil venceu a partida e sagrou-se bicampeão olímpico.



FIGURA 04: Comemoração das atletas campeãs em Londres, 2012.

FONTE: Blog de Roberto Bessert (2013)⁴.

Após essa síntese da participação do voleibol brasileiro nos Jogos Olímpicos, apresentamos, a seguir, a metodologia adotada nesse trabalho para, na sequência, na quarta seção, aprofundarmos as experiências vividas nos anos 1980, dando voz a importantes atletas que participaram desse período, que julgamos fundamental para assegurar nas décadas seguintes, um importante lugar no cenário internacional, colocando o Brasil como campeão olímpico das duas últimas edições dos jogos (2008 e 2012).

⁴ Disponível em: http://robertobessert.blogspot.com.br/2013_08_05_archive.html. Acesso em: 25/03/2015.

3 METODOLOGIA

A pesquisa aqui apresentada segue os referenciais da História Oral. Dessa forma, um aspecto importante para a compreensão da metodologia desse trabalho é a opção pelos recursos da história oral. Segundo o sociólogo Paul Thompson (1992), considerado pioneiro e autoridade reconhecida na utilização desse recurso, o uso do termo “história oral” é novo e tem implicações radicais para o futuro, o que não significa que essa história não tenha um passado. Na realidade, segundo o autor, “toda a história depende, basicamente, de sua finalidade social e, por essa razão, no passado, era transmitida de uma geração para outra pela tradição oral e pela crônica escrita” (p. 20). Ou seja, a história oral não é um mero subproduto, ela é a própria história:

Na verdade, a história oral é tão antiga quanto a própria história. Ela foi a *primeira* espécie de história. E apenas muito recentemente é que a habilidade de usar a evidência oral deixou de ser uma das marcas do grande historiador (THOMPSON, 1992, p. 45).

Mesmo tratando-se de um método antigo, eficaz e valioso para a construção da história, sendo utilizado desde os primórdios da humanidade e muitas vezes tendo sido confundido com a própria história, é importante salientar que houve um período no qual a história oral permaneceu no ostracismo, pois, as fontes fornecedoras dos relatos que construiriam a história ainda estavam vivas e esse fato causava estranheza aos acadêmicos que desvalorizavam e questionavam a credibilidade do método, conforme expõe (MELO *et al.* 2013, p. 159):

as fontes orais, características da história de um período em que ainda existam testemunhas vivas que possam oferecer seus relatos aos pesquisadores, eram repudiadas tanto por uma suposta falta de credibilidade e cientificidade quanto por se remeterem a um tempo recente, desvalorizado pela disciplina acadêmica.

Foi a partir dos anos 1950 que a oralidade voltou a ser valorizada como fonte de informação para os historiadores. A criação de uma metodologia de registro de depoimentos orais começou a ser utilizada como fonte de informação para o estudo da história a partir da Segunda Guerra Mundial (JOUTARD, 1983). Segundo Meihy (2005, p. 91), a partir desse momento, essas narrativas ganharam caráter científico ou histórico e “isso se deu quando os argumentos foram sistematizados, arranjados metodologicamente, equiparados uns aos outros

em diálogo continuado e cumulativo e assumidos profissionalmente”, superando questões delicadas, “como identificar a história oral como ‘a história vinda de baixo’ ou como ‘a verdadeira história dos excluídos’ – concepção que já predominou no Brasil” (AMADO; FERREIRA, 2006, p. 64).

De acordo com Melo *et al.* (2013), as resistências do campo acadêmico à história oral foram superadas progressivamente, por diversos motivos e em ritmos diferentes, embora no Brasil tenha levado mais tempo para se estabelecer: apareceu na década de 1970, começou a se tornar usual na segunda metade dos anos 1980, com o processo de redemocratização e teve seu ápice na década de 1990. A partir daí, segundo os autores:

a utilização de fontes orais foi operacionalizada dentro de um conjunto de parâmetros cujo intuito é auxiliar o pesquisador a abordar criticamente as informações obtidas, de maneira a tratá-las com o mesmo rigor aplicado às fontes escritas (MELO *et al.*, 2013, p. 160).

Como os trabalhos de memória prestaram grande auxílio à utilização de fontes orais, Melo *et al.* (2013, p. 161) consideram importante distinguir memória e história, uma vez que os “dois termos com frequência, de forma equivocada, são utilizados como sinônimos por pesquisadores do esporte”. Tendo em vista que a nossa pesquisa é de abordagem qualitativa, de tipologia exploratória e utilizará o método historiográfico para responder aos objetivos propostos que, grosso modo, é descrever a trajetória da seleção de voleibol dos anos 1980, consideramos relevante destacar algumas considerações acerca de memória e história, começando por Meihy (2005, p. 62):

Por ter como pressuposto o passado, a história oral recebeu o nome “história”. Em vez de isso ser fator de confusão, deve-se pensar nas virtudes das diferenças. Assim fica esclarecido que a memória é um suporte para as narrativas de história oral, mas não é ela.

A exposição de Meihy (2005) se coaduna com a de Melo *et al.* (2013), a partir do momento em que ambos marcam a diferença dos termos. Contudo, Meihy não destaca nenhuma impossibilidade de conversa entre memória e história, desde que sejam respeitadas as características de cada uma. Já Michael Frisch (2006, p. 75), afirma que a “memória é invocada para subverter as afirmações da história ortodoxa” e que “os estudos históricos ganharam impulso por sua capacidade de subverter as categorias, as suposições e as ideologias das memórias culturais aceitas e dominantes”. Esse autor não apenas registra as diferenças dos termos como também destaca as similaridades e a capacidade de interação que

ambas possuem, abrindo o caminho para o trabalho de pesquisa que pretendemos realizar. Contudo, como a nossa pesquisa se situa na área esportiva, onde os dois termos são tratados de forma equivocada como sinônimos nas pesquisas relacionadas ao tema, conforme destacado acima, optamos por enfatizar a síntese de Melo *et al.* (2013, p. 161):

Por memória, compreende-se uma produção do passado sob a luz da experiência vivida, das emoções, da subjetividade e parcialidade explícitas, que é constantemente reelaborada e transformada de acordo com questões do presente. Já a história é uma construção crítica sobre o passado, um relato produzido a partir de métodos definidos. As fontes orais, logo, apresentam memórias, que devem ser trabalhadas pelos estudiosos a fim de produzirem uma história.

A definição proposta pelos autores não somente marca as diferenças dos termos como propõe uma articulação entre ambos, estratégia que adotamos para conduzir a pesquisa em questão: trabalhar as memórias das jogadoras de voleibol dos anos 1980, para que devidamente articuladas com os documentos pesquisados em arquivos de jornais e revistas ou encontrados na Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), além da bibliografia relacionada com o tema, produzam história. Portanto, a partir da compreensão de memória e história podemos afirmar que a história é uma narrativa, um processo vivo e permanente. Além disso, essas narrativas produzidas por diferentes indivíduos e devidamente articuladas, tecem uma nova memória social, plural e democrática (THOMPSON, 1992).

3.1 Instrumentos e Procedimentos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), sob o parecer nº 875.811, conforme Anexo I.A coleta de dados empíricos foi realizada no período de agosto de 2014 a março de 2015.

O gênero de história oral escolhido para a pesquisa foi a história oral temática, uma vez que é usada como técnica que articula os diálogos ou narrativas com outros documentos. Nessa técnica, quanto mais informações o pesquisador possuir, mais interessantes e profundas podem ser as questões, uma vez que a história oral temática está comprometida com o esclarecimento ou a opinião do entrevistador sobre algum evento definido, tornando a objetividade direta. A história oral temática se diferencia da história oral

de vida na medida em que detalhes da história pessoal do narrador interessam apenas quando revelam aspectos úteis à informação temática central (MEIHY, 2005).

Uma vez definido o gênero de história oral, partimos para a aplicação de uma Entrevista Semiestruturada às ex-jogadoras, de forma a obter os dados necessários para a realização do trabalho. Segundo Minayo (2012), esse tipo de entrevista combina perguntas fechadas e abertas e o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada. Já Richardson (2008, p. 208), define o termo entrevista como o “ato de perceber realizado entre duas pessoas” e chama de entrevista não estruturada o desejo de “obter do entrevistado o que ele considera os aspectos mais relevantes de determinado problema: as suas descrições de uma situação em estudo”.

Segundo Henriques (2014), a entrevista é uma ação realizada por um ou mais entrevistadores e pode ser feita em áudio, vídeo, papel ou através do formato eletrônico (formulário de internet ou e-mail). Pode ser feita em estúdio, ao ar livre ou na casa do entrevistado. No caso desse trabalho, optamos pela entrevista temática, ou seja, voltada para um determinado escopo de projeto e com o objetivo de auxiliar o trabalho de campo da pesquisa. Assim, a relação do entrevistado com o entrevistador obedeceu aos princípios fundamentais que garantem uma entrevista bem sucedida: houve um papel ativo do entrevistador na produção da narrativa ao preparar cada ambiente de forma adequada, deixando o entrevistado à vontade para eternizar a sua história. Para que isso acontecesse o entrevistador se mostrou curioso, atento, disponível e o roteiro de entrevistas serviu apenas como um estímulo, já que as melhores perguntas surgiram da própria história que estava sendo contada. Não houve julgamentos e as entrevistas adquiriram um ritmo próprio tornando cada momento solene, de forma que o entrevistado não se sentisse como uma mera fonte de informações, mas como uma pessoa que vivenciou parte daquela história.

O roteiro de entrevista (Apêndice A) foi proposto pelo pesquisador e sua orientadora, de acordo com os objetivos da pesquisa e validado pelos integrantes do grupo de estudos GEFSS – Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade. Este roteiro foi organizado em três seções: a primeira versou sobre a inserção das atletas no esporte, da mesma forma que serviu para criar uma aproximação das entrevistadas com o entrevistador, tendo em vista que as atletas precisaram buscar na memória fatos marcantes de suas infâncias; a segunda sobre a permanência na modalidade voleibol foi a mais longa das três seções, com quase vinte perguntas relacionadas ao período em atuaram; e a terceira e última seção sobre as questões referentes à aposentadoria, como lembranças do momento em que pararam, por que e os desdobramentos dessa decisão.

Este roteiro semiestruturado orientou a realização das entrevistas com as onze jogadoras de voleibol que atuaram na década de 1980, recorte temporal da pesquisa. Em todas as entrevistas, o pesquisador utilizou o gravador Sony (make. believe), modelo IC Recorder ICD-PX312. Antes das entrevistas, foi solicitado às entrevistadas o preenchimento do perfil de cada atleta, localizado no roteiro de entrevista, além da leitura e consequente assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como da Carta de Cessão de Direitos Autorais Sobre Depoimentos Orais, do Centro de Memória do Esporte (CEME), da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conforme parceria dos grupos de estudos da UFJF e UFRGS. Após as entrevistas, o pesquisador solicitou a retirada de fotografias e presenteou cada ex-atleta com um pequeno kit composto por doces mineiros e um chaveiro que fazia alusão à cidade de Juiz de Fora, como forma de marcar positivamente a UFJF que viabilizou a realização da pesquisa.

Após a coleta dos dados, o pesquisador se dedicou às transcrições. Transcrever significa passar o conteúdo oral para o texto escrito. Cada pergunta e resposta deve ser redigida a partir da escuta paciente da gravação. Nesse processo devem ser resolvidas dúvidas em relação aos nomes citados e as grafias das palavras, levando-se sempre em conta que se trata de um documento histórico e, como tal, deve-se preservar ao máximo a fala do entrevistado. Contudo, é necessário que haja revisão ortográfica para corrigir eventuais erros sem desvalorizar a originalidade das narrativas. A pontuação da transcrição deve respeitar o ritmo da fala do entrevistado, mas não pode agredir as regras básicas da língua formal e quando houver qualquer demonstração de emoção deve-se identificar colocando entre parênteses. Todas essas orientações visam socializar as histórias, ou seja, tornar o acervo produzido disponível para quem se interessar (HENRIQUES, 2014).

As transcrições desse trabalho seguiram essas orientações, apesar de terem sido inicialmente transcritas por três grupos diferentes: alunas do grupo de pesquisa GEFSS (Grupo de Estudos de Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade), da UFJF e do qual o pesquisador faz parte; alunos do CEME (Centro de Memória do Esporte), da UFRGS, parceiro do nosso grupo de pesquisa e pelo próprio pesquisador. No entanto, após reunir todas as entrevistas transcritas, o pesquisador revisou cada uma de forma a seguir as orientações propostas acima, visando uma uniformidade. Ao proceder dessa maneira, acreditamos estar alinhados com as orientações de Thompson (1992), ao falar que o historiador precisa ao passar a fala para a forma impressa “desenvolver uma espécie de habilidade literária que permita que seu texto escrito se mantenha tão fiel quanto possível, tanto ao caráter quanto ao significado original”.

A última entrevista, porém, da atleta Lenice Peluso, apesar de seguir a mesma linha de transcrição foi realizada, via *Skype*, devido a impossibilidade de agenda entre as partes interessadas. Esta entrevista aconteceu no dia 27/03/2015, às 10h30minh, durou cerca de uma hora e meia. Foi a única dentre todas as entrevistas realizadas que não aconteceu ao vivo, fato que não comprometeu o desenvolvimento da entrevista e, conseqüentemente, da pesquisa.

3.2 As participantes da pesquisa e os critérios de inclusão

Foram escolhidas onze jogadoras representativas na década de 1980, com atuação em campeonatos brasileiros por clubes e clubes-empresa, além de passagens pela seleção brasileira de voleibol. A maior preocupação para a escolha dessas jogadoras não foi a generalização dos resultados que seriam obtidos, mas “a caracterização, compreensão e interpretação dos fenômenos observados nesse grupo específico sem a necessidade de serem adotados procedimentos sistemáticos de seleção de amostras” (MOURA; FERREIRA, 2005, p. 50). Portanto, é importante destacar que a escolha das jogadoras aconteceu a partir dos critérios estabelecidos para a realização do trabalho visando alcançar os objetivos propostos. Assim, foram escolhidas as jogadoras que mostraram disponibilidade de participar da pesquisa e que tiveram passagem pela seleção brasileira de voleibol na década de 1980.

Como uma das primeiras ações para o trabalho, inicialmente criamos um perfil numa rede social e convidamos inúmeros jogadores de voleibol de diferentes faixas etárias. À medida que a rede de relacionamentos virtual foi aumentando, as jogadoras que desejávamos contatar começaram a fazer parte da rede de amizade, composta majoritariamente por atletas e ex-atletas de voleibol. A partir desse momento selecionamos algumas atletas e explicamos os objetivos da pesquisa. Algumas se manifestaram positivamente e outras não responderam. Aquelas que demonstraram interesse em participar do estudo se dispuseram a contatar e sensibilizar outras e, dessa forma, conseguimos fechar um grupo de dez voluntárias que concederam a entrevista. A apresentação das jogadoras segue a ordem de realização das entrevistas. Todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme modelo do Anexo II. São elas:

Heloísa Helena Santos Roese, 58 anos, solteira e sem filhos. É graduada em Educação Física e atualmente é técnica de voleibol. Atuou na modalidade por trinta anos como atacante e participou dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984). Após alguns contatos, via rede social, a ex-atleta forneceu o seu endereço de e-mail e número de telefone

celular. Trocamos algumas mensagens e agendamos a entrevista no dia 14 de agosto, às 14h, no refeitório do Clube de Regatas Flamengo, onde ela trabalha como técnica de voleibol. A entrevista durou pouco mais de uma hora e transcorreu de forma tranquila, sem interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice B.



FIGURA 05: Esquerda: Heloisa em Los Angeles, 1984. Direita: Heloisa no Flamengo em 2014.
FONTE: Projeto Formação RJ (2011)⁵; arquivo particular do pesquisador, respectivamente.

Ana Maria Richa Medeiros, 48 anos, casada, mãe de três filhos. Atualmente é supervisora de voleibol do Clube Botafogo. Atuou na modalidade por mais de vinte anos como levantadora e participou dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) e Seul (1988). Após alguns contatos, via rede social, a ex-jogadora forneceu seu endereço de e-mail. Trocamos algumas mensagens e ela marcou o encontro no mesmo dia, 14 de agosto, às 16h30min, no Clube Botafogo, onde trabalha. A entrevista durou pouco mais de uma hora e também transcorreu de forma tranquila, sem interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice C.



FIGURA 06: Esquerda: Ana Richa em ação nos anos 1980. Direita: Ana Richa com a filha em foto recente.
FONTE: Ídolos do vôlei⁶; Blog Johnbrf⁷, respectivamente.

⁵ Disponível em: <http://projetoformacaorj.blogspot.com.br/2011/05/heloisa-roese-no-projeto-formacao.html>. Acesso em: 04/04/2015.

Eliani Miranda da Costa Oliveira, a Lica, tem 50 anos, é casada e tem um filho. É jornalista e atriz e atuou na modalidade por mais de vinte anos como atacante. Participou dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) e Seul (1988). Da mesma forma, após alguns contatos, via rede social, a ex-jogadora forneceu seu endereço de e-mail e o telefone celular, e como sabia que eu estava no bairro de Botafogo entrevistando a Ana Richa, marcou o encontro no dia 14 de agosto, às 19h, no Botafogo Praia Shopping. O encontro ocorreu num café, do segundo piso e, apesar do barulho, a entrevista durou cerca de uma hora e transcorreu de forma tranquila e sem interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice D.



FIGURA 7: Esquerda: Lica em ação pela seleção em Los Angeles, 1984. Direita: Lica em ação na novela “Em Família”, em 2014.

Fonte: Jornal Extra (2014)⁸; Página pessoal de Lica na rede social twitter⁹, respectivamente.

Maria Auxiliadora Villar Castanheira, a Dora, tem 54 anos, é casada e não tem filhos. Tem mestrado e atualmente é gestora esportiva do Comitê Olímpico Rio 2016. Atuou na modalidade por vinte anos como atacante e participou dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Seul (1988). O contato ocorreu mediante intervenção da ex-jogadora Blenda, que explicou a motivação do estudo e repassou meu e-mail. A ex-atleta, então, me escreveu e perguntou se eu poderia encontrá-la no Comitê Olímpico Rio-2016, no bairro Cidade Nova, no dia 15 de agosto, às 14h. A entrevista ocorreu no refeitório do Comitê, durou pouco mais de uma hora e transcorreu de forma tranquila, apesar de algumas interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice E.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/IdolosDoVolei?fref=ts>. Acesso em: 04/04/2015.

⁷ Disponível em: <https://johnbfr.wordpress.com/category/botafogo-inaugura-as-coberturas-das-quadras-poliesportivas/>. Acesso em: 04/04/2015.

⁸ Disponível em: <http://extra.globo.com/mulher/corpo/lica-oliveira-dulce-de-em-familia-ja-foi-titular-da-selecao-feminina-de-volei-por-isso-mantive-corpo-11885355.html>. Acesso em: 04/04/2015.

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/dalicaoliveira>. Acesso em: 04/04/2015.



FIGURA 08: Esquerda: Dora nos Jogos de Moscou, 1980. Direita: Dora nos dias atuais.
 FONTE: Página pessoal de Dora na rede social facebook¹⁰; Blog Jornal de Castro¹¹, respectivamente.

Blenda Bartels, tem 53 anos, é separada e possui dois filhos. É formada em Administração de Empresas e atualmente trabalha como coordenadora das escolinhas de esportes na sede Náutica do Minas Tênis Clube. Atuou na modalidade por 14 anos como levantadora e participou do Campeonato Mundial de 1982, realizado no Peru. O contato ocorreu via rede social e desde o início a ex-atleta se mostrou solícita e interessada em colaborar. Logo me passou seu telefone celular e endereço de e-mail. Contudo, como reside em Belo Horizonte, o pesquisador precisou se deslocar até a capital mineira para realizar a entrevista, que aconteceu no dia 25 de agosto, às 14h, no Centro de Memória do Esporte do Minas Tênis Clube. A entrevista durou menos de uma hora e ocorreu de forma tranquila, sem interrupções. Na ocasião, o pesquisador fotografou algumas reportagens do Jornal A Tarde que compunham o acervo pessoal da jogadora. Sua entrevista encontra-se no Apêndice F.



FIGURA 09: Esquerda: Blenda no treinamento da seleção nos anos 1980. Direita: Blenda nos dias atuais.
 FONTE: Página pessoal de Blenda na rede social facebook¹²; O mesmo.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/lenice.peluso.1?fref=ts>. Acesso em: 04/04/2015.

¹¹ Disponível em: http://jornaldecastro.blogspot.com.br/2008_11_16_archive.html. Acesso em: 04/04/2015.

Fernanda Porto Venturini, 44 anos, casada, duas filhas, empresária. Atuou na modalidade por vinte e quatro anos como atacante e levantadora. Participou dos Jogos Olímpicos de Seul (1988), Barcelona (1992), Atlanta (1996) e Atenas (2004). O contato ocorreu mediante intervenção da ex-jogadora Blenda, que explicou a motivação do estudo e repassou meu e-mail. Após algum tempo sem resposta, eu voltei a pedir ajuda e a Blenda me passou o e-mail de Fernanda. Após dois contatos, ela me respondeu e agendamos o encontro que ocorreu no dia 02 de setembro, às 14h, na varanda do Restaurante Prima Bruscherteria, no bairro do Leblon. Apesar do barulho, a entrevista durou menos de uma hora e transcorreu de forma tranquila e sem interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice G.



FIGURA 10: Esquerda: Fernanda Venturini em ação pela seleção nos anos 1990. Direita: Fernanda Venturini e Bernardinho nos dias atuais.

FONTE: Terceiro Tempo UOL¹³; Varela Notícias¹⁴, respectivamente.

Vera Helena Bonetti Mossa, 50 anos, casada, três filhos, comerciante. Atuou na modalidade por vinte e sete anos como atacante e participou dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980), Los Angeles (1984) e Seul (1988). O contato também ocorreu mediante intervenção da ex-atleta Blenda, que contactou Vera e explicou a motivação do estudo. Após conseguir seu endereço de e-mail agendamos o encontro para o dia 04 de setembro, às 13h, em Campinas. Após almoçarmos juntos, a ex-jogadora concedeu a entrevista que precisou ser acelerada no final por conta do horário do voo de retorno do entrevistador. Mesmo assim, a entrevista

¹² Disponível em:

https://www.facebook.com/blenda.bartels?fref=pb&hc_location=friends_tab&pnref=friends.all Acesso em: 04/04/2015.

¹³ Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/fernanda-venturini-4596>. Acesso em: 04/04/2015.

¹⁴ Disponível em: <http://varelanoticias.com.br/potencializou-fernanda-venturini-culpa-cbv-por-cancer-desenvolvido-em-bernardinho/>. Acesso em: 04/04/2015.

durou cerca de uma hora e ocorreu de forma tranquila e sem interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice H.



FIGURA 11: Esquerda: Vera Mossa nos anos 1980. Direita: Vera Mossa em Campinas, em 2014.
FONTE: Jornal Gazeta (2004)¹⁵; Arquivo particular do autor, respectivamente.

Sandra Maria Lima, 51 anos, solteira, dois filhos, professora de voleibol em escolinhas. Atuou na modalidade por mais de vinte e cinco anos como atacante e líbero e participou dos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984), Seul (1988) e Atlanta (1996). O contato ocorreu via rede social, mas o encontro demorou a acontecer devido à incompatibilidade de agendas. A ex-atleta forneceu e-mail e telefone celular e depois de várias tentativas de acertar o encontro decidimos marcar a entrevista para o dia 11 de outubro, sábado, às 10h da manhã, em Teresópolis, região serrana do Rio. O encontro aconteceu na Padaria Nosso Pão e a entrevista que durou pouco mais de uma hora transcorreu de forma tranquila e sem interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice I.



FIGURA 12: Esquerda: Sandra em ação pela seleção, Los Angeles, 1984. Direita: Sandra em Teresópolis, em foto mais recente.
FONTE: Youtube (2006)¹⁶; Arquivo particular do autor, respectivamente.

¹⁵ Disponível em: http://www.gazetapress.com.br/pauta/11438/vera_mossa. Acesso em: 29/03/2015.

Jacqueline Louise Cruz Silva, 52 anos, solteira, sem filhos, empresária. Atuou na modalidade por trinta e quatro anos, inicialmente como levantadora do voleibol indoor e depois como jogadora de voleibol de praia. Participou dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984). Depois se sagrou a primeira medalhista de ouro olímpica brasileira, modalidade voleibol de praia, em Atlanta (1996), ao lado da parceira Sandra Pires. O contato inicial foi muito difícil e só foi realizado mediante a intervenção da ex-atleta Isabel, amiga particular de Jacqueline, que explicou a motivação da pesquisa e me forneceu o número de telefone da campeã olímpica. Após alguns contatos, a ex-jogadora me recebeu no espaço gourmet do seu prédio, no dia 17 de outubro, às 15h. A entrevista durou cerca de uma hora e transcorreu de forma tranquila, apesar de algumas interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice J.



FIGURA 13: Esquerda: Jacqueline em treinamento nos anos 1980. Direita: Jacqueline nos dias atuais.
 FONTE: Blog Terceiro Tempo¹⁷; R7 Notícias¹⁸, respectivamente.

Maria Isabel Barroso Salgado, 54 anos, divorciada, quatro filhos e técnica de voleibol de praia. Atuou na modalidade por vinte e oito anos como atacante e participou dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984). O contato inicial foi feito pela atleta Blenda, via e-mail, porém, sem resposta. Como sabia que Isabel atua como técnica de voleibol de praia das filhas Maria Clara e Carol o entrevistador percorreu a praia de Ipanema para descobrir o local do treinamento. Após encontrar o local abordou a atleta Carol e explicou a necessidade de encontrar Isabel. Carol informou que sua mãe estaria naquele local no dia seguinte às 7h da manhã. Então, meia hora antes o pesquisador já estava em frente à Rua Garcia D' Ávila a espera de Isabel para se apresentar. Logo que ocorreu a apresentação a

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qzJy0C4zbMc>. Acesso em: 29/03/2015.

¹⁷ Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/jacqueline-silva-4567>. Acesso em: 27/03/2015.

¹⁸ Disponível em: <http://rederecord.r7.com/londres-2012/noticias/para-jacqueline-do-volei-de-praia-vitoria-em-atlanta-marcou-volta-por-cima/>. Acesso em: 29/03/2015.

ex-atleta fez a relação com as mensagens de Blenda, se desculpou e marcou a entrevista para o mesmo dia, 03 de setembro, às 14h na sua residência. Após mais de uma hora de entrevista, ela havia respondido apenas dez perguntas de um total de vinte e nove e pediu, gentilmente, que fosse agendado um novo encontro, que ocorreu somente no dia 22 de novembro, às 21h, no mesmo local. A primeira entrevista ocorreu de forma plena e agradável, sem interrupções. Na segunda parte da entrevista notamos que a ex-jogadora estava cansada e de mudança de endereço, porém, mesmo assim, ela se mostrou disponível e fez com que a entrevista ocorresse de forma tranquila, apesar de algumas interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice K.

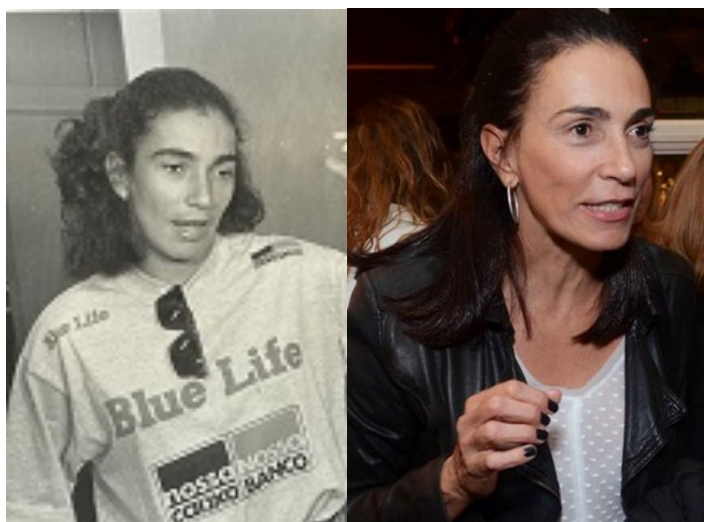


FIGURA 14: Esquerda: Isabel nos anos 1980. Direita: Isabel em foto recente.
FONTE: Jornal do Vôlei (2013)¹⁹; Portal IG (2014)²⁰, respectivamente.

Lenice Peluso de Oliveira, 53 anos, viúva, uma filha e professora de Educação Física com mestrado em Motricidade Humana. Atuou na modalidade por trinta anos como atacante e participou dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980). A atleta foi uma das primeiras a ser contatada, mas devido à dificuldade de agenda e horários foi a última a ser entrevistada. A entrevista transcorreu de forma tranquila, sem interrupções. Sua entrevista encontra-se no Apêndice L.

¹⁹ Disponível em: <http://dev.pixelproject.com.br/jornal/tag/bergamo/>. Acesso em: 29/03/2015.

²⁰ Disponível em: <http://lulacerda.ig.com.br/2014/07/01/>. Acesso em: 29/03/2015.



FIGURA 15: Esquerda. Lenice nos Jogos de Moscou, 1980. Direita: Lenice em foto recente.
 FONTE: Página pessoal da rede social facebook²¹; O mesmo.

3.3 Procedimentos de análise dos dados

Como a pergunta para aquele que se dedica ao estudo da história pretende responder em sua pesquisa está diretamente relacionada ao uso que será feito dos relatos percebemos que o esforço de investigação vai além do momento das entrevistas. Portanto, a metodologia pressupõe uma preparação meticulosa, uma vez que é ela que vai guiar a seleção dos depoimentos, encaminhar a direção das entrevistas e indicar a opção de investigação mais adequada (MELO *et al.*, 2013). Assim, acreditamos que a interpretação dos relatos que vão construir a história precisa, da mesma forma, seguir procedimentos consistentes que façam com “que a história ganhe sentido” (THOMPSON, 1992, p. 299).

A partir da transcrição e impressão de todas as entrevistas nos apropriamos do roteiro previamente elaborado e começamos a tabular os dados a partir das perguntas e respectivas respostas. Montamos uma tabela com os nomes de todas as onze atletas e a essência principal das respostas. Por exemplo, a primeira pergunta do roteiro foi o que levou cada atleta ao voleibol. As respostas, invariavelmente, apontavam para a família e para escola. Então, contabilizamos quantas foram levadas ao esporte pela família e quantas foram levadas pela escola e seguimos este procedimento para todas as perguntas do roteiro, sucessivamente. Apesar de termos chegado a alguns números ressaltamos que a pesquisa não teve interesse em quantificar as respostas, uma vez que esse é um estudo de cunho qualitativo.

Como imaginávamos desde a época da elaboração do roteiro de entrevistas, os três blocos de temas sugeridos (inserção, permanência e aposentadoria) permitiram desdobramentos diferentes. Em primeiro lugar, pela natureza cronológica da entrevista, o tema da “inserção” foi elaborado com três perguntas, mais genéricas e iniciais, que

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/lenice.peluso.1?fref=ts>. Acesso em: 29/03/2015.

permitiram também um trabalho de aproximação do entrevistador com as entrevistadas. Neste bloco de perguntas percebemos que grande parte das atletas se emocionou ao se lembrarem do período em que começaram a jogar, dos clubes onde iniciaram a modalidade e, principalmente, ao mencionarem os treinadores responsáveis pela iniciação, dado que nenhuma delas esqueceu, ao contrário, lembraram-se de imediato e falaram deles com muito carinho.

Após a realização do primeiro bloco de perguntas, passamos a detalhar mais a experiência da atleta no tema “permanência”. Esse bloco, composto por dezessete perguntas, por ter maior densidade de informações, foi onde houve mais espaço para a inserção de perguntas complementares, suscitadas pelo debate, já que estávamos em um momento de maior integração com as atletas entrevistadas. Foi nesse bloco também que pudemos efetivamente compreender melhor a década analisada, seus fatos e acontecimentos, no sentido teórico desejado. Nesse contexto de perguntas percebemos que todas as atletas se emocionaram quando mencionaram a participação das famílias ao longo de suas trajetórias. Outros sentimentos também brotaram, tendo em vista que algumas atletas se mostraram insatisfeitas com a rotina de treinamentos daquela época, bem como com a diferença de tratamento entre a modalidade feminina e masculina. Nessa segunda parte das entrevistas destacamos os acontecimentos dos anos 1980, suas repercussões para as atletas, a quebra de tabus como jogar grávida ou o como a beleza das atletas, tão enaltecida pela mídia, não suplantou o talento, mas, de outra forma, chamou a atenção para a modalidade, além de destacarmos as possibilidades de profissionalização naquela época e o legado que foi deixado por essa geração.

No terceiro e último bloco de perguntas, referentes ao tema “aposentadoria”, as nove perguntas do roteiro foram tratadas com o objetivo de favorecer um fechamento das ideias principais da pesquisa. Assim, procuramos identificar como que cada atleta percebeu sua passagem para outro momento de sua trajetória esportiva, explorando também o sentido do voleibol em suas próprias vidas. Nesse momento da entrevista identificamos novamente uma grande emoção quando responderam sobre a saudade da época em que jogavam e a preocupação sobre o que fazer depois de parar, uma vez que muitas vezes tiveram que recomeçar do zero para darem prosseguimento a suas vidas.

De posse das respostas já sintetizadas nos quadros-resumo, procuramos estabelecer relações dos fatos com os relatos da maioria das atletas e também com as exceções e/ou divergências de respostas, sempre fazendo o contraponto com o relato das atletas e fontes bibliográficas. Quando isso não foi possível, por falta de material, estabelecemos o confronto

entre os discursos coletados, alimentando a discussão e ampliando o conteúdo dos dados levantados. Dessa forma, verificamos que houve uma significativa convergência de entendimentos para a importância dessa década e geração na afirmação do voleibol de forma geral, e do voleibol feminino em particular, como demonstrado a seguir.

4 INSERÇÃO, PERMANÊNCIA E APOSENTADORIA – A TRAJETÓRIA DAS ATLETAS DO VOLEIBOL FEMININO NOS ANOS 1980

Neste momento, serão apresentadas as análises e discussões das nossas entrevistas por meio de três grandes temas que nos propusemos investigar (a inserção, a permanência e a aposentadoria) para atender ao objetivo principal da pesquisa – “Descrever a trajetória da geração do voleibol feminino do Brasil da década de 1980”, período de transformações profundas que marcaram a consolidação do esporte no cenário nacional e a ascensão da equipe nacional no cenário esportivo mundial.

Iniciamos a análise pela inserção das jogadoras no esporte, quando verificamos que algumas de nossas entrevistadas chegaram aos anos 1980, vindo de disputas pela seleção desde o final dos anos 1970, e outras que se inseriram na equipe somente no final dos anos 1980, provenientes, portanto, de múltiplos grupos etários que vivenciaram tempos interiores diferentes num mesmo período cronológico e se tornaram peças essenciais da engrenagem do tempo (WELLER, 2010). Essas atletas compuseram uma geração potente e foram capazes de desestabilizar uma realidade que vinha se mantendo estável e acomodada ao longo de vários anos. No início da década de 1980 as realizações dos governos militares perderam a importância e as conquistas do país no plano cultural e esportivo passaram a ser enaltecidas (OLIVEIRA, 2012).

De acordo com Oliveira (2012), o governo brasileiro, nessa época, além de conceder novo impulso à política esportiva nacional estava promovendo parcerias com a iniciativa privada para o fomento ao esporte. Portanto, ressaltamos que foi diante deste cenário promissor que escolhemos propositalmente as entrevistadas para que pudessemos atender a pesquisa da trajetória das jogadoras de voleibol da geração de 1980, investigando suas diferentes experiências com o voleibol e seus desdobramentos no esporte brasileiro.

A partir da produção de um roteiro de entrevista dividido em três temas – inserção, permanência e aposentadoria – ressaltamos que o tema da inserção, primeiro bloco de perguntas analisado, apesar de ser o mais curto, com apenas três perguntas, criou uma aproximação entre os interlocutores e possibilitou conhecer melhor o cenário e as pessoas responsáveis pelo ingresso das atletas na modalidade.

Sobre o tema da permanência, segundo bloco de questões analisado, este, se caracteriza como o mais extenso e denso da pesquisa. Organizamos as perguntas de modo que pudessemos percorrer cada ano da década, destacando os acontecimentos que foram mais relevantes, para dar voz a essa geração sobre eventos emblemáticos, desfechos surpreendentes

e mudanças de percurso relevantes. Esta é uma forma de atentarmos, também, para a importância do “fato acontecimental” foucaultiano naquele momento da modernidade, base das nossas discussões teóricas, que é expandido através de outras contribuições e referenciais sobre cultura, sociedade, mulher e esporte. Destacamos desse extrato aspectos significativos como a “profissionalização do esporte para mulheres”, um novo entendimento para a maternidade no esporte e o legado dessa geração para as atletas no Brasil.

Por fim, no terceiro e último bloco, registramos como as entrevistadas fizeram ao chegar o tempo de parar de jogar profissionalmente; como foi feita a transição para a aposentadoria como atleta e a retomada para dar forma a outros planos profissionais e pessoais. Nesse tema, é significativa a visão das entrevistadas que se aposentaram das quadras quando o voleibol já estava profissionalmente consolidado. Significativo, também, é o entendimento que essas atletas fazem para o papel do voleibol em suas vidas.

4.1 Entre a escola e a família: a inserção delas no voleibol

No tema da inserção das atletas no voleibol identificamos no discurso das onze entrevistadas que quatro delas apontaram a escola como responsável pela iniciação na modalidade e as outras sete trouxeram os pais ou a família como os maiores incentivadores por promoverem a experiência com o voleibol em suas vidas, conforme declarou Heloísa Roese²²:

“Eu nasci dentro de uma quadra de voleibol, porque meus pais jogavam voleibol. Meus pais foram seleção gaúcha de voleibol. Eu dentro do carrinho, eles iam pra quadra jogar e eu ia junto. Então, desde que eu nasci vivo dentro do voleibol”.

A participação da família na iniciação dessas atletas corrobora com dados levantados em pesquisa semelhante sobre o judô no livro “Mulheres do Tatame: o judô feminino no Brasil”, no qual no relato de dez entrevistadas, sete atletas declaram que são “influenciadas pela família, com destaque para pais e irmãos – era quase que natural a prática deste esporte na família dessas atletas” (SOUZA; MOURÃO, 2011, p. 50). Podemos observar, portanto, que a importância da família para a iniciação esportiva de mulheres é um dado relevante independente da modalidade.

²²As falas das entrevistadas serão destacadas com o uso de itálico e aspas duplas.

É importante destacar também que a maioria das atletas teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol, como, por exemplo, o tênis, o atletismo, o basquete e a natação. Elas foram socializadas com o esporte na infância provavelmente, como já vimos anteriormente, contando com o apoio da família ou da escola. Entre as onze entrevistadas, apenas duas atletas declararam não ter tido contato com outras práticas esportivas além do voleibol, como é o caso de Blenda Bartels:

“Não. Na verdade, todo mundo na minha casa jogava vôlei e os meus amigos jogavam vôlei. A gente viajava e todo mundo jogava vôlei. Meus padrinhos jogavam vôlei e iam para o fim de semana jogar vôlei. Tudo era jogar vôlei. Tudo era vôlei”.

O relato revela a forte influência da família na iniciação e, especificamente neste caso, o fato da atleta ser filha de atletas de voleibol. Outra atleta que também afirmou não ter tido contato com nenhuma outra prática esportiva foi Jacqueline Silva, segundo seu relato: *“Não, que eu me lembre, não. Inclusive, eu adorava jogar voleibol. Eu jogava direitinho, desde pequenininha (risos)”*. Contudo, Jaqueline ressaltou ser filha de pais que jogavam voleibol na praia nos finais de semana, o que corrobora a importância da família para a iniciação esportiva.



FIGURA 16: Esquerda: Jacqueline no início da carreira. Direita: Blenda no início da carreira.
FONTE: Jackie Silva, site oficial²³; Página pessoal de Blenda na rede social facebook²⁴, respectivamente.

²³ Disponível em: <http://jackiesilva.com.br/menu/timeline/>. Acesso em: 29/03/2015.

²⁴ Disponível em: https://www.facebook.com/blenda.bartels?fref=pb&hc_location=friends_tab&pnref=friends.all. Acesso em: 29/03/2015.

A maioria das atletas começou a jogar voleibol na década de 1970 e atingiu a maturidade esportiva na década de 1980, recorte temporal deste estudo. Além disso, como as entrevistadas possuem naturalidades distintas verificamos que iniciaram suas carreiras em diferentes clubes espalhados pelo Brasil, mas todas na cidade em que nasceram: no Rio de Janeiro (5), em Minas Gerais (2), no interior de São Paulo (2), em Alagoas (1) e no Rio Grande do Sul (1). Por conta disso, começaram a jogar com diferentes técnicos, alguns com reconhecida notoriedade no meio esportivo, como Ênio Figueiredo, que foi técnico da seleção brasileira entre os anos de 1978 e 1984; Toroca, que é o atual presidente da CBV e Marco Aurélio Mota que já foi técnico da seleção brasileira feminina e recentemente, em 2012, deixou o comando da seleção feminina da Turquia.

Para a maioria das entrevistadas, a importância destes profissionais (técnicos) para a construção e consolidação de suas carreiras foi fundamental, conforme declararam Ana Richa: *“Eu tive a sorte de começar a minha carreira jogando junto com o Marco Aurélio como treinador”* e Isabel Salgado: *“Eu comecei a jogar com o Ênio Figueiredo. Ele tinha uma relação muito paternal com as meninas, porque nós éramos muito novas”*. Além destes dois depoimentos, todos os outros estão impregnados por uma enorme admiração das atletas pelos seus iniciadores no esporte, conforme declaram Lica Oliveira: *“Minha primeira treinadora foi a Ozélia, que ficou cerca de três meses. Logo em seguida assumiu o Paulinho, que foi realmente meu primeiro técnico de voleibol, no Cassino Bangu (risos)”* e Vera Mossa: *“Eu comecei na Fonte com o Saburo (risos), que era esse japonês e tinha a Mariza também que jogava ou tinha jogado pelo Guarani e dava treino lá na escolinha”*.



FIGURA 17: Esquerda: Marco Aurélio Mota, em 2012. Direita: Ênio Figueiredo.
 FONTE: Volei.org (2012)²⁵; Blog Voleibol Del Peru (2014)²⁶, respectivamente.

²⁵ Disponível em: <http://www.volei.org/2012/07/marco-aurelio-quer-ser-pedra-no-sapato.html>. Acesso em: 29/03/2015.

²⁶ Disponível em: <http://voleiboldelperu.blogspot.com.br/2014/08/murio-ex-tecnico-de-peru-el-brasileno.html>. Acesso em: 29/03/2015.

4.2 A permanência delas no voleibol: da virada da camisa até as descamisadas, chegando na virada do jogo

O tema da permanência das atletas no voleibol pretende identificar, através dos relatos das entrevistadas, os caminhos percorridos por elas, em especial na década de 1980. Antes, porém, cabe contextualizar como a modalidade feminina do voleibol marcou sua participação na década anterior. Em nível sulamericano, a seleção obteve a medalha de prata em todos os campeonatos na década de 1970. Em nível mundial, obteve a décima terceira e a décima quinta colocações, respectivamente, nos campeonatos mundiais de 1970 e 1974. Já no campeonato mundial de 1978 saltou para a sétima colocação entre vinte e três participantes. O resultado marcou o comando de Ênio Figueiredo à frente da equipe, que mesclou jogadoras experientes como a levantadora Célia Garritano, além de Heloísa Roese, Denise Matioli e Sílvia Montanarini, com a juventude de Jacqueline Silva e Isabel Salgado, que já estava grávida de Pilar, sua primeira filha (VALPORTO, 2007).

Quando perguntamos sobre como era ser jogadora de voleibol na década de 1980, cinco atletas ressaltaram a experiência de viverem a transição entre o amadorismo e o profissionalismo. Consideraram este momento ímpar, pois, as atletas que recebiam uma ajuda de custo, que poderia vir sob a forma de um vale-lanche no clube após os treinamentos ou um par de tênis adequado à prática do voleibol, passariam a ter uma carteira assinada e a garantia de um “salário” no final do mês, conforme destaca Vera Mossa:

“Olha, eu acho que foi uma experiência única, eu acho que só quem jogou nessa década viveu o que a gente viveu porque foi uma época de transição bem clara do amador para o profissional e eu acho que a gente teve essa oportunidade de viver isso de uma forma também muito tranquila, sabe? A gente não forçou nada, a gente estava ali, claro, as coisas não acontecem por acaso, mas eu acho que a gente aproveitou bem, da melhor forma possível e conseguimos, de alguma forma, marcar a nossa vida, construir uma carreira no voleibol no meio dessa transição, que não era uma coisa muito simples, né?”.

Duas atletas destacaram a paixão pelo esporte, sinalizando que jogavam por amor às camisas de seus clubes e o bem estar que a prática do voleibol trazia para as suas vidas, como apontou Dora Castanheira:

“Olha, pra mim o esporte era uma coisa que me fazia um bem muito grande, mas naquela época era um lazer e eu fazia porque gostava, era uma paixão, uma coisa assim de fazer uma atividade física”.

Outra atleta disse que havia pouco apoio na época, referindo-se não somente às dificuldades de praticar um esporte amador como ao fato de precisarem contar com a ajuda de familiares, amigos, gestores, técnicos e tantas outras pessoas para que conseguissem jogar, como destacou Sandra Lima:

“Então era muito difícil, a gente não tinha as facilidades que tem hoje. Eu acho que a gente, essa nossa geração de oitenta foi que realmente deu o pontapé para o que está acontecendo hoje e isso é uma coisa que infelizmente não é reconhecida”. (Grifos meus)

Os relatos das atletas mostram o quanto os pais, os treinadores, os gestores e amigos são importantes em relação à passagem das jovens para uma fase de treino mais intenso e deliberado, assim como em relação à provisão de recursos necessários à prática. Em um modelo de esporte ainda amador, estes agentes são fundamentais para o prosseguimento da prática esportiva dessas mulheres.

Uma atleta levantou a questão do preconceito que existia na época, referindo-se ao fato de que as pessoas que escolhiam a prática de esportes eram limitadas intelectualmente: *“de um modo geral, assim, quem fazia esporte eram pessoas intelectualmente um pouco limitadas também. Tinha um olhar um pouco assim”* (ISABEL SALGADO).

O preconceito ao qual a atleta Isabel Salgado se refere talvez tenha a ver com o longo período de interdição sofrido pelas mulheres que desejavam praticar algumas modalidades esportivas, como o futebol, as lutas, o levantamento de peso, entre outras que eram desaconselhadas por serem representadas como viris e, portanto, agrediam a feminilidade. Ainda que o voleibol estivesse no rol das modalidades esportivas aconselhadas por favorecerem o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das qualidades fisiológicas, físicas e morais das praticantes (SOUZA; MOURÃO, 2011), a prática esportiva, de forma geral, foi vista de forma depreciativa, sobretudo para as mulheres.

Apenas Blenda Bartels não relatou tensões advindas deste tempo, disse que *“era tranquilo ser jogadora de voleibol”* naquele período, talvez porque viesse de uma família de esportistas e, conseqüentemente, de um ambiente com estrutura para a prática: *“Tudo girava em torno do voleibol, era uma coisa tranquila. Não tinha problema. Para mim não tinha problema porque como meus pais jogavam vôlei e todo mundo era do vôlei era tranquilo”* (BLENDA BARTELS).

Para que tenhamos uma ideia da condição em que se desenvolvia o esporte amador no início da década de 1980 selecionamos dois depoimentos de atletas colhidos no Jornal O Globo, de 2 de agosto de 1981 (ver figura abaixo), referente à notícia sobre a liberação do CND permitindo o uso da propaganda no esporte amador. Regina Vilela, atleta do Flamengo e da seleção brasileira relatou: “Agora, as condições de treinamento serão melhores. Isso tinha que acontecer para que o esporte amador continuasse a evoluir” (O GLOBO, 1981, p. 44)²⁷.

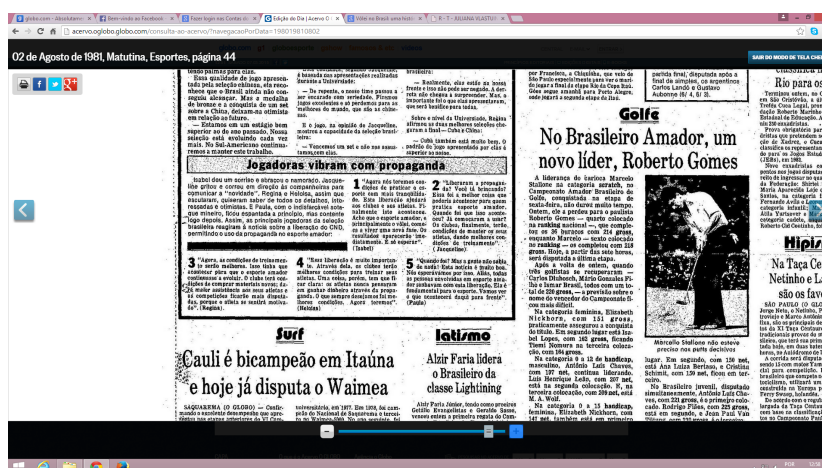


FIGURA 18: Acervo Jornal O Globo, de 2/8/1981.
FONTE: Acervo do Jornal O Globo (1981)²⁸.

E Heloísa Roese esclareceu:

“Essa liberação é muito importante. Através dela, os clubes terão melhores condições para treinar seus atletas. Uma coisa, porém, tem que ficar clara: os atletas nunca pensaram em ganhar dinheiro através da propaganda. O que sempre desejamos foi melhores condições. Agora teremos”.

Ambos os depoimentos explicitam as dificuldades experimentadas pelo esporte amador naquela época, no qual o cenário principal era a limitação das condições de treinamento. A liberação da propaganda trouxe substancial melhora dessas condições, mas as atletas continuavam sem o apoio necessário para se dedicar quase que totalmente ao esporte.

Isabel Salgado, ainda uma novata, foi a primeira jogadora da seleção brasileira a trilhar uma trajetória diferente naquela época: jogar fora do Brasil, conforme relata:

²⁷ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 30/11/2014.

²⁸ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/>. Acesso em: 29/03/2015.

“(...) eu fui para a Itália, joguei uma temporada na Itália; nenhuma jogadora tinha saído do Brasil ainda, eu fui a primeira jogadora a sair, a tentar uma experiência jogando fora. Foi incrível, eu nunca tinha ganhado dinheiro jogando vôlei. Foi a primeira vez que eu ganhei dinheiro. Eu vinha de uma família que me protegia muito. Então, eu tive que me virar” (ISABEL SALGADO).

Portanto, em 1980, Isabel Salgado estreia internacionalmente e o profissionalismo se consolida com a chegada dos clubes-empresa. A partir de 1983, com a chegada dos clubes-empresa e, conseqüentemente, o início da profissionalização, as atletas de voleibol seguiram novos rumos. A maioria, com o caminho aberto por Isabel, foi jogar no exterior, em algum momento de suas carreiras. Outras, porém, construíram suas carreiras no Brasil sem jamais terem tido essa experiência internacional, como é o caso de Sandra Lima, Blenda Bartels e Ana Richa.

Na pergunta sobre em que clubes jogaram, a maioria delas teve dificuldade em lembrar. Elas passaram por vários clubes e clubes-empresa, já que havia uma oferta expressiva deles na década de 1980 e na década seguinte, período em que atuaram. A atleta Blenda Bartels foi a exceção desse grupo de jogadoras: *“Joguei no Supergasbrás e na Lufkin, além do Minas”*. A atleta explicou que começou muito cedo por influência dos pais, que eram atletas do Minas Tênis Clube. Quando precisou sair de Belo Horizonte para jogar no Rio de Janeiro e em São Paulo, explica: *“Bagunçou a vida, porque eu parei de estudar. Ficar longe da família foi um pouco complicado e aí fui desistindo de jogar vôlei”* (BLENDA BARTELS). A saída da cidade de origem e a distância da família fizeram com que Blenda encerrasse a carreira precocemente, aos 24 anos.

Já Vera Mossa e Sandra Lima jogaram na Supergasbrás, de 1983 a 1990, todo o período em que a Supergasbrás esteve investindo em equipe de voleibol feminino no Rio de Janeiro. As duas jogadoras permaneceram na equipe por sete anos: *“em 1983 eu fui para a Supergasbrás e lá fiquei durante os sete anos de existência da equipe”* (VERA MOSSA) e *“Eu e a Vera fomos as duas únicas que iniciamos e fechamos a Supergasbrás, de 1983 a 1990, na época o Ary Graça era um dos diretores e o Ênio Figueiredo era o nosso técnico”* (SANDRA LIMA). Contudo, nesse período de efervescência vivido pelo voleibol feminino brasileiro, Isabel Salgado resistiu, ainda que por uma temporada, a deixar o seu clube de coração, o Flamengo, para defender a Supergasbrás:

“Mas, na hora que estava para sair do Flamengo eu fiquei com muita pena porque eu gostava muito do clube, eu gostava muito das minhas companheiras e eu tinha uma responsabilidade muito grande com o time”

porque eu e a Jacqueline éramos as mais conhecidas da equipe. E chamaram eu e a Jackie para ir para a Supergasbrás. Então, o Flamengo cobriu a oferta da Supergasbrás, mas mesmo assim não foi uma boa escolha porque o time da Supergasbrás era muito superior. Mas na hora H eu resolvi ficar com o time pior, porque eu vi que eu ia me dar mal emocionalmente se deixasse o clube que eu vinha desde menina para trás. Então eu fiquei e a Jacqueline foi para a Supergasbrás. Depois de uma temporada eu não aguentava mais. Eu ganhava dinheiro, mas o time não tinha estrutura”. (ISABEL SALGADO).



FIGURA 19: Esquerda: Vera Mossa pela Supergasbrás nos anos 1980. Direita: Equipe de voleibol feminino do Flamengo nos anos 1980.

FONTE: Gazzetapress (2004)²⁹; Blog Esporte Rio, respectivamente.³⁰

O relato de Isabel Salgado exemplifica o impasse que algumas atletas passavam na hora de decidir entre salário e estrutura, e a afinidade com o clube. A transição para o profissionalismo tensionava as atletas e permeava as condições que elas atuavam na época. O tempo áureo de investimento no esporte, porém, durou até o final da década de 1980. A partir de 1990, com a recessão econômica vivida no país, com o Plano Collor, algumas jogadoras ficaram desempregadas e outras encontraram a solução jogando no exterior. Esse período de rupturas no esporte repercutiu fortemente na trajetória dessas atletas, tendo em vista que alguns clubes deixaram de participar e as empresas pararam de investir. Vejamos o que relatam Sandra Lima e Vera Mossa sobre essa fase difícil:

“Foi uma fase muito ruim porque as empresas não queriam investir. Foi um período meio difícil. Aí o Ajuz, que agora trabalha no Comitê Olímpico Brasileiro (COB) conseguiu formar uma equipe que se chamou Armazém das Fábricas e essa equipe foi mais assim pra dar um sustento pra esse pessoal que estava desempregado e, por incrível que pareça, atletas de

²⁹ Disponível em: http://www.gazetapress.com.br/pauta/11438/vera_mossa. Acesso em: 29/03/2015.

³⁰ Disponível em: <http://esportero.blogspot.com.br/2011/02/fotos-antigas-do-flamengo.html>. Acesso em: 29/03/2015.

*seleção brasileira. Essa equipe durou apenas um ano. Depois, o Marco Aurélio tentou montar uma equipe para aproveitar as jogadoras, mas não conseguiu porque rolava aquela ideia de que jogadora de seleção ganhava muito dinheiro e as equipes não tinham condições de pagar. Então, teve uma época que a gente foi chamada de **descamisadas porque ninguém queria pagar o salário que a gente teria direito, um salário que a gente estava conquistando**” (SANDRA LIMA. Grifos meus).*

A fala de Sandra retrata com muita clareza o período de dificuldades que as atletas dessa geração vivenciaram com a instabilidade advinda desse profissionalismo. Diante de um período de investimentos da iniciativa privada e total apoio do governo brasileiro à política esportiva nacional, essas atletas se desenvolveram, mostraram seu valor e competência e ficaram valorizadas. No entanto, um revés econômico promovido pela política fez com que essas mesmas atletas ficassem desempregadas apontando para um “falso profissionalismo” tão propagado alguns anos atrás. As “descamisadas” dos anos 1990 são um retorno ao amadorismo e reforça que o “profissionalismo” foi um alarme falso que soou precocemente. Essas jogadoras encontraram no exterior uma oportunidade de seguir carreira. Porém, as que permaneceram no Brasil vivenciaram altos e baixos, como se estivessem num tobogã profissional.

Já Vera Mossa, depois de alguns desentendimentos com o então técnico da seleção brasileira, Inaldo Manta, que pedia mais vibração da atleta dentro de quadra, seguiu outro caminho:

*“Eu achei um despropósito aquele tipo de conversa. Eu sempre joguei do mesmo jeito. **Eu não era a jogadora mais eufórica, mas também não era a mais fria**, eu sempre joguei daquele jeito e no final eu nem lembro se ele me convocou ou se eu pedi dispensa. Eu sei que acabei indo para a Itália e por lá fiquei cinco anos (VERA MOSSA. Grifos meus).*

Após esse início conturbado vivido pelas atletas no começo da década de 1990, a situação se estabilizou e o cenário do voleibol feminino voltou a se fortalecer, com o investimento das empresas e o surgimento de projetos voltados para o desenvolvimento da base do esporte, como o caso do Rexona³¹, iniciado nesse período, no Paraná, e que existe até hoje com grande sucesso, no Rio de Janeiro.

³¹ O Centro Rexona-Ades surgiu em 1997 através da união entre a Unilever, empresa detentora das marcas Rexona e Ades, o técnico Bernardo Rezende, o Bernardinho, e o Governo do Paraná. O projeto é constituído pelo trabalho pioneiro que utiliza o esporte como ferramenta de integração social. A intenção é usar os princípios esportivos para transmitir noções de cidadania, tornando as crianças conscientes de seus direitos e deveres. Desde 1997, quando o Centro foi criado, cerca de 21,5 mil crianças e jovens já foram atendidos nos núcleos sociais localizados em três Estados. Outras 30,2 mil crianças e mais de 3.500 professores de Educação Física, a maioria da rede pública de ensino, participaram de festivais e clínicas de vôlei em vários Estados do Brasil.

4.2.1 A década de 1980 e seus acontecimentos

De volta ao contexto dos anos 1980, perguntamos às onze atletas sobre as pessoas importantes, ao longo de suas trajetórias, para a consolidação de suas carreiras e as respostas, apesar de bem variadas, trouxeram sempre a família, os técnicos, alguns dirigentes e outros jogadores de voleibol. Destacamos dois trechos dos depoimentos das atletas Isabel Salgado e Vera Mossa, que exemplificam bem a emoção dessas respostas:

*“Primeiro **meus pais** porque sendo eles esportistas, sempre, sempre mesmo incentivaram a gente a fazer esporte. Não é nem a questão da competição, mas estar envolvido com o esporte, estar em movimento. É levar para o clube, “vamos nadar, vamos jogar” e sempre tiveram muito presentes... Além disso, tinha o **Saburo**, que era um japonês exigente. Quando o treino começava a encher muito, ele logo inventava um treino de defesa e só ficava realmente quem queria treinar. Aquilo cortava logo metade do grupo. Então, ele foi importante porque me testou. No Guarani, o Pádua que era o coordenador do vôlei e me levou para os Jogos Abertos quando eu tinha 14 anos. Depois o **Ênio**, que eu não tenho palavras para descrever (emoção), eu até me emociono. Ele era uma pessoa muito boa. No dia que ele faleceu foi muito triste, muito triste”*(VERA MOSSA. Grifos meus).

Isabel Salgado, também emocionada, relatou:

*“Olha, o **Ênio Figueiredo** para mim foi muito importante, muito, muito, muito. O time que eu joguei no Flamengo, a **Jacqueline**, a **Vera Mossa** que apesar de não ter jogado no Flamengo foi uma companheira muito importante. As parcerias da quadra, a **Roseli**, com quem eu joguei na praia. O **Braguinha** foi muito importante também em vários momentos. Quando eu fui para o Bradesco. Quando eu fui para a Sadia foi ele que intermediou porque o pessoal de São Paulo tinha uma coisa assim comigo. Ela boa de bola, mas... Ele deu um telefonema e falou. ‘Não, a Isabel quer ficar no Brasil e jogar num time forte’. Foi o Braga. Aquele grupo de meninas do Flamengo, **Virgínia**, **Ana Lúcia**, **Valerinha**, **Viviane**, **minha irmã (Inês)**, **Letícia**, **Regina Vilela** foram a minha inspiração junto com o Ênio. Nós tínhamos uma identidade juntas. O Ênio, esse grupo de jogadoras, o Braguinha, inicialmente são as que eu lembro. A Roseli, na praia. A **Shelda** também foi importante. E toda essa geração. Eu lembro que eu nunca via jogo de masculino, mas teve um jogo do masculino no Maracanãzinho e o povo todo gritando ‘jornada, jornada, jornada’, eu falei ‘que legal, cara, eu faço parte disso’”* (ISABEL SALGADO. Grifos meus).

No total são 39 núcleos de formação do Centro Rexona-Ades, distribuídos pelos estados do Paraná (26), de São Paulo (10) e do Rio de Janeiro (3). No Paraná, os 26 núcleos de formação sócio-esportiva são gerenciados pelo Instituto Compartilhar. Para mais, consultar: <http://www.bemparana.com.br/noticia/20709/rexona-ades-comemora-dez-anos-em-curitiba>.

Vale ressaltar que todas as jogadoras entrevistadas ficaram emocionadas ao lembrar as pessoas que foram importantes ao longo de suas trajetórias para a consolidação de suas carreiras. Todas se referiram a estas pessoas com muito carinho e admiração.

Cabe destacar a importância de Antônio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, como é conhecido ainda hoje, com 86 anos. Esta lenda do esporte nacional não perde uma única partida da seleção brasileira em Copas do Mundo e compareceu a todos os Jogos Olímpicos nos últimos quarenta anos, o que dá uma dimensão da paixão que possui pelo esporte. Considerado o grande mecenas do esporte brasileiro, criou a Atlântica Boavista na década de oitenta, primeiro time totalmente bancado por uma empresa introduzindo o patrocínio corporativo no Brasil (VEJA, 2014)³².

Outro tópico relevante das entrevistas foi quando perguntamos sobre a participação das respectivas famílias ao longo de suas trajetórias. Além da emoção, as atletas disseram que a família foi a base de tudo, sempre esteve muito presente e, além de apoiar, deu muita liberdade para que seguissem seus caminhos, conforme declarou Dora Castanheira:

“Eu vejo que a família realmente é aquela que te ampara e que te segura e te empurra também ‘Vai’. Minha mãe foi muito importante, ela pegou uma doença ficou acamada cinco anos e eu era pressionada, por ser a única filha, a ter que cuidar dela e meu pai e eles falaram ‘não, você vai continuar sua carreira’ e meu pai assumiu esse papel de cuidar da minha mãe. Então foi uma coisa assim... São exemplos de vida muito bacanas e ela falou assim ‘deixa e vai’. Talvez eu não tivesse jogado mais vôlei se eu fosse parar minha profissão pra ficar com ela, mas ela me empurrou ‘vai’. Ela teve um papel fundamental”.

Fernanda Venturini destacou a força e o apoio da mãe para conciliar os estudos e não desistir de fazer o que mais gostava:

“Ah, foi assim, minha mãe falava ‘ah, não pode parar de estudar’. Tanto é que eu fiz o segundo e o terceiro colegial empurrando com a barriga, né? Eu já jogava profissionalmente, mas ela sempre me apoiou. Quando eu chorava no começo pra ir embora e tal eu falava ‘mãe quero ir embora’ e ela dizia ‘volta, pega um ônibus e volta’. Daí, no dia seguinte você acha que eu voltava? Nem queria né?”.

Verificamos nos relatos que a família foi fundamental para que essas atletas conseguissem desenvolver suas carreiras no voleibol e que todas reconhecem o apoio, apesar da problematização em torno dos temas “esporte de alto rendimento no Brasil” e o “estudo”.

³²VEJA RIO on line. Disponível em: <http://vejario.abril.com.br/materia/gente/braguinha-antonio-carlos-de-almeida-braga-mecenas/>. Acesso em: 02/03/2015.

A necessidade de conciliação entre ambos foi uma preocupação da família devido a entrega das atletas ao esporte, acarretando, muitas vezes, a interrupção dos estudos ainda jovens.

Perguntamos também quais os principais fatos da década de 1980 que as atletas consideravam importantes. Alguns fatos se repetiram nos depoimentos, e mostraram-se emblemáticos para a construção da trajetória dessa geração. Começamos com o depoimento de Heloísa Roese, que abriu dizendo: *“Primeiro a entrada do Nuzman pra CBV. Acho que isso foi importantíssimo, a visão dele, como ele era atleta tinha visto isso tudo”*. Essa fala da atleta se coaduna com a pergunta feita por Braguinha para o próprio Nuzman explica a importância do dirigente para o desenvolvimento do voleibol brasileiro:

- O que é preciso para que o Brasil ganhe uma medalha em Los Angeles? – perguntou o empresário Antônio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha, logo após a vitória da seleção para a Polônia, em Moscou 1980.
- É preciso montar um time que pague bons salários e segure os jogadores no Brasil – respondeu Carlos Arthur Nuzman, sem hesitar (VEJA, 2014).

O resultado dessa conversa deu origem à equipe da Atlântica-Boavista, ainda em 1980, e evitou o êxodo de vários atletas de voleibol para a Itália. O mentor da equipe, o Braguinha, contratou, além do técnico Bebeto de Freitas, seis atletas de seleção brasileira e, Marchi Júnior (2001, p. 126). *“independentemente do enorme retorno das aplicações feitas no esporte, o principal interesse da empresa continuava sendo o mesmo desde 1969, qual seja, o de contribuir com o aprimoramento do esporte brasileiro”*. Valporto (2007) complementa:

Na verdade, o presidente da CBV já estava convencido de que era necessário um investimento pesado para profissionalizar o voleibol no Brasil e só as empresas poderiam financiar esse custo, como já acontecia em países europeus e no Japão (p. 56).



FIGURA 20: Esquerda: Carlos Arthur Nuzman. Direita: Antônio Carlos de Almeida Braga, o Braguinha.
FONTE: Rio 2016, site oficial³³; Geneall. net³⁴, respectivamente.

³³ Disponível em: <http://www.rio2016.org/quem-faz/carlos-arthur-nuzman-na-copa-do-mundo-de-voleibol-1977>. Acesso em: 29/03/2015.

Apesar do diálogo entre os dois dirigentes aludir ao voleibol masculino, os reflexos oriundos das ações de Nuzman beneficiaram o voleibol brasileiro como um todo e até hoje o esporte se beneficia delas. Outro aspecto recorrente na fala das atletas e que também se articulam com as ações do dirigente foi o intercâmbio, que até então não existia, conforme relata Dora Castanheira:

“Foi essa abertura pro intercâmbio, que foi fundamental para a evolução do voleibol em tudo, desde os treinamentos, novos conceitos. Então tinha aquela coisa que mulher vai ficar musculosa e chegava e jogava contra a Rússia, contra aqueles países mudando os padrões de beleza. Culturalmente a gente foi modificando, as próprias jogadoras pelo jeito de jogar, de ser, né? Eles falavam ‘ah, vai fazer musculação, vai ficar...’ E a gente tinha resistência à musculação. Quando a gente foi ver os outros países não tinha nada disso e foi mudando. Não foi fácil essa mudança cultural, mas ela aconteceu”.

O intercâmbio fez com que o voleibol brasileiro não fosse mais surpreendido por seleções que desconhecia nas principais competições internacionais, ou seja, propiciou experiência. Outro fato levantado como importante na década de 1980 foi o pioneirismo daquela geração, como revela Jacqueline Silva:

*“... o Nuzman quis imprimir uma marca, uma administração. Como o voleibol era o negócio que ele sabia fazer, teve um desenvolvimento muito grande. Então, foi um esporte que teve um desenvolvimento muito grande naquele período: primeira equipe a participar de uma Olimpíada, primeira equipe a entrar em Cuba, o nível de campeonatos internacionais, o início dos intercâmbios. **Foi a semente de tudo que acontece hoje.** Apesar de antes da gente, o Brasil ter tido outros grandes atletas, foi a partir daquelas conquistas que a gente começou a ver que o voleibol do Brasil estava no caminho certo” (JACQUELINE SILVA. Grifos meus).*

A fala de Jacqueline Silva sintetiza a importância da geração dos anos 1980 para o desenvolvimento do voleibol brasileiro e porque não dizer do esporte brasileiro, a partir dos acontecimentos que protagonizaram nesse período. Por outro lado, Isabel Salgado destaca o aparecimento da escola cubana, baseada na força, se sobrepondo à velocidade da escola asiática:

“Oitenta? Importante? Que eu me lembre assim de cabeça foi como Cuba transformou o voleibol, com força, com explosão, com uma capacidade física que não era vista ainda no voleibol feminino. Para mim, a coisa mais marcante que eu lembro dos anos oitenta foi Cuba. A mudança do voleibol a

³⁴ Disponível em: <http://geneall.net/pt/nome/314311/antonio-carlos-de-almeida-braga/>. Acesso em: 29/03/2015.

partir daí. Antes veio a velocidade dos asiáticos e como eles conseguiram enfrentar isso com um jogo lento e depois outras equipes que começaram a tentar conciliar a velocidade com a força. Mas, a força veio de forma impactante com Cuba. Os anos 1980 no Brasil foi uma grande virada do vôlei, foi um momento que o vôlei se tornou um esporte com muito mais projeção do que tinha. Foi uma mudança enorme. Eu fazia um esporte que só saía em registro de jornal e do dia para a noite começou a ter espaço na imprensa, as pessoas conheciam os jogadores e as jogadoras. O Brasil começou a ter uma expressão numa outra modalidade que não era o futebol. O basquete tinha até certa penetração, mas o vôlei muito pouca. Então foi muito legal porque foi uma grande mudança”. (ISABEL SALGADO).

Essa preponderância da escola cubana sobre a asiática, muito explícita nessa época, nos chama a atenção também sobre a forma como o voleibol passou a ser visto e praticado. Se antes era um esporte delicado, gracioso, sem contato físico e, por essa razão, indicado para as mulheres, passou a incorporar a força e exigiu que seus praticantes a desenvolvessem com treinamentos mais científicos, mais intensos e frequentes, para que os atletas tivessem mais explosão e os golpes de ataque mais potência. Mas, apesar dessa mudança no modo de jogar das equipes, ressignificando o voleibol feminino e sua potência, este não perdeu a beleza e continuou sendo um esporte plasticamente muito admirado.

Os relatos de Heloísa Roese, Dora Castanheira, Jacqueline Silva e Isabel Salgado trazem alguns dos fatos importantes ocorridos nos anos 1980. Contudo, há outras lembranças que merecem destaque, como: a importância da imprensa, que elevou o voleibol a um novo patamar; a plasticidade das jogadoras, que despertou o interesse do público e a criação das musas; o início das transmissões televisivas, os ginásios lotados, o apoio de Luciano do Valle e o jogo da “geração de prata” contra a antiga URSS, no Maracanã lotado debaixo de chuva.



FIGURA 21: Brasil x URSS, em jogo realizado no estádio do Maracanã.
FONTE: O Globo online³⁵.

³⁵ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/estadio-palco-de-grandes-eventos-9590468>. Acesso em: 29/03/2015.

A outra pergunta que fizemos às atletas entrevistadas foi qual de todos esses fatos que foram elencados, elas consideraram relevantes. Por acreditarmos ser de fundamental importância essas reflexões das atletas, daremos voz a todas as jogadoras entrevistadas e esperamos, assim, criar uma linha do tempo que explique a importância dessa geração para o desenvolvimento do voleibol brasileiro.

A atleta Heloísa Roesse destacou que *“o mais importante foi a Olimpíada de Moscou porque acho que foi a primeira vez que o Brasil foi”*. De fato, os Jogos Olímpicos de Moscou, 1980, levaram pela primeira vez a uma Olimpíada, não apenas a seleção brasileira de voleibol feminino, mas a primeira equipe feminina brasileira de esporte coletivo. O jornal O Globo cobriu a participação do Brasil e alguns jogos foram transmitidos, ao vivo, pelo sistema Globo de rádio, conforme podemos verificar na imagem abaixo, que anuncia o jogo de estreia da seleção brasileira contra a Hungria.

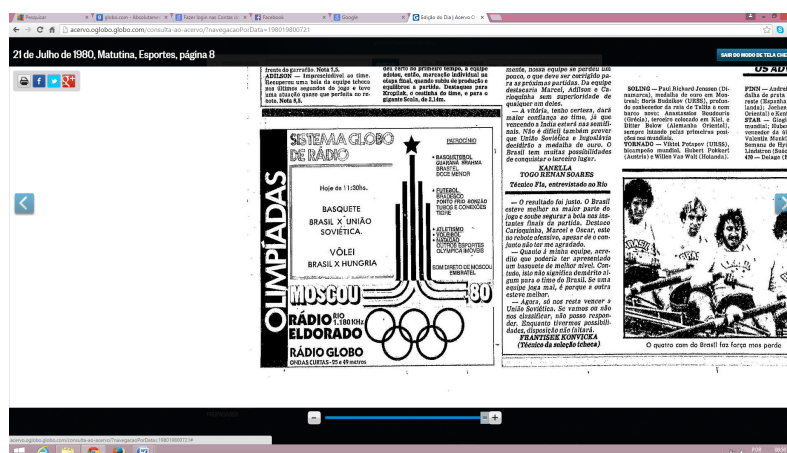


FIGURA 22: Acervo Jornal O Globo de 21/7/1980.
FONTE: Acervo Jornal o Globo (1980)³⁶.

Apesar de ter participado como convidada, a equipe brasileira justificou sua participação apresentando um voleibol jovem e promissor: das doze atletas convocadas, Isabel e mais cinco formaram a equipe juvenil do Mundial de 1977 e outras três ainda não tinham completado vinte anos (VALPORTO, 2007). Vera Mossa tinha apenas quinze anos de idade e descobriu que estava grávida de seu primeiro filho, Edinho, num exame realizado após um jogo, já em Moscou. Além disso, foi a primeira viagem internacional da atleta, conforme podemos verificar no relato abaixo:

“Eu tinha 15 anos e era titular num campeonato em que as idades eram de 19 anos. Nesse campeonato o Ênio estava presente e me viu jogar. Logo

³⁶ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/>. Acesso em: 29/03/2015.

depois o Brasil foi convidado a participar das Olimpíadas de Moscou e o Ênio me convocou para a seleção brasileira adulta. Eu fiquei completamente surpresa... Eu não imaginava. Era um sonho sim ir para a seleção adulta, mas eu não esperava que fosse acontecer tão cedo. Foi a primeira vez que eu andei de avião, que eu fui de teco-teco para o Rio para treinar com a Seleção e a primeira vez que eu andei de avião grande mesmo, de verdade que eu peguei foi quando eu viajei para Moscou. Você imagina a cabeça de uma menina de 15 anos? Eu estava vivendo um sonho, eu estava dentro do sonho. Ai eu já namorava há quase um ano com o meu primeiro marido e acabei descobrindo que estava grávida lá. Era para eu ter ficado menstruada lá e não fiquei, mas eu achava que devia ser por causa da viagem, a primeira vez que eu viajei, enfim. Mas, eu estava grávida mesmo e quando eu voltei foi confirmado. Meu filho nasceu em fevereiro de 1981, o Éder, hoje ele tem 33 anos". (VERA MOSSA).

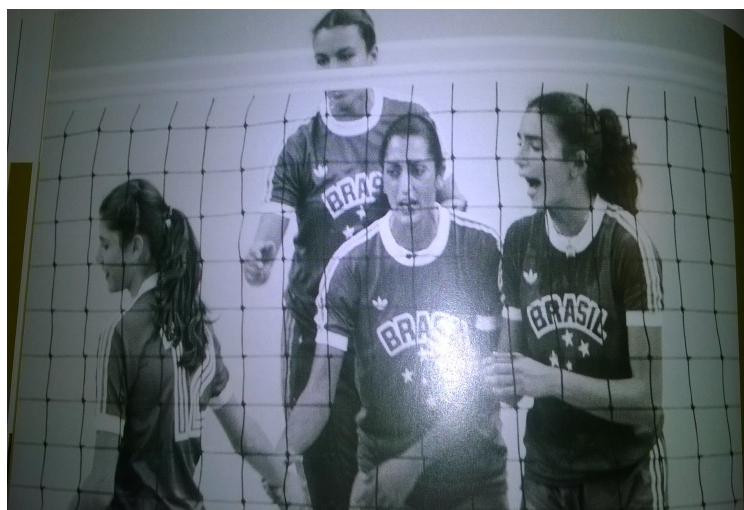


FIGURA 23: Vera Mossa, Ivonete, Denise e Isabel, Moscou 1980.
FONTE: Valporto (1997, p. 70).

A década de 1980 foi aberta com chave de ouro pelos Jogos de Moscou e continuou sendo marcante a cada ano que passou. Para Vera Mossa, o acontecimento mais importante da década, na realidade, foi uma sucessão de acontecimentos: *“Um aconteceu atrelado ao outro. Os três foram igualmente importantes”* (VERA MOSSA). A jogadora se refere ao campeonato sulamericano de 1981, realizado em Santo André, o Mundialito de 1982, realizado no Ibirapuera e o surgimento dos clubes-empresa, em 1983. Vejamos, portanto, como aconteceu cada um desses acontecimentos.

Após ter quebrado a sequência de vitórias do arquirrival, a seleção do Peru, que perdurou a década de 1970, a equipe brasileira estava disposta a reescrever a sua história de forma positiva, aproveitando o embalo trazido pela participação olímpica no ano anterior e o fato do campeonato sulamericano ser realizado no Brasil, em 1981. Com o desfalque de Vera Mossa, grávida, o técnico Ênio Figueiredo *“trouxe de volta jogadoras experientes como Célia e Heloísa Roese para tentar vencer o Peru, aproveitando que o campeonato seria no Brasil”*

(VALPORTO, 2007, p. 73). A repercussão do campeonato teve grande cobertura do jornal O Globo, uma vez que houve transmissão, agora pela TV Globo, conforme destaca Pimentel (2012, p. 161):

A firma de Luciano do Valle, Novo Ciclo, foi convidada a participar do evento. Luciano era ainda locutor esportivo da TV Globo. Teve início uma nova era do voleibol no país, com a entrada da TV na transmissão dos jogos.

Devido à importância dessa competição, as atletas precisaram se dedicar integralmente aos treinamentos e algumas precisaram até abandonar seus empregos. Nesse período, como ainda não havia sido alterada a lei que impedia a propaganda nas camisas dos atletas e também não existiam regras definidas para o marketing esportivo, houve doações em dinheiro por parte das empresas para a CBV, que repassava às atletas, para que pudessem ser compensadas financeiramente pelo tempo dedicado aos longos períodos de treinamento visando à competição (PIMENTEL, 2012).

Todo o esforço da equipe foi coroado com uma vitória por três sets a dois, no ginásio da cidade de Santo André lotado e com direito à capa do jornal O Globo de domingo, circulando em todo país, já que a final aconteceu no sábado, além de pôster central estampado na Revista Placar, conforme imagens abaixo. O vôlei feminino do Brasil quebrava uma escrita de onze anos e entrava na casa das pessoas pela TV, mostrando as mulheres jogando em alto nível.



FIGURA 24: Acervo Jornal O Globo, de 16/8/1981.
FONTE: Acervo Jornal O Globo (1981)³⁷.

³⁷ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/>. Acesso em: 29/03/2015.



FIGURA 25: Brasil campeão sulamericano, 1981.

FONTE: Revista Placar³⁸.

Vejamos também o depoimento de Heloísa Roesse sobre esse jogo:

“A gente jogou muito aquela época, houve comentários assim: ‘pressionaram as jogadoras do Peru’, mas quem tem determinação não é uma torcida que vai fazer isso. Claro que aquilo ali era um alçapão e nós jogamos com dez jogadoras porque o Ênio tinha cortado a Isabel e a Jacqueline. Nós não tínhamos nenhuma levantadora inscrita, era só a Célia. Foi três a dois, o jogo. E a gente jogou muito. Ali começou a sair (na imprensa) porque ganhando o Sulamericano, a gente foi pela primeira vez a uma Copa do Mundo, que foi no Japão”.

Passada a euforia da vitória no campeonato sulamericano, a seleção brasileira se preparava para disputar o Mundialito, em 1982, uma competição criada por Nuzman visando popularizar o esporte no país, conforme comenta Valporto (2007, p. 73): “O torneio reuniu algumas das melhores seleções, com transmissão ao vivo pela TV e forte esquema de marketing, parte da estratégia para divulgar o voleibol feminino”. O evento, que foi citado como o mais importante da década para três jogadoras consolidou o que já havia sido anunciado no ano anterior, em Santo André, conforme destaca Jacqueline Silva (2004), no seu livro Jackie do Brasil:

O Mundialito foi uma coisa **muito marcante** na minha carreira e acho que para toda a seleção. A gente entrou no Ginásio do Ibirapuera, olhamos para aquela arquitetura enorme e entramos na maior deprê, pensando que não teria ninguém para ver; vai ter o pai da Vera Mossa e uns gatos pingados. Nosso público era para um local mais modesto, iríamos jogar para as arquibancadas vazias. Mas aconteceu. O ginásio lotou. Ganhamos o Mundialito e ficamos famosas da noite para o dia. Foi ali que começou o

³⁸ Disponível em: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-631482782-placar-n589-poster-seleco-brasileira-de-vlei-feminino-JM>. Acesso em: 04/04/2015.

tremendo sucesso das “meninas do vôlei” (SILVA, 2004, p. 69. Grifos meus).



FIGURA 26: Brasil vice-campeão do Mundialito de 1982.
FONTE: Jornal A Tarde (1982).

A equipe do Japão venceu o Mundialito, fato este que não tirou o brilho e a importância da competição, que contou com o apoio e a transmissão entusiasmada do locutor Luciano do Valle, que a essa altura já havia trocado a Rede Globo pela Rede Record de televisão. Certo de que o voleibol possuía um enorme potencial de popularidade, o jornalista convenceu a emissora que este esporte deveria ser tratado como prioridade e além das transmissões do Mundialito masculino e feminino, a Rede Record transmitiu também, no mesmo ano, o Campeonato Mundial masculino, direto da Argentina, no qual o Brasil foi vice-campeão (MARCHI JÚNIOR, 2001).

A visão do jornalista, que acreditava no potencial do esporte associada ao firme propósito de Nuzman de popularizar o voleibol, resultou numa parceria bem sucedida, conforme destaca Marchi Júnior (2001, p. 152):

No período inicial dessa simbiose do Voleibol com a televisão, havia a necessidade de um profissional que fosse capaz de manter uma interlocução entre a modalidade, as emissoras de televisão e os patrocinadores. Segundo Carlos Arthur Nuzman, Luciano do Valle preencheu milimetricamente essa lacuna. Nas palavras do narrador esportivo fica claro o grau de importância de sua intervenção: “... na realidade, nós enxergamos o vôlei. Ele vinha crescendo muito tecnicamente, graças ao trabalho da CBV, mas faltava dinheiro para um desenvolvimento maior. Nós provamos que a televisão podia ser essa fonte de recursos e de divulgação para o vôlei”.



FIGURA 27: Luciano do Valle.
FONTE: Blog do Diego (2014)³⁹.

Se a televisão foi o veículo utilizado para que o esporte se tornasse conhecido e popular no Brasil, as transmissões entusiasmadas e apaixonadas de Luciano do Valle foram a engrenagem que fizeram essa estratégia acontecer, tanto que o jornalista passou a ser conhecido e carinhosamente chamado de Luciano do Vôlei. Para Ana Richa, a transmissão do Mundialito foi o acontecimento mais importante da década de 1980, sobretudo porque fez com que as pessoas diferenciassem o voleibol de outros esportes jogados com bola:

“Antes o pessoal falava assim ‘o que você faz?’ e eu respondia: ‘eu jogo vôlei’. ‘Aquele da cesta?’ As pessoas não tinham muita noção do que era vôlei, do que era basquete. Era tudo muito misturado. Sabia que era com bola, mas a coisa não era muito definida. Eu acho que ali foi o grande ‘boom’ do vôlei, a hora que realmente explodiu” (ANA RICHIA).

Como podemos observar, no início da década de oitenta o voleibol era até confundido com outros esportes. A transmissão pela televisão foi fundamental para que o esporte fosse popularizado. Porém, vale ressaltar que nada disso teria sentido se as jogadoras não tivessem qualidade técnica e capacidade de jogar em igualdade de condições com as equipes daquele período:

O Mundialito feminino foi um sucesso estrondoso, com a torcida lotando o Ibirapuera a cada noite. As “meninas do Brasil” – principalmente Vera Mossa, Isabel e as novatas Regina Uchoa e Dulce – faziam sucesso com o público masculino. Comandada por uma Jacqueline inspirada, a seleção brasileira fez uma campanha brilhante que incluiu vitórias sobre as soviéticas, campeãs olímpicas, e as coreanas. Só perdeu a final para o Japão (VALPORTO, 2007, p. 73).

³⁹ Disponível em: <http://www.blogdodiego.net.br/?p=22286>. Acesso em: 04/04/2015.



FIGURA 28: Acervo Jornal O Globo, de 4/9/1982.
 FONTE: Acervo Jornal O Globo (1982)⁴⁰.

Após essa competição, o voleibol feminino ganhou o respeito dos técnicos estrangeiros e evoluiu em nível nacional. Além disso, passou a ser conhecido por boa parte dos brasileiros e as jogadoras ganharam as páginas dos jornais e longas reportagens na TV. Isabel virou capa de revista, sob o título “A Musa do Vôlei”. Além disso, no fim de 1982, a Supergasbrás, no Rio de Janeiro, anunciou a formação de um time feminino; a Pirelli também lançou sua equipe. As empresas começaram a investir também nos times femininos. No ano de 1983, os patrocínios já apareciam nas camisas de, pelo menos, seis equipes (VALPORTO, 2007).



FIGURA 29: Isabel, Sócrates, William e Hortência.
 FONTE: Terceiro Tempo UOL⁴¹.

Quando o ano de 1983 chegou aumentou a tensão entre clubes de voleibol e empresas que desejavam entrar nesse mercado que se desenhava como promissor. Acontecia

⁴⁰ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/>. Acesso em: 29/03/2015.

⁴¹ Disponível em: <http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/fotos/isabel-5456>. Acesso em: 04/04/2015.

de fato, a transição do amadorismo para o profissionalismo, como destaca Jacqueline (JACQUELINE SILVA):

“Toda aquela geração foi muito importante, tanto dos homens quanto das mulheres, até porque ali existia uma transição. Era um esporte amador, todos nós começamos como atletas amadores e no decorrer da nossa vivência, que não era nem carreira, porque não tinha carreira, começou a mudança do amadorismo para o profissionalismo, com a entrada dos clubes-empresa. Então, isso foi um fato muito marcante para a nossa geração”.

Em fevereiro de 1983, a equipe da Supergasbrás foi montada no Rio de Janeiro sob forte pressão dos clubes, que alegavam formar os atletas desde a base para que as empresas os contratassem e os exibissem, sem nenhum compromisso com a formação. Para o presidente da CBV, no entanto, a entrada das empresas no cenário do voleibol era um fato consumado e, dessa forma, lançou mão de algumas estratégias para aplacar a confusão que se instaurava, conforme destaca Marchi Júnior (2001, p. 137):

O processo de inserção e apoio da iniciativa privada, considerado pelo presidente da CBV como o caminho da excelência para o esporte brasileiro, não poderia ser refreado, mas sim ajustado conforme fossem surgindo eventuais distúrbios. Nesse sentido, Nuzman contemporizou a polêmica adotando algumas medidas que visaram possibilitar um menor prejuízo aos clubes. Uma delas foi a determinação de que as equipes classistas teriam que filiar e participar, obrigatoriamente, das competições oficiais de suas federações nas categorias juvenil. (...) Outra medida para o pacífico convívio entre as partes envolvidas na profissionalização do Voleibol foi a filiação de clubes sendo patrocinados pelas empresas. Essa fusão viabilizou a obtenção de capital da iniciativa privada para a manutenção de equipes de alto nível, em treinamento, por exemplo, e a utilização da infra-estrutura física, administrativa e médica dos clubes. Diante da estrutura arquitetada e do iminente sucesso que a parceria esporte-empresa apontava, surgiram combinações que se apresentaram como fundamentais e, por que não dizer, alicerces no processo de ascensão do Voleibol.

Diante dessa nova estrutura, as atletas começaram a ganhar salários para jogar voleibol e o amadorismo cedia espaço para o profissionalismo. O relato de Lenice Peluso fala em maior segurança e apoio:

“Eu acho que a entrada das empresas porque isso deu mais segurança. Porque como é que a gente ia conseguir uma vaga para a próxima olimpíada? Através do apoio destas empresas que te fizeram ter um equilíbrio emocional, uma estabilidade financeira, uma consciência de treinamento diferente para que fosse possível conquistar a vaga. Porém, sem

dinheiro e sem apoio ficava difícil. Uma coisa puxou a outra” (LENICE PELUSO).

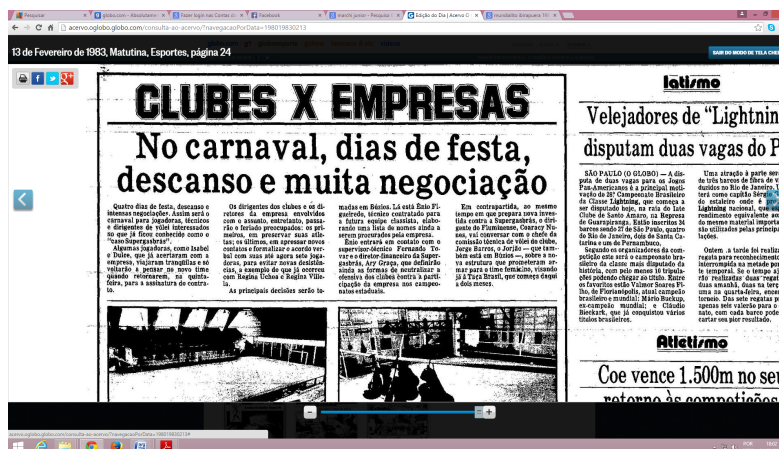


FIGURA 30: Acervo Jornal O Globo, de 10/2/1983.

FONTE: Acervo Jornal O Globo (1983)⁴².

Em dezembro de 1983, a Supergasbrás tornava-se campeã brasileira de vôlei feminino e uma nova cena se desenhava no esporte nacional. Com melhor estrutura de treinamento e as atletas recebendo salários para jogar, o Brasil ensaiava os primeiros passos de um voleibol profissional caminhando rumo a um novo desafio: os Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984. Na opinião de Lica Oliveira, a participação nos Jogos foi o acontecimento mais importante da década:

“Na década de oitenta, o mais importante para mim foi a participação na Olimpíada. Isso como eu coloquei era o sonho de qualquer atleta em qualquer modalidade, disputar os Jogos Olímpicos. A partir do momento que eu entrei ali e me vi em Los Angeles entrando ali naquela Vila Olímpica eu falei ‘gente é isso’. Eu acho que pra mim marcou muito ter conseguido me manter na seleção em 84 e 88 já que eu fui a Seul também. Então foram dois acontecimentos assim muito marcantes na minha vida e não só na minha porque o fato do Brasil estar sendo representado no vôlei feminino numa Olimpíada seja por conta de um boicote, não importa. Nós somos sei lá quantos países, então, separar oito ou dez para uma Olimpíada a pessoa tem que ter essa noção, quando você fica em sexto numa Olimpíada ou num mundial. Se no mundo tem mais de cem países, então isso é uma coisa que tem que se levar em conta, a cultura esportiva tem que perceber a importância que isso tem” (LICA OLIVEIRA).

O Brasil caminhava para a sua segunda participação nos Jogos, novamente contemplado por um convite, em decorrência do boicote do bloco socialista ao evento. Contudo, a estrutura e a ambição da seleção brasileira eram outras, uma vez que já tinha mais

⁴²Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/>. Acesso em: 29/03/2015.

experiência internacional e, de acordo com Valporto (2007, p. 74): “ganhou, desta vez, um tempo maior de treino e preparação”. Mas, será que as condições de treinamento estavam adequadas às realidades das jogadoras? E a parte psicológica? Será que elas estavam sendo preparadas para ganhar? Vejamos o relato de Jacqueline sobre a preparação:

“... em 1984, já botaram na nossa cabeça que aquilo era possível, já teve todo um ‘approach’ diferente. Mas, pecou naquela falta de psicologia que eu te falei. Tivemos até a oportunidade, só faltou a gente acreditar porque foi provado que a gente podia. Ficamos em São José dos Campos um tempão, era tudo meio desnecessário ‘aff’, era tudo muito mais ligado no sofrimento, sacou? Você tem ideia do que é ficar quatro meses em São José dos Campos, num lugar sem atrativos? Acho que não tinha nem piscina, eu acho, não me lembro de nada, cara. O quarto horrível, deprimente, tudo em cimento. Não, nada a falar, sabe? Mas, você está na chuva é para se molhar. Então, você passa o tempo todo querendo fugir de uma situação. Em vez de estar com a cabeça querendo ir para um lugar, você ia para o outro e não fazia sentido. E não tinha uma preparação psicológica e quando chega o momento em que todo o sacrifício era para justificar a vitória, parecia que não tinha objetivo” (JACQUELINE SILVA).

Apesar das queixas de Jacqueline, o técnico Ênio Figueiredo e as meninas estavam confiantes numa boa participação na competição; o sorteio das chaves colocou as brasileiras no grupo das chinesas, norte-americanas e alemãs-ocidentais. Como a seleção da Alemanha havia sido derrotada com facilidade no Campeonato Mundial de 1982 pelo Brasil, todo o foco da equipe foi direcionado para o segundo jogo, contra os EUA, mas o Brasil venceu os dois primeiros sets e perdeu o jogo. Abaixo o relato de Vera Mossa sobre a derrota:

“Aquele jogo que a gente perdeu para os EUA na Olimpíada de Los Angeles, em 1984 foi muito triste, né? Porém, ao mesmo tempo, olhando hoje, é claro, dá exatamente a dimensão do que a gente se propôs a fazer. A gente não tinha estrutura, a gente estava engatinhando na estrutura e a gente chegou quase a tirar os EUA da semifinal dentro da casa delas. Foi por pouco mesmo. Colocamos dois a zero, perdemos o terceiro e o quarto sets e no quinto a gente estava doze a oito, com vantagem. Foi uma frustração, mas eu acho que exatamente por ser tão marcante foi importante. Depois daquele jogo acabamos perdendo para a Alemanha porque a cabeça foi embora. O regulamento também foi ridículo porque você ir para uma Olimpíada para jogar cinco jogos... Depois do jogo um jornalista da Veja veio me entrevistar para fazer uma avaliação para a coluna Ponto de Vista. Eu lembro que eu respondi “a gente não joga com ninguém, não tem intercâmbio”. A partir daí, foi caindo a ficha de que era necessário mudar a estrutura, que era muito precária” (VERA MOSSA).

Os relatos de Vera e Jacqueline ratificam o processo inicial de transição vivido pelo voleibol profissional. Apesar das portas terem sido abertas, ainda faltava conhecer o

terreno e criar uma estrutura. A possibilidade de derrotar as norte-americanas dentro da casa delas e estar a um passo de uma semifinal olímpica pode mexer com a estrutura emocional de qualquer atleta e por essa razão as jogadoras ficaram abaladas com essa derrota, como explica Valporto (2007, p. 75):

Por isso, Isabel chorava e soluçava tanto após a derrota por 3 a 2 para as norte-americanas. As lágrimas brotaram também dos olhos de outras brasileiras. As câmeras de TV seguiam o rosto de traços finos de Vera Mossa, esperando as lágrimas descerem dos olhos marejados. Abatidas, as brasileiras acabaram perdendo também para a Alemanha Ocidental e, em seguida, já na disputa de quinto a oitavo lugar, para a Coreia. A vitória sobre o Canadá na última partida não chegou a ser um consolo; o Brasil repetiu o sétimo lugar de Moscou.

Jacqueline também se lembra da tristeza estampada no rosto das colegas e se diz emocionada quando se lembra daquele momento sintetizando “treinamos cinco meses e não nos preparamos para vencer” (SILVA, 2004, p. 83). Conforme explica Valporto (2007, p. 75):

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles marcaram a despedida daquela geração de musas, responsável pela popularização das equipes femininas de voleibol no Brasil. Isabel e Jacqueline deixaram a seleção no ano seguinte. Insatisfeita com o novo treinador – Ênio foi substituído por Jorge Barros -, Isabel pediu dispensa. Em 1986, teve o terceiro filho e, em 1987, foi jogar na Itália. Jacqueline foi cortada da seleção após vestir a camisa ao avesso, num treino, para esconder os patrocinadores como forma de protesto. Vera Mossa foi a única titular de 1984 a chegar aos Jogos Olímpicos de Seul para ver o nascimento de uma nova geração de talentos femininos.

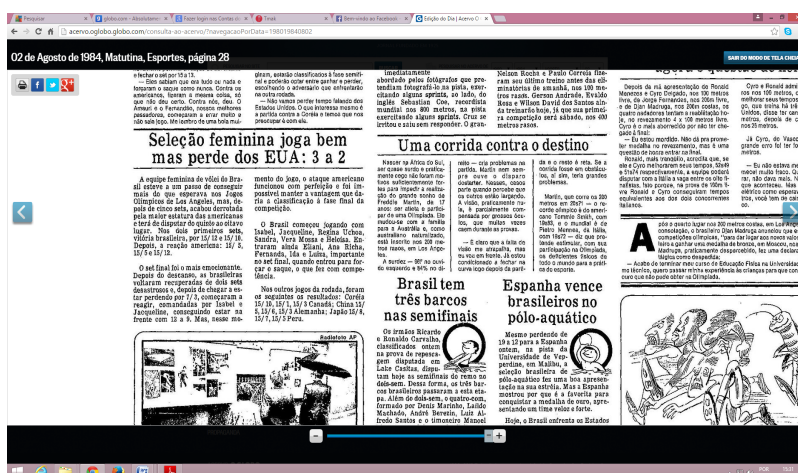


FIGURA 31: Acervo Jornal O Globo, de 2/8/1984. FONTE: Acervo Jornal O Globo (1984)⁴³.

⁴³Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/>. Acesso em: 29/03/2015.

Depois de encerrar a participação nos Jogos na penúltima colocação, as jogadoras retornaram ao Brasil com a cabeça erguida, certas de que tinham desempenhado um bom papel nos Jogos Olímpicos. Afinal os EUA conquistaram a medalha de prata e elas quase ganharam dessa equipe. Por sua vez, a equipe masculina do Brasil, composta por Bernard, Renan, Amauri, William, Xandó, Fernandão, Montanaro, Bernardinho, Badalhoça, Marcus Vinícius, Rui e Domingos Maracanã “havia colocado seus nomes na história do esporte brasileiro, levando o voleibol pela primeira vez ao pódio nos Jogos Olímpicos” (VALPORTO, 2007, p. 67).

A chamada “geração de prata” teve grande responsabilidade “pelo profissionalismo na modalidade e a fixação da imagem do Brasil como potência do Voleibol mundial”, além de contribuir bastante para a primeira virada do voleibol brasileiro, que “além da superação da condição amadora do esporte, registrou peculiaridades da modalidade no que diz respeito a sua autonomia no desenvolvimento de modelos nacionais específicos de treinamento e gerenciamento” (MARCHI JUNIOR, 2011, p. 160). A contribuição da “geração de prata” para o voleibol brasileiro, portanto, foi enorme e todas as jogadoras entrevistadas reconhecem isso. Contudo, o tratamento destinado à modalidade feminina não precisava ser diferente por conta de resultados, pois, a dedicação aos treinamentos era a mesma.

A jogadora Sandra destacou como acontecimento mais importante da década a “virada de camisa” ocorrida em 1985 e protagonizada por Jacqueline, que encabeçou o ato por estar desempregada e não conseguir ajuda de custo enquanto esteve representando o Brasil. No entanto, Sandra explicou que boa parte do grupo de jogadoras já vinha ensaiando um protesto por não considerar justa a distinção que era feita:

“Os clubes te contratam e te pagam durante um ano. Você vai pra seleção e eles continuam pagando, então os clubes tentaram dar uma virada nisso ‘enquanto você estivesse servindo à seleção, a CBV teria que pagar’, só que a CBV nunca fez isso e os clubes continuavam pagando, então a gente servia a seleção, por exemplo, dez meses e dois meses ao clube e o clube pagava o ano inteiro e os clubes sempre foram contra isso, sempre tentaram mudar e nunca conseguiram. Com relação a essa virada de camisa a gente falava ‘pô, a gente chega à seleção, coloca o uniforme do patrocinador, faz tudo pra CBV e não recebe nada?’ Então foi daí que surgiu essa ‘não, vamos fazer um protesto, vamos começar a virar a camisa e aí vai ter uma foto’. Na época era Olympikus e aí juntava todo mundo e na hora que o cara ia bater a foto ninguém olhava, virava a cabeça. Isso já era uma coisa combinada entre a gente ‘na hora que bater ninguém olha’ e aí a CBV foi começando a ficar irritada com isso porque a gente não fazia o que eles queriam” (SANDRA LIMA. Grifos meus).

Diante do exposto, perguntamos à jogadora se esse protesto havia sido feito após a saída de Jacqueline, e Sandra respondeu:

*“Não, foi quando a Jackie ainda estava. A Jackie saiu exatamente por causa disso porque na realidade foi ela quem encabeçou o negócio, só que no vôlei é uma coisa que acontece, até hoje. Outro dia teve o encontro nacional do vôlei e foi muito legal, estavam as mais antigas porque das mais novas ninguém foi só a Fernanda que apareceu então só a gente continua né? Eu acho que tinha que ser mais unida. Mas naquela época quando a Jackie propôs a virada só metade concordou e eu acho assim ‘vamos fechar, vamos fechar’ e naquela época umas fecharam com a Jackie e outras não fecharam com a Jackie, você tá entendendo? Então tinha sempre essa desunião e por isso que ela terminou, acabou sendo desligada porque foi ela quem encabeçou o negócio. **Felizmente, ela encabeçou uma coisa que deu certo porque foi a partir dali que começou a ter uma valorização. Pouca, mas teve**” (SANDRA LIMA. Grifos meus).*

O relato de Sandra deixa clara a insatisfação que existia com relação à diferença de tratamento pela CBV entre a equipe masculina e feminina de voleibol brasileira. Por qual razão, já que o patrocinador era o mesmo para as duas equipes? Qual seria a razão para que apenas a equipe masculina recebesse ajuda de custo por estampar o patrocínio no uniforme? Vejamos o que diz Jacqueline sobre isso:

*“Então, algumas coisas precisaram ser conquistadas na batalha mesmo. E nesse percurso, o meu papel, ainda que eu não tivesse feito nada com aquela intenção, foi muito marcante. Dentro da parte interna do voleibol feminino havia um questionamento muito grande de como aquilo funcionava, já que parecia que tinha um lado sendo mais beneficiado do que o outro. E como isso não chegava na gente existia sempre essa questão. **E talvez eu tenha sido a pessoa que tenha questionado mais ‘se tinha para um lado por que não existia para o outro?’.** **Que tipo de posicionamento a gente estava tomando? Isso causou muita confusão, houve um desgaste muito grande da minha pessoa, até porque naquela época existia um comando muito austero.** Mas, eu sei que desse episódio para o futuro, para os que vieram depois disso as portas estavam super abertas. Eu estou falando isso porque outro dia eu escutei uma entrevista de pessoas que vieram depois dizendo que pô, aquilo ali foi... (JACQUELINE SILVA. Grifos meus).*

Em ambos os discursos percebemos que a “virada de camisa” repercutiu muito para o desenvolvimento do voleibol e, principalmente, para romper com a desigualdade de tratamento entre as duas equipes. Contudo, este estudo procurou saber da atleta-símbolo desse ato, se ela tinha consciência da sua importância nesse processo. Vejamos o que ela respondeu:

“Eu tenho consciência, mas eu não usufruí dela, entendeu? A consciência eu tenho. Mas, na época da confusão mesmo você vai entrando, vai entrando, vai entrando e depois não tem mais volta, entendeu? Então, eu fui questionando, questionando, questionando e a direção era bem rígida e então era assim: ‘corta, elimina, e todo mundo vai ficando como está e ela vai ser eliminada. Todo mundo acha que eu não vejo. É lógico que eu vejo. É que graças a Deus eu consegui ver uma coisa melhor, porque a minha situação ficou muito ruim, entendeu? Muito ruim mesmo. É porque eu consegui fazer do limão a limonada. Talvez se não tivesse acontecido aquilo, eu não tivesse chegado aos Estados Unidos e não tivesse me transformado na campeã olímpica. Por isso hoje para mim é mole falar: ‘eu fui seguir a vida e graças a Deus as coisas deram certo’. Mas, da maneira que aconteceu era para ter acabado mesmo” (JACQUELINE SILVA).

O relato da atleta deixa claro que as consequências sofridas por ter virado a “camisa pelo avesso” foram muito sérias e irreversíveis, uma vez que ela foi expulsa da seleção brasileira “indoor” para nunca mais voltar. Felizmente, conforme ela mesma disse conseguiu “fazer do limão, a limonada” e “nesse exílio involuntário que me levou aos Estados Unidos, ajudei a difundir o vôlei de praia e dividi meu tempo entre a Califórnia e a Itália, onde ainda jogava vôlei de quadra. E muito bem paga, por sinal” (SILVA, 2004, p. 95). Dez anos depois disputou os Jogos de Atlanta, 1996, e foi a primeira mulher brasileira, ao lado de Sandra Pires, a conquistar uma medalha de ouro olímpica, no vôlei de praia.



FIGURA 32: Jacqueline campeã olímpica em Atlanta, 1996.
FONTE: Medalha Brasil⁴⁴.

Com o passar dos anos, o voleibol foi fortalecendo o campeonato nacional e as empresas continuaram investindo e expandindo seus lucros, uma vez que os jogos eram

⁴⁴ Disponível em: <http://www.medalhabrasil.com.br/volei-de-praia/idolos-nacionais/>. Acesso em: 04/04/2015.

televisionados e os ginásios continuavam lotados. Enquanto isso, o comando da seleção brasileira feminina adulta estava nas mãos de Jorjão de Barros, um profissional explosivo que fazia cobranças aos gritos. Marco Aurélio Motta, mais contido nos gestos e nas palavras estava à frente da seleção feminina juvenil. Apesar das diferentes personalidades, os dois eram igualmente rígidos nos treinos, com os fundamentos, com os horários e com a disciplina. “Esta rigidez chegou a afastar algumas jogadoras responsáveis pela popularidade do esporte, mas começava a mostrar resultados” (VALPORTO, 2007, p. 90). Abaixo o relato de Valporto (2007) sobre a conquista do I Campeonato Mundial Juvenil Feminino, em 1987:

Atletas de voleibol do Brasil. Com a medalha de ouro no peito, pela primeira vez, em uma competição internacional contra as melhores equipes do planeta. (...) A seleção acabara de conquistar o Campeonato Mundial Feminino Juvenil – pela primeira vez, o Brasil ocupava aquele lugar no alto do pódio em um evento internacional dessa grandeza (p. 90).

Para Fernanda Venturini, esse foi o acontecimento mais importante da década:

“Foi em oitenta e sete, né? Eu acho que ali eu já era atacante, primeiro mundial eu joguei de atacante. O segundo que eu joguei levantando. Então, assim, também foi uma transição já lá no mundial em Seul. Ele já me colocava, eu já treinava um pouquinho. Eu gostava né? Eu até já fui desde novinha, eu lembro que na época da Cava do Bosque eu falava pro Roger, meu técnico, que quando ele quisesse, se eu podia levantar. Às vezes faltava uma levantadora eu já gostava desde aquela época. Eu já tinha habilidade”.

Nessa conquista, a conhecida levantadora Fernanda Venturini defendeu as cores do Brasil como atacante e, ao lado de Márcia Fu e Ana Moser foi convocada para disputar os Jogos Olímpicos de Seul, que aconteceu no ano seguinte, 1988. Antes, porém, as atletas da seleção brasileira precisaram conquistar a vaga, uma vez que não houve mais boicote e apenas as melhores seleções do mundo poderiam participar da competição. O desejo de mostrar competência, capacidade e o orgulho de conquistar essa vaga olímpica por mérito foi assim descrita por Dora Castanheira:

“Em 1988, em Seul, o gosto foi diferente porque em Seul foi a primeira vez que o Brasil conquistou o seu direito, que foi um pré-olímpico disputado na Itália e foi uma emoção muito grande, nós ganhamos o direito de participar e isso pra gente foi inesquecível, uma honra. Eu tenho orgulho porque a gente conquistou isso, a gente não ganhou, a gente conquistou o direito, então a emoção foi bem diferente”.

Apesar de ter terminado a competição na sexta colocação, mesclando jogadoras experientes como Vera Mossa, Sandra, Lica e Ana Lúcia Barros com as novatas da seleção juvenil, a posição do Brasil não refletiu a qualidade técnica e tática da seleção, porém, o voleibol feminino do Brasil estava em franco desenvolvimento. A confederação continuava preocupada com a base do esporte, e a conquista de títulos na categoria adulta era uma questão de tempo. No ano seguinte, 1989, a seleção brasileira feminina de voleibol juvenil sagrava-se bicampeã mundial:

Em 1989, com um novo treinador, o mineiro Wadson Lima, a seleção feminina do Brasil sagrou-se bicampeã juvenil. De Minas, o treinador trouxera duas jogadoras para reforçar o bloqueio brasileiro na competição: Ana Flavia Sanglard, 19 anos, 1,87m, e Ana Paula Rodrigues, 1,83m, 17 anos, somavam-se a Márcia Fu, ainda juvenil, para montar uma barreira muito difícil de transpor. Mas o maior destaque da seleção foi sua nova levantadora: do alto de seus 1,80m de altura, Fernanda Venturini trocara de posição e comandou as brasileiras ao título (VALPORTO, 2007, p. 91-92).

Depois de ter participado como atacante na conquista do primeiro mundial, em 1987, e nos Jogos de Seul, em 1988, Fernanda Venturini sagrou-se bicampeã mundial da categoria, como levantadora, no ano de 1989. Por isso exalta a importância dessas conquistas:

“Eu acho que ter disputado uma Olimpíada com menos de vinte anos foi um fato marcante. Eu acho que ter jogado os dois mundiais e ganhado também foi importante. O Inaldo ter peitado todo mundo e ter me colocado levantando e a gente ganhou todos os campeonatos. Então todos esses fatos foram importantes” (FERNANDA VENTURINI).

A década de 1980, portanto, encerrou-se com essa conquista retumbante da seleção feminina brasileira juvenil. Essas jogadoras começaram a jogar no início dos anos 1980 inspiradas por Isabel, Jacqueline, Vera Mossa e tantas outras que alavancaram a popularidade do esporte e tiveram a oportunidade de trocar experiências entre elas, promovendo um resultado grandioso para o voleibol brasileiro. Através da construção dessa trajetória inspirada pela questão que procurava descobrir qual o acontecimento mais importante da década, para cada atleta entrevistada revisitamos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980, o sulamericano de Santo André/SP, 1981, o Mundialito/SP, 1982, a entrada dos clubes-empresa, 1983, Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984, a “virada de camisa”, 1985, o I Campeonato Mundial Juvenil/Coreia, 1987, Jogos Olímpicos de Seul, 1988 e o bicampeonato mundial juvenil/Peru, 1989. Estas memórias das atletas articuladas aos fatos narrados por outros meios de comunicação e pesquisadores nos possibilitam reconstruir a trajetória do

voleibol feminino da década de oitenta, o processo de permanência dessas mulheres no esporte, a sua importância para a visibilidade e o início da popularização do esporte feminino no Brasil, bem como sua profissionalização.

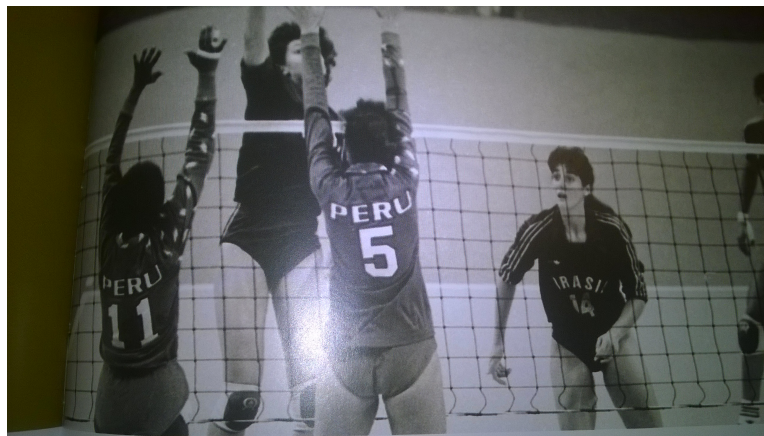


FIGURA 33: Brasil em ação nos Jogos de Seul, 1988.
FONTE: Valporto (1997, p. 75).

4.2.2 A década de 1980, seus acontecimentos e a repercussão para as atletas

Estimulado por saber mais informações sobre os acontecimentos marcantes que permearam aquela época, perguntamos qual episódio marcou a carreira das jogadoras. Invariavelmente, todas as entrevistadas responderam algo relacionado aos Jogos Olímpicos: o fato de ter sido cortada ou convocada pela primeira vez ou ter perdido uma partida importante dentro do torneio.

Heloísa Roese destacou o fato de ter sido cortada dos Jogos Olímpicos de Moscou, 1980, por Ênio Figueiredo, o então técnico da seleção brasileira:

“A coisa de eu não ir pra Olimpíada, em 1980 foi uma coisa muito ruim pra mim, traumatizante. Não entendi o porquê, não tinha porque e depois de anos na Itália, ele foi meu técnico lá também, ele veio falar comigo para pedir desculpas por ele não ter me levado à Olimpíada e que ele tinha me cortado mesmo porque eu tinha saído do Flamengo. Isso foi uma coisa muito ruim para mim” (HELOÍSA ROESE).

Já Isabel elencou uma série de fatores marcantes vividos na década de 1980:

“Os cortes, perder para os EUA, em 1984 depois de estar ganhando um jogo que era praticamente impossível de ganhar e a gente perder depois de estar ganhando por dois a zero. Tudo foi marcante. Pô, nós tivemos uma carreira super intensa. ‘O que foi mais marcante?’ Para mim, tudo, tudo foi marcante para mim, até os meus jogos contra o Fluminense, meus jogos

pelo Flamengo, pela Supergasbrás, pelo Bradesco. Eu gostava de jogar, então o que foi mais importante foi fazer o que eu mais gostava de fazer, que era jogar. Jogar a Olimpíada, mesmo com essa derrota que foi tão marcante para a minha geração. Foi muito emocionante, a gente viveu”(ISABEL SALGADO).

Já as afirmações de Ana Richa e Dora Castanheira, que exaltaram a participação nos dois Jogos Olímpicos que disputaram, ratificam que essa competição foi a mais marcante para as atletas entrevistadas naquela década: “*Eu destacaria a Olimpíada*” (ANA RICHA) e “*Ah, pra mim é o fato de ter ido aos Jogos Olímpicos*” (DORA CASTANHEIRA).

Sobre as dificuldades que as jogadoras entrevistadas enfrentaram no esporte na década de 1980, a grande maioria apontou a precariedade da estrutura para praticar o esporte no Brasil, como explica Heloísa:

“Ah, nós tínhamos todas as dificuldades. Seria como alguns esportes hoje em dia. A gente não tinha dinheiro, então tinha que trabalhar para se sustentar. Nunca ganhei um tostão para jogar pela seleção brasileira, não ganhava nada. Você não tinha material. Pra você conseguir um tênis, pra você conseguir um “Tiger” você era o máximo. Não tinha joelheira, as roupas de treino e o material de treinamento eram horríveis; a gente não tinha nada. Depois que começou aparecer um massagista, um fisioterapeuta, um médico. Não tinha nada disso” (HELOÍSA ROESE).

Ana Richa reforça essa opinião:

“Bom, a gente lá dentro não sente muito, mas hoje, de fora, dando uma olhada, a gente percebe que tinha o mínimo de estrutura, assim, o mínimo do mínimo. Não tinha, às vezes, a quadra ideal, não tinha local pra treinar, não tinha material pra treinar, dinheiro para viajar. Era assim raríssimo a gente fazer uma viagem internacional, a gente fazia uma por ano, ai era difícil você fazer amistosos, se preparar, treinamento, academia, aparelhagem não era a melhor. A gente treinou para a Olimpíada em quadra de madeira, então, assim, eram umas coisas que hoje em dia são impensáveis. Eu hoje vejo as meninas hoje reclamarem que estão indo de classe executiva” (ANA RICHA).

Contudo Isabel destacou a dificuldade de manifestação das ideias, da contestação, tendo em vista o modelo político da época:

“Faz tanto tempo... O esporte tinha um resqúcio muito grande do governo militar. Você não podia ter opinião, você não podia contestar você não podia dizer que não gostava. Isso era difícil, complicado. Você ver uma coisa rolando que não é justa e você tentar argumentar e aquilo ser considerado um absurdo, ainda mais para uma garota nascida numa atmosfera familiar onde se argumentava se discutia. E isso tudo associado à

juventude é mais intenso ainda. Era chato esse lado do esporte, era desagradável você toda hora ser considerada indisciplinada porque você contestou, porque você reagiu. Hoje olhando para trás, eu vejo que foi importante, mas, na época, eu queria mais é que olhassem para o meu jogo” (ISABEL SALGADO. Grifos meus).

O relato de Isabel aponta para a relação delicada que ainda existia entre política e esporte no período pós-ditadura e pode ser mais bem compreendida através da explanação de (OLIVEIRA, 2012, p. 157-158):

Mas essa forma de afirmação da auto-estima de uma nação corria paralela à outra, aquela que procurava (e ainda procura) capturar a “sensibilidade das massas” em um esforço de afirmação política que lançava mão da cultura - e da sua propaganda – como veículo para a produção de uma identidade comum. Mobilizava-se, assim, a música, o teatro, o cinema e o esporte como elementos fundamentais na afirmação de uma ou de outra expressão do que seria “verdadeiramente” brasileiro. Se os poderosos de antanho mobilizavam os jornais, a TV, o rádio e os espetáculos esportivos para afirmar o espírito nacional desejado pela ditadura, não é menos verdade que os Teatros Arena e Oficina, que os CPCs da UNE, que as CEBs, que os festivais da canção, que iniciativas como as de Ênio Silveira e sua Civilização Brasileira, todas iniciativas particulares de afirmação da cultura, também ocupavam intensamente a cena política propondo alternativas ao modelo civil-militar imposto pela ditadura, ainda que também o fizessem em nome da afirmação do que era nacional.

Verificamos que as dificuldades enfrentadas nessa época dentro do esporte eram muito grandes, uma vez que, além de terem pouca estrutura para praticar o voleibol, as atletas não podiam reclamar, a gestão era autoritária. Além disso, a diferença de tratamento entre a equipe feminina e masculina reforçava esse rol de dificuldades, conforme destaca Sandra:

*“A dificuldade era total. Claro que a gente começou a ter os incentivos dos clubes, das empresas que foi aonde tudo começou a melhorar, **mas a gente tinha muita dificuldade até mesmo com a própria CBV porque tudo era masculino**. O feminino era o que sobrava e isso era uma coisa que a gente reclamava muito. Tudo bem que o masculino conseguia resultados expressivos, tudo isso, mas a gente treinava, a gente procurava melhorar, a gente corria atrás da mesma maneira que eles só que lá do outro lado tinha uma Cuba, tinha um Peru que todo mundo sabe como era, tinha China, Estados Unidos. Naquela época essas seleções eram fortíssimas. Então a gente sempre lutou, mas treinava igual a eles. Então era essa dificuldade que a gente sempre teve. Não estou dizendo nas empresas, nos clubes porque eles começaram a investir na gente, mas com relação à CBV. O feminino sempre esteve atrás e era uma coisa que a gente sempre tentava buscar, uma igualdade com o masculino”*(SANDRA LIMA. Grifos meus).

Ainda que a partir do início do século XX, com a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos, as mulheres tenham conseguido ganhar espaço num território tido como essencialmente masculino (GOELLNER, 2005b), os resquícios dessas diferenças de gênero no esporte podem ser claramente identificadas na década de oitenta, onde as mulheres recebiam tratamento diferente, salários diferentes e apoio diferente, aumentando sobremaneira suas dificuldades para praticar o esporte.

A próxima pergunta feita para as atletas visava descobrir o que o voleibol havia trazido de positivo para as suas vidas. Todas as atletas atribuíram coisas boas advindas do esporte que foram subjetivadas em suas existências. Lica destaca *“muita coisa de positiva, como eu falei. Principalmente na minha formação, no meu caráter, como pessoa. Essa coisa de enfrentar a vida eu acho que isso foi o mais importante”* (LICA OLIVEIRA). Já Dora aponta *“o desenvolvimento pessoal muito grande. O emocional, o desenvolvimento integral como ser humano e abriu as portas”* (DORA CASTANHEIRA). Jacqueline disse que *“a base. Eu vejo o voleibol como uma coisa muito sólida, concreta e que me posiciona até hoje”* (JACQUELINE SILVA). Para Fernanda, o voleibol trouxe o casamento e uma vida confortável, mas deixa claro que foi uma época que passou:

“Ah, trouxe meu casamento, né? O futuro, eu conheci meu marido no vôlei, minhas duas filhas, uma vida confortável. A gente tem muito mais do que a gente imaginava ter. Então, a gente não pode reclamar. Hoje eu tenho mil coisas já. Então, o vôlei foi muito bom, mas ficou. Não é uma coisa que eu quero continuar estar dentro dele não, menor vontade” (FERNANDA VENTURINI).

Isabel destaca que ao jogar voleibol profissionalmente, ela teve a possibilidade de realizar algo que gostava e finaliza dizendo que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida a capacidade de se emocionar:

“Ah, o voleibol trouxe muita coisa positiva para a minha vida. Primeiro, eu pude me dedicar a uma coisa que me dava muito prazer e isso eu acho que é um privilégio quando existem tantas pessoas que trabalham em coisas que elas não gostam. Então, eu tive o privilégio de fazer o que eu gostava. Depois eu consegui jogar e ao mesmo tempo ter os meus filhos e construir a minha vida. Mas, o que o voleibol me deu de mais importante foi me emocionar, porque jogar é uma relação muito intensa. Pelo menos para mim era. Então, era muito legal e bacana viver tão jovem sensações muito intensas e fortes como medo, como alegria, como tristeza, como a questão de fazer parte de uma equipe onde você é importante, tem um peso. Você depende dos outros, os outros dependem de você” (ISABEL SALGADO).

Elenice afirmou emocionada que deve a vida ao voleibol, uma vez que superou um câncer, em 2006, e afirma que isso só foi possível devido à garra de viver que o esporte lhe ensinou:

“Eu acho que tudo, eu acho que o voleibol me ensinou essa garra que eu tenho de vida. Aí vou ter que fazer um parêntese enorme: eu não sei se você sabe, eu tive um câncer diagnosticado em 2006; eu fui atleta a vida inteira, joguei até 2002, eu não fumo, eu não bebo, eu durmo horas de sono suficientes, a minha alimentação é, eu não vou dizer que sou modelo, porque eu amo chocolate e sou gulosa de doce, como bolo, como doce, mas é pautada em legumes e frutas. Minha filha também acompanha essa linha e eu tive um câncer. (...) Então eu vejo que o voleibol me deu garra de viver, tudo, culturalmente, fisicamente, emocionalmente, amavelmente, tudo, tudo, tudo, tudo, porque na hora que eu tive o maior tropeço da minha vida eu tirei de letra: fiz quimioterapia, não me derrubou, mandaram eu fazer acupuntura, eu tava lá fazendo pra estimular pâncreas, fígado e rim e tirei de letra, dava aula carequinha de toquinha. O voleibol me deu e me dá a vida” (LENICE PELUSO).

Em seguida perguntamos para as entrevistadas o que significava para elas ser jogadora de seleção brasileira e a maioria respondeu com palavras marcantes, como: orgulho, máximo, honra, fantástico, tudo e privilégio. Apenas três responderam que foi natural e consequência de um trabalho bem realizado. Vejamos o que disse Vera Mossa: *“Era um orgulho, uma honra. Sempre foi um sonho, aquela coisa de criança mesmo. Parece até clichê, mas é isso mesmo ‘quero vestir a camisa da seleção brasileira, quero ver a bandeira, quero ouvir o hino’ (risos). É bem isso”*. Já Heloísa revelou:

“Ah! Significava tudo [ênfase]. Porque são doze só, são apenas doze jogadoras que vão nesse monte de gente que tem. Era tudo, porque estar representando o Brasil e poder conhecer outros lugares, outros países, poder conhecer outras pessoas, outras culturas. Isso aí era o máximo” (HELOÍSA ROESE).

Para Blenda, que integrou a seleção brasileira desde muito nova, este fato ocorreu de forma natural:

“É uma coisa que na minha vida foi tão natural que acho que era consequência de fazer o melhor que podia fazer. Porque eu fiz parte da categoria infantil, juvenil e adulta. Então, acho que isso foi uma consequência; eu não me senti melhor ou diferente de todo mundo” (BLENDA BARTELS).

E Dora revela que, apesar de sentir muito orgulho de vestir a camisa da seleção brasileira, a convocação era resultado de muito trabalho:

“Olha, nunca joguei pensando em ser atleta de seleção brasileira e eu falo isso pra todo mundo que tá iniciando “não vai com esse espírito, vá fazer o seu melhor sempre”. Tive isso muito certo, quero fazer o meu melhor porque eu gosto, eu quero desenvolver, eu quero me aprimorar a cada dia, quero aprender uma coisa nova e isso foi uma característica minha. Então, ser atleta da seleção brasileira é uma consequência desse trabalho e o orgulho pra mim pesava muito. Quando vestia a camisa do Brasil e ouvia o hino era uma emoção muito grande e aí ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande porque tinha que dar uma resposta pro país. Eu tava representando uma nação, então eu sempre assumi muito isso e acho que a postura, a conduta tem que ser também equivalente e isso pra mim foi muito forte” (DORA CASTANHEIRA).

Logo em seguida a essa pergunta questionamos às jogadoras o que elas almejavam conquistar dentro da seleção brasileira. Das onze entrevistadas, quatro afirmaram que almejavam participar dos Jogos Olímpicos, como afirma Heloísa: *“Chegar a uma Olimpíada. E eu cheguei” (HELOÍSA ROESE)*. E duas almejavam ganhar sempre, como expõe Ana Richa:

“Ah, sempre ganhar, né? ((risos)). Eu sempre fui muito certinha, muito ‘Caxias’. Eu gostava de treinar. Eu não tinha essa história de mais ou menos. Será que dá pra fazer? Não, eu sempre fui muito obediente e até gostava daquela rotina. Gostava de treino, gostava de entender o que eu estava fazendo e eu acho que era isso que eu almejava, de fazer bem aquilo que eu tinha me proposto. Eu me entregava mesmo”.

Isabel também almejava ganhar, mas, da mesma forma valorizava o que vinha a reboque da prática esportiva:

“Ganhar. O esporte é uma coisa muito legal porque ele não tem essa coisa tão racional. Se você pensar porque um monte de adulto fica correndo atrás de uma bola, ver quem bate mais forte. O que eu almejava? Eu gostava de jogar, gostava de treinar, gostava de melhorar, gostava de bater forte na bola, gostava de ter medo, de ter emoção. Era engraçado viver num mundo tão... Eu estudava em colégio de freira onde era tudo certinho. De repente, eu estava saindo de casa, viajando. Tinha também tudo que vinha junto com o voleibol, apesar de ter um lado muito chato, de repressão, tinha um lado que era ganhar o mundo. Qual menina com dezesseis anos que está morando fora de casa? Isso para mim era muito legal, eu achava que eu era muito independente. Foi legal” (ISABEL SALGADO).

Para dar prosseguimento à compreensão da permanência dessas jogadoras no âmbito esportivo perguntamos para as entrevistadas o que representou para elas participar dos Jogos Olímpicos e apesar de cada uma responder de uma maneira diferente, a síntese que chegamos é a realização, um momento indescritível, o ápice que o atleta pode atingir. É a competição de maior “glamour” e Vera Mossa considera que:

“É isso, missão cumprida. Consegui atingir meu objetivo como atleta “estou entre os melhores”. Na realidade, a cultura brasileira considera os melhores aqueles que estão no pódio e na realidade o fato de estar numa Olimpíada já é uma gratificação muito grande”.

Já Isabel afirma que não tinha dimensão do que era estar numa Olimpíada e disse, inclusive, que achava toda aquela formalidade um pouco chato:

“Eu não tinha essa consciência que o pessoal tem hoje não. Talvez porque eu não tenha vindo de uma família de esportistas. Eu não tinha essa coisa do desfile. Eu achava chato essas coisas, tipo “eu estou numa olimpíada”. Eu não tinha dimensão disso. Eu tinha dimensão quando eu estava jogando. Mas eu não tinha dimensão como hoje. Hoje uma menina vai jogar uma Olimpíada, nossa, meses antes tem gente falando. Mesmo que ela não ache, ela vai passar a achar porque é tanta falação. Não sei, era diferente na época. Eu achava muito legal pensar “nossa aqui estão os melhores do mundo”. Eu olhava e via pessoas incríveis. Não tinha essa paranoia, apesar de ter muita paranoia porque eu joguei Moscou e Los Angeles. Mas, eu não tinha essa dimensão, não tinha mesmo. Nem em uma, nem em outra”(ISABEL SALGADO).

Lica, por sua vez, considera o ápice ter participado dos Jogos Olímpicos:

“Aí eu acho que foi o ápice. Eu consegui jogar duas. A Fofão jogou quatro ou cinco e isso é fantástico porque é muito difícil você se manter por tanto tempo. Mas, participar das Olimpíadas foi é o máximo, porque na hora, no momento que você está ali, você vê aquilo como uma consequência de você treinando bem, jogando bem, você vai ser convocada, o seu time vai jogando bem você vai classificar e você vai e essa ficha cai de repente. Hoje a ficha cai com mais peso até, quando eu vejo a gente ali naquele estádio eu falo ‘gente, eu estava ali. Eu era uma daquelas ali e o povo estava ali para me ver. Eu era uma das pessoas que o pessoal estava indo pra assistir, entendeu?’ Isso é muito”(LICA OLIVEIRA).

Diante de tantas dificuldades enfrentadas pelas atletas e já relatadas pelas entrevistadas perguntamos como foi para elas conciliar as demandas do voleibol com a vida pessoal. A maioria das jogadoras afirmou que foi muito difícil essa conciliação: “Era duro porque eu treinava demais, treinava de manhã e à tarde o que dava uma média de seis a sete

horas por dia de treinamento. Eu consegui terminar meu ensino médio, agora a faculdade foi toda quebradinha” (LICA OLIVEIRA). Já Dora afirma que foi “uma luta, mas eu não deixava o voleibol, ia abrindo mão da minha vida social” (DORA CASTANHEIRA) e Blenda destacou que “chegou um momento em que você larga tudo, abre mão de tudo pra jogar o vôlei. Eu estudava, trabalhava e abri mão de tudo para jogar o vôlei. Larguei tudo para poder jogar vôlei” (BLENDA BARTELS). No entanto, Fernanda disse que essa conciliação foi fácil:

“Ah, na época não tinha filho. Eu comecei a namorar o Bernardo na década de noventa e nunca tive problema; não tinha nada que me prendesse. Podia ficar aqui, podia ir pra lá, já tinha meu dinheiro, fazia o que eu queria. Minha mãe nunca me podou, então, assim, eu tinha a vida que eu quis, viajava pra cá viajava pra lá. Então fui muito independente” (FERNANDA VENTURINI).

E Jacqueline disse que independente de qualquer coisa, o voleibol era prioridade e fez uma comparação daquela época com as facilidades dos dias atuais:

“Ah, se eu tivesse que fazer voleibol, eu fazia voleibol. Era prioridade. Se eu tivesse que ir para a Itália, eu ia para a Itália. Se tivesse que morar nos Estados Unidos, eu morava. Era muito forte, era a minha essência. Se eu não fizesse é que não ia ser legal. Hoje, a Jaqueline, que tá sem jogar (Jaqueline Endres) recusou seiscentos mil dólares para jogar seis meses no Japão. Aí eu fiquei pensando ‘a Isabel foi para o Japão com papagaio, cachorro, empregada, dois filhos e babá’. Mas, a babá não era pros filhos não, era para a Isabel (risos). Imagina só a situação de hoje, que elas só viajam de primeira classe. Ninguém sabe de nada...”(JACQUELINE SILVA).

Na intenção de saber um pouco mais sobre a beleza e a representação de feminilidade que essas atletas exalavam perguntamos como as entrevistadas percebiam o olhar do outro sobre seus corpos atléticos. A grande maioria das atletas respondeu que não se preocupava ou não percebia nada relacionado a isso, apesar de saberem que o esporte que praticavam estava associado ao belo. Heloísa se mostrou surpresa com a pergunta:

“Cara, eu pesava 63 quilos e a gente malhava muito. Apesar de eu ter feito musculação tarde, malhei muito. Nunca tive assim esse olhar do corpo, nunca me chamou a atenção isso. Eu não percebia. Nunca me chamou atenção isso não”(HELOÍSA ROESE).

Por sua vez, Fernanda fez questão de ratificar que era forte, mas que jamais deixou de ser feminina: “*eu sempre fui forte, mas não macha ou qualquer coisa assim. Eu não era “sapata”, sempre fui feminina. Então, não havia nada que pudesse chamar a atenção mais do que o normal*” (FERNANDA VENTURINI).

A partir das respostas percebemos uma relação entre o corpo atlético com a falta de feminilidade, o que causou certo estranhamento às entrevistadas. A atleta Vera Mossa, considerada musa do vôlei e do esporte na década de 1980 afirmou que não se achava bonita e se surpreendeu com a repercussão que a sua aparência ganhou na imprensa:

“Eu não tinha muita noção disso não, sabia? Eu nunca fui muito ligada nessas coisas. Aliás, eu me achava um horror ‘eu achava a minha perna fina’, eu queria que as minhas pernas engrossassem, eu não me achava nada. Aí, eu comecei a ter algumas surpresas ‘estão me achando bonita, eu? Tem certeza?’. Uma vez escreveram sobre as minhas pernas que eram lindas, longilíneas... Eu não tinha muita noção sobre o meu corpo. Hoje a minha filha reclama da perna fina e eu falo ‘são lindas, acredita em mim’ (risos). Porque a minha avó era uma pessoa que falava assim ‘olha que pessoa bonita, que gorda’. Eu sempre escutei que as pessoas bonitas tinham corpo de violão e eu era completamente o contrário. Eu sabia que eu tinha um rosto bonitinho, mas... Hoje essa exposição na internet é tão absurda que se uma pessoa vai para a praia e aparece com uma celulite já está na rede. Hoje é tudo muito grande e naquela época era tudo mais leve. A beleza para mim era um conjunto e era legal saber que eu era bonita. Hoje tem a Mulher Melão, Mulher Melancia, tem a bunda, tem o peito, tem o abdômen é tudo grande” (VERA MOSSA).

O relato de Vera Mossa, que não conseguia se enxergar bela diante dos padrões que estava acostumada ratifica o que Wolf (1992, p.15) escreveu no livro O Mito da Beleza, de sua autoria: “beleza não é universal, nem imutável, embora o mundo ocidental finja que todos os ideais de beleza feminina se originam de uma Mulher Ideal Platônica”.



FIGURA 34: Vera Mossa nos anos 1980.
FONTE: R7 Esportes (2012)⁴⁵.

⁴⁵ Disponível em: <http://esportes.r7.com/esportes-olimpicos/fotos/qual-e-a-musa-de-todos-os-tempos-do-volei-brasileiro-20120327-17.html>. Acesso em: 04/04/2015.

Por sua vez, Isabel, que também foi apontada como uma das musas dessa geração ressalta que o olhar do outro sobre o seu corpo atlético era apenas mais um olhar e que ela gostava de ser magra:

“Eu venho de uma geração que não se fazia muita musculação, não tinha isso. A minha própria mãe não achava legal ser forte e nem eu gosto muito não. Eu gosto de ser magra, sempre gostei de ser magra, me sinto melhor magra e nunca fiz muito sacrifício para ser magra. Eu sempre fui muito longilínea e venho de um país onde a média de altura não é muito grande, eu sempre fui muito alta para o padrão brasileiro. Mas, eu vivia num mundo de esportistas, eu jogava então o olhar do outro era um dos olhares porque no mundo do esporte me olhavam como um par. Então, não era nada de mais” (ISABEL SALGADO).

Já que as atletas Isabel e Vera Mossa foram consideradas as musas da geração de voleibol de 1980, resolvemos perguntá-las como lidavam com esse rótulo. Isabel afirmou que, apesar de se considerar uma pessoa vaidosa, nunca deixou que isso mudasse o rumo da sua atividade principal que era jogar voleibol:

“Eu não tinha nenhum conflito com isso. Eu nunca acreditei nessas coisas, essa onda nunca me pegou. Eu sou uma pessoa vaidosa, mas até à página dois. Eu me envaideço de outras coisas. A estética é uma coisa bacana que eu aprecio. Eu aprecio ver uma criança bonita, um velho bonito, uma mulher bonita, um homem bonito. Tudo isso era bacana, mas ali o que estava em jogo não era que nós éramos bonitinhas só. Estava em jogo a nossa ‘performance’. A gente estava mostrando um bom voleibol, então isso eu não tinha dúvida, então eu não estava preocupada com isso. Provavelmente eu entendia que aquilo ali era um mecanismo que as pessoas elegem. Você precisa até para transformar um esporte ou qualquer atividade que seja. Mas a gente tinha substância, não era fogo de palha, a gente tinha profundidade, a gente tinha voleibol. E na mesma esteira falavam que eu era indisciplinada. Tinham outros rótulos que vinham a reboque e que não tinham reverberado tanto porque foram anteriores a esse ‘boom’, mas que eram rótulos que diziam que eu polemizava com tudo, era contestadora e outros que diziam que eu era gente boa, bacana, alto astral. Então, não dava para acreditar em tudo. Então era melhor não acreditar em nada e seguir o meu caminho. Então, eu não acreditava, não entrava nessa onda. Agora, também sabia e percebia que aquilo ali também me dava retorno. Me chamavam para fazer comercial, eu ganhava uma grana que eu nunca tinha pensado em ganhar dizendo que laranja era uma fruta bacana para ser consumida ou um jeans. Então, foi isso. Mas, como tudo que é novo você paga um preço pela inexperiência. Nem comissão técnica, nem jogadores, nem atletas. Ninguém daquele grupo tinha experiência para navegar naquele novo formato que o voleibol estava começando a tomar” (ISABEL SALGADO).

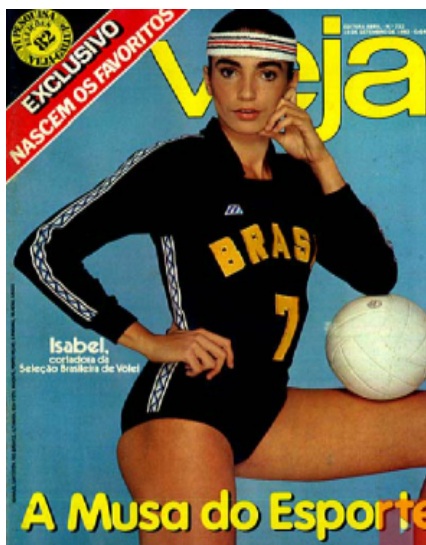


FIGURA 35: Isabel, capa da revista Veja.
 FONTE: Saída de Rede (2014)⁴⁶.

Vera Mossa, por sua vez, afirmou que achava tranquilo, apesar de preferir que elogiassem o seu voleibol:

“Tranquilo, mas eu não dava essa importância toda. Eu achava que acabava tendo que destacar alguém e eles iam destacar as que fossem mais bonitinhas e eu até preferia que eles falassem do jogo, se jogava bem. Eu não entendia muito isso. Claro que é sempre bom você ouvir elogios, mas eu ficava meio incomodada, eu preferia que focassem no jogo ao invés da beleza, da aparência” (VERA MOSSA).

De acordo com Wolf (1992, p. 17), o mito da beleza assim como a criação das musas não tem nada a ver com as mulheres; tudo diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. “Na realidade, o mito da beleza determina o comportamento, não a aparência”. Um bom exemplo disso é que até bem pouco tempo “a juventude e a virgindade foram bonitas nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência” e o envelhecimento na mulher é feio “porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos”.

Apesar das afirmações da autora apontarem para uma manipulação masculina quando se trata do tema beleza, por outro lado devemos destacar também que o rótulo de musa atribuído às jogadoras que fizeram parte da geração de 1980 contribuíram não apenas para o crescimento profissional das atletas, mas, sobretudo, para o desenvolvimento do esporte que praticavam, especificamente o voleibol, afirmando a condição da mulher como

⁴⁶ Disponível em: <http://saidaderede.com.br/morenas-da-america-o-novo-mundo-do-volei/>. Acesso em: 29/03/2015.

atleta e partícipe legítima da sociedade, plena em todas as suas condições, como na maternidade, como veremos a seguir.



FIGURA 36: Lenice, Vera Mossa e Isabel em Moscou, 1980.
FONTE: Página pessoal de Lenice da rede social facebook⁴⁷.

4.2.3 A década de 1980 e a quebra de tabus: a maternidade

A geração de voleibol feminino dos anos 1980 foi pioneira em vários fatos importantes que permearam a relação do esporte com a sociedade e, por essa razão, não poderíamos deixar de discutir a questão da maternidade como mais um desses fatos. Destacamos, sobretudo, o exemplo de Isabel, quando sua gravidez foi acompanhada pela mídia como um acontecimento extraordinário, já que, de fato, não se tinha ouvido falar de nenhuma atleta competindo grávida. Deve-se atentar para o fato, também, de Vera Mossa ter jogado grávida, nos Jogos Olímpicos de 1980, mas como a atleta mesmo afirmou:

“Aí eu já namorava há quase um ano com o meu primeiro marido e acabei descobrindo que estava grávida lá. Era para eu ter ficado menstruada lá e não fiquei, mas eu achava que devia ser por causa da viagem, a primeira vez que eu viajei, enfim. Mas, eu estava grávida mesmo e quando eu voltei foi confirmado. Meu filho nasceu em fevereiro de 1981, o Éder, hoje ele tem 33 anos” (VERA MOSSA).

Para compreendermos mais profundamente a relevância desse tema para a mulher verificamos que na literatura antropológica, o conceito de tabu “refere-se a indivíduos, coisas ou palavras cuja qualidade são objeto de temor ou suscetíveis à proibição” e são mais “restritivos a respeito do comportamento da mulher” (LUZ; BERNI; SELLI, 2007, p. 43).

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/lenice.peluso.1?fref=ts>. Acesso em: 04/04/2015.

Esta afirmação direciona novamente os holofotes sociais para a conduta da mulher e reafirma que ela precisa fazer o que é apropriado e recomendado.

De acordo com as autoras Luz, Berni e Selli (2007, p. 44), “durante a gravidez, a mulher percebe o filho como presença concreta dentro de si, o que lhe provoca certos cuidados que lhe impõem moderação e limites como medidas de prevenção da saúde do feto”. Além disso, “a gravidez é vista como um risco, um evento que pode ocorrer ou que está sujeito à inúmeras possibilidades aleatórias”. Talvez por ser ainda muito nova e oriunda de uma família de classe média carioca, a atleta Isabel tenha respeitado as regras sociais e decidiu não jogar grávida de sua primeira filha, Pilar, que nasceu quando Isabel tinha dezoito anos:

“Eu não planejei a minha gravidez. Eu fiquei grávida muito menina, com 17 anos e tive a Pilar com 18 anos. Então daí você pode concluir. E eu não era uma menina com 17 anos que tivesse assim vivido... Tido uma vida solta, com experiências. Não, eu era uma menina mesmo, eu era uma garota que morava na casa dos pais em Ipanema, uma família de classe média, com todas as questões que envolvem uma família típica como a minha e ficar grávida foi uma coisa assim que me deixou muito feliz, apesar de não ser a hora para uma garota. Mas, eu estava felicíssima. Eu me achava incrível por ter um bebê dentro de mim e que eu ia ter um filho. Então, eu não tive nenhuma dúvida que eu queria ter aquele filho. Eu não tive nenhum conflito. Tive um apoio familiar. Tive uma força familiar, assim, ‘o quê que você deseja? o quê que você quer?’. Então, eu não planejei: ‘eu vou jogar grávida’. Na minha primeira gravidez, eu não joguei. Eu não queria jogar. Eu não tinha vontade. Então eu fazia tudo, eu corria, eu jogava frescobol, mas eu não tinha vontade de jogar vôlei e parei e voltei só quando fui convocada” (ISABEL SALGADO).

O retorno às quadras aconteceu em abril de 1979, no campeonato Sulamericano, quando o Brasil ficou novamente atrás das peruanas. Em julho, porém, totalmente recuperada, Isabel foi titular absoluta da seleção que ganhou a medalha de bronze dos Jogos Pan-americanos de San Juan, competição que recolocou o Brasil no pódio após 16 anos de ausência (VALPORTO, 2007). No final de 1982, Isabel disputava o campeonato brasileiro de clubes pelo Flamengo quando descobriu a segunda gravidez, no auge de sua forma, aos 22 anos.



FIGURA 37: Acervo do Jornal O Globo, de 5/11/1982.

FONTE: Acervo do Jornal O Globo (1982)⁴⁸.

Dessa vez, contudo, Isabel não interrompeu a prática esportiva e continuou jogando, segundo ela porque se sentia bem e estava muito bem orientada pelo seu ginecologista:

“Eu tive sorte de ter quatro partos normais e isso me ajudou muito. Nunca ter engordado muito durante as gestações, né? Mas, na segunda não. Na segunda, eu fiquei grávida e eu vinha jogando e aí eu resolvi continuar jogando. Eu joguei bastante. Outro dia eu até vi uma imagem minha jogando. Eu falei: ‘Nossa, eu não via há um tempão’. A minha barriga estava grande (risos). Mas, eu me sentia muito bem na quadra. Eu não me sentia nem um pouco desconfortável. Eu também dei a sorte que eu tinha um médico muito bom, eu tinha um ginecologista que era um cara muito fera. Então, ele me deixava muito segura com relação a várias questões. E aí eu fui jogando, eu me sentia bem” (ISABEL SALGADO).

Essa atitude pioneira da jogadora Isabel chamou a atenção do Brasil para o que estava estabelecido até então: que uma mulher grávida não deveria se expor a riscos e precisaria manter uma conduta de proteção ao feto e a si mesma. Trata-se do mito, que faz parte da interpretação que cada sociedade tem sobre a sua realidade. Segundo Luz, Berni e Selli (2007, p. 43), “a elaboração mítica tem por objetivo justificar, racionalizar e legitimar realidades socioculturais” e no caso da maternidade, “se prende às diferenças do papel social entre os dois sexos – o que é apropriado para homens ou para mulheres”.

Interessado em descobrir se a atleta decidiu jogar grávida de forma consciente, eu perguntei: você sabia o que estava fazendo, na realidade?

⁴⁸ Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/>. Acesso em: 29/03/2015.

“Eu não sei se eu sabia. Eu me sentia segura, sabe? Eu acho que a gravidez tem um lado muito curioso, que você fica com a sua sensibilidade muito apurada. Então, tinham coisas assim que se preconiza que não tem problema, sabe? O protocolo diz ‘pode fazer’, grávida pode fazer, mas eu não me sentia bem fazendo. Então, eu não fazia. Então, eu acho que a gravidez tem um lado assim que você também tem uma sabedoria instintiva, que você se defende, sabe? E nesse departamento, eu acho que a vida foi generosa comigo (risos). Eu tinha um faro bom, um ‘feeling’ bom de saber ‘que aqui não vai ser legal ou aqui dá para eu ir’. Mas, depois começou a virar mais assunto o fato de eu estar jogando grávida do que o meu voleibol, então eu comecei a achar que aquilo estava virando meio “mico de circo”, sabe? E aí eu falei ‘está na hora de parar. Isso não está divertido, deixou de ser’. Então foi isso, eu parei. Claro que já estava um pouco na hora, mas eu fui até quase seis meses jogando e eu estava muito bem fisicamente. E o voleibol era mais lento, não era como hoje. Eu me sentia muito segura dentro da quadra, era um ambiente que eu entendia. Obviamente que tinham jogadas que eu já não ia com tanto ‘elã’, com uma pegada do mesmo jeito porque eu sabia que ali entrava algum risco. Então, foi assim que eu fui indo. E foi bom, foi legal. A minha gravidez foi ótima e o meu parto foi normal. A Maria nasceu e eu voltei muito rápido. Com duas semanas eu acho que eu voltei, mas bem devagar. Eu tive um parto muito bom. A Maria nasceu um bebê sem nenhum problema. Então, foi tudo fácil foi tudo tranquilo. Aí entra outro departamento que nem te interessa: ‘a minha primeira gravidez eu não tomei nada, na segunda eu só tomei o soro para induzir, mas não tomei anestesia, então são coisas que facilitam você voltar. O parto é mais difícil porque dói mais, é mais complicado’. Enfim, o terceiro, o Pedro foi mais fácil ainda porque quando eu fui ter o Pedro (risos), eu tive no Hospital Samaritano e a minha irmã estava tendo uma pedra no rim, no quarto ao lado e o médico só dizia ‘você não reclame porque a sua irmã está sofrendo muito mais do que você, porque ela está com uma pedra no rim horrorosa’ e eu ficava com tanta pena da minha irmã... Enfim, e a Carolina é que não foi tão fácil porque ela teve que ser puxada por fórceps, curiosamente, o quarto filho “(ISABEL SALGADO).

De acordo com Luz, Berni e Selli (2007, p. 43), autoras do artigo “Tabus da maternidade: um enfoque sobre o processo saúde-doença”:

Estar grávida gera na mulher sentimentos vinculados à possibilidade de experienciar os objetos e as circunstâncias da vida como ameaçadoras, e sua sensibilidade incita-lhe medo. Assim, compreende-se porque, muitas vezes, não infringem os tabus: coisas sagradas devem ser protegidas da profanação.

A atleta Isabel foi de encontro ao que estava compreendido e estabelecido para a maternidade até aquele momento, fosse por imposição social ou mesmo pelo instinto natural de preservação, conforme explicam as autoras:

Desde a infância, homens e mulheres são condicionados, por diversas experiências sociais, a assumirem padrões de comportamento de maneira tão sutil que facilmente integram o cotidiano como algo “da natureza” do sexo

feminino ou masculino. Portanto, tem-se uma categoria biológica determinante, e outra importante que é a do *gênero*, relativa a um conceito sociológico que se refere à construção social do sexo - o que é próprio para o feminino e o que é próprio para o masculino (LUZ, BERNI; SELLI, 2007, p. 45).

Foi, portanto, nesse cenário de adversidades que Isabel se tornou a primeira mulher a desafiar os padrões sociais e praticou voleibol em alto nível até os seis meses de gravidez, sem nenhum tipo de consequência para seus filhos. Consideramos este, um feito importante, tendo em vista que essa ação pioneira aconteceu na década de 1980, protagonizada por uma atleta que pertenceu à geração que é tema dessa pesquisa e, portanto, integra os acontecimentos impactantes que reverberam até os dias atuais protagonizados por esta geração. Hoje é comum encontrar atletas que jogam grávidas e isso não causa estranhamento porque, há mais de trinta anos, esse acontecimento já havia sido inaugurado e foi incorporado ao imaginário social.

4.2.4 A década de 1980, as possibilidades de profissionalização e o legado

Dando sequência aos questionamentos realizados para compreendermos a realidade do voleibol feminino na década de 1980 perguntamos como era a rotina de treinamentos da seleção, em termos de lesão, sacrifício, superação e disciplina. A grande maioria das atletas respondeu que era uma rotina muito dura, difícil e exigia muito sacrifício. Vera Mossa ressaltou as diferentes fases dos treinamentos e Jacqueline disse que era uma rotina muito chata. Já o relato de Ana Richa aponta para a dureza dos treinamentos:

“Ah, era dura, era muito dura. Hoje a gente vê aí o pessoal reclamar, daqui do clube mesmo, do Botafogo, ‘a gente treinou duas horas e tal’. ‘Meu amor, eu treinei oito horas por dia’, então assim, a gente treinava oito horas! Então, quando eu falo oito horas não são sete não, são oito, oito horas dentro da quadra, quatro horas pela manhã e quatro horas à tarde, com parte física. Era realmente muito pesado. A seleção brasileira treinava muito. Era outro tipo de jogo, tinha a vantagem, então o jogo demorava muito e a gente tinha que ter uma parte física absurda pra poder aguentar um jogo que podia ser de uma hora e meia ou podia ser de quatro horas. Então, se treinava muito. Além disso, a gente foi muito cobaia do treinamento. Eles estavam começando os primeiros estudos de como seria uma parte física, enfim, a gente fez tudo. A gente saltava com halter, com colete de peso de areia, botava pesinho de areia dentro do colete, caneleira, plinto. Era plinto de um metro e tanto de altura. Saltava de tênis baixinho. Era tudo em quantidade. A gente não tinha dados científicos. Enfim, a gente uma vez viu as chinesas fazendo agachamento com peso muito pesado e logo depois a gente começou a fazer também. Então, a coisa funcionava nesse

nível. *‘Vamos testar, quem aguentar, aguentou. Quem não aguentar troca’*”(ANA RICHA).

Ana Richa complementa o discurso informando que havia uma enorme quantidade de lesões:

“A nossa geração é super bichada. Eu tive um privilegio ai de ser levantadora, que era um pouco mais tranquilo em termos de impacto, ataque. E eu sempre fui muito forte, então a musculação me segurou muito pra não ter. Eu tive pouquíssimas lesões na minha vida, não tinha problema de ombro, de joelho e torci o pé duas vezes em trinta anos. Tá bom, né? Eu acho que nesse ponto eu não posso reclamar não, mas o treino era muito pesado, era muito treino técnico, muito treino de repetição de tudo, de todos os fundamentos. A gente teve o Jorjão na seleção que era um doido, que treinava até a gente abrir o bico. Os preparadores físicos sempre foram muito exigentes com isso, então a gente treinava muito” (ANA RICHA).

Na tentativa de buscar um modelo de treinamento exemplar, a seleção reproduzia o que vinha sendo desenvolvido nos outros países e essa geração foi uma espécie de cobaia, como relatou Ana Richa, e complementou Vera Mossa:

“A gente teve várias fases, mas normalmente eram dois períodos de treino por dia, de manhã e mais para o final da tarde. De manhã normalmente a gente fazia musculação e preparação física, mas também tinham várias fases. Tinha épocas que a gente corria, corria, corria e fazia musculação. Tinha vezes que a gente não corria tanto e fazia musculação para imitar Cuba e a gente quase se arrebatava lá com os pesos (risos). Mas, basicamente era isso: parte física e técnica de manhã, bloqueio parado, defesa, passe, saque, fundamentos mesmo e à tarde a parte técnica e tática” (VERA MOSSA).

E Jacqueline achava tudo muito chato porque não havia explicações que justificassem porque elas precisavam treinar daquela maneira:

“A gente treinava duas vezes por dia. Ah, me lembro que era muito chato. ‘Não sei como é que podiam rodar um treino tão chato na minha vida’. Tinha uma época que a gente ficou muito tempo concentrado no casarão de Belo Horizonte. Aquilo era deprê. Pensa numa coisa deprê. Era aquilo. Todo mundo entrava numa Kombi e levava um tempão para chegar numa área militar. A gente sempre estava em áreas militares. Não era uma coisa conquistadora, prazerosa. A gente fazia a parte física sem entender o que estava fazendo. Era forçado porque não tinha ninguém explicando. Era necessário que as pessoas se atualizassem. Por exemplo, o voleibol é um esporte que ao mesmo tempo em que ele alonga, ele encurta, te endurece. E não tinha ninguém para te falar sobre isso. Era necessário que o atleta tivesse consciência do seu corpo, do seu equilíbrio. Então, você deixava de fazer coisas que eram importantes para você pensar e melhorar. Não tinha

nada disso. A gente era totalmente cobaia. Era um tal de subir arquibancada... Era uma época que quem não tinha joelho forte se ferrou. Eu não tinha problema com joelho, mas tinha um tornozelo muito ruim. Era todo mundo junto para a mesma roubada. Todo mundo trabalhava tudo. Você não tinha um treinamento específico porque o seu joelho estava bichado, era em série” (JACQUELINE SILVA).

Como podemos perceber no discurso das atletas, a década de 1980 reproduziu um modelo de treinamento que vinha sendo praticado por outros países e isso causou muitos problemas de lesão, exigindo muito sacrifício por parte das jogadoras e, de alguma forma, aquele aprendizado também foi fundamental para que o Brasil chegasse ao nível de excelência que possui atualmente, em que o nosso modelo de treinamento serve de exemplo para os outros países.

A outra pergunta que fizemos às entrevistadas foi se havia diferenças entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980. Todas as jogadoras afirmaram que havia diferença. Dora ressalta que as conquistas dos homens ajudaram a promover o voleibol masculino:

“Sim, o masculino tinha um tratamento mais profissional, estava mais a frente da gente e a gente sempre a reboque como se diz né? Eles conseguiram patrocinadores porque eles tiveram uma projeção muito grande primeiro que a gente e foram ganhando. Ganharam classificação, ganharam uma condição melhor que a gente, então eles eram convidados pra torneios e o nosso time não tinha expressão ainda. A época do Peru matou ali a gente. Aquela safra das peruanas atrapalhou muito a gente, depois as cubanas também e foi um período difícil, foram dois calos da gente. Os meninos estavam à frente nessa, tanto do profissionalismo brigaram mais por isso porque precisavam sustentar família e tudo, então esse profissionalismo tinha que ser mais efetivo. As meninas ganhavam menos, a gente pegava o uniforme deles, os que sobravam deles pra gente. A gente entrava na onda do patrocinador deles e não recebia nada. Foi aí que teve aquele episódio da Jackie, que não queria vestir a camisa porque achava aquilo absurdo. Então, eu vejo que foi importante porque eles estavam numa condição melhor, num estágio mais profissional que o nosso, das meninas” (DORA CASTANHEIRA. Grifos meus).

Contudo, destaca que essas conquistas do masculino também contribuíram para o desenvolvimento do voleibol feminino:

“Mas, eles puxaram a gente também, eles mostraram pra gente que era possível também, principalmente quando foram pra Itália. Vários atletas masculinos e femininos... Então eles mostraram que lá tinha um campeonato italiano forte e todo mundo jogando lá, que legal. Isso mostrou que existia essa possibilidade da gente ser profissional também, a possibilidade da gente buscar ou pelo menos lutar por esse nível de

profissionalismo, porque o basquete feminino ganhava muito mais que a gente na época. Hortência e Paula? ‘Nossa, elas estavam anos luz na nossa frente’, mas já tinham resultado, tinham patrocínio e a gente não tinha. Então elas também foram espelho pra gente em termos de buscar esse profissionalismo, de buscar esse trabalho. Elas foram, vamos dizer aqueles referenciais que a gente tinha. Era isso e a gente lutando ali todo dia e tentando tirar essa pedra do sapato da gente que eram as peruanas e as cubanas depois” (DORA CASTANHEIRA. Grifos meus).

A jogadora Jacqueline também ressalta as qualidades da equipe masculina, mas aponta que havia diferenças principalmente no tratamento que era dado por parte da CBV em relação às duas equipes:

*“O tempo inteiro (risos), mas eu falo isso com muita admiração. Claro, eles tinham conquistado, eles iam conquistar. Parecia que seriam os primeiros campeões olímpicos, enfim, eles eram formidáveis. Eu, muitas vezes, bati palmas de pé. Era uma coisa que revolucionou o Brasil. **Mas, no pacote era tudo igual. ‘Compre o masculino e leve o feminino’.** Era mais ou menos isso. Nós éramos a parte promocional, a promoção: ‘compre um e leve dois. **Pague por um time e leve dois, mas só quem recebia eram eles’.** Tinham muitas diferenças, por exemplo, nós concentrávamos em São José dos Campos, eles concentravam no Leme. Eles ficavam em hotel, nós ficávamos em alojamentos. Eles recebiam dinheiro, a gente não recebia. É até explicável, já que eles tinham resultados e agente não tinha. Quem tem mais resultado tem que ter um retorno maior. Mas, havia algumas coisas que faziam a gente questionar. Tinha patrocínio na camisa, os mesmo patrocinadores. Então tinha sinais claros que o jogo era bom, que rolava um jogo bom. E por nós sermos muito garotas, nós não conseguíamos falar sobre aquilo, não era uma coisa clara. Além disso, a maioria, fora da situação, falava bem e dentro da situação não falava nada. Isso enfraquecia muito” (JACQUELINE SILVA. Grifos meus).*

Para corroborar com os discursos anteriores, Vera Mossa reitera que a equipe masculina tinha mais privilégios e regalias que a equipe feminina e que era muito complicado lidar com aquela situação:

*“Tinha. Bastante. Eles tinham mais privilégios que a gente. É histórico isso, os homens tinham mais preferência. Eu entendo que eles já tinham conquistado mais coisa e estavam um degrau acima da gente, mas era uma diferença bem grande porque eles tinham coisas que a gente não tinha. Eles tinham mais regalias, ficavam em hotéis melhores, recebiam patrocínio e era muito complicado. **Hoje ainda é, mas as mulheres não aceitam isso mais tão passivamente. Naquela época a gente ia reclamar e eles falavam ‘me dá resultado primeiro’.** É como funciona em algumas casas ainda, a velha batalha entre homem e mulher e que a mulher precisa aprender a se impor. Mas, havia muita diferença sim” (VERA MOSSA. Grifos meus).*

Podemos concluir, através dos relatos das jogadoras entrevistadas, que haviam diferenças entre o voleibol masculino e feminino na década de 1980 e que essas diferenças variavam desde salários até as formas de tratamento, que conferiam mais privilégios e regalias à equipe masculina por terem conseguido melhores resultados que a equipe feminina, reforçando que o mundo esportivo ainda é, conforme destaca Goellner (2005a, p. 145) “um território permeado por ambiguidades”, onde:

Simultaneamente, fascinava e desassossejava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberação e o controle de emoções e, também, de representações de masculinidade e feminilidade.

Na continuidade das entrevistas perguntamos às atletas o que representou o voleibol feminino na década de 1980, na percepção de cada uma delas, em nível nacional e internacional. Heloísa destaca que:

“Em nível internacional acho que foi o Brasil começar a aparecer para o mundo. Faz 34 anos que o Brasil começou a aparecer para o mundo. Começou a aparecer que aqui também existia um trabalho. No âmbito nacional começou a fazer com que o pessoal comesse a entender voleibol. O voleibol começou a passar na televisão. Você saía depois do Sul-americano de 1981 e as pessoas pediam autógrafa. Você ia a um restaurante e não precisava pagar, era cortesia. As pessoas diziam: ‘Vi você jogando, que legal’ e não sei o quê. Começou a aparecer e isso fez com que outras meninas comessem a querer essa coisa” (HELOÍSA ROESE).

Vera Mossa também acredita que o Brasil começou a marcar um território no cenário mundial e aqui no Brasil foi uma surpresa:

“Em nível nacional foi uma descoberta para os brasileiros, uma grata surpresa. ‘Olha, tem mulheres que jogam vôlei, jogam bem, são bonitas’. Tinha um encantamento, uma novidade bacana. O povo descobriu que tinha isso de bom aqui também. Em nível internacional eu não sei direito, mas acredito que a gente começou a marcar um território, a gente conseguiu mostrar que estava batalhando, que a gente estava correndo atrás” (VERA MOSSA. Grifos meus).

Já Lica destaca a organização da CBV e o aprimoramento dos profissionais ligados ao esporte:

*“Na década de oitenta? Então, em nível nacional acho que a **organização da Confederação em relação aos campeonatos brasileiros. Acho que a cada edição do campeonato novas coisas eram acrescentadas, foi melhorando o nível técnico, novas atletas iam despontando e em nível internacional...** Por exemplo, eu disputei o campeonato mundial na antiga Tchecoslováquia, hoje República Tcheca, em 1986 e nós ficamos em quinto lugar, ou seja, quinto lugar é assim um passo para entrar entre os quatro e disputar semifinal e final. Então, ali eu acho que foi metade da década, que a gente percebeu que tava tendo uma mudança e que o Brasil podia beliscar sim, que a gente tava no quase. (...) Tanto os professores de Educação Física, os preparadores foram ver o que era melhor pra conseguir com que aquele atleta pudesse dar um pouco mais e foram testando, aparelhos, marcas esportivas... Quando a gente fala geração cobaia é importante ressaltar também que as pessoas não ficaram paradas. **Todos os setores trabalharam para que o voleibol chegasse ao patamar que está hoje. Tudo mesmo, medicina esportiva, preparadores físicos, empresas, todos trabalhando para o voleibol indoor e de praia também, que praticamente começou naquela década e hoje a gente exporta profissionais**” (LICA OLIVEIRA. Grifos meus).*

E Isabel reitera a mudança do voleibol veloz, oriundo da escola asiática, para o voleibol força, de Cuba e EUA. Além disso, destaca que o esporte passou a ser visto para além do lazer:

“Em 1980 o que representou foi a mudança da velocidade para a força, os EUA chegaram com jogadoras muito mais altas. No Brasil, a entrada das empresas, o esporte se profissionalizou, as pessoas perceberam que poderiam pensar mais em longo prazo permanecendo naquela atividade. Mudou tudo, essa possibilidade, esse olhar para o esporte visto para além do lazer, da recreação, mas como formação, como retorno publicitário, como uma ferramenta que gerava recursos e trabalho, enfim, mudou muito, no mundo inteiro” (ISABEL SALGADO).

Na realidade, por meio dos relatos das jogadoras podemos constatar que o voleibol começou a ser massificado no Brasil e, conseqüentemente, começou a aparecer para o mundo. Além disso, a organização da CBV possibilitou a construção de campeonato nacional forte, com a participação das empresas alavancando o profissionalismo e estimulando o desenvolvimento dos profissionais ligados ao esporte. E ainda, o Brasil foi surpreendido por uma geração de jogadoras capazes de jogar bem um esporte como o voleibol e, da mesma forma, o mundo começava a enxergar que o potencial brasileiro estava se desenvolvendo.

A última pergunta deste bloco, que diz respeito à permanência das atletas no esporte visou descobrir o que a geração dos anos 1980 deixou para as gerações seguintes. Novamente daremos voz a todas as entrevistadas de forma que possamos sintetizar este

sentimento, este legado. A jogadora Jacqueline respondeu que a geração dela *“deixou o caminho. Nós viemos cavando no deserto e elas já entraram no deserto, numa situação diferente, com outra mentalidade, com o profissionalismo que muda a cabeça dos atletas”* (JACQUELINE SILVA). Nesse sentido, Ana Richa destaca que a sua geração deixou *“a experiência de ter passado por muita coisa. Coisas que deram certo outras que não deram tanto e também foi responsável por muitas meninas quererem jogar vôlei”* (ANA RICHA). Lenice acredita que a geração de oitenta deixou um modelo de luta baseado no trabalho: *“Eu acho que deixou um modelo. Deixou uma persistência, uma perseverança que tem que lutar”* (LENICE PELUSO).

Já Fernanda, a mais nova do grupo de entrevistadas e que foi uma dessas meninas que quiseram jogar vôlei por causa dessa geração de 1980 destaca *“esse ensinamento de responsabilidade. Aos poucos iam entrando as meninas mais novas, então ela já tinha uma bagagem. Elas meio que norteavam a gente sobre o que tinha que fazer sobre o que era certo o que era errado”* (FERNANDA VENTURINI). Em relação ao que era certo e o que era errado, Blenda destaca que a sua geração deixou *“um legado de disciplina, de luta, de coração e de correr atrás do sonho”* (BLENDA BARTELS) e Dora se remete à *“paixão pelo vôlei, pelo esporte”*, lembrando que *“isso contagiava a torcida”* (DORA CASTANHEIRA).

As atletas Heloísa e Sandra afirmaram que a geração de 1980 deixou tudo para as gerações seguintes: *“Deixou tudo, porque nós fomos as precursoras. Se não tivesse a gente dificilmente hoje elas teriam a estrutura que têm, porque a gente que começou a desenvolver o voleibol”* (HELOÍSA ROESE) e *“Eu acho que tudo (risos). De repente não vão concordar, mas eu acho que a geração dos anos oitenta deu o pontapé inicial e elas estão dando continuidade naquilo que a gente deixou”* (SANDRA LIMA). Cabe destacar que Heloísa e Sandra atribuem um tom de humildade nas falas; o que observamos foi um orgulho muito grande por terem participado de todo este processo de desenvolvimento do esporte.

Vera Mossa destaca a força de vontade e se mostra orgulhosa em mencionar que fez parte de uma geração que foi *“exemplo de acreditar, mostrou que a gente tinha potencial, que a gente acreditava. Eu tenho certeza que as que viram a nossa luta acreditaram que podiam conseguir também”* (VERA MOSSA). Por sua vez, Lica destaca a beleza de jogar de sua geração, lembrando que esse modelo multiplicou o número de apaixonados pelo esporte:

“O que ela deixou? Acho que deixou essa beleza de jogar, porque muita gente, tanto atletas quanto torcedores, quando eu posto as minhas fotos dizem “ah, eu aprendi a gostar do vôlei com vocês, era tão bonito ver vocês jogarem” Eu acho que a nossa geração plantou essa sementinha nas

crianças que assistiram e as meninas queriam ser uma menina do vôlei, uma musa do vôlei. Eu falo não só na parte atlética, mas também na parte estética e eu acho que isso é incrível. A gente multiplicou o número de apaixonados pelo voleibol, tanto para praticar quanto para torcer. Chegaram os empresários, a Isabel foi capa da Veja, a Vera Mossa foi protagonista do filme Rock Estrela. Nós jogávamos no mesmo time, a Supergasbrás, e foi a minha primeira fala como atriz. Eu lembro que eu fui escolhida para dar uma fala e eu fui a única que entrou e falou e mal sabia que algumas décadas depois eu seria atriz. Isso é muito incrível. Enfim, o vôlei se misturou com a arte, com o rock, com novela, você lembra? A novela Barriga de Aluguel, a Cássia Kiss era uma jogadora de vôlei e vôlei estava bombando na época. A minha irmã, a Ellen, fez uma participação jogando no time da Cássia Kiss. No elenco tinha a Cláudia Abreu também, um sucesso. O voleibol era da hora (risos)” (LICA OLIVEIRA).

Por fim, Isabel destaca que a sua geração popularizou o esporte e isso foi um grande legado para o voleibol:

*“Eu acho que a geração dos anos oitenta no Brasil abriu as portas, trouxe o olhar, **tornou o esporte popular e isso gerou um grande legado para as gerações seguintes, sem dúvidas.** Você começar uma atividade que você gosta e saber que ela tem eco, que está começando a se estruturar, que tem o interesse do público, que você está num terreno muito mais fértil. Isso faz você perceber que o esporte está muito mais propenso ao sucesso. A minha geração trouxe isso e a gente mesmo sentiu esse impacto” (ISABEL SALGADO. Grifos meus).*

De fato, a importância dessa geração foi fundamental para o desenvolvimento do voleibol brasileiro, tendo em vista que as jogadoras que a compuseram foram protagonistas de um espetáculo que teve início de forma precária e surpreendente e, através dos seus esforços, competências, atributos e atitudes atingiu um patamar diferenciado numa época cercada de dificuldades. Portanto, as gerações seguintes, encontraram um terreno arado e fértil para plantarem suas intenções e desenvolverem suas habilidades com o objetivo de subir degraus e alcançar o topo, como comprovado alguns anos depois.

4.3 Aposentadoria

Neste tema buscamos identificar qual o cenário que estava estabelecido para que as atletas pudessem encerrar suas trajetórias esportivas: quando elas pararam de jogar? A primeira pergunta visou saber quando elas pararam de jogar. Verificamos que a maioria das atletas encerrou suas carreiras nos anos 2000, após quase trinta anos de dedicação, uma vez que começaram jogando nos anos 1970. A única atleta que encerrou a carreira precocemente

foi Blenda, aos 24 anos, pouco mais de dez anos de voleibol. Em seguida perguntamos em qual clube elas estavam quando pararam de jogar e por qual motivo. Blenda relatou que foi em 1985 e estava na Lufkin, de São Paulo: *“Quando eu parei de jogar eu estava na Lufkin e de verdade eu cansei de jogar [risos]. Eu queria voltar para casa. Queria voltar para a minha raiz”* (BLENDA BARTELS).



FIGURA 38: Monica Caetano, Regina Uchôa e Blenda na Lufkin.
FONTE: Página pessoal de Blenda na rede social facebook⁴⁹.

Ana Richa, por sua vez, começou a carreira no Botafogo e teve a sorte de encerrá-la no mesmo clube. Logo depois prolongou a carreira por mais dez anos na praia:

“Bom, eu na quadra parei de jogar aqui no Botafogo. Foi o último campeonato que eu joguei em noventa e cinco, noventa e seis e aí eu fui pra praia, quer dizer aí nesse período eu tive meu segundo filho e aí quando eu voltei eu fui direto pra praia. Joguei mais até dois mil e seis, mais dez anos. Parei bom, parei porque eu fiquei velha (risos)” (ANA RICHÁ. Grifos meus).

Já Lenice encerrou a carreira em clube profissional, no ano de 1997. Depois jogou campeonato máster e até jogou em times da segunda ou terceira divisão na França:

“Eu parei mesmo em clube profissional em 97. Depois veio o máster e depois vieram esses dois clubes na Europa que eu já fui por outros motivos: voltar pra Europa, qualidade de vida, estabilidade e tal. Então o último mesmo foi na França numa cidade pequenininha, de três mil habitantes e do lado lá a 10 minutos era essa outra cidade que tinha o ginásio. E na França foi um nível bem mais inferior, acho que terceira divisão, segunda divisão,

⁴⁹ Disponível em:

https://www.facebook.com/blenda.bartels?fref=pb&hc_location=friends_tab&pnref=friends.all. Acesso em: 04/04/2015.

uma coisa assim. Eu já estava com mais de quarenta anos”(LENICE PELUSO).

Heloísa, por sua vez, parou de jogar na metade da década de 1990 e ainda jogou a primeira Superliga, que é o campeonato brasileiro de clubes do modelo atual:

“Parei no BCN em 1994 ou 1995. Eu joguei a primeira Superliga e parei porque não aguentava mais, pois já estava com 41 anos. Ai pensei, agora vou fazer o quê? Porque tem que começar a fazer alguma coisa. Então, fui para o lado que eu sempre vivi que foi o voleibol. Passar para essa criançada a minha experiência” (HELOÍSA ROESE).



FIGURA 39: Heloísa, atleta do BCN.
FONTE: Projeto Formação RJ (2011)⁵⁰.

E Sandra explica que parou de jogar pelo Vasco, em 2000, porque não havia mais times no Rio, cidade onde não tinha intenção de sair:

“Eu parei de jogar em dois mil pelo Vasco e parei porque no Rio não tinha mais equipes, ou era o Vasco ou era o Flamengo e pra eu continuar jogando eu teria que sair do Rio de Janeiro e como eu tava com bebê de meses em casa eu botei na minha cabeça que era a hora de eu parar. Achei que já tinha dado tudo que podia para o voleibol brasileiro. De repente poderia continuar mais um pouco, mas eu acho que o que eu tinha que dar eu já tinha dado então por isso eu resolvi parar”(SANDRA LIMA).

À exceção de Blenda, os relatos mostram que a maioria das atletas jogou por muito tempo e só pararam porque atingiram o limite físico. Para Vera Mossa e Jacqueline, a idade pesou:

⁵⁰ Disponível em: http://projetoformacaorj.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html. Acesso em 29/03/2015.

“Tinha dias que estava tudo bem, tudo certo e tinha dias que eu não conseguia fazer movimentos básicos. A cabeça estava boa, eu queria, mas o corpo já não acompanhava. Depois, conversando com algumas pessoas eu fui perceber que acontece com todo mundo num certo momento da carreira. A sua cabeça está perfeita você quer, mas o corpo não está respondendo da mesma maneira” (VERA MOSSA).

Jacqueline reforça a questão dizendo que apesar do atleta estar no auge da carreira, a idade é um fator que pesa muito:

“Quando o atleta se aposenta ele está no auge da sua idade e não no final da idade como em outros empregos. Mas, tem um momento na vida de todo ser humano que ele precisa focar de uma forma diferente para rejuvenescer. Então, se você não fica atento a esse momento você só vai adiar o problema, porque a idade no esporte é uma coisa que pesa muito” (JACQUELINE SILVA).

Por outro lado, Isabel afirma que não sentiu a questão física e parou porque não havia times no Rio de Janeiro, assim como Heloísa, lugar do qual não desejava mais sair:

“Na verdade, eu senti muito pouco a coisa física, mas eu entrei no lugar de alguém e outras jogadoras foram surgindo para jogar no meu lugar. Além disso, não tinha clube no Rio de Janeiro naquela época e eu fui perdendo o interesse, então para jogar eu teria que sair do Rio de Janeiro e os meus filhos estudando, então eu fui parando” (ISABEL SALGADO).

Quando perguntamos como foi a decisão de parar de jogar, a maioria das entrevistadas relatou que foi um processo natural e tranquilo e que elas estavam decididas e preparadas para isso, conforme descrevem Lica: *“Foi meio que natural, não foi traumática”* (LICA OLIVEIRA) e Lenice: *“Foi tranquila. Quando voltei da Itália já sabia que o mercado pra mim ia estar difícil, porque você passar oito anos fora do Brasil, ninguém te vê”* (LENICE PELUSO).

Para Dora, no entanto, essa decisão foi fruto de uma reflexão e de uma equiparação entre o limite do corpo e uma projeção de vida:

“Quando você pesa a questão financeira com o pedido do corpo, com a saúde e você vê que seu rendimento já não é mais o mesmo e sua contribuição não é tão grande e a chance de lesão é maior... Quando o corpo começa a dar sinais que tá na hora de parar e você começa a se projetar para uma próxima etapa, o que graças a Deus eu fiz porque eu tive essa preparação e muitos não tiveram. Isso é muito complicado, aprender uma nova profissão, né?” (DORA CASTANHEIRA).

Em seguida, perguntamos para as entrevistadas como foi a transição a partir do momento em que elas decidiram parar de jogar e verificamos que houve alguns motivos que contribuíram para que essa decisão fosse mais tranquila e natural. Dora se transformou em assistente técnica, enquanto Isabel e Heloísa passaram a atuar como técnicas de voleibol:

“Na mesma época que eu parei de jogar o Flamengo precisava de alguém para ser técnico. Precisava de alguém aqui e me chamou e aí eu vim trabalhar. Fiz o curso de nível três da federação, já estava formada. Com isso fui ser técnica da Gama Filho também e hoje trabalho com a equipe mirim (do Flamengo)”(HELOÍSA ROESE).

Por outro lado, Sandra assumiu o papel de mãe e Blenda e Ana Richa ficaram grávidas:

“Eu joguei um torneio, já estava grávida e não sabia. Voltei pro Rio, fiz o exame e descobri que tava grávida e ainda joguei mais três meses. Então, eu ainda acabei a temporada e aí depois que acabei a temporada parei, mas aí já tava com quatro meses e meio, mais ou menos. Aí tive filho e nem voltei, então por isso que eu falei que num teve o drama, porque acabou sendo uma coisa tão legal pra minha vida pessoal e por um motivo tão ótimo que não tive esse drama”(ANA RICH).

Já Lica e Lenice retomaram a faculdade e Fernanda Venturini se dedicou a outros projetos, além de ter ficado um período “sem fazer nada”:

“Então, assim, me dedicar a outros projetos e também ficar um tempo sem fazer nada. É tão bom. Eu fiquei um tempo sem fazer nada, me cuidando e fazendo as coisas que eu gostava e foi uma época gostosa. Comecei a pedalar, daí foi quando fiz um monte de amizade no pedal, enfim, poder acompanhar meu marido também nos jogos, assistir os jogos lá fora. Então, foi uma transição legal não foi uma coisa como todo mundo diz. Não teve perrengue. Muita gente diz que não tem dinheiro, não tem trabalho. Eu, graças a Deus, tenho um casamento super bem sucedido, uma família ótima. Então, não tenho do que reclamar” (FERNANDA VENTURINI).

Para Jacqueline foi uma transição automática e para Vera Mossa não foi fácil porque, apesar de ter escutado o aviso do corpo e ter parado, ela não sabia fazer outra coisa:

“Então, eu fiz a cirurgia no joelho e aí eu comecei a fazer a fisioterapia e a recuperação não estava sendo tão boa. A cirurgia tinha sido perfeita e o meu joelho começou a inchar. Foi quando eu comecei a ter dúvida sobre a minha recuperação e aí eu achei melhor encerrar mesmo porque o meu corpo estava falando ‘chega, chega, chega, para, para, para’ e não foi fácil porque eu não sabia fazer outra coisa, só sabia fazer aquilo. Eu acho que

tem muita gente que não escuta o corpo falar e insiste. Eu simplesmente escutei e parei” (VERA MOSSA).

Interessado em saber mais sobre este processo de aposentadoria das jogadoras perguntamos se elas sentem saudades da época em que jogavam e todas afirmaram que sentem. Heloísa diz sentir saudades, mas diz não ter vontade de jogar: *“De que eu jogava sim, mas vontade de jogar eu não tenho. (risos)”* (HELOÍSA ROESE). Já Lenice diz que sente saudade da época e dos treinamentos: *“Lógico, era gostoso. Amo treinar”* (LENICE PELUSO) e Blenda, ao contrário, reclamam dizendo que a carga de treinamento era muito puxada: *“Sim, mas treinar é muito desgastante. Acho que jogar é legal, mas esse negócio de treinar era muito puxado, pois treinar oito horas por dia era muito complicado”*. (BLENDA BARTELS).

Por sua vez, Jacqueline disse que era muito mais fácil, acreditamos que comparando com a atividade profissional que desempenha atualmente: *“Ah, muita! Era muito mais fácil”* (JACQUELINE SILVA) e Isabel disse que sente saudades da emoção que o jogo propiciava: *“Tenho saudade da emoção, mas hoje eu confesso que também é muito emocionante você ensinar alguém, quando você consegue. Mas é diferente, é totalmente diferente a emoção”* (ISABEL SALGADO).

Contudo, Dora, que disse sentir falta da troca entre as companheiras, mas não do trabalho:

“Eu sinto saudades das amigas, dessa coisa do estar junto, dessa troca que a gente tinha, das brincadeiras, da convivência que era muito legal. Eu não tenho saudade do trabalho, de treinamento, porque eu acho que dediquei muito. Eu não me arrependo de nada que fiz e se tivesse que fazer, eu faria de novo. Então, eu estou assim satisfeita com o que foi feito. Agora estou curtindo uma nova etapa, as minhas atividades de hoje, dentro d’água, fazendo hidroginástica, uma coisa mais leve. Eu não fico aí fazendo musculação porque tem que fazer, porque tem que ficar forte. Eu não preocupo com isso. Me preocupo com qualidade de vida, então o objetivo é outro e eu estou bem satisfeita” (DORA CASTANHEIRA).

No decorrer das entrevistas perguntamos o que havia mudado na vida delas depois de terem parado de jogar e a maioria se referiu à mudança da rotina como fator preponderante, como expôs Sandra:

“É outra vida, né? É outra vida. Depois que eu parei de jogar eu comecei outra fase na minha vida que foi ser mãe, então eu me envolvi naquilo de ser mãe e eu não senti assim muita perda porque logo me envolvi com outra coisa também prazerosa. A rotina de jogadora de vôlei é uma rotina difícil é

uma rotina que a gente abre mão de tudo, é aniversário, é final de ano, às vezes a gente não tem carnaval porque a gente tem só dois dias, nos outros dias estamos dentro do ginásio treinando. Então a diferença é essa, que você pode curtir essas coisas que você não conseguia curtir, eu posso ir pras coisas que antigamente eu não podia. Eu tinha que dormir cedo porque tinha treino no dia seguinte. Hoje eu posso dormir tarde. Essa mudança na rotina é forte. Um atleta de voleibol de alto nível precisa se dedicar muito tem que abrir mão de muita coisa” (SANDRA LIMA).

No entanto, Heloísa ressalta que mudou tudo porque o atleta tem que começar a batalhar sozinho pela sua sobrevivência:

“Mudou tudo. Você começa a ter que batalhar por você mesmo. Nós não temos aposentadoria, porque joguei 30 anos voleibol, então não tenho uma aposentadoria. Tem que começar a trabalhar, você tem que ter a sua casa porque antes quem te dava casa era o clube e agora você não tem mais isso. Muda tudo, a sua vida toda muda” (HELOÍSA ROESE. Grifos meus).

E Lica reforça o depoimento da colega reiterando que foi um período muito complicado, no qual você tem que enfrentar muitas dificuldades:

“Eu parei de jogar 2001. Foi um período bastante complicado profissionalmente. Felizmente eu consegui me formar porque muitas não conseguem. Consegui recomeçar, concluir uma faculdade, eu me formei em 2003. Consegui me formar em jornalismo e fui buscar uma profissão. É difícil, mas a gente vai indo. Eu demorei nove anos para engravidar por causa do vôlei, porque cada ano num lugar é complicado. Por isso tive meu filho mais tarde em relação as minhas amigas e filho e faculdade e monografia, não sei como dei conta” (LICA OLIVEIRA. Grifos meus).

No entanto, Fernanda Venturini destaca que foi muito bom porque o atleta levava uma vida muito sacrificada: *“O quê que mudou? Mudou isso de aproveitar mais a vida porque eu fiquei muito tempo dentro de hotel, dormindo tarde na concentração. Nesse sentido, acho que a gente leva uma vida muito sacrificada” (FERNANDA VENTURINI)* e Blenda destaca que o atleta sai dos holofotes e passa a ser uma pessoa normal: *“Assim, você sai dos holofotes e sai da mídia. Você passa a ser normal e eu fui criar filho porque queria ter filho” (BLENDA BARTELS).*

Num determinado momento das entrevistas perguntamos em qual momento as atletas foram mais felizes, quando jogavam ou depois de terem parado de jogar e o por quê. Heloísa, respondeu prontamente: *“É claro que quando jogava porque era muito bom. Sempre fui assim, não é cigana, mas sempre gostei muito de viajar, de estar em concentração, sempre gostei muito disso” (HELOÍSA ROESE).* Já Vera Mossa foi mais hesitante:

“Ah é tão difícil essa pergunta... Porque eu fui muito feliz enquanto eu jogava, muito feliz mesmo, porque eu gostava muito de jogar, muito mesmo. Eu não posso dizer que eu sou tão feliz hoje com a minha profissão como eu era quando eu jogava, ia ser mentira, não é verdade (risos). Mas eu sou feliz agora também, eu não sofro, não fico me lamentando ‘ah, eu podia estar jogando até hoje’. Não podia. Não podia. Não seria feliz, eu estaria sofrendo se eu estivesse jogando hoje. Aquilo foi bom naquela fase da minha vida, naquele período. Agora eu tenho que dar um jeito de ser feliz nessa fase. Eu tenho que viver o presente e tentar ser feliz todo dia, hoje, depois, amanhã. Eu tenho que viver o presente” (VERA MOSSA).

Por sua vez, Jacqueline se referiu à emoção do jogo, que não volta mais:

“A emoção do jogo... Eu jamais vou conseguir fazer isso acontecer de novo. Às vezes eu durmo e sonho que eu estou jogando e acordo com um sorriso enorme e não tem mais como fazer o sonho se tornar realidade. Mas, me sinto feliz formando outros. É bem interessante. Tem um trabalho social que eu faço que me realiza enormemente. Vou de coração. Um é uma realização pessoal e o outro é a realização da alma, acho que eu vou para o céu. Eu falo ‘que bom que eu tenho essa causa’” (JACQUELINE SILVA).

No entanto, Lica e Isabel responderam que sempre foram felizes e se mostraram até surpresas com a pergunta: *“Não, eu fui feliz sempre. Fui feliz jogando, sou feliz agora” (LICA OLIVEIRA)* e *“Ah, não existe isso, não existe. Eu fui feliz quando tive filho, eu fui feliz jogando, eu fui feliz casando, fui feliz mergulhando na praia, não tem essa. Sou feliz, sou feliz agora” (ISABEL SALGADO).*

Já as demais entrevistadas disseram que foram feliz nos dois momentos, como Ana Richa: *“Eu não sei qual eu sou mais feliz, eu acho que tive momentos muito bons nas duas situações” (ANA RICHA)* e Lenice: *“Então momentos felizes todas as épocas, porque muda o foco. Antes o foco era eu, depois é você dar o teu eu pro outro” (LENICE PELUSO),* se referindo à fase de professora de Educação Física que desempenha atualmente.

Na sequência perguntamos se as entrevistadas trabalharam profissionalmente com o voleibol depois de terem parado de jogar e das onze jogadoras, sete responderam que sim. Uma jogadora respondeu que tentou, e outras três responderam que não trabalharam profissionalmente com o voleibol. Vejamos o que faz Jacqueline:

“Eu trabalho. Tem um projeto chamado Atletas Inteligentes, que eu iniciei em 1998 com o governo do estado, logo depois das Olimpíadas, quando o voleibol estava bombando. Abriram algumas escolas de voleibol pelo Rio de Janeiro, que acontecia em praças, áreas públicas. Foi muito bom, mas eu sempre quis fazer em escolas e os governos nunca aprovaram. Anos se

passaram e eu consegui realizar o projeto na praia. Fiz um trabalho bem legal, a UNESCO reconheceu e eu recebi o prêmio O Esporte pela Educação. Esse ano eu consegui colocar o projeto num CIEP, em Duque de Caxias e essa escola se transformou. Eu consegui buscar patrocínio pelas indústrias do entorno desse CIEP, que é a melhor coisa que existe nessa área. O projeto entrou na escola e transformou as aulas de Educação Física que era só rola bola, futebol, aulas sem imaginação nenhuma. Aí eu introduzi o voleibol, com uniforme, professores que não faltam, não atrasam. O projeto entra com uma mentalidade diferente, com vídeos, reuniões, palestras, mas a base é a educação” (JACQUELINE SILVA).

Já Vera Mossa disse que tentou, mas não conseguiu:

“Eu tentei trabalhar numa escolinha uma vez, mas o vôlei é um esporte muito difícil, principalmente na iniciação. A escolinha é muito complicada e as crianças não têm paciência para aprender a jogar vôlei porque demora a aprender. Demora a aprender a dar um toque, demora para aprender a dar uma manchete. Não é que demora um mês, o que para eles é uma vida, demora um ano. Então depois de um mês a maioria já tinha abandonado e eu percebi que não tinha vocação para isso, eu não ia ter paciência para ficar convencendo as crianças ‘olha, você tem que perseverar’ e aí eu desisti” (VERA MOSSA).

Logo depois perguntamos para as entrevistadas qual a ocupação de cada uma delas hoje em dia. Heloísa, Sandra e Isabel são técnicas de voleibol e Ana Richa é supervisora técnica.

“Eu sou supervisora do vôlei do Botafogo e trabalho com as categorias mirins a juvenil, crianças de onze até vinte anos é até pouco tempo eu estava como técnica de vôlei de praia também. Trabalhando na praia com o pessoal, com a garotada e com adultos também, sempre dentro do vôlei”(ANA RICHA).



FIGURA 40: Esquerda: Isabel e os filhos na praia. Centro: Ana Richa, funcionária do Botafogo. Direita: Heloísa, técnica do Flamengo.

FONTE: Folha online⁵¹; Blog Wonderfogo⁵²; Flamengo site oficial⁵³, respectivamente.

⁵¹ Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2609200422.htm>
. Acesso em: 04/04/2015.

Blenda trabalha como coordenadora do Minas Náutico e Dora trabalha no Comitê Rio-2016:

“Trabalho no Comitê com projeto de educação que é levar a educação olímpica para as escolas e comunidades. Então é preparar as crianças e através das crianças preparar a cidade para entender dos vários esportes que vão acontecer aqui nos Jogos e aproveitar para trabalhar os valores olímpicos e paraolímpicos” (DORA CASTANHEIRA).

Já Fernanda Venturini e Jacqueline são empresárias:

“Hoje eu sou sócia, eu e o Bernardo somos sócios da rede Body Tech, de uma loja de bicicleta. Eu tenho essa academia que é minha, lá em Ribeirão, que agora está com quase quatrocentos alunos e abriu faz quinze dias. Se chama Fórmula e é a segunda marca da Body Tech. Eu montei lá porque minha mãe mora lá, meu irmão e pra poder ficar mais tempo com a minha mãe que está numa idade avançada. Então um dos motivos foi montar lá porque a gente ia muito pouco pra lá e minhas filhas são as únicas netas da minha mãe, então assim aproveito levo e tal. Eu cuido de muita coisa, casa, acabei a obra da academia, agora é obra de casa e tem as coisas do Bernardo, sou eu que cuido de tudo já que ele não sabe nem o que é nada, enfim...” (FERNANDA VENTURINI).

Por sua vez, Vera Mossa é comerciante na cidade de Campinas:

“Então, eu sou comerciante aqui em Campinas, tenho uma loja de acessórios, bijuterias e bolsas e roupas também e gosto bastante disso. Estou sempre em contato com pessoas, foi uma coisa que de alguma forma, sem ter concluído a faculdade, não ter nível superior é uma das opções que a gente tem. Eu já estou nesse ramo há algum tempo e acho que já aprendi um pouquinho. Comércio é uma coisa complicada, mas eu meti as caras e estou aí. É a vida” (VERA MOSSA).

Lenice tem uma escolinha de vôlei e também trabalha como “personal trainer”:

“Hoje em dia eu tenho a minha escolinha que se chama LP10 e que é um centro de desenvolvimento e aperfeiçoamento de vôlei de areia. Além disso, trabalho como ‘personal’” (LENICE PELUSO). Por fim, Lica é atriz e jornalista:

“Então, eu sou atriz e jornalista e eu trabalho numa produtora. Sou locutora, apresentadora, sou aquela que falou em comunicação eu tô dentro. Então eu trabalho como atriz e quando não estou atuando também trabalho como produtora de cinema, onde eu trabalho fazendo vídeos instrucionais,

⁵² Disponível em: <http://wonderfogo.blogspot.com.br/p/wf-torcedores-famosos.html>. Acesso em: 4/4/2015.

⁵³ Disponível em: <http://flamengo.com.br/site/noticia/detalhe/19473/video-tv-fla-entrevista-lenda-do-volei-heloisa-roese>. Acesso em: 4/4/2015.

roteiros e locução. Trabalho com muita locução e isso é a minha vida (risos)” (LICA OLIVEIRA).



FIGURA 41: Lica, em foto recente.
FONTE: Jornal Extra online (2014)⁵⁴.

Podemos verificar que além de todas as entrevistadas terem uma vida profissional ativa, a maioria está desempenhando uma atividade relacionada com o voleibol, o que denota uma conexão importante com a atividade que desempenharam ao longo de tantos anos.

Na parte final da entrevista perguntamos às entrevistadas o que o voleibol significava para elas e percebemos que existe uma correlação muito grande desse esporte com a vida de cada uma hoje. Heloísa disse que “*Significa tudo porque foi quem me deu tudo na minha vida. O voleibol é tudo*” (HELOÍSA ROESE) e Ana Richa disse que “*significa um estilo de vida, uma razão pra tudo que eu faço. Eu acho que a minha vida toda sempre foi em torno do voleibol*” (ANA RICHA).

Lica relaciona a modalidade a coisas boas: “*É vida, é saúde, é vitalidade, resignação, sacrifício, significa também uma forma de vida*” (LICA OLIVEIRA) e Dora atribui relação direta com o desenvolvimento humano:

“O voleibol foi um meio de eu me realizar, de aprender. Um meio de aprendizado, de autoconhecimento, de convivência, de relação. Uma forma de relacionar com os outros, de aprender a conviver, a desenvolver. Pra mim foi o maior meio de desenvolvimento humano” (DORA CASTANHEIRA).

⁵⁴ Disponível em: <http://extra.globo.com/mulher/corpo/lica-oliveira-dulce-de-em-familia-ja-foi-titular-da-selecao-feminina-de-volei-por-isso-mantive-corpo-11885355.html>. Acesso em: 04/04/2015.

Já Blenda disse que a ajudou a crescer “*Acho que é uma parte da minha história e da minha vida. Acho que o voleibol me ensinou a crescer, as conquistas me ajudaram a ter uma personalidade forte*” (BLENDA BARTELS) e Fernanda Venturini disse que o voleibol sempre vai fazer parte da sua vida por que significa “*Minha vida. Me deu meu marido, deu minha família, deu minhas filhas, meu enteado. O vôlei vai estar sempre na minha vida, não tem como*” (FERNANDA VENTURINI).

Por outro lado, Vera Mossa destaca a paixão e o fato do voleibol ser o esporte coletivo mais coletivo que existe:

“O vôlei foi uma grande paixão, uma conquista minha mesmo. É difícil falar o que significa... Hoje é uma coisa que para eu trazer para o meu presente eu fico focada no Bruno, fico focada na Ana Luísa a minha filha que está começando a jogar. É um esporte muito legal, é uma coisa que eu gosto muito, mas eu não sou doente, fissurada e não é que eu não faça outra coisa, que eu só pense nisso. Eu acho um esporte bonito, acho que é o esporte coletivo mais coletivo que existe. Tem essa coisa da solidariedade, de se ajudar, de estar todo mundo junto e você vê claramente que o time campeão é o time mais unido, mais junto, que é o grupo que dá certo. Então essas coisas eu acho muito bacana no vôlei” (VERA MOSSA).

Já Sandra e Lenice disseram que significa as suas vidas: “*Olha se eu cheguei aonde eu cheguei e se eu sou quem eu sou eu devo muito ao voleibol porque ele me ensinou tudo, a disciplina, a minha vida*” (SANDRA LIMA) e “*Tudo, tudo que eu tenho eu devo a ele, a minha pessoa, a minha vida, a minha casa, o meu trabalho, a minha determinação, tudo*” (LENICE PELUSO).

Por sua vez, Isabel disse que o voleibol significa muito e o fato dos filhos jogarem a mantém dentro do esporte:

“O voleibol para mim significa muita coisa. Foi a atividade que eu fiz e faço e ele se confunde com a minha vida porque eu desde muito cedo comecei a jogar e o fato dos meus filhos jogarem acabou acontecendo de uma forma curiosa que eu não esperava de me manter também dentro do vôlei. Essa ligação com o vôlei se dá muito por conta deles e o voleibol representa muita coisa, representa tudo que eu te falei, alegria, tristeza, diversão, eu gosto de estar ali, sabe?” (ISABEL SALGADO).

Por fim, o relato de Jacqueline além de exprimir o que o voleibol significa para ela, também explica a forma aguerrida e comprometida com a qual desempenhou a modalidade:

“Significa a minha forma de viver. Eu não consigo imaginar a minha vida sem o voleibol, sem esse esporte. Ele me dá a base, ele me dá as ideias, ele

me faz visualizar as coisas que eu quero. É através dele que eu me movimento que eu conquisto. Eu continuo de certa forma sendo a jogadora que eu fui só que sem ser mais aquela jogadora. Hoje eu jogo de forma diferente, jogo para os outros, jogo com os outros. Talvez dessa forma eu consiga desenvolver o meu trabalho melhor porque quando eu era muito competitiva eu não conseguia ver alguém jogar voleibol e não ser um bom jogador. Eu não conseguia achar aquilo interessante. Eu não conseguia entender alguém praticar o voleibol com outras intenções. E hoje é exatamente isso que eu foco, o meu estilo de vida” (JACQUELINE SILVA).

Para finalizar, a última pergunta buscava descobrir qual o legado que o voleibol deixou para a vida de cada uma delas. Mais uma vez daremos voz a todas as entrevistadas, de forma que possamos identificar a importância que esse esporte tem e teve na vida de cada uma desde sempre.

Isabel destaca a emoção *“Ah, foi ter me emocionado tanto com uma atividade. O vôlei é uma coisa divertida, legal. Eu gosto de participar de uma equipe. O maior legado é esse, é me emocionar até hoje com essa atividade”* (ISABEL SALGADO) e Lica destaca um conjunto de qualidades *“O principal legado, as amizades, essa facilidade na relação interpessoal, disciplina em relação ao trabalho, em relação ao corpo, em relação aos trabalhos de uma forma geral e responsabilidade”* (LICA OLIVEIRA).

Já Fernanda Venturini se refere ao marido *“Ah, deixou que o vôlei me trouxe o marido que é o mais importante, a possibilidade de constituir uma família, que é o que toda mulher sonha”* (FERNANDA VENTURINI) e Sandra se refere à pessoa no qual se transformou *“Ser a pessoa que eu sou, que respeita as pessoas. Eu posso dizer que o voleibol me deixou tudo, posso dizer que a Sandra que eu sou hoje em dia eu devo ao voleibol”* (SANDRA LIMA). Por sua vez, Ana Richa se refere à vivência e à comprovação:

“A disciplina, a hierarquia, eu acho que isso tudo eu aprendi. Não é que eu aprendi com o vôlei, mas isso foi reforçado com o vôlei. Eu acho que o professor de escola tem uma importância, sempre ensina coisas, mas eu acho que o vôlei e o esporte você vivencia. O professor falar é uma coisa, a outra coisa é o técnico falar ‘tem que fazer isso porque se a gente fizer vai ganhar’ e o aluno vai lá, faz e ganha. Então, você vivenciou aquilo que era uma teoria. É óbvio que tem professores com aulas práticas que eu acho muito legal. Eu tive isso na faculdade e eu acho que isso é bacana, mas o vôlei é ‘o cara fala você faz e acontece’, tem resultado e isso é muito forte, eu acho que isso é um privilégio. Pra mim é realmente uma herança, o pilar do esporte pra mim é esse (ANA RICHA).

Jacqueline foi sintética: *“Isso tudo aí, a minha vida. Eu, eu do jeito que eu sou (risos)”* (JACQUELINE SILVA), da mesma forma que Lenice: *“Eu acho que a*

determinação, a persistência, esse intercâmbio de cultura e de pessoas, de costumes e línguas” (LENICE PELUSO).

Já Dora falou das lembranças e da coragem: *“As lembranças, os amigos, as boas lembranças, a coragem de enfrentar” (DORA CASTANHEIRA)*, Vera Mossa destacou a colaboração: *“É viver dentro dessa filosofia de todo mundo se ajudando, de colaboração, de integração, de parceria, de sociabilidade. Eu acho que é isso” (VERA MOSSA)* e Blenda relacionou com a sua personalidade: *“A minha personalidade, o meu temperamento, a construção da minha educação” (BLENDA BARTELS).*

Por fim, Heloísa disse que o voleibol deixou muita coisa, mas se queixou da memória curta do povo brasileiro que não se lembra das pessoas que envelheceram e que foram importantes para o desenvolvimento do esporte:

“Deixou tanta coisa. Às vezes estou em casa e o pessoal entra na internet e diz ‘vi um filme seu’. Minhas atletas também dizem ‘não sabia que você jogou esse tempo todo em seleção’ porque não fico falando. Para você ver como a memória é curta, para eles não houve essa transição. O Brasil hoje e as pessoas só lembram do que está acontecendo e não do que houve, pois para chegar a isso teve aquela fase. O Zé Roberto (atual técnico da seleção feminina de voleibol) viajou comigo para o sul-americano e hoje é o técnico da seleção. Então, não existe esse passado. Essa garotada não sabe quem é quem. Eles sabem quem é Sheila, Thaisa, a Fabi que foi minha atleta aqui no Flamengo, ela até dormia no vestiário porque estudava e vinha para cá, almoçava no clube. Ninguém lembra o pessoal que tinha antes, de como chegou, o pessoal não lembra” (HELOÍSA ROESE).

Em suma, ao longo de uma importante década para o voleibol feminino, os anos 1980 trouxeram mais do que o aumento da visibilidade dessa modalidade esportiva – trouxeram o engajamento de mulheres que se tornaram importantes para a afirmação da condição feminina no esporte e na sociedade. Do início da década, quando a inserção no voleibol era uma decisão cercada de muito esforço para as mulheres que praticavam esporte, a família teve um papel importante para a continuidade dessas atletas no cenário esportivo. Convocadas para representar o país desde muito cedo, jogadoras como Heloísa e Vera Mossa se inseriram na seleção brasileira adulta muito jovens, com dezessete e quinze anos, respectivamente.

Ao longo do trabalho verificamos que a década de 1980 foi profícua em termos de acontecimentos importantes para o desenvolvimento do esporte nacional, da mesma forma que o papel desempenhado por essa geração que teve a oportunidade de atuar nesse período também foi determinante para o sucesso que o voleibol desfruta atualmente. Por fim, quando

permeamos o momento de retirada das jogadoras do cenário do voleibol verificamos que a maioria das atletas deixou as quadras, mas permanecem ligadas ao esporte de alguma maneira, o que corrobora com o discurso de grande parte das entrevistadas sobre a importância e o significado que o voleibol possui em suas vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder ao objetivo central da pesquisa, “descrever a trajetória da seleção feminina adulta de voleibol do Brasil na década de 1980” e os específicos, “destacar os principais fatos que corroboraram para a transformação do esporte nesse período no Brasil” e “analisar o processo de inserção, permanência e aposentadoria das atletas no esporte e sua contribuição para a ascensão do voleibol no cenário nacional e internacional”, concluímos que:

A escola e a família tiveram participação fundamental na inserção dessas mulheres com a prática esportiva. Posteriormente, a família continuou tendo participação decisiva no que diz respeito ao apoio para que continuassem a praticar o esporte, atuando no desenvolvimento das jovens atletas.

A família ainda assumiu diferentes papéis durante o processo de desenvolvimento da carreira destas atletas. Nos anos iniciais, os pais proporcionaram oportunidades para que a maioria delas tivesse diversas experiências no esporte. Nos anos intermediários, cresceu o interesse dos pais pelo esporte que as jovens escolheram para se especializar. E observou-se que quando estas se destacaram no esporte, os pais auxiliaram na busca pela melhor estrutura de treinamento, apoio financeiro e educacional. Além disso, os discursos de nossas atletas demonstraram também que a presença dos treinadores foi fundamental para o desenvolvimento delas no voleibol.

Sobre como se desenvolveu o processo de permanência dessas atletas no voleibol foi possível concluir que:

O tipo de apoio oferecido pela família no início e durante a carreira destas atletas influenciou, diretamente, na permanência delas no voleibol. Este apoio foi mencionado de diferentes formas por todas as jogadoras e se refletiu na motivação para permanecer na modalidade, assim como no comprometimento com o esporte e com a carreira.

É interessante destacar também como um dos aspectos influenciadores para a permanência delas no voleibol o envolvimento social com o esporte. O bom relacionamento com suas amigas no clube, as amigadas, foram fundamentais para sua permanência e motivação dentro do esporte, sobretudo, se considerarmos que o vínculo social dos atletas advém do ambiente esportivo, uma vez que passam muito tempo dentro das quadras treinando e em competição.

Outro aspecto relevante observado foi o “protagonismo da geração de 1980” para a consolidação do esporte no cenário nacional e internacional. Este foi verificado por um

conjunto de situações e experiências vivenciadas pelas atletas e pela seleção brasileira, a saber:

Em 1980, a atleta Isabel Salgado foi a primeira atleta de seleção brasileira a jogar no exterior, inaugurando uma nova condição para as jogadoras de voleibol do Brasil, ampliando suas oportunidades na carreira.

Ainda em 1980, a seleção brasileira feminina de voleibol foi convidada a participar dos Jogos Olímpicos de Moscou, primeira participação do voleibol feminino e também a primeira de uma equipe feminina de esporte coletivo brasileiro em Olimpíadas.

A seleção feminina de voleibol venceu, com transmissão ao vivo da Rede Globo de televisão, o campeonato sulamericano (1981), superando sequência de vitórias de uma década da seleção peruana. Esta vitória foi emblemática, e em rede nacional, aproximou o telespectador de norte a sul, do Voleibol. A forma apaixonada, com que as jogadoras disputaram o I Mundialito feminino (São Paulo) e o entusiasmo com que o locutor Luciano do Valle, que transmitiu as partidas pela Rede Record de televisão, conquistou os telespectadores e ajudou a massificar o esporte.

Nesse processo midiático do esporte feminino, e em especial o voleibol feminino, difundiu a beleza das atletas, esporte das redes, sem contato, explorou a representação das musas, porém, estes aspectos não foram os únicos: as ideias, o talento e as atitudes dessas atletas formaram um conjunto significativo de competências para que todas essas conquistas ganhassem repercussão. A prova disso é que ainda no ano de 1982, a atleta Isabel engravidou e não parou de jogar até o sexto mês de gestação, fato que quebrou um tabu em torno da maternidade e da participação da mulher no esporte e na sociedade.

No início de 1983, Os clubes-empresa iniciaram o processo de transição do amadorismo que girava em torno do voleibol e as atletas começaram a estabelecer uma relação mais profissional com o esporte: passaram a ter mais deveres, mas também, começaram a usufruir de direitos.

Uma nova participação olímpica, em 1984, com a seleção sendo novamente convidada a participar dos Jogos Olímpicos de Los Angeles e, mais uma vez como a única equipe feminina brasileira de esporte coletivo presente no evento.

A contestação fazia parte deste grupo e, de certa forma, foi liderada pela atleta Jaqueline que, insatisfeita por exibir um uniforme com a logomarca do patrocinador e não receber por isso, ao contrário da equipe masculina, usou o uniforme pelo avesso e foi retirada da seleção brasileira. Mesmo fazendo parte de num cenário esportivo e profissional em expansão, a atleta Jacqueline, que servia à seleção brasileira, estava desempregada na

temporada de 1985. A atleta protagonizou a volta por cima e refez sua carreira no vôlei de praia norte-americano e sagrou-se a primeira mulher campeã olímpica brasileira, ao lado de Sandra Pires, onze anos depois. Sua atitude revolucionária mudou os rumos do voleibol e pouco tempo depois de sua saída do Brasil, as mulheres começaram a receber para estamparem a logomarca do patrocinador oficial da seleção brasileira.

Na metade da década, o Brasil possuía um campeonato brasileiro forte e organizado, e também trabalhava a base do esporte. O resultado desse investimento foi a conquista do I campeonato mundial juvenil, em 1987, na Coreia do Sul. No ano de 1988, a seleção brasileira feminina de voleibol participou dos Jogos Olímpicos de Seul, desta vez sem convite, mas com a conquista da vaga. Em 1989, o Brasil se tornou bicampeão mundial juvenil, no Peru, resultado que coroou os esforços da CBV para que o voleibol feminino conquistasse melhores condições no cenário mundial do esporte.

No ano de 1990, elas ficaram conhecidas como as “descamisadas”, ou seja, valorizadas pela qualidade técnica que apresentavam, porém, desempregadas, por receberem salários altos. Este cenário colocou em dúvida o processo de profissionalização iniciado na década de 1980.

O processo de aposentaria das jogadoras não foi acompanhado e não teve uma preparação. A maioria parou de jogar por conta da idade e isso aconteceu de forma natural, embora a rotina a qual estavam acostumadas tenha deixado saudade.

Grande parte das atletas destacou a dificuldade para reconstruírem uma nova carreira após terem parado de jogar voleibol, uma vez que não tiveram tempo para estudar ou não pensaram adequadamente no momento da aposentadoria. Apesar disso, a maior parte delas trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de parar de jogar e se mantém ativas profissionalmente até hoje, deixando claro que o voleibol faz parte de suas vidas.

A história da participação das mulheres na construção do voleibol brasileiro está em curso. Ao descrever a trajetória da seleção feminina adulta de voleibol do Brasil na década de 1980, período que marcou a ascensão da equipe no cenário esportivo mundial e a consolidação do esporte no cenário nacional, verificamos que a potência dessa geração de mulheres não somente abriu caminhos para outras conquistas, mas, sobretudo, reverberou para além do esporte e do esporte feminino na luta para assegurar um lugar no campo profissional como atletas e como representantes do Brasil, como mães. Enfim, suas ações como mulheres e cidadãs foram e continuam sendo fundamentais para propagar as inspirações que resultam em novas representações e práticas.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Visões da pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 184-217, jan./jun. 2009.
- ADRIANO, N. A mulher no olimpismo do século XX. **Revista Olímpica Brasileira**, p.32-33, jul. 1992.
- ALONSO, L. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e Esporte. Mitos e Verdades**. São Paulo: Manole, 2003, p.35-47.
- AMADO, J.; FERREIRA M. Apresentação. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.VII-XXV.
- BARA FILHO *et al.* O voleibol e os Jogos Olímpicos: uma história de pura emoção. In: COUTO, LEMOS, COSTA (Orgs.). **XV Temas Atuais em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014, v.1, p. 167-180.
- BERNARDINHO. **Transformando suor em ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CARVALHO, M. J.; CRUZ, I. **Mulheres e desporto: declarações e recomendações internacionais Portugal**: Associação portuguesa mulheres e desporto, 2007.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault** – um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CERQUEIRA, M. B. **Pobres, nômades e incivilizáveis: potência e criação de novos modos de vida**. 2006, 167f. Tese (Doutorado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.
- CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. (Orgs.). **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2001.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL. **Regras oficiais de voleibol**. Rio de Janeiro: Sprint, 2004.
- CRANE, D. **Ensaio sobre moda, arte e globalização cultural**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- CRESPO, J. **A história do corpo**. Lisboa: Difel, 1990.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- DEL PRIORE, M. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, SP: Contexto, 1997.
- D'INCAO M. A. Mulher e família burguesa. In: PRIORE M. D. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FEATHERSTONE, M. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 2007.

FONSECA *et al.* Pesquisa e acontecimento: o toque no impensado. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 655-660, set./dez, 2006.

FOUCAULT, M. Estratégia, poder-saber. In **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003.

FRISCH, M. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GUEDES, C. M. **Mulheres à cesta: o basquetebol feminino no Brasil - 1892 -1981**. São Paulo: Miss Lily, 2009.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun.. 2005a.

_____. Mulher e esporte: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n 1, p. 85-100, Jan./Jun. 2005b.

_____. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. 1999, 174f. Tese (Doutorado em Educação): Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.1, n. 1, p. 49-64, jul./dez. 2007.

GUIMARÃES, G.; MATTA, P. Uma história comentada da transformação do voleibol: do jogo ao desporto espetáculo. **Revista de Educação Física**, n. 128, p.79-88, 2004.

GUMBRECHT, H. U. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

HELAL, R. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HENRIQUES, R. **Metodologia de história oral**. A experiência do Museu da Pessoa. Apostila. [2014?].

JOUTARD, P. **Cesvoixquinousviennentdu Passé**. Paris: Hachette, 1983.

KEMP, K. **Corpo modificado, corpo livre?** São Paulo: Paulus, 2005.

KNIJNIK, J. D. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história.** São Paulo: Ed. Mackenzie, 2003.

KOCH, R. **Tie-Break: a saga dourada do vôlei masculino do Brasil.** Porto Alegre: Editora Dora Luzzatto, 2005.

LEE-MANOEL, C. O corpo em movimento gerando autoconhecimento. In: COSTA, A. *et al.* **Corpo, prazer e movimento.** São Paulo: SESC/SP, 2002, p.32-41.

LENK, M. A mulher no esporte: ignorada na Grécia antiga e respeitada no presente. **Revista Olímpica Brasileira**, p. 4-12, jul. 1992.

LOPES, P. **O movimento Diretas Já e a cobertura do jornal Zero Hora: uma análise a partir da Agenda-Setting.** 2007, 79f. Monografia (Especialização em História, Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo): Universidade FEEVALE, 2007.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE M. (Org). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-481.

LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I. O; SELLI, L. Mitos e tabus da maternidade: um enfoque sobre o processo saúde-doença. **Revista brasileira de Enfermagem**, p. 42-48, jan.-fev. 2007.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000).** 2001. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELO *et al.* **Pesquisa histórica e história do esporte.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2012, p. 61-75.

MOURA, M. L. S.; FERREIRA, M. C. **Projetos de pesquisa: elaboração, redação e apresentação.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2005.

MOURÃO, L. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização.** Tese (Doutorado em Educação Física). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

_____. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, 2000, p. 5-18.

NASCIMENTO, P. H. **Mulheres no pódio: as histórias de vida das primeiras medalhistas olímpicas brasileiras.** 2012, 86f. Dissertação (Mestrado em Educação): Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 8, n. 2, p. 1-29, 2000.

OLIVEIRA, M. A. T. Esporte e política na ditadura militar brasileira: a criação de um pertencimento nacional esportivo. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.18, n.4, p. 155-174, out./dez. de 2012.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTEL, R. A. **História do voleibol no Brasil**, volume I. Niterói: Letras e Versos Editora, 2012.

PRONI, M.; LUCENA, R. (Orgs.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE M. D. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.

ROMARIZ, S. B. de. **Mulheres e homens no voleibol de rendimento: práticas e representações**. 2010, 114f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

SANTOS, V. G. R. Caso Riocentro – Terror e violência no processo de abertura política brasileiro. In: **Revista Contemporânea – Dossiê 1964-2014: 50 anos depois, a cultura autoritária em questão**, Rio de Janeiro, Ano 4, v. 1, n. 5, 2014, p. 1-27.

SANTOS, M. A relação entre ato e potência na metafísica de Aristóteles. In: **Revista Húmus**, jan-fev-mar-abr, 2013, n.7, p. 111-121.

SCOTT, A. S. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PEDRO, J. M.; PINSKY, C. B. (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p. 15-42.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 1-35, jul./dez, 1990.

SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Caderno Cedes**, Campinas, SP, ano XIX, n. 48, p. 7-29, ago. 1999.

SILVA, J. **Jackie do Brasil**; autobiografia de uma jogadora não autorizada. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e esporte: mitos e verdades**. São Paulo, SP: Manole, 2003.

SIMÕES, A. C. *et al.* Perspectiva de vida e transição de carreira de mulheres-atletas de voleibol. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e Esporte. Mitos e Verdades**. São Paulo: Manole, 2003, p. 177-191.

SIRAQUE, V. **O controle social da função administrativa do Estado**: possibilidades e limites na constituição de 1988. 2004, 223 f. Dissertação (Mestrado em Direito): Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

SIRINELLI, J. F. A geração. In: FIGUEIREDO, J.; FERREIRA, M. (Orgs.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006. p. 63-81.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE M. D. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

SOARES, C. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

SOUZA, G.; MOURÃO, L. **Mulheres no tatame**: o judô feminino no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE M. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

THOMAS, A. L., DIDEROT; D'EPINAY M. **O que é uma mulher?** Um debate. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALPORTO, O. **Atleta, substantivo feminino**: as mulheres brasileiras nos Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

_____. **Vôlei no Brasil**: uma história de grandes manchetes. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

VIGARELLO, G. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

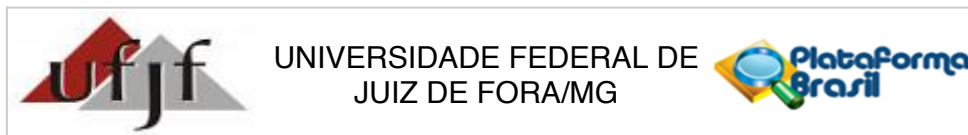
VLASTUIN, J. **“As donas da quadra”**: leitura sociológica das unidades geracionais olímpicas do voleibol feminino no Brasil (1980-2008). Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n 2, mai./ago., 2010, p. 205-224.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO A

PARECER CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Mulheres em Manchete: A potência da geração de voleibol dos anos 1980

Pesquisador: Ludmila Mourão

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 37056114.0.0000.5147

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 875.811

Data da Relatoria: 12/11/2014

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto esta clara e detalhada de forma objetiva. Descreve as bases científicas que justificam o estudo.

Objetivo da Pesquisa:

Apresenta clareza e compatibilidade com a proposta de estudo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo, considerando que os indivíduos não sofrerão qualquer dano ou sofrerão prejuízo pela participação ou pela negação de participação na pesquisa e benefícios esperados, estão adequadamente descritos.

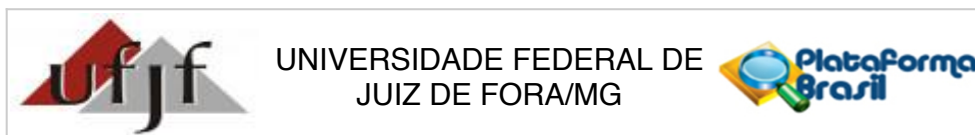
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O projeto está em configuração adequada e há apresentação de declaração de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa, assinada pelo responsável da instituição onde será

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 875.811

realizada a pesquisa. Apresentou de forma adequada o termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o projeto está aprovado, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: Agosto de 2015.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO do protocolo de pesquisa proposto. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

JUIZ DE FORA, 18 de Novembro de 2014

Assinado por:
Paulo Cortes Gago
(Coordenador)

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980”. Nesta pesquisa pretendemos descrever a trajetória da seleção feminina adulta de voleibol do Brasil na década de 1980, período de transformações que marcaram a ascensão da equipe no cenário esportivo e a consolidação do esporte no cenário profissional nacional. O motivo que nos leva a realizar essa pesquisa é a oportunidade de se trabalhar com a história oral para o registro de um período que foi fundamental para a profissionalização do esporte e, no caso desse estudo, o voleibol feminino. Para esta pesquisa adotaremos como procedimento principal a entrevista semiestruturada, de modo a contribuir para a construção de parte da história do voleibol feminino brasileiro. Ou seja, trata-se de um estudo com risco mínimo, o que significa o mesmo risco que se tem em atividades rotineiras, como conversar, ler, etc.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar, se assim o desejar. No entanto, dada a sua representatividade (no esporte/na imprensa) perante a geração de vôlei investigada, somada a intenção de melhor contextualizarmos a análise, solicita-se a autorização do uso de seu nome e imagem nas publicações resultantes deste estudo. Você poderá autorizar ou não autorizar mediante declaração abaixo. O uso indevido ou não autorizado de nome ou imagens acarretará em pagamento de indenização à vítima.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “**Mulheres em manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980**”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Declaro que concordo em participar desta pesquisa e sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de

participar, se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido, o qual li e esclareci minhas dúvidas.

Declaro que _____ (autorizo/não autorizo) o uso de meu nome e imagens nas publicações resultantes deste estudo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Juiz de Fora e a outra será fornecida ao Sr.(a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20 ____.

Nome	Assinatura participante	Data
------	-------------------------	------

Nome	Assinatura pesquisador	Data
------	------------------------	------

Nome	Assinatura testemunha	Data
------	-----------------------	------

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humano-UFJF

Campus Universitário da UFJF

Pró-Reitoria de Pesquisa

CEP: 36036-900

Fone: (32) 2102- 3788 / E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br

Pesquisador Responsável: **Ludmila Nunes Mourão**

Endereço: Rua Mario Pederneiras, nº 4/204 – Humaitá – Rio de Janeiro - RJ

CEP: 22.261-020

Fone: (21) 98169-8117

E-mail: ludmila.morao@terra.com.br

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data: _____ Período que jogou: _____
 Nome: _____
 Data de nascimento: _____ Idade: _____
 Naturalidade: _____ E-mail: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ CEP: _____
 Telefone (s): _____
 Estado civil: _____ Tem filhos? () não () sim
 Quantos? _____
 Grau de escolaridade: _____ Profissão: _____

Inserção

1. O que te levou ao voleibol? Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?
2. Quando você começou a jogar e por qual clube?
3. Com quem você começou a jogar voleibol?

Permanência

1. Como era ser jogadora de voleibol na década de 1980?
2. Descreva sua trajetória esportiva (desde o começo até o momento de parar).
3. Por quais clubes jogou?
4. Quais pessoas foram importantes, ao longo de sua trajetória, para a consolidação da sua carreira?
5. Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?
6. No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de 1980 que você considera importantes?
Dentre esses, qual você considera o mais importante? Por quê?
7. Qual (is) episódio (s) marcou (aram) a sua carreira na década de 1980?
8. Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte, na década de 1980?
9. O que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida?
10. O que significava para você ser jogadora da seleção brasileira? O que você almejava?
11. O que representou para você participar dos jogos olímpicos?
12. Como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a sua vida pessoal?
13. Como você percebia o olhar do outro sobre o seu corpo atlético?
14. Como era a rotina de treinamentos da seleção (lesão, sacrifício, superação, disciplina)?
15. Havia diferenças entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980? Caso afirmativo, quais diferenças você destacaria?

16. O que representou o voleibol feminino na década de 1980 na sua percepção, em nível nacional e internacional?
17. O que a geração dos anos 1980 deixou para as gerações seguintes?

Aposentadoria

- 1 Quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?
- 2 Como foi a decisão de parar de jogar?
- 3 Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de jogar?
- 4 Você sente saudades da época em que jogava? O que mudou em sua vida depois de ter parado de jogar?
- 5 Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando jogava ou depois de ter parado de jogar? Por quê?
- 6 Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar?
- 7 Qual a sua ocupação hoje em dia?
- 8 O que o voleibol significa para você?
- 9 Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

Gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas abordados nesta entrevista?

APÊNDICE B

ENTREVISTA HELOÍSA ROESE

Data da entrevista: 14/08/2014

Local da entrevista: Clube de Regatas Flamengo, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Heloísa Helena Santos Roese

E-mail: roese_4@hotmail.com

Data de nascimento: 14/10/1956

Idade: 58 anos

Estado civil: solteira

Tem filhos: não

Grau de escolaridade: superior (Educação Física)

Tempo dedicado à modalidade: 30 anos

M.T. – Heloísa, o que te levou ao voleibol?

H.R. – Eu nasci dentro de uma quadra de voleibol, porque meus pais jogavam voleibol. Meus pais foram seleção gaúcha de voleibol. Eu dentro do carrinho, eles iam pra quadra jogar e eu ia junto. Então, desde que eu nasci vivo dentro do voleibol.

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

H.R. – Sim, sou de uma cidade de origem alemã, onde o tênis é uma coisa muito forte. Então, eu comecei jogando tênis. Com seis anos eu já jogava tênis e aí chegou uma hora que meu pai disse para mim “você tem que optar entre o voleibol e o tênis”. Eu como canhota teria muita coisa no tênis só que a minha paixão era o voleibol e aí eu escolhi o voleibol. Então, com 10 anos eu comecei a jogar voleibol.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

H.R. – Não comecei em nenhum clube não. Morava na cidade de Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul) e tinha o colégio que estudava chamado Colégio São Luiz, que era um colégio de freiras. Eu estudava lá, estava no quinto ano na época, e eu estava sentada na quadra de voleibol vendo a equipe jogar. O técnico do colégio falou assim: “Você é alta e não quer jogar voleibol? Vem jogar com a gente”. Elas tinham tudo 16 ou 17 anos, e falei “pô, eu posso? então eu vou”. Isso foi quando eu comecei, foi em um colégio. Depois eu fui federada em clube com 15 anos, quando eu fui para o Grêmio Náutico União, em Porto Alegre, porque minha família se mudou para Porto Alegre. Fui federada mesmo com 15 anos; então não

participei de categoria mirim, infantil, entrei direto no infante. Com 15 anos quando nós fomos para Porto Alegre, a minha mãe não queria. Meus pais tinham se separado e minha mãe não queria que eu fosse sozinha para o clube. Na escola que eu estudava tinha uma menina que jogava no Grêmio Náutico União e ela começou a me convencer de ir. Então, eu comecei a ir escondida para o ginásio. Minha mãe trabalhava o dia inteiro porque era professora. Eu chegava de tarde e meus irmãos, o Paulo (Paulo Roesse), que jogou voleibol e o Valter, que jogou basquete, estavam na escola, então saía de casa e ia para o clube e andava assim dez quadras. Só que chegou a hora que eles quiseram me federar, então eu tive que falar com a minha mãe porque ela tinha que assinar o papel da federação. Depois disso, ela gostou e deixou e eu tinha, na época, quinze anos, isso foi mais ou menos em maio, por aí, quando eu comecei a jogar. Comecei a treinar com o seu Henrique Alonso que era um uruguaio que morava na minha cidade e ele era professor, técnico de voleibol. Um tempo atrás até conversei com ele, depois eu fui pro União onde era o Justino e a Neusa Barcelos que hoje ainda trabalha no sul, quero dizer, ela já está aposentada, não trabalha mais. Aí houve uma convocação de seleção gaúcha e eu fui convocada para um campeonato adulto em Natal (Rio Grande do Norte). Eu fui, tinha 16 anos, alta com um metro e oitenta, canhota e fui convocada para seleção brasileira adulta em 1973, porque muita gente estava parando de jogar e eles fizeram uma renovação e então entrei nessa renovação que foi em 1973, para um sulamericano adulto (Campeonato Sulamericano de Voleibol Feminino em Bucaramanga, Colômbia).

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

H.R. – Era difícil porque eu tinha que estudar pela manhã, trabalhava à tarde e treinava à noite; isso lá no sul (Rio Grande do Sul) mesmo. Quando vim pro Rio (Rio de Janeiro) treinar no Flamengo (Clube de Regatas Flamengo) em 1977, que o Ênio (Ênio Figueiredo) me trouxe eu entrei pra UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), fiz vestibular. Aí eu fazia faculdade à tarde, na UERJ e de manhã eu dava aula na escolinha no Flamengo. Eu tinha alimentação no clube, saía, ia pra UERJ e voltava para treinar à noite. Em 1980 fui para o Fluminense porque era uma estrutura melhor na época, era melhor para mim. Tinha um apartamento que a Denise Mattioli (jogadora de voleibol) morava e eu fui morar com ela porque tinha alimentação e um emprego melhor dentro do clube. Já tinha me transferido pra Gama Filho (Universidade Gama Filho) porque na época que eu estava na UERJ ela não me liberava para ir à seleção brasileira, eu recebia falta não sei por que, intrigas e coisas assim. Fui para a Gama Filho e ia para lá de manhã, voltava para o Fluminense almoçava, trabalhava

à tarde e de noite a gente treinava. Isso foi até 1984. A gente não treinava duas vezes por dia. Trabalhava na escolinha e recebia um dinheiro para trabalhar na escolinha e comecei realmente a ganhar alguma coisa quando eu fui para o Bradesco, em 1984. Antes disso a gente não recebia nada, a gente recebia pelo trabalho da gente. Até recebia porque tinha a faculdade paga, alimentação paga, morava em um apartamento do clube, mas salário mesmo a gente não recebia, só fui receber quando fui para o Bradesco.

M.T. – A partir de 1984, então, você considera que o voleibol feminino ficou profissionalizado?

H.R. – Sim. Ainda tinha antes porque quando eu estava no Fluminense, já tinham criado um clube aqui no Rio, a Hígya, e o pessoal foi para lá ganhando salário, era o máximo. Depois, em 1983 já tinha a Supergasbrás e elas também recebiam, mas a gente tinha um grupo no Fluminense que era super legal. Até na época a Dulce (Dulce Thompson, jogadora de voleibol) saiu, acho que a Dulce foi para a Supergasbrás e a gente não aceitava aquela saída porque a gente era um grupo muito fechado que ganhou tudo. Ganhamos Brasileiro (Campeonato Brasileiro de Clubes de Voleibol), Sulamericano, Campeonato Carioca, a gente ganhava sempre que a disputa era Flamengo contra Fluminense. Então, 1984 foi realmente quando eu comecei a não precisar mais trabalhar e podia treinar de manhã, treinar à tarde e fazia faculdade. Dava para você não precisar trabalhar para ganhar um salário, o voleibol pagava isso.

M.T. – Heloisa descreva sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar?

H.R. – Vou começar pela primeira seleção que eu peguei que foi em 1973; fui treinar em São Paulo e nós ficamos em alojamento, seleção adulta em alojamento. Chegava lá, você imagina, na cidade que eu treinava que era Porto Alegre a gente treinava duas horas por dia. Chegava à seleção, em um mês você treinava oito horas por dia, então a gente chegava acabada. Não tinha estrutura para coisa, não tinha uniforme, então a gente levava uniforme. Eu fui cortada dessa seleção porque era uma das mais novas, mas foi uma boa experiência. Em 1974 fui convocada pra seleção brasileira juvenil, mas torci o joelho e não fui. Em 1975 fui pro Sulamericano, no Paraguai e aí começou a melhorar. Foi o ano que entrou o Moju e já tínhamos uniforme de treinamento, uma estrutura melhor. Naquela época não lembro se a gente ficou em São Paulo ou no Rio. Fomos ao Paraguai, mas sempre tinha o calo nosso que era o Peru, que era um caos. Em 1976 tinha juvenil também, foi na Colômbia ou na Bolívia.

Em 1977 teve o primeiro mundial juvenil (realizado no Brasil) e como o pessoal da seleção brasileira a maioria tinha parado, eles chamaram a mim, Marilda e Angélica. Eu sou de outubro, se eu tivesse nascido em janeiro eu tinha jogado o mundial juvenil, mas como era de outubro não pude jogar. Eles chamaram a gente e concentraram a gente três meses em Minas Gerais. Tinha uma casa, a CBV (Confederação Brasileira de Voleibol) alugou uma casa e era na frente da casa do seu Hélcio Nunan que é o supervisor das categorias de base da confederação até hoje. Nós ficamos três meses treinando ali, porque nós todas, junto com as juvenis iríamos jogar o Sulamericano em 1977. Teve o Sulamericano e ficamos em segundo de novo. Depois, no fim do ano, eu vim para o Rio, em 1977. Logo depois, em 1978, já com o Ênio, nós fomos ao mundial adulto na Rússia; foi em Leningrado, hoje acho que é São Petersburgo. Na época, a confederação não tinha dinheiro, então tivemos que sair um mês antes do campeonato para poder jogar e ficamos viajando. Era Romênia, Tchecoslováquia que na época da cortina de ferro era muito forte, a Alemanha Oriental; atravessei o muro de Berlim com as malas na mão. Na Romênia, no avião a gente tinha que deixar tudo, só viajava com o passaporte no casaco. Mala, bolsa tudo ia dentro do avião que era um avião pequenininho; era assim que a gente fazia os amistosos. Hoje a gente vai lá, joga e retorna. Bom, a gente não tinha isso não. Ficava um mês para depois ir ao campeonato. Nós fomos para a Rússia e o Brasil era décimo sétimo lugar e nós paramos em sétimo, eu acho. Foi um salto muito grande. Isso em dois anos de treinamento; quer dizer, nós jogamos em 1974. Teve um Mundial, no México e o pessoal tinha sido, acho que foi no México, tinha ficado em décimo sexto ou décimo sétimo. Ai nós fomos pra oitavo lugar, eu sei que a gente deu uma puxada assim. Voltamos para o Brasil em 1978, e em 1979 teve o “mundialito” que é a classificação para a Olimpíada e a gente não conseguiu classificar só que teve o boicote e o Brasil entrou. Sei que o Peru entrou no lugar dos Estados Unidos e eu sei que o Brasil foi, mas eu fui cortada porque esse ano eu sai do Flamengo e fui para o Fluminense. O Enio me cortou, eu era titular da seleção e até a Isabel disse para ele “você está maluco?”, mas ele resolveu me cortar e na época eu disse: “vou parar de jogar voleibol”. Eu tinha um técnico no Fluminense chamado Evandro Meireles, que era psicólogo também, ele falou “você não vai parar não, vou te transformar na melhor jogadora do Brasil”. Treinei que nem uma louca no Fluminense e quando chegou em final de 1981 teve um campeonato brasileiro de seleções e eu acabei indo e fui considerada a melhor jogadora do brasileiro. Depois disso, o Enio me chamou e disse que eu tinha que voltar à seleção para jogar o Sulamericano de 1981 que foi quando nós ganhamos, em Santo André, do Peru. A gente jogou muito aquela época, houve comentários assim: “pressionaram as jogadoras do Peru”, mas quem tem determinação não é

uma torcida que vai fazer isso. Claro que aquilo ali era um alçapão e nós jogamos com dez jogadoras porque o Enio tinha cortado a Isabel e a Jacqueline. Nós não tínhamos nenhuma levantadora inscrita, era só a Célia. Foi três a dois, o jogo. E a gente jogou muito. Ali começou a sair (na imprensa) porque ganhando o Sulamericano, a gente foi pela primeira vez a uma Copa do Mundo, que foi no Japão. “Você vai jogar contra Lang Ping, contra esse pessoal todo” e isso foi em 1981. Em 1982 teve o “mundialito” no Brasil também, acho que a gente ganhou ele e aí nós fomos no mundial que foi no Peru. No mundial, para dizer classificação é difícil, mas acho que a gente ficou em quarto, quinto. Mas não foi um resultado muito legal não. Estou em 1983, no meio disso ainda tinha as Universíades (Jogos Mundiais Universitários), onde nós fomos campeões mundiais. Hoje em dia a seleção não vai mais, mas na época era um modo de treinamento pra gente, para poder fazer jogos internacionais. Em 1984 fui à Olimpíada, que foi em Los Angeles. Fizemos um jogo incrível contra os Estados Unidos. Eu sei que elas vieram jogar contra a gente aqui e nós perdemos dez partidas para elas e chegamos lá nós botamos dois a zero. Acredito que faltou assim um trabalho psicológico para gente, para acreditar que podíamos ter ganhado aquele jogo. Foi uma coisa assim... eu me lembro até que na olimpíada o povo falava que quando deu dois a zero, a televisão americana tirou do ar o jogo e botou outro negócio e depois elas ganharam. O time dos Estados Unidos era maravilhoso, mas a China foi campeã e os Estados Unidos ficou em segundo e nós fomos parar em sétimo porque aquilo desestruturou a gente.

M.T. – E vocês tinham feito um jogo contra a China fantástico não é?

H.R. – Fantástico! O grande problema nosso é que a gente jogava, mas faltava aquela experiência. Hoje em dia o atleta chega ao juvenil e já tem não sei quantas partidas internacionais. A gente tinha muito pouco. Em 1984, o Enio saiu da seleção e entrou o Jorjão (Jorge de Barros, técnico de voleibol). Em 1985, eu fui à Copa do Mundo. Fui outras duas vezes ao Japão, Copa do Japão não sei o que lá. Fui chamada pra seleção do mundo no final de 1985, que eu fui à China. Foi muito engraçado e isso ia dar pra fazer uma história porque tinha eu de brasileira, a Cecília Taiti, do Peru, e uma americana a Rose que não lembro o sobrenome, tinha duas cubanas a Miréia e a Capote, duas russas e não me pergunta o nome porque é difícil, duas japonesas, uma alemã, uma italiana. Daí que nós éramos doze atletas, mas é claro que o povo latino ficava junto. Quando tinha o treino, eu nunca tinha visto uma coisa dessas, porque tu chegavas ao treino lá no Japão, tinha a roupa sua toda pronta, tu colocava a roupa para treinar. O treinamento levava horas, pois tinha vários tradutores porque um técnico era russo, outro era cubano, o Jorge, esse que faleceu, então os caras falavam e

tinha que traduzir. Ai você terminava o treino tirava a roupa, tomava teu banho e colocava a roupa que eles deram para andar lá e no outro dia você chegava para treinar tinha outra roupa lá. A gente não lavava aquela roupa suja, era uma roupa nova, joelheira nova, só o tênis que era o mesmo. Realmente, de primeiro mundo, o ginásio de treinamento e isso em 1985, quer dizer é muito tempo. A gente não tem isso. Até hoje nós não temos. Claro que o voleibol, a saída do voleibol como esse centro que fizeram em Saquarema, acho que foi o único esporte que pegou a grana e fez o seu centro de treinamento. Já os outros esportes não fizeram isso. A grande saída do Brasil, a subida de pódio se deve a isso, à organização que eles tiveram. Fui seleção do mundo em 1985 e disse “agora vou parar de jogar voleibol, vou parar de seleção, chega”. Depois fui pra Itália e passei um ano jogando lá numa cidade chamada Fano perto de Pesaro, Bologna, por ali. Voltei para o Brasil e ainda joguei um ano na Supergasbrás e voltei pra Itália e até 1992 eu fiquei na Itália. Fiquei lá cinco anos. Quando voltei para o Rio, em 1992, fui pra Rio Forte e depois eu parei de jogar, isso foi em 1993. Então, o Flamengo me chamou para ser técnica e eu estava formada. Voltei da Itália para me formar. Fui técnica do infante e juvenil e fui campeã carioca juvenil pelo Flamengo, minha equipe. Aí, o BCN me chamou para jogar a Superliga, a primeira Superliga que teve; isso foi em 1995. Nós jogamos a final contra o Leite Moça e fui vice-campeã. Depois disso eu parei. Encerrei a carreira e comecei a ser técnica da base, trabalhar com o mini voleibol.

M.T. – Em quais clubes você jogou Heloisa?

H.R. – Grêmio Náutico União, Grêmio Football Porto Alegrense, Flamengo, Fluminense, Bradesco, Supergasbrás, *Cona di Fano*, que é um time da Itália, Rio Forte e BCN.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

H.R. – Primeiro meus pais que viviam sempre com o voleibol. Depois os técnicos que tive, por exemplo, o seu Alonso que era lá no Rio Grande do Sul, meu primeiro técnico. Depois o Enio Figueiredo foi uma pessoa muito importante, apesar de ter me cortado e tudo, foi uma pessoa muito importante. Minha trajetória de seleção foi com ele. O Jorjão que foi meu técnico também, depois o Marco Aurélio, no Bradesco. Fui pra Rio Forte e lá tive o Marcos Miranda e o Tabache, que hoje é o auxiliar do Bernardinho. Então foram os técnicos assim, se eu me esqueci de alguém..., tive o Ajuz, na época da Lufkin (clube empresa de voleibol), que quando eu voltava da Itália, pra não ficar parada jogava pela Lufkin; se esqueci de alguém, meu Deus.

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

H.R. – Foi muito grande porque meus irmãos, um jogou voleibol foi seleção brasileira e jogou uma olimpíada; outro jogou basquete e os meus pais jogaram também. O apoio dentro do esporte sempre foi muito importante, minha família sempre apoiou o esporte.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de 1980, que você considera importantes?

H.R. – Primeiro a entrada do Nuzman, pra CBV, acho que isso foi importantíssimo, a visão dele, como ele era atleta tinha visto isso tudo. Depois acho que até o corte da Jacque e da Isabel no sul-americano, foi muito ruim entendeu porque a gente não sabia o que estava acontecendo e assim de fatos não me recordo muito. Porque a primeira vez que o Brasil foi a uma Copa do Mundo foi em 1981, nunca tinha ido, o máximo que o Brasil ia é um mundial ou Panamericano. Ai começou a ir para o mundo em Universíades, Copa do Mundo, era Olimpíada e nesse momento começou a ser uma das forças, ficar entre as oito equipes do mundo.

M.T. – Dentre todos esses fatos que você citou qual você considera o mais importante?

H.R. – A mais importante foi a Olimpíada de Moscou porque acho que foi a primeira vez que o Brasil foi, mas a de Los Angeles porque a gente foi porque teve a vaga conquistada.

M.T. – Têm algum fato marcante que você queira destacar que tenha contribuído ou prejudicado a sua carreira na década de 1980?

H.R.– A coisa de eu não ir pra Olimpíada, em 1980 foi uma coisa muito ruim pra mim, traumatizante. Não entendi o porquê, não tinha porque e depois de anos na Itália, ele foi meu técnico lá também, ele veio falar comigo para pedir desculpas por ele não ter me levado à Olimpíada e que ele tinha me cortado mesmo porque eu tinha saído do Flamengo. Isso foi uma coisa muito ruim para mim.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de 1980?

H.R.– Ah, nós tínhamos todas as dificuldades. Seria como alguns esportes hoje em dia. A gente não tinha dinheiro, então tinha que trabalhar para se sustentar. Nunca ganhei um tostão para jogar pela seleção brasileira, não ganhava nada. Você não tinha material. Pra você conseguir um tênis, pra você conseguir um “*Tiger*” você era o máximo. Não tinha joelheira,

as roupas de treino e o material de treinamento eram horríveis; a gente não tinha nada. Depois que começou aparecer um massagista, um fisioterapeuta, um médico. Não tinha nada disso.

M.T. – O que significava para você ser jogadora da seleção brasileira?

H.R. – Ah! Significava tudo [ênfase]. Porque são doze só, são apenas doze jogadoras que vão nesse monte de gente que tem. Era tudo, porque estar representando o Brasil e poder conhecer outros lugares, outros países, poder conhecer outras pessoas, outras culturas. Isso aí era o máximo.

M.T. – O que você almejava como jogadora de seleção brasileira?

H.R. – Chegar a uma Olimpíada. E eu cheguei.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para sua vida?

H.R. – Por onde a gente passa eu sou conhecida. Me trouxe a faculdade, porque através do voleibol eu consegui estudar e fazer a minha faculdade. Trouxe a minha vida porque tudo que tenho hoje, eu devo ao voleibol.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

H.R. – É muito difícil descrever o que é. Tanto que agora entrou aqui o Marcelo Vido que foi a Olimpíada comigo e a Luísa Parente, que também foi. Você estar em uma Olimpíada, onde é o centro dos esportes no mundo é onde você conhece pessoas de todos os lugares. O desfile é maravilhoso. É impossível não deixar esse pessoal desfilar, você guarda isso pra vida inteira. O voleibol é um esporte que ele fica do início ao final, é um dos primeiros a começar e o último a terminar. Porque um dia é feminino e outro é masculino. Tanto que quando o Brasil ganhou a medalha de prata, a gente estava lá assistindo. É indescritível o que você sente em uma Olimpíada.

M.T. – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com sua vida pessoal?

H.R. – É difícil, mas acho que agora talvez o pessoal até viaja bem mais. A gente não viajava tanto, mas a gente treinava muito. Tinha muito treinamento e era engraçado porque diziam assim “em Cuba estão fazendo halteres nas costas, então vamos fazer, porque as cubanas saem do chão para caramba, vamos fazer a gente também”. Aí, então, botava halteres nas costas e saía pela arquibancada pulando. Foi meio cobaia de muita coisa e você treinava de manhã, treinava à tarde e estudava à noite. Então sua vida pessoal ficava presa a um final de

semana, porque quando você chegava em casa era difícil. Mas teve outras que conseguiram conciliar numa boa. A Isabel quando jogava teve três filhos ou quatro filhos logo; jogou grávida. É diferente porque é difícil você conciliar, pois você viajava 45 dias e quando voltava seus amigos não lembravam mais, você não sabia mais onde você estava ainda mais quando você voltava do Japão, aquele fuso horário maluco. A sua vida de amizades ficava centrada dentro da seleção, tanto que até hoje a gente se encontra. Então, ali que era a família. O tempo de seleção não é como agora. Nós treinávamos seis meses, se concentrava seis meses, treinava lá na Urca e ficava em hotel seis meses. Outra Olimpíada fomos pra São José dos Campos, naquele ITA (Centro Aeroespacial). Então a gente chegava segunda feira à tarde e pegava o voo no Santos Dumont (aeroporto). Era aquele aviãozinho de hélices, mas até que era legal porque não tinha que ir de ônibus e ele descia lá, então a gente treinava de segunda a sábado. Sábado de manhã, depois do treino, a gente pegava o mesmo voo e voltava para o Rio e assim era a nossa vida. Ficamos seis meses.

M.T. – Como você percebeu o olhar do outro sobre seu corpo atlético?

H.R. – Cara, eu pesava 63 quilos e a gente malhava muito. Apesar de eu ter feito musculação tarde, malhei muito. Nunca tive assim esse olhar do corpo, nunca me chamou a atenção isso. Eu não percebia. Nunca me chamou atenção isso não.

M.T. – Como é a rotina de treinamentos da seleção em termos de lesão, sacrifício, superação, disciplina?

H.R. – A gente treinava de manhã. Às vezes, a gente começava 08h30min até 11h30min. Davam umas três horas de bola para depois fazer a parte física. A tarde, a gente começava a treinar às 16h00min e ia até as 20:00h. A gente treinava muito, até porque tinha gente de fora. Hoje em dia se você pegar o Brasil, quase todo praticamente trabalha da mesma forma. Mas, naquela época, não existia uma escola de voleibol no Brasil, então cada um treinava com o seu técnico e quando chegava tinha que corrigir um monte de erros. Às vezes, a pessoa já vinha machucada e quando chegava tinha que curar isso, então era pesado.

M.T. – Havia diferenças, em sua opinião, entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980?

H.R. – Com certeza, até porque o masculino começou antes com o patrocínio que era a Pirelli, Bradesco. O Braguinha era apaixonado... Depois não. Acho que na questão de salário sempre houve diferença, apesar de que agora acho que o feminino já está muito forte. O feminino,

hoje em dia, o pessoal está ganhando muito bem, mas na época não. Eles ganhavam muito mais do que a gente.

M.T. – Saindo da questão financeira você percebeu uma diferença de tratamento da seleção masculina para a seleção feminina?

H.R. – Sim, tinha porque eles já haviam conquistado alguma coisa. Já tinham conquistado Sul-americanos, pan-americanos e no mundial nem sei qual colocação, mas sempre eles tiveram melhor resultado que a gente.

M.T. – Você afirmaria que vocês passaram a ser respeitadas a partir das conquistas que vocês tiveram?

H.R. – Com certeza. Quando a gente começou a mostrar que o voleibol feminino também tinha o seu espaço.

M.T.– O que representou o voleibol feminino na década de 1980, na sua percepção em nível nacional e internacional?

H.R. – Em nível internacional acho que foi o Brasil começar a aparecer para o mundo. Faz 34 anos que o Brasil começou a aparecer para o mundo. Começou a aparecer que aqui também existia um trabalho. No âmbito nacional começou a fazer com que o pessoal começasse a entender voleibol. O voleibol começou a passar na televisão. Você saía depois do Sul-americano de 1981 e as pessoas pediam autógrafa. Você ia a um restaurante e não precisava pagar, era cortesia. As pessoas diziam: “Vi você jogando, que legal” e não sei o quê. Começou a aparecer e isso fez com que outras meninas comessem a querer essa coisa.

M.T. – O que a geração de 1980 deixou para as gerações seguintes?

H.R. – Deixou tudo, porque nós fomos as precursoras. Se não tivesse a gente dificilmente hoje elas teriam a estrutura que têm, porque a gente que começou a desenvolver o voleibol. Mesmo sendo cobaias ou não, nós começamos a desenvolver e com isso começou a aparecer novos profissionais. Começou a ficar uma coisa mais multifuncional: médicos que trabalhavam com o voleibol, fisioterapeutas que trabalhavam com lesões no voleibol, preparadores físicos, técnicos. Quer dizer, tudo começou ali, tudo no voleibol feminino começou nessa época, onde a gente começou a ser valorizada e começamos a receber profissionalmente e isso foi abrindo portas para esse povo que está aí hoje.

M.T. – Quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

H.R. – Parei no BCN em 1994 ou 1995. Eu joguei a primeira Superliga e parei porque não aguentava mais, pois já estava com 41 anos. Aí pensei, agora vou fazer o quê? Porque tem que começar a fazer alguma coisa. Então, fui para o lado que eu sempre vivi que foi o voleibol. Passar para essa criançada a minha experiência.

M.T. – Como foi essa decisão de parar de jogar?

H.R. – Foi isso mesmo. Eu me lembro direitinho: terminou o jogo e a gente tinha perdido. Cheguei ao vestiário e o técnico que era o Claudio, o Enio era supervisor e eu disse para o pessoal: “olha, quero me despedir de vocês, porque essa foi a minha última partida, eu não jogo mais, cansei, vou cuidar da minha vida agora”. Fui pro Rio e comecei a cuidar da minha vida. Teve um sofrimento porque teu metabolismo pira, tua cabeça pira. Hoje em dia vejo o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) dizer que estão preparando os atletas que estão parando, que estão dando uma estrutura para eles e agora a Fabi parou, o Giba parou e vamos lá acompanhar essa parada. Nós não tivemos nada disso. Você parava e cada um seguia a sua vida, mas o corpo sente muito, o metabolismo, a cabeça. Você para de estar no auge da coisa e as pessoas só lembram o que você foi e não o que você está fazendo. Então, você passa a ser história, a ser passado e não o presente.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de jogar?

H.R. – Na mesma época que eu parei de jogar o Flamengo precisava de alguém para ser técnico. Precisava de alguém aqui e me chamou e aí eu vim trabalhar. Fiz o curso de nível três da federação, já estava formada. Com isso fui ser técnica da Gama Filho também e hoje trabalho com a equipe mirim (do Flamengo).

M.T. – Você sente saudade da época que jogava?

H.R. – De que eu jogava sim, mas vontade de jogar eu não tenho. (risos)

M.T. – O que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

H.R. – Mudou tudo. Você começa a ter que batalhar por você mesmo. Nós não temos aposentadoria, porque joguei 30 anos voleibol, então não tenho uma aposentadoria. Tem que começar a trabalhar, você tem que ter a sua casa porque antes quem te dava casa era o clube e agora você não tem mais isso. Muda tudo, a sua vida toda muda.

M.T. – Qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando jogava ou quando parou de jogar?

H.R. – É claro que quando jogava porque era muito bom. Sempre fui assim, não é cigana, mas sempre gostei muito de viajar, de estar em concentração, sempre gostei muito disso. Eu era muito “Caxias”, muito “cdf” (expressões que designam que a pessoa é muito rigorosa e correta) com as coisas, então nunca deixei de treinar, eu era muito assim.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente depois que parou de jogar?

H.R. – Trabalhei e trabalho até hoje.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

H.R. – Sou técnica da equipe mirim do Flamengo.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

H.R. – Significa tudo porque foi quem me deu tudo na minha vida. O voleibol é tudo.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

H.R. - Deixou tanta coisa. Às vezes estou em casa e o pessoal entra na internet e diz “vi um filme seu”. Minhas atletas também dizem “não sabia que você jogou esse tempo todo em seleção” porque não fico falando. Para você ver como a memória é curta, para eles não houve essa transição. O Brasil hoje e as pessoas só lembram do que está acontecendo e não do que houve, pois para chegar a isso teve aquela fase. O Zé Roberto (atual técnico da seleção feminina de voleibol) viajou comigo para o sul-americano e hoje é o técnico da seleção. Então, não existe esse passado. Essa garotada não sabe quem é quem. Eles sabem quem é Sheila, Thaisa, a Fabi que foi minha atleta aqui no Flamengo, ela até dormia no vestiário porque estudava e vinha para cá, almoçava no clube. Ninguém lembra o pessoal que tinha antes, de como chegou, o pessoal não lembra.

M.T. – Você quer deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou na entrevista?

H.R. – Não. Só quero agradecer por você ter me procurado. É bom a gente conseguir falar e tentar buscar uma época que foi muito importante. Quem é mais antigo, por exemplo, eu fui ao Minas (Minas Tênis Clube) esse final de semana e as pessoas falavam: “Heloisa, jogadora de seleção brasileira”, quer dizer, algumas pessoas conhecem, mas essa juventude não sabe.

Então, acho importante que as pessoas que nem você que está buscando isso, talvez por ser um apaixonado pelo voleibol e ter aprendido a gostar de voleibol naquela época. Então, você hoje está fazendo, porque hoje em dia o pessoal vai fazer trabalho sobre “performance” da seleção brasileira e não sei o quê. Mas essa parte da história que ficou para trás e que está sendo resgatada é importante para o pessoal saber como o voleibol chegou lá.

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE C

ENTREVISTA ANA RICHA

Data da entrevista: 14/08/2014

Local da entrevista: Clube Botafogo de Futebol e Regatas, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Ana Maria Richa Medeiros

E-mail: anamariaricha@yahoo.com.br

Data de nascimento: 03/12/1966

Idade: 47 anos

Estado civil: casada

Tem filhos: sim (3 filhos)

Grau de escolaridade: superior incompleto

Tempo dedicado à modalidade: 9 anos de seleção brasileira

M.T. – Ana o que te levou ao voleibol?

A.R. - Bom foi bem por acaso. Eu estudava num colégio junto com a minha irmã. Havia dois irmãos que eram botafoguenses e um dos irmãos jogava vôlei e eu morava bem pertinho do Botafogo. A minha irmã era grandona, já tinha um e setenta, um metro e setenta e um com treze anos. Aí ele chamou a Cláudia (irmã) para jogar “ah, vem jogar, você é grande e tal. Vamos lá jogar vôlei” e eu, ao contrário, era muito pequenininha e fui meio que de rabo acompanhá-la nos primeiros meses. Aí eu comecei, entrei na escolinha e na época, no Botafogo mesmo, treino era metade da quadra, era no mirim e metade da quadra era na escolinha. Então a gente acabava treinando no mesmo horário, eu era muito pequenininha, muito fraquinha em todos os sentidos, tanto de vôlei como de físico (risos), mas como ela era grande e era uma promessa ali de virar uma jogadora eu fui ficando... Eu fui totalmente a reboque dela (risos).

M.T. – E você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

A.R. - Bom eu fiz natação muito para aprender a nadar. A competição na natação me fez exatamente parar de nadar porque eu nadava direitinho e o professor me inscreveu numa competição e eu acabei ficando em último lugar na minha série e não gostei, achei aquilo muito chato. Eu não estava preparada para competir ainda e acabei saindo da natação e larguei mesmo. Já tinha aprendido a nadar, então a minha vida esportiva na natação foi resumida a uma prova (risos).

M.T. – Quando você começou a jogar? Por qual clube?

A.R. - Bom eu comecei em 1978 pelo Botafogo mesmo.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol? Treinador?

A.R. - Eu tive a sorte de começar a minha carreira jogando junto com o Marco Aurélio (Marco Aurélio Mota) como treinador. Ele era jogador e naquele ano ele tinha assumido o... Ele passou para a faculdade de Educação Física e assumiu o mirim pra começar a treinar. Então, ele estava começando a carreira de técnico dele e eu a minha e acabou que ele foi meu técnico de clube durante onze anos.

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta?

A.R. – Olha, era bem diferente do que é hoje em dia, né? No vôlei principalmente, você começava por acaso ou por que tinha um amigo ou porque você frequentava um clube. O esporte não era um meio de vida e nem uma finalidade, com uma carreira como é hoje que vários pais investem nos seus filhos para serem jogadores e virarem profissionais daquela modalidade. O vôlei era uma brincadeira séria, né? A gente gostava de jogar, a gente jogava muitas vezes pelo seu clube de coração, você tinha um envolvimento, eu acho, que um pouco maior porque você ia porque você queria e não porque você ia ganhar dinheiro; ou porque você é famoso ou porque tava na moda. Eu acho que era mais uma paixão mesmo, mais coração e não tanto uma coisa com segundas intenções. Não que hoje não tenha isso, mas muito menos naquela época.

M.T. – Por quais clubes você jogou?

A.R. – Clube, só o Botafogo. Empresas, pelo Bradesco, depois eu fui para Pão de Açúcar, Colgate, Rio forte, ai voltei pra jogar na Translitoral, no Guarujá, em São Paulo. Voltei pra Rioforte mais um ano ai eu parei para jogar no vôlei de praia. Fui chamada para jogar um campeonato adulto pelo Botafogo e ai acabei encerrando minha carreira aqui no Botafogo mesmo.

M.T. – Então, começou e encerrou no Botafogo?

A.R. - Comecei e encerrei. Eu brinco que aqui no Botafogo eu joguei de mirim a juvenil e eu fui bicampeã de todas as categorias: mirim infantil infante e juvenil e sai e fui pro Bradesco e enfim, ai virou uma carreira mais profissional e ai quando eu fui chamada para jogar aqui só o Botafogo poderia me chamar para jogar o adulto aqui no Rio. Eu falei é: “tá faltando esse

título no meu currículo, eu preciso ganhar o adulto” e a gente jogou o campeonato e ganhamos o campeonato carioca. Então, assim eu completei o ciclo de títulos aqui dentro.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para consolidação da tua carreira?

A.R. – Primeiro, assim, a vinda da minha irmã foi importante, quer dizer, ela ter começado junto comigo já que eu era muito tímida, eu era muito quieta e ela era mais expansiva, então foi uma maneira de eu vir me sentir à vontade, que eu estava jogando com ela. Ela é um ano só mais velha que eu, então, assim, foi muito importante. É óbvio, minha família que estava sempre junto com a gente, sempre perto, dando suporte, levando a treino, indo aos jogos acho que isso, se você for ver, para noventa por cento dos atletas a família, eu acho que é fundamental. E aí eu listo vários técnicos: um o Marco Aurélio que já falei que foi meu primeiro técnico e que me acompanhou de mirim ao adulto, inclusive em seleção brasileira infantil, juvenil e adulto. Vários outros técnicos como o Radamés que foi meu técnico na seleção, o Enio Figueiredo que também foi meu técnico de seleção. O Jorjão (Jorge de Barros), Inaldo (Inaldo Manta). Eu vou esquecer né? O Wadson Limo eu prefiro passar ((risos)). Enfim, eu tive vários técnicos, eu acho que em clubes também eu tive outros técnicos. Trabalhei com o Zé Roberto logo no início da carreira dele como técnico. Enfim, eu acho que todo técnico sempre é importante. Uns com mais tempo, outros com menos, mas técnicos e preparadores físicos, os assistentes. Eu acho que eu hoje trabalhando, às vezes como técnica já trabalhei mais. Agora estou como supervisora, eu trago muito do que eles me falavam, do que eles me ensinavam. Coisas que eu gostava ou não gostava como jogador é muito das experiências que eu já tive nesse relacionamento com os técnicos.

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

A.R. - Foi muito presente, assim. Diretamente a minha irmã, já que nós jogamos durante seis anos juntas no Botafogo. Depois na seleção brasileira, carioca, infantil, juvenil, seleção brasileira infantil, a gente sempre teve muito junto. A minha mãe, a minha outra irmã mais nova, meu pai que trabalhava muito, mas estava sempre nos jogos. Eu acho que a família é o suporte, pra mim é sempre meu porto seguro. Depois de casada eu continuei jogando e já com filhos, meu marido sempre me acompanhou muito. Eu acho que isso dá uma tranquilidade pra gente treinar porque problema todo mundo tem, né? E se você ainda tem problema dentro da quadra e problema na família isso vai afetando seu desempenho. Eu, graças a Deus sempre tive a minha família perto de mim e eu acho que isso me fortaleceu e me fez jogar até

quarenta anos. Assim eu consegui ter uma longevidade porque minha família entendeu e estava do meu lado.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta que você considera importantes?

A.R. – Olha, assim eu acho que aquele Mundialito que teve em oitenta e dois foi um marco, né? O vôlei existia em oitenta, eu lembro que eu vi alguma coisa, eu já jogava vôlei, mas eu vi alguma coisa da Olimpíada na televisão, mas era uma coisa muito distante. Enfim, eu também era muito garota, eu queria mais era brincar do que ficar vendo qualquer coisa na televisão e eu acho que o Mundialito em oitenta e dois foi o grande aparecimento público e veio o reconhecimento do vôlei, do esporte. Antes o pessoal falava assim “o que que você faz?” e eu respondia: “eu jogo vôlei”. “Aquele da cesta?” As pessoas não tinham muita noção do que era vôlei, do que era basquete. Era tudo muito misturado. Sabia que era com bola, mas a coisa não era muito definida. Eu acho que ali foi o grande “boom” do vôlei, a hora que realmente explodiu e enfim ai foi sequência de outros campeonatos. Aí, na Olimpíada a gente já teve uma visibilidade maior, com a medalha do masculino também, uma participação do feminino num jogo contra os Estados Unidos, três a dois, que foi assim pra gente lá sofrimento, mas foi um marco também. É eu acho que dali pra frente foi ladeira acima.

M.T. – Qual episódio marcou a sua carreira na década de oitenta? Qual ou quais?

A.R. – Eu destacaria a Olimpíada. Eu fui convocada pela primeira vez para a seleção brasileira no Pan-americano, em oitenta e três, com dezesseis anos. Eu era muito jovem e não tinha nem a pretensão de ir. Tinha um monte de gente, tinha a Jaqueline, a Ivonete, a Blenda, era muita gente e eu com dezesseis anos olhava para aquelas meninas meio assustada e foi uma experiência bacana, mas eu fui cortada. Aí, em oitenta e quatro eu fui novamente convocada, já para treinar para a Olimpíada e numa realidade totalmente diferente. Eu estava no colégio ainda e as meninas todas adultas, então, assim eu acho que ali foi meu grande crescimento como jogadora. Eu estava saindo do amadorismo do Botafogo, de um clube da minha casa com a minha irmã, com a minha família, com as minhas amigas, para ir jogar no Bradesco, numa empresa para jogar adulto e brigar por uma vaga na Olimpíada. Eu acho que foi a virada da minha carreira, eu acho que foi ali em oitenta e quatro. Em oitenta e oito, eu tive um ciclo todo, mas começou ali em oitenta e quatro em que teoricamente eu não era nem pra ir. Eu tinha sido convocada pra ganhar experiência, para treinar com um pessoal mais velho, pra me preparar pros próximos anos e acabou que eu tive um crescimento muito grande

e tal e acabei ficando. Fui pra Olimpíada e realmente foi assim, eu nem acreditava. Eu liguei pra minha casa falei “mãe, eu fiquei!” e todo mundo chorando porque tinha gente cortada e eu feliz da vida, não queria saber se tinha gente triste, eu tava adorando, é obvio. Depois vem o ciclo: é campeonato mundial, é Copa Japão, Copa do Mundo, Pan-americano... Particpei de todos os campeonatos nesse ciclo olímpico. Eu acho que isso é legal. A década de oitenta foi muito rica pra mim. Quando fiquei grávida da minha terceira filha, a Luiza, eu fiquei em casa sem fazer nada, não podia jogar, não podia fazer nada, tinha quase quarenta anos, eu resolvi organizar os meus recortes. Então, eu fui fazer alguma coisa e comprei duas pastas de folhas achando que dava. Eu enchi dez. Então, é muita coisa, saia muita coisa no jornal, tinha muita repercussão. Tudo que acontecia, era noticiado. Não tinha a televisão, não passavam na televisão todos os jogos, era um ou outro, mas era jornal direto, era muita matéria no Globo Esporte, enfim, nos veículos de esporte mesmo. Então, acho que isso foi a década de oitenta pra mim. Foi muito rica em termos de divulgação e de eventos porque tudo que eu podia participar eu participei nesse período.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta?

A.R. – Bom, a gente lá dentro não sente muito, mas hoje, de fora, dando uma olhada, a gente percebe que tinha o mínimo de estrutura, assim, o mínimo do mínimo. Não tinha, às vezes, a quadra ideal, não tinha local pra treinar, não tinha material pra treinar, dinheiro para viajar. Era assim raríssimo a gente fazer uma viagem internacional, a gente fazia uma por ano, ai era difícil você fazer amistosos, se preparar, treinamento, academia, aparelhagem não era a melhor. A gente treinou para a Olimpíada em quadra de madeira, então, assim, eram umas coisas que hoje em dia são impensáveis. Eu hoje vejo as meninas reclamarem que estão indo de classe executiva. Eu olho aquilo e falo assim “meu Deus do céu”. Quando a gente viajava, eu dava graças a Deus. Então é obvio é outra realidade. O vôlei evoluiu, a estrutura evoluiu, o dinheiro melhorou e tudo virou. Que bom que melhorou, mas era assim, as bolas eram uns cocos, a bola era pra durar o ano inteiro, não tinha essa história de bola nova todo mês, não existia isso. Então, eu acho que essas dificuldades eu realmente destacaria.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para sua vida?

A.R. - Eu acho que trouxe tudo. O voleibol e o esporte em geral, não só o vôlei, mas no meu caso o vôlei, ele deu uma direção pra minha vida. Eu não sei se eu não jogasse vôlei o que eu seria o que eu faria. De repente, eu tenho uma amiga minha ai que é minha amiga desde os

três anos de idade que acabou indo para a Educação Física. Ela não trabalha com vôlei, trabalha com escola, então, de repente eu seria uma professora de escola. Era uma coisa que eu sempre gostei, de esporte, de atividade física, mas o vôlei me direcionou para um caminho bem sucedido, pra esse caminho do esporte. A disciplina, o meu próprio casamento, que não é com um jogador de vôlei, apesar de ele ter jogado, mas foi com um atleta que eu conheci num evento por causa do vôlei. Meus amigos, hoje eu tenho muitos amigos vindos do vôlei e do esporte. Eu acho que esse meio é um meio que eu me sinto bem, que eu gosto que eu convivo. Eu tive poucas experiências fora do vôlei e eu acho que o esporte te dá uma um poder de decisão. Então você fica um pouco mais segura porque no esporte você é testado desde o primeiro dia que você entra numa quadra, você é testado, você é observado, você está sendo colocado ali numa competição lúdica, mas é uma competição, então eu acho que isso prepara você pra vida fora do esporte. E essa experiência eu tive me comparando com pessoas que nunca fizeram o esporte. De repente eu tinha que tomar uma decisão técnica lá de outra coisa que enfim, eu tava acostumada a tomar decisão. Então no vôlei eu tinha “levanto pra frente ou pra trás?” e aquilo vai pra minha vida também. Eu acho que isso foi um grande ganho e não é só pra mim, eu acho que todo mundo que convive dentro do meio esportivo ganha muito quando entendi essa dinâmica.

M.T. – Não foi à toa que a Ana Mozer ganhou o programa O Aprendiz, né?

A.R. - Pois é eu não vi o programa, mas eu soube e tem tudo a ver porque a Aninha é uma pessoa assim super inteligente, sempre foi “Caxias” pra caramba, estudava, queria saber o que tava fazendo e o que não tava e foi pra esse lado mais burocrático da coisa. Ela é brilhante. Então, eu acho que ela leva vantagem. Todo mundo que era do esporte leva essa vantagem. Tem que segurar a pressão e em algum momento tem que decidir.

M.T. – O que significava para você ser jogadora da seleção brasileira?

A.R. - Eu acho que é um orgulho. A gente fazia um novo grupo na seleção. Vinha um monte de gente e tal e quando você chegava na seleção brasileira era aquela coisa assim “gente, eu to representando mesmo o meu país, a minha classe, as minhas amigas que não estão aqui e que jogam no meu time”. Aí, quando você voltava era difícil porque pelo menos na minha época ninguém ficava naquela ciúmeira não. Elas queriam saber como é que tinha sido o que eu fiz, aonde eu tinha ido, como eu joguei. Então, eu acho que a gente era um pouco representante daquele pessoal que não ia. Então, era um orgulho você estar no topo, na elite do seu esporte.

M.T. – E o que você almejava como jogadora da seleção brasileira?

A.R. – Ah, sempre ganhar, né? ((risos)). Eu sempre fui muito certinha, muito “Caxias”. Eu gostava de treinar. Eu não tinha essa história de mais ou menos. Será que dá pra fazer? Não, eu sempre fui muito obediente e até gostava daquela rotina. Gostava de treino, gostava de entender o que eu estava fazendo e eu acho que era isso que eu almejava, de fazer bem aquilo que eu tinha me proposto. Eu me entregava mesmo. Não era de falar muito, não era uma daquelas que levantavam a mão e tal e num sei o quê, mas eu tentava ser o exemplo executando aquilo que era pedido. Sempre de uniforme, sempre no horário e tendo uma vida muito regrada. Eu sempre fui assim até que eu cheguei à conclusão que eu gosto de rotina, aquela coisa de rotina que o esporte exige e eu me dava muito bem com isso. Então, eu acho que era isso mais ou menos que eu queria ser. O resultado é óbvio, a gente sabia das nossas limitações em termos de resultado. As pessoas diziam “mas você foi pra Olimpíada, legal, mas você não ganhou nenhuma medalha?” As pessoas não tinham noção do quanto era difícil ir para uma Olimpíada. Ganhar uma medalha não era assim impensável, mas era dez vezes mais difícil. Então, às vezes, as pessoas desdenhavam. Porque hoje é fácil, o vôlei não ganhar medalha é ate zebra. Não é que seja fácil, mas o trabalho é feito melhor e tal e se torna mais fácil ter uma medalha olímpica, né?

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

A.R. – Ah, eu acho tudo. Eu até conto que eu não sou, eu nunca fui chorona, aquela atleta chorona e tal. Nunca fui. Não é meu perfil nem quando eu perco nem quando eu ganho. Poucas vezes eu chorei, mas duas foram nas Olimpíadas e as duas no desfile da Olimpíada. Então foi a hora que eu realmente me emocionei e falei assim “gente, eu estou numa Olimpíada” e eu olhava pro lado, aquela multidão de atletas brasileiros e de todos os países. Eu falava “gente, aqui estão os melhores atletas do mundo, de todos os esportes e eu estou aqui”. Então era uma coisa, uma dimensão tão grande que eu falava “meu Deus do céu”. É aí que caía a ficha de você falar assim “eu estou numa Olimpíada” E realmente é diferente de qualquer outro campeonato. Eu joguei campeonato mundial isso e aquilo, mas a Olimpíada tem essa magia. Você está junto dos melhores atletas do seu país, do seu esporte, de todos os países, de todos os esportes. Estão todos ali. Então tem uma magia diferente e eu acho que isso pra mim, a Olimpíada é isso. Tanto que depois, muito mais tarde eu fui pro Pan-americano em dois mil e três, na praia, um campeonato muito menor, óbvio e ai a gente foi... Provavelmente tinha os desfiles, o jogo no dia seguinte ai o pessoal chegou e falou “se tiver jogo no dia seguinte, ninguém vai pro desfile”. Eu chamei o coordenador do vôlei que era

meu amigo e falei “olha, só eu vou pro desfile porque esse é o meu canto do cisne porque eu não vou mais jogar nada. Eu vou porque isso pra mim é tudo e se eu não for ao desfile eu não vim a esse campeonato”. Acabou que a gente não jogou e foi todo mundo ao desfile e eu resolvi o problema. O meu e o dele porque ia acabar criando um problema para ele.

M.T. – Ana como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a sua vida pessoal?

A.R. – Bom, até eu me casar, a gente dava um jeito. A família te entende. Mesmo você abdicando dela, dos amigos, de festas, de tudo. Eu, pelo menos sempre fui assim. Então, em casa a coisa era mais fácil. Depois que eu casei foi na época em que eu acabei saindo da seleção e fiquei jogando só no clube e logo depois eu fui jogar na praia. Como eu já tinha te falado, meu marido veio do esporte e conhece o esporte e me conheceu dessa maneira, então eu acho que ele foi muito importante também pra minha vida, ele me ajudava porque ele falava assim “vai dormir, descansa, come isso, come aquilo”. Eu joguei grávida, então ele tinha uma preocupação também comigo, tipo “comeu? Descansou?” Eu acho que essa parceria foi importante também pra mim. Mas, a vida social morre completamente quando você está no esquema de seleção brasileira ou jogando no esquema de Superliga e tal. Você tem que se dedicar vinte e quatro horas por dia para aquela sua atividade. Se você está de folga e bebeu, dormiu tarde, comeu mal, no dia seguinte vai cobrar o preço. E a gente sente, o atleta sente muito fisicamente aquela coisa que não tem como disfarçar. De repente, não sei se você jogou, mas se você jogou e trabalha num banco e você não dorme, come mal ((laralara)), no dia seguinte você está lá no automático, né? Para o atleta não tem automático. Tem uma perda muito grande. Então, a vida social muda. O pessoal da faculdade até hoje me convida pra esses eventos e tem uma que fala assim “é, eu to te convidando, mas já sei que você não vai, mas eu to te convidando, a gente vai fazer, vai se encontrar e tal”. Porque era assim, a minha vida sempre foi assim: poucas vezes eu consegui ir a eventos que não fossem do vôlei ou da minha rotina, da minha carreira.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre o teu corpo atlético? Porque era um corpo diferente, um corpo trabalhado, não é?

A.R. - Eu acho que não tinha ainda a visão que hoje se tem de valorizar, de achar bonito o corpo do atleta. Hoje todo mundo quer ter o corpo do atleta. Antigamente não, a gente era diferente. Na hora de comprar roupa eu entrava numa loja e pedia dois números acima, aí a vendedora olhava e falava “não, mas você é magrinha” aí eu falava “minha filha, me dá

porque não vai entrar na perna e tal”. Sim, porque a perna era muito grossa, o vestido não fechava, enfim, você passa a ter um corpo realmente diferente. Bota um salto alto, a batata faz assim (exagera). Mas, eu sempre gostei de mim forte, eu me sentia bem, não tinha muito esse problema até porque eu convivia muito com atleta também, né?

M.T. – E você percebia estranheza das pessoas em relação a esse corpo?

A.R. – Não

M.T. – Ou achavam bonito? Admiravam? Como era essa percepção em relação ao outro, nesse caso específico?

A.R. – Olha, eu nunca percebi nada que fosse muito assim gritante, das pessoas ficarem comentando e tal. E eu também nunca liguei então eu acho que pra mim, se comentou, passou. Agora, eu já tive uma vez eu tive cabelo curtinho e aí eu estava de costas, bateu um cara assim “aí, garotão, dá licença”. Eu olhei, porque eu era grande, musculosa, então é nessas horas que você se toca. Aí eu logo deixei o cabelo crescer ((risos)). Vamos ajudar um pouquinho, né?

M.T. – Como era a rotina de treinamento da seleção nessa época de oitenta?

A.R. – Ah, era dura, era muito dura. Hoje a gente vê aí o pessoal reclamar, daqui do clube mesmo, do Botafogo, “a gente treinou duas horas e tal”. “Meu amor, eu treinei oito horas por dia”, então assim, a gente treinava oito horas! Então, quando eu falo oito horas não são sete não, são oito, oito horas dentro da quadra, quatro horas pela manhã e quatro horas à tarde, com parte física. Era realmente muito pesado. A seleção brasileira treinava muito. Era outro tipo de jogo, tinha a vantagem, então o jogo demorava muito e a gente tinha que ter uma parte física absurda pra poder aguentar um jogo que podia ser de uma hora e meia ou podia ser de quatro horas. Então, se treinava muito. Além disso, a gente foi muito cobaia do treinamento. Eles estavam começando os primeiros estudos de como seria uma parte física, enfim, a gente fez tudo. A gente saltava com halter, com colete de peso de areia, botava pesinho de areia dentro do colete, caneleira, plinto. Era plinto de um metro e tanto de altura. Saltava de tênis baixinho. Era tudo em quantidade. A gente não tinha dados científicos. Enfim, a gente uma vez viu as chinesas fazendo agachamento com peso muito pesado e logo depois a gente começou a fazer também. Então, a coisa funcionava nesse nível. “Vamos testar, quem aguentar, aguentou. Quem não aguentar troca”.

M.T. – Então, em termos de lesão, sacrifício devia ser muito puxado, não?

A.R. - Era muito grande. A nossa geração é super bichada. Eu tive um privilégio aí de ser levantadora, que era um pouco mais tranquilo em termos de impacto, ataque. E eu sempre muito forte, então a musculação me segurou muito pra não ter. Eu tive pouquíssimas lesões na minha vida, não tinha problema de ombro, de joelho e torci o pé duas vezes em trinta anos. Tá bom, né? Eu acho que nesse ponto eu não posso reclamar não, mas o treino era muito pesado, era muito treino técnico, muito treino de repetição de tudo, de todos os fundamentos. A gente teve o Jorjão na seleção que era um doido, que treinava até a gente abrir o bico. Os preparadores físicos sempre foram muito exigentes com isso, então agente treinava muito.

M.T. – Havia diferenças, na tua opinião, entre o voleibol feminino e o voleibol masculino na década de oitenta?

A.R. - Ah existia. Eu acho que o vôlei masculino teve um resultado, não foi um crescimento, mas um resultado rápido e por conta eu acho que até da diferença de gênero, porque o menino desde mais cedo sempre fez esporte, então pra você transformar um menino que joga futebol em jogador de vôlei era muito mais rápido do que uma menina que viu uma bola em jogadora de vôlei. Então, eu acho que esse lado de homem e mulher, na década de oitenta foi é fundamental pro esporte. Pro masculino é mais rápido em termos de resultado, eu acho que eles juntaram uma geração muito boa, aquela geração de prata eu acho que só tinha craque e foi muito rápido. O feminino demorou mais pra conseguir juntar uma turma boa, pra conseguir mais gente jogando nos campeonatos brasileiros, enfim, pra poder embutir também na cabeça o tipo de treinamento, que tinha que ser atleta. Eu acho que o processo foi mais lento e eu lembro a Heloisa mesmo, em oitenta e quatro eu era mais nova e ela era a mais velha. Nós temos dez anos de diferença, ela tinha vinte e sete anos e tava quase parando. Ela acabou jogando mais, mas assim, já era velha. Aí, de repente, a menina com vinte e poucos anos casa e o marido não quer que trabalhe. Ela vai ter filho e não sei o quê. Não ganha nada. Então, a pessoa parava muito cedo. Esse lance da quantidade de jogadores no feminino e no masculino era muito diferente.

M.T. – E em termos de tratamento?

A.R. - Ah tinha também... A gente não falava muito não, mas a gente reclamava pra burro porque o masculino, nessas reportagens eu lembro que o masculino fez a preparação deles para a Olimpíada no Clube Med de Itaparica e nós fizemos em São José dos Campos (Centro Aero Espacial). Apesar de ser um lugar ótimo, com uma estrutura bacana e termos sido super

bem tratadas não dá para comparar com o Clube Med, né? Eles com a família toda, com os filhos, mulheres, todo mundo lá e nós isoladas tendo que viajar de avião todo final de semana para ver a família. Isso porque a Isabel bateu o pé, porque a gente vinha de ônibus. A Isabel bateu o pé e conseguiu que a gente viesse de Bandeirante, aquele avião pequenininho. Então fretava lá, sei lá como é que fazia e a gente ia e voltava naquele aviãozinho direto para São José dos Campos. A primeira vez, nós viemos de ônibus. Então, assim, era bem diferente. O feminino era meio que ralé, “o que sobra, a gente dá pro feminino”, mas o masculino tinha tudo. Sempre foi muito mais bem tratado do que a gente, né?

M.T. – O que representou o voleibol feminino da década de oitenta na sua percepção em nível nacional e internacional?

A.R. - O Brasil? Bom, eu acho que a gente tinha... Todos os campeonatos que a gente participava era meio que um consenso dizendo que o Brasil tinha muito potencial, mas que precisava se desenvolver e ter alguma coisa mais certinha, um treinamento mais regrado, porque a gente tinha muita qualidade, mas era meio que desorganizado. Eu acho que os dois últimos anos do Enio, ele conseguiu dar uma cara que depois o Jorjão no próximo ciclo acelerou esse processo de organização do vôlei no cenário mundial. A gente começou a ganhar, a gente foi num campeonato em oitenta e seis, um mundial e a gente ganhou pela primeira vez, em campeonatos oficiais, da Coréia, da Rússia não me lembro de quem mais. Enfim, tivemos resultados que nunca tínhamos tido, então eu acho que em termos mundiais eu destacaria isso. Aqui dentro eu acho que mostrou um pouco que a mulher podia ser atleta, que a mulher podia jogar. Começou com essas histórias de musa e num sei o que lá “pá, pá, pá”, mas aos poucos foi acabando. Não tinha mais musa porque ninguém queria ser mais musa, queria ser campeã. Se fosse bonita era legal também, mas não me importava. Não é que eu queira tirar o valor da musa. Eu acho que a musa foi importante para chamar a atenção para o vôlei feminino, mas não podia ficar só nisso porque a representatividade era muito pequena e também se quiser ser musa vai ser miss Brasil, entendeu? Quer valorizar a beleza, vai desfilar e eu acho que foi se transformando, eu acho que chamou a atenção e começou a mostrar que a mulher podia ser atleta e podia ser bonita, podia ser mãe e aí eu acho que essa transformação foi importante. Nós tivemos várias atletas que tiveram esse papel. Eu acho que no cenário aqui dentro do Brasil foi mais ou menos isso que mudou na década de oitenta.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

A.R. - Ah eu acho que a experiência de ter passado por muita coisa. Coisas que deram certo outras que não deram tanto e também foi responsável por muitas meninas quererem jogar vôlei. Então, a gente ouvia aqui mesmo, logo que eu vim pro Botafogo, um pai que chegou com duas meninas de nove anos e falou assim “poxa, eu te vi jogar e num sei o quê” e falou para as meninas “olha só, essa aqui foi Ana Richa”. E as meninas entraram para a escolinha de vôlei. Então, eu acho que a geração de oitenta teve esse papel de incentivar e de chamar a atenção pras outras, além de trilhar na parte técnica, física e até de estudo, de credibilidade, enfim, trilhou o caminho pra essa geração que veio depois conseguir os resultados que hoje estão aí, né?

M.T. – Quando você parou de jogar? Por qual clube? Por quê?

A.R. – Bom, eu na quadra parei de jogar aqui no Botafogo. Foi o último campeonato que eu joguei em noventa e cinco, noventa e seis e aí eu fui pra praia, quer dizer ai nesse período eu tive meu segundo filho e ai quando eu voltei eu fui direto pra praia. Joguei mais até dois mil e seis, mais dez anos. Parei bom, parei porque eu fiquei velha ((risos)). Na quadra eu parei primeiro porque eu já tinha um filho e depois que ele nasceu eu joguei duas vezes fora do Rio. Enquanto ele era pequeno eu conseguia levar, não tinha negocio de colégio e tal e meu marido, nessa época, pode ir algumas vezes. Mas eu queria manter meu casamento legal. Para mim, casamento é na mesma casa, junto. Eu não consigo entender um morando aqui e outro morando lá, eu acho que isso pra mim não funcionou, então foi um dos motivos de eu parar de jogar na quadra e ficar a mercê de um ano jogar em Minas, um ano jogar em São Paulo, um ano jogar no Rio, outro ano... Então eu optei de ir para o vôlei de praia e ficar no Rio, jogar na minha casa e ficar por conta da minha família, meu marido, meu filho que ai entrou na escola e eu não queria cada ano trocar ele de escola dependendo do lugar que eu estivesse. E depois, quando eu tive o Eduardo mais ainda, eu precisava estar na minha cidade com apoio da minha família, com eles no lugar deles, na escola deles, com a minha mãe podendo me ajudar, meu marido trabalhando já que ele não trabalha com esporte e eu acho que o vôlei de praia me proporcionou essa possibilidade de conciliar. Tinha muito mais flexibilidade, tanto de horário quanto de lugar. Apesar de eu viajar muito, eu podia ficar no Rio. Mas, quando eu engravidei da Luísa eu ainda estava jogando, com quarenta anos e não vi mais motivo para voltar e jogar, apesar de receber muitas propostas. Foi quando eu parei.

M.T. – Como foi a decisão de parar de jogar?

A.R. - Eu acho que eu não tive esse problema que eu acho que é um problema bem grave que acontece com quase todos os atletas, né? Eu não tive porque primeiro eu joguei durante trinta anos, então eu acho que aproveitei tudo e mais um pouco. Segundo porque eu parei porque eu estava grávida da minha terceira filha e com quarenta anos, então foi uma coisa que eu num tive nenhuma dúvida que eu queria parar, que eu ia parar. E aí vem uma curiosidade: depois que eu parei, nunca mais eu joguei nem pelada, nem brincadeira, nem nada. Então, assim, foi muito bem parada, muito bem resolvido. Decidido. Não consegui ficar fora do vôlei, até tentei por um ano e meio, porque a adrenalina, aquela coisa da competição, esse clima me fez falta, bastante falta. Eu achava que não ia conseguir como técnica e quando voltei depois desse um ano e meio, eu voltei como técnica de vôlei de praia. E o primeiro campeonato que eu fui, que eu ia jogar, eu acordei cedo, arrumei meu cabelo e eu disse “gente, eu não vou jogar, pra que eu estou fazendo isso?” A minha sensação é que eu estava jogando e aí eu vi que pra mim tava ótimo, que eu não precisava jogar pra ter aquela adrenalina do jogo, da competição. Bastava eu continuar dentro, de vez em quando. Então, eu acho que eu não tive esse drama de parar.

M.T. – Como foi essa transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

A.R. - Não... Eu fiquei grávida, eu descobri... Eu joguei um torneio, já estava grávida e não sabia. Voltei pro Rio, fiz o exame e descobri que tava grávida e ainda joguei mais três meses. Então, eu ainda acabei a temporada e aí depois que acabei a temporada parei, mas aí já tava com quatro meses e meio, mais ou menos. Aí tive filho e nem voltei, então por isso que eu falei que num teve o drama, porque acabou sendo uma coisa tão legal pra minha vida pessoal e por um motivo tão ótimo que não tive esse drama. A transição pra ser técnica eu tava eu fui. Comecei a fazer curso pra ser técnica e começar a me preparar pra parar, desde os trinta e quatro anos. Então, eu tive aí seis anos pra pensar em ser técnica. Já era técnica e continuava jogando, então eu acho que eu sempre fui muito racional. Essa preparação já tinha vindo antes. A insegurança de você exercer outra função, isso existe isso, existe muito. Aí eu busco os meus outros técnicos, busco minhas experiências pra poder me tranquilizar.

M.T. – Você sente saudade da época que jogava?

A.R. – Olha, eu sinto uma saudade boa, uma saudade como lembrança do que aconteceu, do que a gente viveu, enfim, quando eu encontro com as meninas, hoje a que eu mais encontro é a Heloisa, porque ela também está trabalhando no Flamengo, a gente sempre conversa, conta história. É uma saudade muito boa sim da época que a gente viveu, de tudo que agente sofreu,

sabe? No finzinho é tão pequeno perto da vida que a gente teve, do que eu pude desfrutar. Recentemente, a Ana Lúcia botou uma foto da gente lá numa seleção juvenil que a gente ficou sete meses concentrada e foi uma loucura e todo mundo começou a comentar e tal. Aí, inclusive o Jorjão que tava lá né e a gente sofreu pra caramba, eu falei “Jorge, eu tenho raiva de você e tal”. Mas, a gente leva um pouco na brincadeira, assim na esportiva porque forma tantas coisas boas. A saudade tem, mas não de querer hoje jogar pra recuperar não, mas de encontrar, de ver de rever as pessoas. É, eu acho que isso tem umas boas lembranças, né?

M.T. – E o que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

A.R. – Olha, logo depois que eu parei de jogar eu tive a Luiza e eu passei um ano e meio trabalhando com a minha irmã com um negócio de roupa, comércio e tal e nesse período eu sofri, porque eu vi que não tinha nada a ver comigo. Eu tava lá ajudando a ela e ela me ajudando também, que eu tava ganhando uma graninha legal, enfim, eu falei “bom, agora parei e tal”. Vou fazer isso e tive a oportunidade, tive um convite de treinar uma dupla na praia e aí era duas vezes por semana. Aí quando eu comecei a ver um e outro trabalho, que é um trabalho que pra mim sempre foi a minha vida, eu falava “não dá. Chega pra mim. Não vou mais, não aguento mais”. Enfim, é porque eu acho que a minha vida de alguma maneira continuou, ela não mudou. Eu mudei só de lado, mas ela não mudou e eu aqui to convivendo, conto muita história pras meninas aqui. Tô convivendo com umas meninas que podem fazer o mesmo caminho que eu fiz começar no Botafogo, jogar aqui dentro, enfim, ir pra uma seleção carioca, seleção brasileira. Então, assim, eu acabo é relembando a minha história estando nesse meio. É um privilégio.

M.T. – Ana, em qual momento da sua vida você foi mais feliz? Quando você jogava ou depois de ter parado de jogar? Por quê?

A.R. – Ah, é difícil falar qual é o mais feliz, né? Eu fui muito feliz jogando, acho que aproveitei muito e quando você para eu não senti essa abstinência toda, então, assim, eu tenho uma família, eu tenho outras felicidades que me completam. Então, eu não precisei do esporte só pra ser feliz. Eu não sei qual eu sou mais feliz, eu acho que tive momentos muito bons nas duas situações.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de parar de jogar?

A.R. - É estou trabalhando hoje, aqui no Botafogo.

M.T. – Qual a tua ocupação hoje em dia?

A.R. - Eu sou supervisora do vôlei do Botafogo e trabalho com as categorias mirins a juvenil, crianças de onze até vinte anos é até pouco tempo eu estava como técnica de vôlei de praia também. Trabalhando na praia com o pessoal, com a garotada e com adultos também, sempre dentro do vôlei.

M.T. – O que o voleibol significa pra você?

A.R. - Eu acho que significa um estilo de vida, uma razão pra tudo que eu faço. Eu acho que a minha vida toda sempre foi em torno do voleibol, jogando. A minha vida pessoal hoje, a minha vida profissional... Eu faço questão que os meus filhos pratiquem esporte, independente se vão ser jogadores, nadadores, lutadores de judô, todos eles fizeram capoeira, enfim, porque eu acho muito importante essa vivência dentro do esporte. Eu tive oportunidades na vida também financeiras, de viajar, de conhecer o mundo, de conhecer pessoas e por causa do vôlei. Então eu acho que a minha vida ficou sempre em torno disso.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

A.R. - Eu acho que é esse. As pessoas, o trabalho, a família que eu tive uma família antes, mas eu formei minha família. Com relação ao esporte, eu conheci meu marido dentro de um evento do esporte. A disciplina, a hierarquia, eu acho que isso tudo eu aprendi. Não é que eu aprendi com o vôlei, mas isso foi reforçado com o vôlei. Eu acho que o professor de escola tem uma importância, sempre ensina coisas, mas eu acho que o vôlei e o esporte você vivencia. O professor falar é uma coisa, a outra coisa é o técnico falar “tem que fazer isso porque se a gente fizer vai ganhar” e o aluno vai lá, faz e ganha. Então, você vivenciou aquilo que era uma teoria. É óbvio que tem professores com aulas práticas que eu acho muito legal. Eu tive isso na faculdade e eu acho que isso é bacana, mas o vôlei é “o cara fala você faz e acontece”, tem resultado e isso é muito forte, eu acho que isso é um privilégio. Pra mim é realmente uma herança, o pilar do esporte pra mim é esse.

M.T. – E Ana, para finalizar, você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou nessa entrevista?

A.R. – Não. Já falei pra caramba (risos). Eu acho que o esporte é importante não só pelo resultado, pela fama pelo..., mas por essa vivência que você vai ter, pela convivência que você tem com as pessoas. É pela educação e uma coisa que eu lamento é que o esporte não esteja dentro da escola porque eu acho que é isso que é uma luta que não sei se de repente eu ou

você, enfim, eu acho que esporte teria que entrar na escola formalmente mesmo, com competições com...e isso ia ajudar muito. De maneira geral, no clube, nas competições, enfim, por isso que eu faço questão que meus filhos estejam nesse meio. Eu acho que é um meio que só ajuda. É óbvio que tem coisas ruins e tal, mas de uma forma geral o que eu poderia aconselhar as pessoas é que sempre tivessem em torno ali do esporte. Eu acho que de preferência o vôlei, vou puxar sardinha (risos), mas que tivesse convivendo com essa prática esportiva seja só pra brincar ou pra competir.

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE D

ENTREVISTA LICA OLIVEIRA

Data da entrevista: 14/08/2014

Local da entrevista: Botafogo Praia Shopping, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Eliani Miranda da Costa Oliveira

E-mail: licaoliveiralica@gmail.com

Data de nascimento: 05/08/1964

Idade: 50 anos

Estado civil: casada

Tem filhos: sim (1 filho)

Grau de escolaridade: superior completo (Atriz e Jornalista)

Tempo dedicado à modalidade: 10 anos de seleção brasileira

M.T. – Lica, o que te levou ao voleibol?

L.O. - Bom eu sempre gostei muito de esporte, sempre gostei muito de brincar na rua. Eu morava no subúrbio do Rio de Janeiro, em Realengo e meu pai foi sempre um apaixonado pelo esporte. Eu e minha irmã sempre frequentamos colônias de férias, a gente morava próximo à Vila Militar e sempre tinha colônia de férias na Vila Militar e também na Aeronáutica e desde cedo desde oito, nove anos a gente sempre participava. E aí, no colégio, eu estudava no colégio Arte e Instrução, em Cascadura, que também tinha um professor de Educação Física que na época também participava da seleção brasileira de atletismo, o Lanceta, A princípio ele me levou para fazer atletismo na Gama Filho porque ele achou que eu tinha um porte atlético (risos). Primeiro me levou pra Gama Filho e logo depois para o Fluminense, que eram as duas equipes que ele trabalhava, Então, eu com doze anos correndo e sem entender direito porque ficava toda dolorida, falava “mãe, esse negócio de atletismo não dá certo”. Eu ainda não entendia que se tratava do processo do ácido láctico (risos) e a minha mãe muito menos. Aí eu fiquei meio desanimada com o atletismo e acabei ficando só uns dois meses, eu acho, e desisti. Aí, nessa época, rolou um campeonato de vôlei entre as turmas do colégio, eu era da sexta série e minha equipe da sexta série foi campeã ao vencer a oitava série. Logo nos sentimos o máximo da escola, “a sexta série ganhando da turma da oitava série e tinham duas meninas federadas, inclusive na turma da oitava série”. Logo, a gente resolveu procurar um clube pra jogar. Aí descobri que o clube que meu pai era sócio, que a nossa família era sócia, o Cassino Bangu, tinha uma equipe de vôlei. Tinha até juvenil ou infante, eu acho e nessa época eu tinha doze para treze anos, eu acho que faria treze anos naquele ano de 1977. Aí eu fui com mais duas amigas procurar o técnico. Fizemos lá um

teste e colocaram a gente no time. “Ó, tem jogo domingo”. Caramba, já tem jogo domingo e já entramos direto no time. Acabou que só eu continuei. Joguei o primeiro ano, no ano seguinte puxei minha irmã, que também começou a jogar e dali foram vinte e um anos nessa brincadeira (risos)

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

L.O. – Sim, o atletismo.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

L.O. – Então, comecei a jogar em 1977, pelo Cassino Bangu.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol?

L.O. - Minha primeira treinadora foi a Ozélia, que ficou cerca de três meses. Logo em seguida assumiu o Paulinho, que foi realmente meu primeiro técnico de voleibol, no Cassino Bangu (Risos).

M.T. – E como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta, Lica?

L.O. – Bom, era aquela fase de transição, que o voleibol estava começando a ser transmitido pela TV. Então, era uma modalidade muito complicada de ser televisionada por causa da vantagem e os jogos demoravam muito. Um jogo poderia durar uma hora e meia e poderia chegar a quatro horas, então era bem complicado. As pessoas não conheciam direito. Em casa mesmo a minha mãe, logo no início, me perguntava quantas cestas eu tinha feito no final do jogo. Depois ela se tornou uma aficionada pelo voleibol, você sabe muito bem. (risos). Mas, no início eu tinha que explicar “mãe, voleibol é o da rede no meio, basquete que é o da cestinha” Aí ela dizia “ah, é isso mesmo”. Naquela época só passava futebol na TV e a década de oitenta representou bem essa transição. Foi a época das musas. Eu comecei a jogar em 1977 e em 1980 já estava na minha primeira seleção brasileira, que era a seleção brasileira de novos. Aí eu já tinha mudado de clube, já não estava mais jogando no Cassino Bangu, onde fiquei por dois anos. Em 1979 eu fui pro Monte Sinai e aí no Monte Sinai foi que aconteceu a minha primeira convocação. No Monte Sinai eu ganhei meu primeiro campeonato carioca, fui campeã infanto-juvenil, isso deu um “upgrade” e eu comecei a jogar infanto, juvenil e adulto. Jogava nas três categorias e tive minha primeira convocação tanto pra seleção carioca adulta, seleção carioca juvenil e uma seleção adulta de novos brasileira, que excursionou pela Europa

e foi assim fantástico. Então, acho que a década de oitenta para mim foi realmente tudo, foi um período de transição não só meu como do voleibol em si. Eu acho que a modalidade teve um crescimento fantástico na década de oitenta.

M.T. – Lica descreva sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar?

L.O. – Então, é essa história. Desde que comecei sempre tive muito apoio dos meus pais e eu acho que isso é fundamental, até porque eu morava longe. Eu mudei para a zona sul em 1981. Até então... Eu comecei a jogar em 1977. Por dois anos joguei lá no clube próximo ao meu bairro. Logo em seguida eu fui jogar na Tijuca e depois no Flamengo, na Gávea e somente quando eu fui jogar no Flamengo é que minha família veio morar na zona sul. Até então tinha que contar com o apoio do meu pai e da minha mãe, hora pra buscar levar, enfim, meu pai sempre deu muita força, então, eu me divertia muito, me dava muito bem com as meninas... Eu tinha lá treze, quatorze anos, aí tinha uma festa no sábado, por exemplo. Davam onze horas eu dizia “gente, eu tenho que ir embora que amanhã eu tenho jogo”, sei lá, por volta das nove da manhã e tinha que acordar às sete e eu ia amarradona entendeu, eu estava feliz da vida, nunca achei que eu perdi nada por conta do vôlei, muito pelo contrário, eu acho que eu ganhei muita coisa: não me atrapalhou os estudos. Eu terminei o ensino médio com dezesseis para dezessete anos. Passei no vestibular, que na época era CESGRANRIO, passei para a Rural, que foi minha primeira faculdade, de Educação Física. Isso jogando seleção, treinando pra caramba. Dei meu jeito e consegui passar. Então, o vôlei na minha vida, praticamente foram vinte e um anos, me fez amadurecer dentro do esporte. Tudo que eu aprendi ali, a relação interpessoal, esse perde e ganha... O voleibol é um esporte que você não pode errar. Errou é ponto pro outro e enfim é perder um jogo, amanhã você tem outro e você tem que recuperar rápido. Tudo isso eu trouxe pra minha vida. Hoje eu sou formada em Jornalismo, sou atriz e eu carrego, eu vejo que eu tenho uma postura, eu tenho uma relação muito forte com as coisas que eu faço, ou seja, no teatro e em qualquer meio que eu chego eu tenho uma facilidade muito grande de me relacionar com as pessoas de entender o momento e até algumas vaidades, enfim eu acho que eu lido muito bem com isso por conta de ter passado vinte e um anos com equipes de mulheres (risos) que não é nada fácil. Concentrações mil pelo Brasil e fora do Brasil e viajando pra caramba, um mês, dois meses fora e um mês em casa. Eu acho que tudo isso me deu muito, muito lastro pra seguir entendeu? E eu trago muito dessa coisa da atleta hoje pra Lica Oliveira, atriz e Jornalista.

M.T. – E por quais clubes você jogou?

L.O. - Então, Cassino Bangu, depois Monte Sinai por muitos anos. Tem que ter bateria aí, né? (risos). Depois, Flamengo, Supergasbrás, Lufkin, Atlantictur, Colgate Pão de Açúcar. Aí eu fui para a Itália e joguei no Perugia. Depois do Perugia eu fui jogar outra temporada na Itália no Sumirago, que é complexo Sumirago, Imet e Perugia, que eram os patrocinadores. Aí eu voltei pro Brasil e fui jogar em Minas. Joguei no L'acquadi Fiori por dois anos. Depois fui para Ribeirão Preto e joguei uma temporada pela Recra Transmontano. Quando eu pensei que eu fosse parar eu fui para o Pinheiros e logo depois comecei a minha trajetória artística. Nesse meio tempo que eu achei que eu queria voltar pro Rio, ensaiei um volezinho de praia e joguei duas temporadas, mas vi que era muito complicado você montar toda uma estrutura na praia, depois da quadra. Eu teria que começar tudo de novo e eu achei que não era bem isso que eu queria. Nesse meio tempo eu comecei a fazer os cursos de atriz, retornei para a faculdade de jornalismo e recebi um convite do Paulistano que já estava para entrar no campeonato brasileiro e já tinha disputado o campeonato paulista e brasileiro. Eu disse “oh, tô parada um tempo”, mas eu nunca me descuidei fisicamente, sempre mantive a parte física em dia o que me facilitou. Então encerrei minha temporada no Paulistano em 98/99.

M.T. – E quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para consolidação da tua carreira?

L.O. – As pessoas mais importantes, minha família, o número um meu pai, minha mãe, minha irmã, meus companheiros também, meu primeiro marido, o Chico também que trabalhou com vôlei e hoje trabalha com basquete. Foi praticamente nessa época que eu me casei, a gente se conheceu em 83, eu casei em 89 e ficamos casados até 2006. Então, tem o fato dele ter sido jogador e técnico também e isso me ajudou bastante, tanto na parte técnica quanto na parte psicológica. Os meus técnicos também que eu sempre tive uma relação muito boa com todos os técnicos, não posso, não tenho o que dizer. Trabalhei com grandes nomes do voleibol que estão até hoje aí. Trabalhei com Bernardinho, trabalhei com Zé Roberto, trabalhei com o Ênio Figueiredo, já falecido, trabalhei com Jorjão, Marco Aurélio, Radamés, trabalhei com todos que estão até hoje e que são tops, tem o Cebola, enfim, trabalhei com os tops. Os preparadores físicos também. Infelizmente hoje eu tenho uma condromalacia patelar, mas ainda há pouco eu estava brincando com o Baca, que hoje está na CBF, que é um craque de tudo “não tenho culpa do seu joelho”. Eu sei que você não tem culpa, eu consegui jogar 21 anos sem operar nada, mas não tem como porque atacar duzentas bolas por dia, o corpo humano não foi feito para isso, mas, enfim, acho que todos eles, cada um contribuiu um pouquinho. As jogadoras, eu sempre tive uma relação muito boa, hoje quando eu abro esse face... E não só aqui no

Brasil como fora do Brasil, ontem mesmo eu acabei de receber no face uma mensagem da Carmem Pimentel que foi uma peruana dos áureos tempos do Peru e que eu tive oportunidade de jogar, ela foi minha levantadora lá em Sumirago, na Itália e ela foi da geração poderosa do Peru, campeã sul americana e vice-campeã olímpica e é minha amiga. Ela está morando na Itália ainda. Joguei com a irmã do goleiro Buffon, enfim, esse facebook é uma ferramenta fantástica e eu vejo assim o quanto de amizades eu fiz pelo mundo e isso é muito legal (risos).

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

L.O. – Tudo. Simples assim. A palavra da minha família é tudo, sempre foi tudo. No voleibol foi muito porque eu via assim, a minha família jogava junto. Jogávamos eu e minha irmã, chegamos a jogar na mesma equipe, chegamos a ser adversárias e minha família era daquelas assim de arquibancada. Meu pai era a figura da arquibancada conhecido por todos no Brasil inteiro porque ele torcia pra valer, mas nunca foi de passar a mão na nossa cabeça, se eu jogasse mal ele era o primeiro a falar. “Hoje você não jogou nada” (risos), “vamos melhorar isso aqui, vamos melhorar aquilo ali”, mas se eu jogasse bem também ele era o primeiro a me levar, entendeu? Então assim eu acho que isso é muito importante a participação dos pais, eu acho que é fundamental. A minha mãe também não entendia nada depois... Hoje ela é uma apaixonada, a gente parou de jogar ela continua indo ao ginásio, ela adora todos os jogadores ela não perde um jogo, ela está em todas. A gente fez um encontro e ela foi a única mãe que foi pro encontro das meninas e fez discurso e tudo e ela realmente era... Quando eu comecei o uniforme você tinha que treinar e levava o uniforme pra lavar em casa, não tinha essa coisa de hoje, depois teve uma fase que o vôlei ficou com toda uma infra, mas antes era Paitrocínio, né? Meu pai que tinha que comprar tênis, joelheira e tudo mais. A mãe tinha que apoiar o pai tinha que dar dinheiro para as viagens e uma série de coisas, eles sempre nos apoiaram. Na década de 1980, no início o campeonato brasileiro infanto eles foram à Brasília, eles foram a Aracajú, sempre participaram muito, muito, muito. E eu vejo assim que não é nem só comigo porque as outras minhas amigas todas têm um carinho muito grande pelo meu pai e pela minha mãe por conta do que eles faziam que não era só pra mim. Quantas meninas eles botavam no carro e levavam para casa... Encontrei com outra do Monte Sinai e ela falou assim “só consegui chegar ao último ano do juvenil porque seu pai que pegava”, ele pegava a gente e deixava na porta da casa dela. Ela falou isso, acredita? Não é todo pai e mãe que tem paciência ou gosta, enfim... Meu pai, além de me incentivar ainda incentiva as meninas que ele achava que tinha potencial e que não podia desperdiçar, ele era realmente um apaixonado pelo esporte.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta você considera importantes?

L.O. – No voleibol? Na década de oitenta? Bom, eu acho que toda essa estrutura. Não posso deixar de destacar a organização da Confederação Brasileira. Eu acho que a gente teve muito problema e ainda tem como muitas confederações e o voleibol é, querendo ou não, politicagem à parte, dirigentes à parte, o voleibol conseguiu se organizar e conseguiu vislumbrar o marketing esportivo naquela modalidade que podia ser o que é hoje, os ginásios lotados com patrocinadores e tudo mais. Eu acho que foi essa sacada dos dirigentes de perceber o potencial, de convencer os empresários que era uma coisa interessante investirem ali. A imprensa também né? Eu acho que a gente pegou uma geração que eram de meninas saudáveis, que era um pessoal bonito de ver jogar e na década de oitenta teve muito isso também. Hoje tem muitos jogadores que a gente pode destacar, mas acho que tinha muita gente que jogava muito bonito, a plasticidade entendeu? Tinha uma galera que subia pra atacar de forma muito bonita e era bonito de se ver jogar eu acho que a década de oitenta teve muito disso também e as conquistas da geração de prata do masculino, no feminino a gente veio com Isabel, com a Vera Mossa, a galera desbravando, a gente já beliscando ali, querendo chegar entre os quatro primeiros e eu acho que esses resultados foram fantásticos. A transmissão televisiva também que massificou a modalidade e isso foi fantástico. O intercâmbio que a gente começou a fazer, ontem também, por coincidência, eu encontrei uma japonesinha que é japonesa, mas fala português e está aqui divulgando um livro não sei há quanto tempo tá aqui e ela me reconheceu da novela, ela disse que assistiu a novela e veio falando aquele português nipônico “você é da novela?” Eu disse “sou e conheci o seu país”, porque na minha geração eu joguei vôlei e fui umas três ou quatro vezes, no mínimo, porque fizemos muito intercâmbio, porque o Brasil precisava melhorar a parte defensiva e aí a defesa do Japão era tudo e hoje em dia é ao contrário, elas estão vindo aqui no Brasil para aprender como se faz. Mas a gente tinha esse intercâmbio e isso era muito legal, então eu acho que essa década de oitenta foi essa virada. Tiveram os materiais esportivos, nós fomos cobaias de tênis, de joelheiras, estavam tentando fazer material nacional. Hoje já se faz uma coisa de boa qualidade, mas na época eu acho que foi uma geração cobaia também, entendeu? Em vários aspectos, tanto em treinamento físico também; os preparadores físicos testavam muitas coisas novas na nossa geração e viam o que dava certo e o que não dava certo para prosseguir. Eu acho que foi uma geração que foi muito fértil, já que precisava testar o que era inédito, né? Mas foi uma geração cobaia (risos).

M.T. – De todos esses acontecimentos que você citou qual você considera o mais importante?

L.O. – Mas, assim para mim ou para o esporte?

M.T. – No voleibol para você.

L.O. – Na década de oitenta, o mais importante para mim foi a participação na Olimpíada. Isso como eu coloquei foi o sonho de qualquer atleta em qualquer modalidade, disputar os Jogos Olímpicos. A partir do momento que eu entrei ali e me vi em Los Angeles entrando ali naquela Vila Olímpica eu falei “gente é isso”. Eu acho que pra mim marcou muito ter conseguido me manter na seleção em 84 e 88 já que eu fui a Seul também. Então foram dois acontecimentos assim muito marcantes na minha vida e não só na minha porque o fato do Brasil estar sendo representado no vôlei feminino numa Olimpíada seja por conta de um boicote, não importa. Nós somos sei lá quantos países, então, separar oito ou dez para uma Olimpíada a pessoa tem que ter essa noção, quando você fica em sexto numa Olimpíada ou num mundial. Se no mundo tem mais de cem países, então isso é uma coisa que tem que se levar em conta, a cultura esportiva tem que perceber a importância que isso tem.

M.T. – Então qual episódio ou quais os episódios marcaram a tua carreira na década de oitenta?

L.O. – As duas olimpíadas. Os campeonatos brasileiros que eu ganhei também, porque eu ganhei cinco campeonatos brasileiros e isso é bastante coisa. Eu ganhei uma Copa Brasil, porque também foram mudando as nomenclaturas do campeonato. Eu fui jogadora de meio e em 1982 foi minha primeira participação como titular jogando de ponta no Flamengo. A gente ganhou em Minas Gerais pelo Flamengo. Essa Copa Brasil de Clubes foi meu primeiro campeonato importante e eu sendo juvenil ainda. Aí depois veio o primeiro campeonato conquistado foi em 1983 pela Supergasbrás e pela Supergasbrás eu ganhei três campeonatos (1983, 1984 e 1986). Aí, em 1987 eu ganhei pela Lufkin. Então, foram quatro campeonatos. Esses campeonatos brasileiros de clubes foram assim incríveis. Eu joguei com a Fofão, nós jogamos o campeonato mundial de clubes, a final de clubes, a final foi Sadia e Pão de Açúcar no Ibirapuera que também foi fantástico e aquele ano a gente jogou todos os campeonatos possíveis (risos).

M.T. – E quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta, Lica?

L.O. - Dificuldade? É tem as dificuldades de você enfrentar um time aqui, outro ali, mas fora isso... Eu não vou dizer que foi fácil não, mas eu acho que eu encarei. Tive as dificuldades técnicas que acho que enfrentei treinando muito, entendeu? Sempre procurei me superar. Se eu tenho uma deficiência no passe, então acabava o treino eu tava ali. Vamos treinar mais uma horinha de passe? Vamos. Eu estava sempre disposta a me superar. Aí teve uma época ruim porque foi a transição do Ênio pro Jorjão. O Jorjão entrou numa de tentar mudar tudo, ele tinha esse objetivo mesmo porque queria fazer com que o feminino subisse mais um degrau e isso é óbvio. Na primeira convocação que era um amistoso fora do país e ele não me convocou e aquilo ali pra mim foi duro. Na volta houve uma convocação oficial pro campeonato mundial e eu fui convocada, mas ali deu uma beliscada eu me lembro que foi um pouco traumático. Menos mal que não durou muito tempo, foi coisa de três meses, mas eu achei estranho não ter sido convocada. A parte da minha saída da seleção brasileira também não foi lá grandes coisas porque eu fui convocada em 90 com o Inaldo e aí em 91 eu fui convocada pelo técnico até que faleceu de Minas...

M.T. – Wadson.

L.O. – O Wadson resolveu me dispensar e eu depois de uma década de seleção e a forma como foi eu não achei muito simpática. Eu acho que chega nessa hora, tem que ter muito cuidado. Uma década na seleção brasileira. Por mais que tenha que se fazer a renovação e muito bem feita, por sinal, não é assim que se faz. Eu achei que ali houve uma falta de respeito. São mágoas assim que eu tive. Hoje eu acho que fui uma das pupilas do Jorjão, foi uma questão dele não me conhecer como pessoa, como atleta e logo em seguida rolou a convocação e a coisa do Wadson. Então eu acho que a forma como foi feita não foi legal, mas menos mal que fecha uma porta aqui Deus abre uma janelinha ali. Nessa época eu fui pra Itália e fui muito bem recebida. Fiz um trabalho muito bom. Foram duas temporadas fantásticas também, enfim (risos).

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para tua vida?

L.O. – Ah, muita coisa de positiva, como eu falei. Principalmente na minha formação, no meu caráter, como pessoa. Essa coisa de enfrentar a vida eu acho que isso foi o mais importante. Em relação de eu me estruturar, a relação interpessoal e isso acho que carrego pra sempre, não tenho como desvencilhar do que eu sou hoje. A minha postura na quadra, enfim, acho que eu destaco mais essa parte. Ah, e saúde também, né? Acho que apesar de ter feito só um ano de Educação Física, porque era na Rural e era impossível conciliar com o vôlei, essa consciência

corporal que o atleta possui, independente de você fazer educação física ou não. O atleta de alto rendimento, de tanto que ele lida com os preparadores físicos ele aprende tanta coisa que ele conhece muito o seu corpo. Não posso falar dos outros, mas o meu eu sei o que funciona e o que não funciona. Na sala de musculação vem o professor e eu palpito “não, eu sei que isso aqui não serve pra mim, isso aqui não vai funcionar”. Os professores ficam perguntando “você é professora de Educação Física?” Eu digo “não, é porque eu já conheço a máquina aqui” (risos).

M.T. – O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira e o que você almejava?

L.O. – Hum, na época que eu fui jogadora da seleção brasileira era fantástico porque foi o “boom” do voleibol, as pessoas começando a reconhecer a gente até na rua porque os jogos eram transmitidos, a gente já tinha fã clube, enfim, isso era muito, muito engraçado. A plasticidade, a beleza das jogadoras de vôlei, coisa que nem passava pela cabeça. Eu lembro que certa vez eu dei uma entrevista depois de um Campeonato Mundial e tudo que você está perguntando eu falei para a jornalista porque eu a encontrei recentemente. Ela me entrevistou horas e eu falei do campeonato que aconteceu na Tchecoslováquia e a foto que saiu era uma foto minha de lado assim, falando do meu bumbum, que fez sucesso. Eu liguei para ela e falei “peraí, te dou uma entrevista de duas horas e a matéria que sai é falando que o que fez sucesso lá não foi meu vôlei”. Hoje, as pessoas tiram de letra. Hoje eu talvez desse risada e tentaria fazer dinheiro com isso, entendeu? Hoje em dia é outra cabeça. Mas, eu me diverti muito e quando começou a virar um sacrifíciozinho é que eu achei que era hora de pendurar as joelheiras. Quando eu chegava ao treino e perguntava quanto tempo tem que ficar aqui é porque não estava mais dando certo.

M.T. – E o que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

L.O. – Aí eu acho que foi o ápice. Eu consegui jogar duas. A Fofão jogou quatro ou cinco e isso é fantástico porque é muito difícil você se manter por tanto tempo. Mas, participar das Olimpíadas foi é o máximo, porque na hora, no momento que você está ali, você vê aquilo como uma consequência de você treinando bem, jogando bem, você vai ser convocada, o seu time vai jogando bem você vai classificar e você vai e essa ficha cai de repente. Hoje a ficha cai com mais peso até, quando eu vejo a gente ali naquele estádio eu falo “gente, eu estava ali. Eu era uma daquelas ali e o povo estava ali para me ver. Eu era uma das pessoas que o pessoal estava indo pra assistir, entendeu?” Isso é muito. Você olha o mundo ali, que ali você

realmente... O mundo, todas as cores, todas as caras. É uma coisa fantástica, uma sensação muito difícil de descrever. A gente tentava fazer o intercâmbio que começou nos anos 1980, mas não tinha tanto. Hoje as meninas jogam na Rússia, outras vão jogar na Itália, aí tem um adversário que é seu companheiro no clube e isso acontece demais agora, mas naquela época (não) era assim. Conter o deslumbre também na década de 1980 era muito complicado pra gente, entrar numa vila olímpica “quem é aquela ali? Você conhece? Gente é fulano.” Quando você vai para um campeonato mundial você faz parte da nata do vôlei “ah, são as meninas do vôlei” e você está acostumada, agora numa Olimpíada são ídolos de modalidades diversas e você realmente fica balançado, tem que ter um foco, uma concentração muito grande pra cumprir o objetivo. Eu lembro que em 1984 nós estávamos assim “uau, o nosso time” e pra conter o deslumbre foi complicado. A gente amadurece hoje a equipe é bem madura. A sementinha foi plantada ali e tudo isso faz parte. É um amadurecimento chegar numa competição como essa e a postura da equipe ser diferente. Você falou que 1980 foi a primeira Olimpíada que a gente participou, então, quando a gente participou em 1984, o Brasil estava ali fresquinho naquele tipo de competição. Hoje é diferente e esse lastro tem que ter (risos).

M.T – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal na época de jogadora?

L.O. - Era duro porque eu treinava demais, treinava de manhã e à tarde o que dava uma média de seis a sete horas por dia de treinamento. Eu consegui terminar meu ensino médio, agora a faculdade foi toda quebradinha. A minha primeira faculdade, eu passei tinha 17 anos e era uma faculdade longe. Fiz um ano e tive que trancar. Daí eu comecei a fazer várias faculdades quebradinhas, então pra conciliar os estudos era muito complicado e fora que não sei como está hoje, mas é uma coisa que fico batendo sempre quando tenho oportunidade eu falo “porque as universidades elas não dão mais oportunidade pro atleta?” Como jornalista eu tive a oportunidade de conversar com uma menina do waterpólo que jogou na Itália e jogou acho numa equipe americana, numa universidade. Ela é brasileira e disse que quando a equipe da universidade americana estava na fase de concentração e elas tinham que ficar dois meses em algum lugar, os professores iam até lá, alguém ia aplicar a prova ou dar algumas aulas, para que elas não perdessem o período. Isso talvez explique por que os Estados Unidos são uma potência no esporte. Os atletas param de jogar e estão todos formados, então tem que ter uma política de forma que os atletas consigam estudar porque é muito rápido. Vai batendo na casa dos trinta, trinta e um, trinta e dois e já começa. Depois é bem dura a realidade, quando a gente para. Eu passei por um período complicado e todas nós passamos. É uma ou outra que

tem uma família estruturada financeiramente pra seguir, mas isso não é comum. Isso é uma ou outra, então eu acho que essa coisa dos estudos tem que ser conciliada com os treinamentos. Você vai fazendo aos pouquinhos, três matérias ou quatro, mas o atleta não pode parar e nem ficar de fora. Eu acho que o atleta precisa diversificar e não ficar fazendo uma coisa só. Inclusive, acho que isso ajuda o atleta a crescer e que estrategicamente ele consegue ver o jogo de outra forma. O atleta que estuda tem uma cabeça mais preparada para compreender as táticas do jogo, com certeza.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre o seu corpo atlético?

L.O. - Isso também foi muito interessante porque foi conversado recentemente. No início dos anos 1980 começamos a fazer musculação porque também era outra coisa que não se fazia, tanta musculação como se faz hoje, com essa consciência que você precisa ter um músculo bem forte pra aguentar bater duzentas bolas. Que tem que ter o quadríceps forte pra conseguir dar duzentos saltos, enfim, isso estava meio que se trabalhando ainda no início dos anos 1980. Semana passada eu encontrei até com uma amiga do meu time do infante e ela me disse que o namorado não queria que ela fizesse musculação porque ele não gostava de mulher musculosa. Eu já tinha um biótipo atlético por causa do atletismo e achava legal. A minha perna já era uma perna torneada antes de começar a malhar demais, eu já tinha muita facilidade pra pegar essa massa e ficar definida. Aí, no início dos anos 1980 essa coisa foi mudando, veio aquela coisa meio andrógena sei lá, que foi uma beleza que as meninas tinham. Hoje é completamente diferente. Antigamente era pouco seio, aí chega a Madonna também com aqueles músculos todos, então de repente a gente virou, as meninas do vôlei viraram assim o desejo. Todas as meninas e mulheres queriam ter o corpo das meninas do vôlei, entendeu? E aí era muito estranho, porque a gente recebia convite pra posar pra Playboy, eu acho que todas as meninas receberam ou quase todas da seleção brasileira da época. Eu recebi e falei “nossa, que absurdo, jamais”. Como eu vou chegar no borracheiro e ver minha foto lá? (risos). Então era muito engraçado. Eu descobri essa sensualidade através do esporte já que pra gente no início não era assim. Hoje elas jogam de bermuda, a gente jogava de sunguinha, então tinha vários elementos que hoje em dia as meninas até procuram, é o cabelo, é a maquiagem e tal, mas a gente nem tinha essa vaidade toda e chamava muita atenção. Talvez pela naturalidade... Hoje em dia dá até para dar uma turbinada aqui, botar um negócio ali, jogar de maquiagem definitiva, mas na época era tudo in natura mesmo, entendeu? Não tinham essas possibilidades e realmente chamou muita atenção. Depois você começa a perceber que a gente realmente marcou uma época (risos).

M.T. – Lica, como era a rotina de treinamento da seleção, fala um pouco sobre lesão, sacrifício, superação, como era isso?

L.O. - Era duro. Como eu falei a geração 80 foi uma geração cobaia, eu felizmente tive algumas facilidades porque eu saltava bem e não tinha tendência a engordar porque nós tínhamos percentual de gordura a perseguir, porque nós tínhamos toda semana uma pesagem, aquele aparelhinho pra medir qual o percentual de gordura e tudo isso aí era duro, mas eu felizmente nunca tive restrição de não comer a sobremesa, porque algumas atletas não podiam comer a sobremesa, não podiam tomar refrigerante. Às vezes era só no final de semana e era um controle super rígido. Nós tínhamos marca para atingir na corrida e eu repito, eu talvez não tenha sofrido tanto porque felizmente, graças a Deus, eu não tinha dificuldade de atingir essas metas fisicamente. Sempre mantive meu percentual de gordura, sempre bateu ali tranquilo, nunca fui proibida da sobremesa, nunca fui proibida do refrigerante, apesar de não curtir muito refrigerante, então não era sacrifício. Sobremesa eu gostava muito à noite que é completamente fora, de acordo com alguns estudos. Mas, eu adoro frutas... Então eu digo assim eu não posso chamar isso de sofrimento, mas eu vi minhas companheiras que sofriam com isso, com essa restrição alimentar, com bater metas em relação à parte física. Por exemplo, a gente subia às 7h da manhã para as Paineiras. É sacrifício? É sacrifício, mas a gente vai ver o resultado depois, entendeu? Agora a parte pior eu acho que é a questão da lesão, eu tive alguns problemas no joelho, mas nada que me levasse a uma mesa de cirurgia e isso foi resultado de muita fisioterapia, muita musculação. Eu fazia muito reforço muscular pra conseguir jogar... Também tive algumas entorses de tornozelo, até porque a questão de como eu pisava era errada e quando foi detectado o problema eu passei a trabalhar arrumar palmilha que uso até hoje, um tipo de palmilha pra jogar. Então aos poucos a gente vai segurando e assim eu acho que lesão eu não tive nenhuma que tivesse me tirado de um campeonato importante, talvez uma pontual ou outra, mas nada que tivesse feito eu perder um campeonato, felizmente.

M.T. – Na tua opinião havia diferenças entre o voleibol feminino e o voleibol masculino na década de oitenta?

L.O. – Sim, total (muitos risos). Porque assim, os meninos conseguiram a medalha de prata logo, em 1984 e aí era nítida a diferença, entendeu? A gente percebia que tudo chegava primeiro pro masculino, depois, se sobrasse, era pra gente. A gente percebia e as meninas... Algumas gritaram, a gente tentava apoiar e tudo mais, mas isso era notório, totalmente.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta na tua percepção em nível nacional e internacional?

L.O. - Na década de oitenta? Então, em nível nacional acho que a organização da Confederação em relação aos campeonatos brasileiros. Acho que a cada edição do campeonato novas coisas eram acrescentadas, foi melhorando o nível técnico, novas atletas iam despontando e em nível internacional... Por exemplo, eu disputei o campeonato mundial na antiga Tchecoslováquia, hoje República Tcheca, em 1986 e nós ficamos em quinto lugar, ou seja, quinto lugar é assim um passo para entrar entre os quatro e disputar semifinal e final. Então, ali eu acho que foi metade da década, que a gente percebeu que tava tendo uma mudança e que o Brasil podia beliscar sim, que a gente tava no quase. Era aquele papo de morrer na praia que era muito doloroso pra gente, entendeu? Tipo fazer um jogão contra a China e a gente sabia que a China era uma potência. O Peru teve uma geração muito boa e parou e o Brasil felizmente não parou naquilo, muito pelo contrário, a gente evoluiu fisicamente. Hoje nós temos atletas com quase dois metros de altura. Tudo bem, nosso país tem quase não sei quantos Perus, em termos de território e população, mas o fato é que houve um trabalho bem feito em todos os setores. Tanto os professores de Educação Física, os preparadores foram ver o que era melhor pra conseguir com que aquele atleta pudesse dar um pouco mais e foram testando, aparelhos, marcas esportivas... Quando a gente fala geração cobaia é importante ressaltar também que as pessoas não ficaram paradas. Todos os setores trabalharam para que o voleibol chegasse ao patamar que está hoje. Tudo mesmo, medicina esportiva, preparadores físicos, empresas, todos trabalhando para o voleibol indoor e de praia também, que praticamente começou naquela década e hoje a gente exporta profissionais.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

L.O. – O que ela deixou? Acho que deixou essa beleza de jogar, porque muita gente, tanto atletas quanto torcedores, quando eu posto as minhas fotos dizem “ah, eu aprendi a gostar do vôlei com vocês, era tão bonito ver vocês jogarem” Eu acho que a nossa geração plantou essa sementinha nas crianças que assistiram e as meninas queriam ser uma menina do vôlei, uma musa do vôlei. Eu falo não só na parte atlética, mas também na parte estética e eu acho que isso é incrível. A gente multiplicou o número de apaixonados pelo voleibol, tanto para praticar quanto para torcer. Chegaram os empresários, a Isabel foi capa da Veja, a Vera Mossa foi protagonista do filme Rock Estrela. Nós jogávamos no mesmo time, a Supergasbrás, e foi a minha primeira fala como atriz. Eu lembro que eu fui escolhida para dar uma fala e eu fui a

única que entrou e falou e mal sabia que algumas décadas depois eu seria atriz. Isso é muito incrível. Enfim, o vôlei se misturou com a arte, com o rock, com novela, você lembra? A novela Barriga de Aluguel, a Cássia Kiss era uma jogadora de vôlei e vôlei estava bombando na época. A minha irmã, a Ellen, fez uma participação jogando no time da Cássia Kiss. No elenco tinha a Cláudia Abreu também, um sucesso. O voleibol era da hora (risos).

M.T. – Lica, quando você parou de jogar, em qual clube você estava e porque você parou?

L.O. – Então, meu último clube foi o Paulistano, eu já estava pensando... Na década de 1990 eu joguei na Atlantictur e Rioforte antes de ir para a Itália porque eles queriam montar uma equipe forte para classificar para o Brasileiro e o Marco Aurélio era o técnico. Nessa volta, quando eu saí do Pinheiros eu tentei jogar vôlei de praia pra voltar pro Rio porque eu passei quase a década toda fora do Rio, pois não tinha equipe aqui. Foi a época do Plano Collor e as equipes do Rio acabaram. Foi quando eu fui para São Paulo, depois Itália, Minas, não sei. Eu sei que estava doida para voltar pro Rio e tentei a praia, mas não rolou. Então eu comecei a vislumbrar outros horizontes “ah, eu vou fazer vestibular, fazer jornalismo”. Comecei a estudar resgatar meus estudos até porque mais dois anos e eu já estava parando. Aí eu joguei pelo Paulistano o campeonato brasileiro, em 1998. Então, logo depois eu voltei para a Itália porque o meu marido estava trabalhando lá, na época. Então você imagina: eu aqui, meu marido lá, com o meu filho nascendo em 1999. Eu parei de vez (risos).

M.T. – E como foi a decisão de parar de jogar?

L.O. – Foi meio que natural, não foi traumática. Infelizmente, eu tentei até voltar depois que meu filho nasceu, cheguei a treinar um pouquinho na equipe do Vasco, mas ali não era uma volta. Eu achei até que eu fiz um ciclo que eu joguei todos os campeonatos, joguei pan-americano, joguei mundial, joguei sul-americano, joguei olimpíada, joguei tudo que se pode imaginar, viajei esse mundo, conheci muitos países por conta do voleibol, conheci o Brasil, muitos estados do Brasil por conta do voleibol, então eu já estava satisfeita. Essa volta era mais por conta da questão financeira por que eu me perguntei “o que eu vou fazer agora, com filho pequeno?”. Foi por isso que ensaiei a volta, mas aí teve a coisa da pontuação, o ranqueamento. Eu tinha acabado de ter meu filho, meu filho tava na época com seis ou oito meses. A Isabel que era técnica do Vasco falou “Lica, não dá nem pra você voltar porque eu só posso botar um número x de jogadoras de seleção” e como eu já tinha sido da seleção não dava. Ali eu desisti, voltei para a Itália, onde fiquei mais dois anos e em 2001 eu voltei

definitivamente para o Brasil. Então, eu parei em 1998. No período que eu fiquei na Itália depois de 1998 eu trabalhei como treinadora de crianças de 10 a 14 anos, numa escolinha. Meu marido era o técnico e eu era assistente dele em alguns jogos.

M.T. – E como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

L.O. - Então lá na Itália ficava trabalhando com essas crianças. Trabalhei um pouquinho com a base, mas era assim tipo escolinha, duas vezes por semana e cuidava do meu filho pequenininho e com a minha vida na Itália... Estava pensando em ficar por lá e só não deu certo porque a equipe que meu marido trabalhava na época perdeu e como tava perdendo no campeonato é igual campeonato aqui, o time que tá perdendo o técnico é dispensado, além disso, teve problema que não tava recebendo e a gente resolveu voltar pro Brasil em 2001. Quando eu voltei tava com filho pequeno e aí eu falei “vôlei acho que não vai dar porque eu tô parada e tinha essa coisa do ranqueamento” Então, reabri minha faculdade, acho que eu já tava no sexto período porque eu tinha trancado jornalismo, fora isso eu já tinha feito oficina de atores da Rede Globo. Foquei no jornalismo e foi um período duro porque sair de um salário de jogadora de vôlei que na minha época era bom e hoje é excelente... (risos) Na época era um bom salário, pagava todas as minhas contas, enfim, era um salário confortável. Sair desse salário para de estagiária de jornalismo, que você deve conhecer. Enfim, passei a ser estagiária de jornalismo da universidade, onde eu trabalhava e foi um baque muito grande. Precisei tentar ganhar bolsa de estudo porque não tinha como pagar a faculdade com filho. Muito louco tudo isso, foi barra. Foram dois anos assim... Mas eu fui trabalhei no núcleo de comunicação da faculdade, consegui bolsa na faculdade e aí me formei. Aí fui pro núcleo de comunicação comecei a trabalhar no núcleo na parte de TV, tudo de TV eu fiz de tudo, até câmera, fiz de tudo na parte de TV na faculdade e aí nessa eu falei “vou procurar um grupo de teatro que eu quero fazer telejornalismo, não quero ir pra redação de jornal, quero fazer televisão”. Porque eu gostava da linguagem, gostava de escrever e eu via que eu tinha jeito. Aí fui procurar o teatro, na época aqui no Barra Shopping tinha um grupo de teatro, agora nem tem mais teatro lá no Barra Shopping, mas era um grupo chamado Rei Ator, um grupo amador que a gente reunia aos finais de semana. Fiz quatro meses e fui à Globo pra fazer um trabalho para a faculdade, um trabalho de jornalismo e acabei sendo convidada pra fazer um cadastro lá dentro e aí minha vida mudou completamente. Mas isso que tô falando não foi tudo rapidinho não porque aí são dois anos de ralação, muita água debaixo dessa ponte aí (risos).

M.T. – Voltando um pouquinho, você sente saudade da época em que você jogava?

L.O. - Eu sinto uma saudade, mas é uma saudade que não é nostálgica, uma saudade assim muito legal, tipo se vou a um ginásio adoro encontrar as meninas vou a um jogo assistir e não consigo assistir porque a gente fica falando mais com as pessoas na arquibancada “o quê? Já tá acabando o set?” É muito complicado... Mas rola uma saudade boa... Não é assim nada nostálgico não tem nenhuma mágoa, graças a Deus, de nenhuma equipe, nem na Itália. Eu acho que eu fui muito feliz nas equipes que eu joguei entendeu? Então é uma saudade muito legal e eu voltaria e fazia tudo de novo, do mesmo jeito.

M.T.- O que mudou na tua vida depois de você ter parado de jogar?

L.O. – Eu parei de jogar 2001. Foi um período bastante complicado profissionalmente. Felizmente eu consegui me formar porque muitas não conseguem. Consegui recomeçar, concluir uma faculdade, eu me formei em 2003. Consegui me formar em jornalismo e fui buscar uma profissão. É difícil, mas a gente vai indo. Eu demorei nove anos para engravidar por causa do vôlei, porque cada ano num lugar é complicado. Por isso tive meu filho mais tarde em relação as minhas amigas e filho e faculdade e monografia, não sei como dei conta. Aí rolou de fazer novela. Foi ano que fiz novela, teatro, musical pela primeira vez. Então, eu cantando, com filho pequeno, monografia, acho que ali foi a minha prova de fogo. Mas eu fui superando porque assim tem esse detalhe quando a gente faz o que gosta... Se eu tivesse saído do vôlei e feito uma coisa que não gostasse eu poderia ter me transformado numa pessoa amarga, lamentando o tempo inteiro, mas eu saí de uma coisa e fui pra outra totalmente apaixonante pra mim. Então, eu acho tudo maravilhoso. Ralo, mas eu ralo feliz da vida (risos).

M.T. – E qual momento da sua vida você foi mais feliz quando você jogava ou depois de ter parado de jogar? E por quê?

L.O. – Não, eu fui feliz sempre. Fui feliz jogando, sou feliz agora. Eu adorava jogar vôlei... Ficava super amarradona de sair cedo da festa porque eu tinha que acordar no dia seguinte cedo, entendeu? No finalzinho já achava um saco arrumar e desarrumar mala, isso eu posso confessar. Hoje eu amo viajar, mas viajei demais. A gente não curtia os lugares, conhecia hotéis, ginásios e aeroportos, mas não era turismo. Hoje eu procuro fazer turismo, mas conheci muitos lugares nos dias de folga. Não sabia se fazia compras ou se visitava os pontos turísticos, era meio assim. Não posso dizer que eu fui mais feliz... Os momentos da minha

vida eu procuro fazer o que eu gosto e tá ao lado de pessoas que eu gosto e eu acho que isso faz com que eu seja totalmente feliz (risos).

M.T. – E você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar?

L.O. – Não, eu tive essa experiência muito pouca lá na Itália porque eu tava com filho pequeno e nosso meio era o voleibol e meu marido na época era técnico da equipe da cidade. Era uma coisa bem light e aqui no Brasil profissionalmente também tive uma escolinha no colégio do meu filho, em Jacarepaguá, uma vez que a gente morou lá no bairro, mas foram assim também três ou quatro meses, porque aí logo pintou coisa pra fazer na TV e eu tive que deixar. Profissionalmente eu tive uma passagem pelo Esporte Espetacular como apresentadora “fiz tudo, menos matéria de vôlei” A única matéria que eu consegui fazer como repórter foi de nado sincronizado, então não tive muita experiência, nunca comentei um jogo de vôlei na TV, mas nunca comentei por falta de convite mesmo, porque, engraçado, o vôlei depois que eu parei realmente ele não cruzou a minha vida, mas eu não sei o que ainda vem por aí (risos).

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

L.O. – Então, eu sou atriz e jornalista e eu trabalho numa produtora. Sou locutora, apresentadora, sou aquela que falou em comunicação eu tô dentro. Então eu trabalho como atriz e quando não estou atuando também trabalho como produtora de cinema, onde eu trabalho fazendo vídeos instrucionais, roteiros e locução. Trabalho com muita locução e isso é a minha vida (risos).

M.T. – E o que o voleibol significa pra você Lica?

L.O. – Ah, o voleibol significa... “É vida, é saúde, é vitalidade, resignação, sacrifício, significa também uma forma de vida”. De uma brincadeira que eu escolhi se tornou uma coisa profissional, então acho que é isso, o voleibol pra mim hoje é até uma forma de viver, porque a gente meio que é... Quem jogou vôlei eu acho que tem uma maneira de... A gente tem uma linguagem própria. Ontem eu postei uma foto do Cassius Clay, que a gente tirou durante os Jogos Pan-americanos. Foi um dia de compras, a gente saindo do shopping e ele lá, debilitado por causa da doença, ele estava com a irmã e pedimos para tirar a foto e ela ficou comigo. Ontem eu postei “meninas, olha o que eu achei”. Estavam a Tina, a Patrícia, a Regina Uchôa, a Vânia, várias pessoas nessa foto e só eu tinha, não sei por quê. Elas ficaram enlouquecidas, inclusive a nossa intérprete está na foto e eu perdi o contato, óbvio e ela me pediu muito que eu enviasse essa foto na época, que fizesse uma cópia e enviasse pra ela e eu nunca enviei

porque eu perdi o contato dessa menina, ela mora nos Estados Unidos... Aí eu postei ontem e como eu tenho amizades diversas, as pessoas não estavam entendendo e nem conseguiram me identificar, identificaram ali como um time de vôlei achando que além de montagem acharam que eu tava desrespeitando o Mohamed Ali por ter colocado assim “meninas, olhem o que eu encontrei”. Nós nos tratamos assim por meninas. Tem gente com sessenta e são meninas sempre, a gente se trata por meninas do vôlei. Enfim, olha que confusão.

M.T. – Lica pra terminar qual foi o principal legado que o voleibol deixou pra sua vida?

L.O. - O principal legado, as amizades, eu falei essa facilidade na relação interpessoal, disciplina, disciplina em relação ao trabalho, em relação ao corpo, em relação aos trabalhos de uma forma geral e responsabilidade. Acho que tudo isso ficou o respeito à hierarquia, de entender o funcionamento, a coisa da estratégia da própria vida dá pra se comparar, dá pra fazer uma analogia, uma coisa bem análoga à vida de uma forma geral. Acho que um esporte como o vôlei que foi o meu esporte, eu tento associar, mas o esporte de uma forma geral ele dá isso. Quando eu tenho essa oportunidade de conversar com vários desportistas, até no programa que eu te falei, eu conversei com vários lá e a gente tem muita coisa em comum e seja qual for. A última menina que entrevistei foi do tiro com arco, não da esgrima e tinha muita coisa em comum e eu não sabia nada de esgrima e foi uma aula assim e a gente bate um bolão porque as coisas se encaixam. Vida de atleta (risos).

M.T. – Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que foram abordados nessa entrevista?

L.O. - Daqui a dois anos recebendo uma Olimpíada acho que vai ser um momento único. Na época eu fiquei meio assim do fato de ter participado de duas Olimpíadas, de ter visto como funciona uma cidade, um país em relação à Olimpíada, como a população reage a isso, porque eu fui recebida por muitas pessoas, tanto em Seul com uma cultura completamente diferente, quanto nos Estados Unidos. Então por um momento eu fiquei meio receosa, “será que vai dar pra gente?” Apesar do brasileiro ser apaixonado por esporte, gostar de torcer tem que ter um upgrade em relação não só a torcedor, a gente tem que tá junto porque a população joga junto, a população é família, a gente chama família olímpica. O carioca, quem mora aqui nessa cidade vai passar a fazer parte da família olímpica, entendeu? Então todo mundo tem que jogar junto e eu tinha esse medo. Eu me surpreendi na Copa positivamente. Achei maravilhoso o comportamento da cidade de uma forma geral. Então, a minha mensagem que eu tenho é essa “vamos nos preparar Brasil, Rio de Janeiro pra receber esses Jogos Olímpicos

que tão vindo aí”. Os atletas estão fazendo a parte deles. Outra coisa que sempre me preocupou também foi a cultura de uma forma geral do atleta de alto nível e a cultura desportista, assim do empresariado, das universidades. O meu sonho é que as universidades consigam encontrar um meio-termo, uma forma que o atleta consiga conciliar também, esse é o meu sonho dourado. Não sei quando isso vai acontecer, mas que a gente consiga arrumar esse meio-termo, que seja valorizado o esporte universitário. A mentalidade precisa mudar. No mais é desejar uma ótima Olimpíada pra gente. Valeu querido!

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE E

ENTREVISTA DORA CASTANHEIRA

Data da entrevista: 15/08/2014

Local da entrevista: Comitê Olímpico Rio 2016, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Maria Auxiliadora Villar Castanheira

E-mail: dora-castanheira@hotmail.com

Data de nascimento: 14/03/1960

Idade: 54 anos

Estado civil: casada

Tem filhos: não

Grau de escolaridade: mestrado (Gestão Esportiva)

Tempo dedicado à modalidade: 20 anos

M.T. – Dora, o que te levou ao voleibol?

D.C.–Ah, eu identifiquei com o esporte. Eu tinha experimentado atletismo, natação, handebol, basquete e gostei do vôlei porque ele não tem o contato, é um jogo de esporte coletivo assim sem o contato físico, que isso eu não gostava, nem no handebol e nem no basquete. Então, ali eu me encontrei eu acho que é um esporte bonito, tem todo um trabalho de cooperação muito forte, de equipe, e isso me atraiu muito. Ele também é muito alegre, é um esporte muito alegre, né?

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

D.C. – Mackenzie. Na realidade eu tive uma trajetória diferente, eu disputei primeiro um campeonato mineiro brasileiro. Eu treinava numa escola, eu não tinha clube e aí eles me chamaram pra treinar. Era férias junto com a seleção mineira e aí fiquei titular do time sem disputar nenhum campeonato por Belo Horizonte de escola e nem de clube. Aí eu entrei no Mackenzie, no clube Mackenzie. Tinha que ser filiada ao clube e eu não queria ser porque eu tinha um acordo com meu técnico da escola que não estudava naquela, eu não estudava. Ele era um amigo, olha que loucura, e eu tinha prometido a ele que eu iria estudar naquela escola. Eu tinha conhecido, eu morava em Ponte Nova e passava férias em Belo Horizonte. Numa dessas férias eu conheci essa escola através da minha prima que jogava lá, então eu treinava nas férias com ela e falei pro técnico que eu iria quando mudasse pra Belo Horizonte, que eu iria estudar naquela escola e nessas férias aí me chamaram pra treinar no clube Mackenzie, lá com a seleção porque eu tinha parente que jogava vôlei e tal e nessa brincadeira eu acabei sendo titular do time e aí me forçaram a ser filiada “oh, você vai ter que ser filiada ao clube” e

eu não queria ser porque eu tinha um acordo com ele. Então, o pessoal do clube foi conversar com o técnico para explicar a situação e ele falou: “não, Dora você tem que ir, siga o seu caminho”. Então, eu fui disputar um campeonato brasileiro sem ter disputado nenhum campeonato, sem ser federada e nem jogado campeonato de escola em Belo Horizonte. Era a época que Isabel estava no primeiro campeonato dela. Tinha Isabel, Rosita, a Mônica, Monicão, a Lenice, essa turma aí. O Rio foi campeão e nós vice-campeãs. Então, eu lembro que quando eu jogava às vezes eu falava assim pro técnico: “me tira que eu tô afundando o time”. Eu não tinha noção do que era jogar, né? E ele falava “não, joga e se você errar a culpa é minha, pode jogar”. Ele me deu liberdade pra jogar e eu fui um dos destaques, quer dizer, eu jogava o meu voleibol, era lá do colégio lá em Ponte Nova que tinha o meu tio que dava treino lá e eu comecei catando bola e depois ele me botava de vez em quando pra jogar, pra treinar lá. Então, eu tenho uma experiência de esporte, de ter jogado esportes. Minha família é toda de atletas. Eu também jogava futebol, eu nasci no meio de sete homens, meu pai jogou futebol profissional, minha mãe jogava vôlei, então eu já tinha uma certa vivência nesse meio, uma condição motora, então isso tudo fez com que a minha entrada no esporte fosse diferente de qualquer outra pessoa.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol, seu treinador?

D.C. – Foi meu tio que tinha o apelido de Careca, lá em Ponte Nova. Foi ele que me estimulou. Depois teve outro treinador José Geraldo lá e depois quando eu mudei pra Belo Horizonte eu procurei esse, o Wilson Camalier, ele era professor no Instituto de Educação e aí depois eu fui pro Mackenzie. Aí tinha a Irene Gasparin que era a técnica da base, né? Então conheci jogadoras como Rosilene, Rosana Henriques, a Zizi, então tinha jogadoras que chegaram até nível de seleção brasileira e eu joguei com elas.

M.T.- E como era ser jogadora de vôlei na década de oitenta, Dora?

D.C. – Olha, pra mim o esporte era uma coisa que me fazia um bem muito grande, mas naquela época era um lazer e eu fazia porque gostava, era uma paixão, uma coisa assim de fazer uma atividade física. Então o esporte não era prioridade das pessoas, né? O estudo era prioridade, então tinha que estudar. Depois chega uma certa idade que começou a questão dos namoros, a questão de relacionamento, a parte afetiva passou também a comprometer. Então, por exemplo, no Mackenzie, chegou uma época que eu quis sair de lá porque eu tava indo pra seleção brasileira, eu tava numa caminhada de carreira e às vezes eu chegava pra treinar e não tinha ninguém pra treinar “uma ia fazer um evento com o namorado, a outra ia estudar”, não

existia aquele compromisso com o esporte e eu queria o compromisso com o esporte, eu tinha esse compromisso, eu me realizava muito pelo esporte e eu não queria perder essa oportunidade e essa questão pra mim do esporte era para eu me superar, para eu me conhecer. Eu acho que o esporte ajuda muito a você conhecer os seus limites, a conhecer as suas habilidades, suas potencialidades, vencer dificuldades. A gente aprende muito no esporte, então eu adorava; e eu por ter sete irmãos homens, o vôlei era compensação porque eu convivia com as meninas. Então, eu me sentia no equilíbrio ali nessa relação, né? Com os meninos que eu tinha uma ótima relação com meus irmãos, mas tinha esse outro lado através das meninas que eu aprendi muita coisa, até de vida mesmo já que minha mãe tinha dificuldade de me passar, ela era uma pessoa muito tímida e tudo, então eu fui saber, aprender muita coisa no esporte com as meninas, né? E com meus irmãos eu não falava sobre. Então, isso foi muito importante na minha formação. Essa trajetória eu acho que ela me impulsionou a me descobrir e eu não queria largar isso, eu queria cada vez mais me conhecer. As meninas não, muitas casaram cedo e eu não, eu levei um tempo pra casar, buscando sempre aquele equilíbrio.

M.T.- Agora eu vou pedir pra você descrever a sua trajetória esportiva, desde o começo até o momento de parar.

D.C. – Eu sempre fui muito disciplinada, pela própria formação da minha família, dos meus pais. Eu optei por essa vida e sabia que tinha que abrir mão de outras coisas. Então, eu fui muito dedicada ao estudo porque eu não podia abrir mão e eu gostava também e de levar uma vida no esporte. Então, eu convivia com as pessoas do esporte, eu dormia cedo, não tinha aquela coisa de farra. Eu saía eventualmente, mas também não tinha aquele prazer, eu preferia muito mais viajar com o esporte, conhecer o mundo pelo esporte do que a questão das baladas, aquelas coisas, nunca fui disso. Aprender a se alimentar, né? Acho que o mineiro tem um problema sério de comida, muita gordura. Através do esporte eu aprendi novos hábitos de alimentação, como cuidar do corpo, entender o funcionamento do corpo, das coisas pra evitar contusão, né? Aprendi muito com os preparadores físicos. O Brunoro foi meu preparador e eu aprendi muito com ele, com meus técnicos. O Ênio, que faleceu agora. O Ênio Figueiredo que foi dessa época, que eu falo que foi uma pessoa que abraçou essa causa também, do jeito que ele sabia e podia, dentro das condições dele, que ele tinha em termos de conhecimento, mas ele tinha um amor muito grande por isso. Tanto que ele pegava Isabel e Jaqueline lá na escola dava um treino separado pra elas, então ele teve uma dedicação, um amor, um cuidado muito grande com as pessoas, mas do jeito dele, errando, acertando, mas era do jeito dele e com a

estrutura que ele tinha. Então, eu acho que essa geração toda foi uma geração romântica, que via no vôlei uma família, uma extensão da família e eu acho que todas nós ficamos muito amigas e até hoje quando a gente encontra é uma festa. É um gostar de estar junto muito grande porque ali a gente aprendeu a superar, a enfrentar desafios junto. Tudo era novidade, conhecer novos países. O Brasil nunca tinha saído pra fora, pra Europa. Foi quando a gente começou a viajar, interagir com os outros mundos, acho que abriu demais a nossa cabeça. A gente tava junto nesse grupo, então foi um grupo que despertou esse desenvolvimento humano pra todo mundo e possibilidade de ver outros locais pra jogar, a questão do profissionalismo, essa migração pro profissionalismo foi muito legal, foi o início, né? Então, você vê a Isabel foi jogar na Itália, a Vera e a Heloísa depois foram jogar na Itália. Então foi quando começou aquela transição da era romântica, só pelo amor ao esporte pra época do profissionalismo e aquilo tudo gerou uma transformação na gente, né? Eu sempre pensava: “eu num posso parar de estudar, se eu tiver uma contusão como é que vai ser meu futuro? Eu não posso deixar de estudar”. Então, eu tinha essa consciência. Tinha na equipe a Célia, que era médica, a Sílvia Montanarini, a Eliana Aleixo, Denise, que já eram profissionais, já tinham outra profissão. Sempre na conversa orientando a gente porque a gente era mais nova, então eu acho que essa mescla foi muito importante. No meu caso fez eu nunca desistir de estudar. Então eu cheguei a falar “eu quero ser médica”. Meu primeiro vestibular foi pra medicina, eu ia até parar de jogar, aí não passei e eu falei “ainda bem que não passei” porque eu pude jogar. Mas era um momento assim, acho que todo mundo chega numa idade de dezessete anos e fica aquela dúvida “eu vou ou não vou por esse caminho?”, porque tudo é sacrifício, né? Então tem que investir e eu acho que eu fiz um boa escolha, porque eu tinha um prazer de fazer, eu acho que é só com muito amor que você consegue superar qualquer obstáculo. Então, esse time tinha paixão pelo que fazia, a gente queria conhecer coisa nova, treinamentos novos, nós estávamos dispostas, todo mundo disposto a conhecer novos tipos de treinamento, evoluir, querer aprender, perguntava muito, discutia com os técnicos porque era pra incomodar mesmo. Foi uma equipe muito questionadora e isso forçava também o trabalho dos treinadores buscarem porque foi uma época que também que o Nuzman abriu essa possibilidade de mandar atleta pra fazer estágio fora, ele vem com essa visão que foi muito legal que deu pra gente essa maturidade que é jogar no exterior e viajar fazer torneios, então ao conhecer as equipes, elas passaram a ser como a gente, não era mais o bicho papão e eu acho que essa foi uma grande sacada do Nuzman. Eu acho que ele teve um papel importantíssimo quando ele abriu essa possibilidade de mandar atletas e técnicos pra fazer cursos no exterior e levar as equipes, as seleções pra treinar, jogar lá fora e isso abriu assim

um absurdo a visão da gente, de mundo, de atleta e isso contribuiu muito para a construção do profissionalismo que a gente tem hoje. Vários técnicos até o Bernardinho eram dessa geração, ele sempre, como técnico, um eterno estudioso, pesquisando, o trabalho da equipe dele a mesma coisa. Então você vê essas pessoas... Zé Roberto foi pro Japão nessa época fazer estágio, eu lembro. Lembro que meu marido também foi o Sérgio Danilo foi com ele. Então vários atletas que foram, ingressaram nessa carreira de atleta né? O próprio Willian também participou desse grupo que foi fazer estágio lá fora, no Japão. Eu acho que foi um momento muito bacana da gente acreditar e vislumbrar a possibilidade de continuar fazendo o que ama que era paixão, que era o esporte, mas sobreviver disso financeiramente, não precisar sair do vôlei, como muitos faziam, abandonava a carreira pra fazer medicina, pra ter outra profissão. Então ali vislumbrou a possibilidade, “poxa, lá fora tem profissionais, por que também a gente não pode viver disso?”. E aí veio a Bradesco outras empresas que vem culminando com esse trabalho, com esse processo de profissionalização. Eu acho que esse foi o cerne, a possibilidade da gente tentar, ver que era possível continuar jogando o vôlei, que era nossa paixão e viver dele profissionalmente com dignidade, com respeito sendo considerado uma profissão.

M.T. – Por quais clubes você jogou Dora?

D.C. – Fui do Mackenzie pro Minas, depois fui pro Sport Juiz de Fora. Depois fui pra Transbrasil. Transbrasil virou Sadia, depois da Sadia eu vim pro Rio, pra Atlantictour, time que durou pouco tempo. Depois eu voltei para a Sadia. Depois eu fui pra Espanha, em Toromo, Barbera e depois fui para a Translitoral que era o time do Ênio na época que virou BCN. Eu estava exatamente naquele período. Eu tava lembrando agora com a morte do Ênio lembrando assim, lembrando dos momentos que a gente teve de projetos juntos. O primeiro projeto social dele, que ele apresentou lá pro Instituto Ayrton Senna depois. Esse projeto BCN, o time era Translitoral e surgiu a oportunidade do BCN entrar como patrocinador e o Ênio tava no Guarujá e eu jogava com ele e eu falei “Ênio vai pra São Paulo” que precisava fazer um monte de reunião num sei o quê e eu falei “vai, consegue esse patrocínio e deixa que eu vou ser atleta e técnica” e eu passei a ser assistente dele pra treinar o time enquanto ele tava correndo atrás do patrocínio. Então foi muito legal. Depois eu joguei vôlei de praia e já fui direto pra aquele time do Leite Moça, lá em Sorocaba que o Sérgio Negrão me convidou pra ser assistente dele. Aí eu abandonei o vôlei de praia e ingressei na carreira esportiva como técnica.

M.T. – E quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

D.C. – Meu pai, minha mãe, minha família também. Meu pai que era técnico muito bem sucedido e me orientou muito sobre o que fazer, a ser uma pessoa de disciplina que são os valores que eu aprendi ali. Tem esse meu tio, o Careca, que me incentivou a jogar, ele era o técnico e me dava mais condição e vários outros treinadores que eu tive. Eu tive o Josenildo, que foi um grande técnico na minha formação e foi muito importante pra mim, a própria Irene Gasparini ali no início. Depois vem o Inaldo Manta que foi assim um irmão, além de técnico um irmão que foi uma perda muito grande pro voleibol eu acho e eu acho que os outros técnicos também o Brunoro, que eu tenho um carinho muito grande, com todos eles eu tive assim, aprendi muito com eles, o próprio Jorjão, o Marco Aurélio depois como assistente, então esses técnicos todos, cada um da sua forma, contribuiu pra minha formação. Tanto que depois que eu me formei em Economia eu falei, enquanto eu sou atleta que eu posso estudar a distância vou fazer um curso que dá pra fazer a distância então foi o de Economia que depende muito só de leitura. Quando eu parei de jogar eu falei “agora vou fazer um curso que eu quero viver minha vida e é Educação Física”, então ali foi uma escolha minha que foi muito motivada por essa trajetória e esses profissionais que passaram pela minha vida, produto dessas contribuições, então eu sou muito grata a todos eles.

M.T.- E apesar de você já ter falado como você destaca a participação da família ao longo da sua trajetória?

D.C.- Eu acho que a família é a base de tudo, ela que me acolheu nos momentos de dúvida, nos momentos bons, de alegria. Eles vibravam, eles assistiam. Meus irmãos já começaram isso. O Cebola é meu irmão, ele começou a jogar depois de mim, através da minha motivação. Ele também conversou lá com seu Adolfo Guilherme, até o seu Adolfo falava que ele chegou lá de mão dada comigo (risos) e foi levando o Cebola pra jogar. Domingos também é outro irmão que jogou na época no Olímpico, então assim que consegui inspirar, mas eles me inspiraram também e meus irmãos mais velhos jogaram futebol, meu pai, minha mãe, então eu acho que a família ela realmente dá o sustento, o suporte porque a vida do atleta é uma vida de constante pressão. Você tem que ter pressão por resultado, pra sua performance, então trabalha no limite o tempo todo e não é fácil trabalhar no limite o tempo todo. Você aprende, você cresce muito com isso, mas você precisa daqueles momentos assim e aí na época, meu namorado também que era o Baca, o Bacalhau foi meu marido também e ele foi muito importante pra mim e eu tenho certeza que pra ele também, porque os dois eram jovens atletas

e cresceram, tiveram toda uma carreira. Então, o Baca foi uma pessoa que me ajudou muito, ele era do handebol, então o vôlei era desse contexto e essa troca de experiência foi muito importante entre os irmãos e no caso com o Baca, com os amigos. Eu vejo que a família realmente é aquela que te ampara e que te segura e te empurra também “Vai”. Minha mãe foi muito importante, ela pegou uma doença ficou acamada cinco anos e eu era pressionada, por ser a única filha, a ter que cuidar dela e meu pai e eles falaram “não, você vai continuar sua carreira” e meu pai assumiu esse papel de cuidar da minha mãe. Então foi uma coisa assim... São exemplos de vida muito bacanas e ela falou assim “deixa e vai”. Talvez eu não tivesse jogado mais vôlei se eu fosse parar minha profissão pra ficar com ela, mas ela me empurrou “vai”. Ela teve um papel fundamental.

M.T.- Dora, no voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta que você considera importantes?

D.C. – Foi essa abertura pro intercâmbio, que foi fundamental para a evolução do voleibol em tudo, desde os treinamentos, novos conceitos. Então tinha aquela coisa que mulher vai ficar musculosa e chegava e jogava contra a Rússia, contra aqueles países mudando os padrões de beleza. Culturalmente a gente foi modificando, as próprias jogadoras pelo jeito de jogar, de ser, né? Eles falavam “ah, vai fazer musculação, vai ficar...” E a gente tinha resistência à musculação. Quando a gente foi ver os outros países não tinha nada disso e foi mudando. Não foi fácil essa mudança cultural, mas ela aconteceu. Ela foi muito importante, sair daquela coisa do amadorismo, não só amadorismo assim, mas de uma situação de jogar vôlei e lazer, que não existia compromisso, o romântico pro vôlei estruturado, com projeto, com treinamento, com todo um plano de trabalho, não falo em grana não, eu falo assim em sistematização do treinamento, aquela preocupação na época do Tubino, como é que divide as cargas de treinamento, tem que dividir cada um, trabalho individualizado começando ali, ninguém é igual a ninguém, então pra umas tem que ser de um jeito, esse aprendizado foi absurdo com esse intercâmbio. E acho assim outro ponto é a mídia. Luciano do Vale foi fundamental (ênfase), da Bandeirantes com a gente, dessa divulgação, porque o vôlei ele era escondido, quando a gente começou a participar de competição e ter resultado a mídia... E foi canal aberto, né? Então, nós ficamos assim, conhecidas. E como esse grupo era o mesmo há vários anos ficou mais forte ainda. Eram poucas jogadoras ainda, a cultura da mulher não era ter uma carreira esportiva ainda, era aquela coisa de casar, ter marido ou então estudar para ter uma profissão. Então, como tinham poucas malucas que decidiram fazer sua vida através do esporte esse grupo ficou muito conhecido nos times, nas suas equipes e com isso foi

promovendo campeonato brasileiro, todo mundo conhecia no campeonato brasileiro, todo mundo, os times, os clubes, os clubes de futebol. Você tinha lá o Botafogo, o time do Botafogo, do Flamengo, do Fluminense. Então, era uma coisa assim saudável, super saudável, que era só família pra caramba, mas era conhecido, que dava mídia aquilo ali. Então você via os ginásios lotados, o próprio Minas Tênis Clube, o Cebola jogava na época lá. Depois começaram a entrar as empresas, entusiasmadas com a questão da mídia e tudo depois do Mundialito de 1982, que eu acho que foi um marco para o voleibol.

M.T. – E qual episódio marcou sua carreira na década de 80?

D.C.- Ah, pra mim é o fato de ter ido nos Jogos Olímpicos. No de 1980 eu tive uma dupla emoção, uma grande emoção positiva, alegria de poder estar disputando os Jogos Olímpicos pela primeira vez. O voleibol participou dos Jogos Olímpicos e esse fato trouxe uma alegria assim enorme. A tristeza é que nós fomos convidados, nós não fomos pros Jogos por mérito, a gente foi convidada por causa do boicote político, então pra mim, eu lembro que no desfile de abertura eu chorava igual criança, porque eu falava assim: “quantos atletas mereciam estar aqui vendo essa maravilha de evento e com muito mais condição e direito do que eu?” e por uma questão política esses atletas foram prejudicados. Então essa questão do boicote foi muito forte. Em 1988, em Seul, o gosto foi diferente porque em Seul foi a primeira vez que o Brasil conquistou o seu direito, que foi um pré-olímpico disputado na Itália e foi uma emoção muito grande, nós ganhamos o direito de participar e isso pra gente foi inesquecível, uma honra. Eu tenho orgulho porque a gente conquistou isso, a gente não ganhou, a gente conquistou o direito, então a emoção foi bem diferente. Agora, eu acho que essa questão política era muito forte em 80 no mundo todo, era um alvoroço nessa parte do bloco socialista. Eu sei que tinha muito isso dos atletas serem objetos disso, de fazer parte desse jogo sujo. Eu lembro que foi bacana ver lá no refeitório de Moscou a revolta dos atletas, o protesto dos atletas. Foi muito legal ver todos os atletas injuriados com aquela situação. Mas aí em Los Angeles teve o troco. Então o atleta ele se sujeita a isso e é uma situação complicada.

M.T. - E quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta, Dora?

D.C. – Estrutura. Não tinha uma estrutura do mesmo nível que a dos países que estavam competindo nos Jogos. A gente só teve três meses de treinamento, uma coisa assim junta foi a primeira vez que a gente teve. Até ofereceram pra gente uma droga, não sei se posso chamar

isso de anabolizante, mas era uma forma de ganhar massa muscular mais rápido porque a gente ia ter pouco tempo de preparação pros Jogos de Moscou, entendeu? A nossa sorte foi que a Célia tava no time e era levantadora e médica, ela disse assim “gente, isso aí é novidade, isso aí ninguém sabe os efeitos colaterais e eu acho que não vale à pena a gente entrar nessa”, ela orientou. Felizmente, porque poderia trazer algum problema de esterilidade, alguma coisa assim. Mas, o mais impressionante é que apareceu uma pessoa oferecendo essa possibilidade pra que todo mundo fosse forte e chegasse mais rápido a uma condição mais próxima da dos países que estavam competindo. Mas aí foi uma posição do grupo: “Não”. Então eu acho que isso aí foi muito interessante e depois a gente veio saber que é um tipo de doping, né? Qualquer coisa que você ganha massa muscular rapidamente fora do normal... Então foi quando a gente começou a ouvir falar de doping, foi esse período aí também por causa dessa briga dos blocos socialista e capitalista, que todo mundo tinha que ganhar medalha, então eles faziam qualquer coisa pra ganhar. A gente foi ouvindo e entendendo que existia esse troço no mundo, no esporte. Então eu acho assim que essa profissionalização, eu não gosto de falar muito de profissionalização porque você pode fazer um belíssimo trabalho e não ter dinheiro envolvido. A gente sabe de vários trabalhos de base que são sensacionais e os atletas não ganham nada, mas está tudo estruturado. Eu falo assim trabalho estruturado e isso eu acho que faltou, isso foi uma grande dificuldade. A gente não tinha pessoas com experiência na parte de medicina esportiva pra atender, recuperar a gente. Não tinha preparador físico ainda capacitado, qualificado, no mesmo nível dos russos, dos americanos, porque não tinha essa experiência, né? Apesar de não gostar de usar esse termo, nós fomos uma geração cobaia. Eu não gosto do termo porque eles eram cobaias, tadinhos. Então, eles liam, estudavam, eram estudiosos, esforçados, mas “era trabalho para melhorar a impulsão, vamos fazer, a gente fazia. Agora tem um trabalho russo de não sei o quê e vamos fazer, a gente fazia. A gente entrava nessa o tempo todo e isso era o problema”.

M.T. – Dora o que o voleibol trouxe de positivo pra tua vida?

D.C. – Ah, o desenvolvimento pessoal muito grande. O emocional, o desenvolvimento integral como ser humano e abriu as portas. Imagina eu, a única mulher no meio de sete homens numa casa no interior de Minas... O futuro era ser fazendeira, casar com fazendeiro, uma coisa assim, né? Então, o esporte fez com que eu, aos dezesseis anos estivesse viajando sozinha pra Europa. Quando é que naquela época uma menina de dezesseis anos, quinze, dezesseis anos pudesse estar viajando sozinha com o grupo? Então essa questão da autonomia, da liberdade, de você conhecer, de abrir, claro que com responsabilidade, nada de

anarquia, mas entendendo e se conhecendo, se vendo nos países tendo de se virar como na França, falando francês e no inglês e tentando entender e viajando sozinha com o grupo, com as meninas depois do evento. Então isso tudo são experiências que não tem preço, que escola nenhuma te dá. Essa mudança pra mim, essa possibilidade me abriu pro mundo. Eu era uma pessoa extremamente fechada, tímida e de repente eu abri, abri assim e foi muito legal.

M.T.- O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira e o que você almejava?

D.C. – Olha, nunca joguei pensando em ser atleta de seleção brasileira e eu falo isso pra todo mundo que tá iniciando “não vai com esse espírito, vá fazer o seu melhor sempre”. Tive isso muito certo, quero fazer o meu melhor porque eu gosto, eu quero desenvolver, eu quero me aprimorar a cada dia, quero aprender uma coisa nova e isso foi uma característica minha. Então, ser atleta da seleção brasileira é uma consequência desse trabalho e o orgulho pra mim pesava muito. Quando vestia a camisa do Brasil e ouvia o hino era uma emoção muito grande e aí ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande porque tinha que dar uma resposta pro país. Eu tava representando uma nação, então eu sempre assumi muito isso e acho que a postura, a conduta tem que ser também equivalente e isso pra mim foi muito forte. Por exemplo, hoje eu estou aqui no Comitê Olímpico e é orgulho pra mim fazer parte do Comitê, como era pra mim vestir a camisa do Brasil.

M.T. – O que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

D.C.– O primeiro, em Moscou teve o gosto de um presente, presente dos Deuses, né? Caiu o céu! O segundo, em Seul foi uma conquista. Ali me mostrou resultado de uma luta diária, um dia após o outro. Foi o reconhecimento de um trabalho bem feito.

M.T.- Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com tua vida pessoal?

D.C.- Uma luta, mas eu não deixava o voleibol, ia abrindo mão da minha vida social e já tinha muita gente na minha casa que fazia esporte, já era uma vida intensa. A minha turma era do esporte e eu não buscava outras turmas. Eu perdi muita coisa em função do esporte porque tinha que optar a gente não pode querer tudo, né?

M.T. – E como você percebia o olhar do outro sobre o teu corpo atlético naquela época?

D.C.– Ah, naquela época começaram a valorizar muito o corpo atlético, das musas do vôlei, né? Era a época de Isabel, Vera, então eles valorizavam muito a gente. Até hoje eles mexem

comigo que a gente usava sunquíni: “ah, quero ver a Dora de sunquíni”. Então é a turma toda gozando a gente. Eu acho que criou um padrão de beleza diferenciado e que o público começou a gostar das atletas definidas, né? Não era musculosa, aquela coisa feia, mas era uma coisa bonita já que o vôlei dava esse perfil, né? E a plasticidade do vôlei é fantástica, então ficava muito bonito.

M.T.- E como era a rotina de treinamento de uma seleção em termos de lesão, sacrifício?

D.C. – Tinha muita lesão porque a gente não tinha muita estrutura, como eu falei antes. Então machucava a gente não tinha noção do que era muito e do que era pouco. O trabalho individualizado a gente foi construindo aí nessa década e a evolução foi absurda.

M.T.- E havia diferença na tua opinião entre o voleibol feminino e o masculino?

D.C. – Sim, o masculino tinha um tratamento mais profissional, estava mais a frente da gente e a gente sempre a reboque como se diz né? Eles conseguiram patrocinadores porque eles tiveram uma projeção muito grande primeiro que a gente e foram ganhando. Ganharam classificação, ganharam uma condição melhor que a gente, então eles eram convidados pra torneios e o nosso time não tinha expressão ainda. A época do Peru matou ali a gente. Aquela safra das peruanas atrapalhou muito a gente, depois as cubanas também e foi um período difícil, foram dois calos da gente. Os meninos estavam à frente nessa, tanto do profissionalismo brigaram mais por isso porque precisavam sustentar família e tudo, então esse profissionalismo tinha que ser mais efetivo. As meninas ganhavam menos, a gente pegava o uniforme deles, os que sobravam deles pra gente. A gente entrava na onda do patrocinador deles e não recebia nada. Foi aí que teve aquele episódio da Jackie, que não queria vestir a camisa porque achava aquilo absurdo. Então, eu vejo que foi importante porque eles estavam numa condição melhor, num estágio mais profissional que o nosso, das meninas. Mas, eles puxaram a gente também, eles mostraram pra gente que era possível também, principalmente quando foram pra Itália. Vários atletas masculinos e femininos... Então eles mostraram que lá tinha um campeonato italiano forte e todo mundo jogando lá, que legal. Isso mostrou que existia essa possibilidade da gente ser profissional também, a possibilidade da gente buscar ou pelo menos lutar por esse nível de profissionalismo, porque o basquete feminino ganhava muito mais que a gente na época. Hortência e Paula? “Nossa, elas estavam anos luz na nossa frente”, mas já tinham resultado, tinham patrocínio e a gente não tinha. Então elas também foram espelho pra gente em termos de buscar esse profissionalismo, de buscar esse trabalho. Elas foram, vamos dizer aqueles referenciais que a

gente tinha. Era isso e a gente lutando ali todo dia e tentando tirar essa pedra do sapato da gente que eram as peruanas e as cubanas depois.

M.T. – E o que representou pra você o voleibol feminino na década de oitenta em nível nacional e internacional?

D.C. – Ah, existiam os clubes, né? A gente não tinha tantas atletas como hoje nos clubes. A gente estava abaixo e a gente precisava chegar no nível internacional, a gente estava aquém e a saída foi o intercâmbio, eu não tenho a menor dúvida. A gente precisava e nunca tinha saído de casa. A primeira vez que a gente concentrou foi em 1977 lá em Belo Horizonte pro juvenil e o grupo do juvenil que virou adulto depois. A gente foi morar numa casa lá, todo mundo por nove meses ali, uma vigilância. Pra estudar tinha uma Kombi pra levar a gente. Eu saía cedo pra estudar, elas matavam aula, Jackeline e Isabel, aquela coisa. A gente fazia prova junto, uma fazia prova pra outra, quer dizer aquilo tudo foi uma novidade e a gente tinha que aprender a conviver com aquilo e tentando criar essa estrutura de treinamento de qualidade, mas sem deixar de estudar, preocupada sempre com o desenvolvimento acadêmico e profissional. Hoje eu vejo com muita tristeza, a garotada nova aí que parou de estudar por causa do vôlei e na época a prioridade era o estudo. Era difícil encontrar alguém que queria abrir mão do estudo pra jogar voleibol. Os contratos tinham que ter horário pra estudar, né? A gente sempre prezava por isso. Por exemplo, na Transbrasil foi uma experiência muito legal porque eles deram estágio pra mim como economista lá dentro. Eu trabalhava também dentro da empresa. A Irene Gasparini também, então a gente vê essa situação muito tranquila, entendeu?

M.T. – Dora, o que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

D.C. – Acho que a paixão pelo vôlei, pelo esporte, porque isso contagiava a torcida. Os campeonatos brasileiros eram inflamados. Teve grandes atletas, como Renan, Montanaro, William, uma geração maravilhosa. A nossa também enchia de público, era o ginásio, aquela coisa, a paixão pelo esporte ele tornou popular e isso passou pras gerações seguintes a importância de fazer com amor, mesmo sendo um esporte profissional. Existe sacrifício, mas fazer com amor. A outra coisa importante é de buscar cada vez mais o desenvolvimento profissional do esporte, com melhores estruturas, capacitação dos profissionais, melhores condições, melhor calendário, melhores técnicos, melhores árbitros, a importância de passar essa cultura para as empresas. As empresas aprenderam muito também, elas mudaram o jeito

de olhar o esporte, que era só pra ver a marca na televisão e ter lucro. Não, elas começaram a entender a importância do atleta como um garoto, que pode ser utilizado como um garoto propaganda e que os produtos tem que ter essa sintonia, têm que ter essa relação bacana já que não é qualquer jogador que tem que fazer propaganda pra qualquer produto, tem que entender também. Houve uma evolução muito grande do marketing na qualidade dos produtos, então tênis foi uma coisa que evoluiu absurdamente. As empresas começaram a querer melhorar os tênis. A gente testava um monte. Você lembra o tênis Bernard que teve que ele experimentava? Eles davam um monte de coisa pra experimentar. Eles começaram a enxergar o movimento dos atletas... A joelheira, a tornozeleira, então, a indústria do esporte cresceu muito aqui no Brasil e todo mundo buscando qualidade porque tudo que vinha importado era melhor, né? Era Mizuno, Tiger e as empresas daqui falaram “poxa, tem que melhorar pra competir já que é um mercado interessante”. Foi uma época que aumentou o número de praticantes e de empresas interessadas, então a gente fez essa paixão. Eu acho que no esporte a qualidade, principalmente. Acho que os meninos foram os carros chefe, mas as meninas também mostraram que as mulheres podiam jogar e viver disso sem precisa casar. A vida delas não era mais só casar ter filho, elas podiam ter uma profissão, independente do marido e ser autossuficiente, ganhar mais que o marido, coisa que antes era uma coisa absurda. Então eu acho que a independência feminina foi muito grande nesse lado. Pra mim, pessoalmente, a grande virada foi essa independência.

M.T.- E quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

D.C.– Eu fui pra Espanha, joguei uma temporada na Espanha. Quando eu voltei, eu já tinha me formado. Eu joguei vôlei de praia porque eu queria experimentar, eu falei “não vou parar sem jogar, sem experimentar o vôlei de praia”, mas o fator idade pesou porque eu joguei vinte anos bem jogados, bem vividos. Aí eu falei, quero ter uma experiência com vôlei de praia porque se eu vou trabalhar com vôlei de praia eu vou saber também. Aí eu tive um convite pra trabalhar como assistente técnica e esse foi um empurrão pra eu largar realmente o vôlei.

M.T. – E como foi a decisão de parar de jogar?

D.C. – Quando você pesa a questão financeira com o pedido do corpo, com a saúde e você vê que seu rendimento já não é mais o mesmo e sua contribuição não é tão grande e a chance de lesão é maior... Quando o corpo começa a dar sinais que tá na hora de parar e você começa a se projetar para uma próxima etapa, o que graças a Deus eu fiz porque eu tive essa preparação e muitos não tiveram. Isso é muito complicado, aprender uma nova profissão, né?

M.T.- Que é a próxima pergunta. Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

D.C. – Foi uma transição rápida, eu saí de atleta e virei assistente do Sérgio Negrão e em seguida o Bernardinho me chamou pra seleção. Eu estava como assistente dele lá na seleção feminina. Então pra mim foi assim, graças a Deus, uma coisa que eu não tive nenhum problema, mas foi uma coisa construída, preparada. Eu falo que nada caiu do céu pra mim. Nunca nada caiu do céu, sempre foi muito conquistado e é o trabalho do dia-a-dia. Então eu acho que o mais importante é os atletas estarem preparados para esse momento, para essa transição. Isso é um trabalho que a confederação tá fazendo, que o COB tá fazendo... Estão fazendo esse trabalho com os atletas que eu estou achando muito bacana. O Moreno que está liderando, como um “coach”. Como eu te falei, eu me preparei para esse momento, mas grande parte dos atletas não se preparara e aí a queda é muito grande, ele fica perdido porque tá acostumado a ter uma rotina, alguém cuidando e de repente se vê sozinho, tendo que correr atrás das coisas, do seu pão de todo dia. As pessoas que abriam sorrisos ou eram seus amigos não são mais porque você parou. Então você fala “poxa, mas essa pessoa torceu tanto por mim e agora tá fechando a porta?” O atleta precisa entender que era um ídolo enquanto atleta, mas quando muda a profissão ele entra na competição do mercado daquela nova profissão. Então ele tem que se submeter a toda essa nova realidade e muitos não estão preparados. Eles acham que vão continuar sendo as estrelas e que vão ter os torcedores para botar ele pra cima, pra empurrar. Levam um choque!

M.T- Dora você sente saudade da época que você jogava?

D.C. – Eu sinto saudades das amigas, dessa coisa do estar junto, dessa troca que a gente tinha, das brincadeiras, da convivência que era muito legal. Eu não tenho saudade do trabalho, de treinamento, porque eu acho que dediquei muito. Eu não me arrependo de nada que fiz e se tivesse que fazer, eu faria de novo. Então, eu estou assim satisfeita com o que foi feito. Agora estou curtindo uma nova etapa, as minhas atividades de hoje, dentro d’agua, fazendo hidroginástica, uma coisa mais leve. Eu não fico aí fazendo musculação porque tem que fazer, porque tem que ficar forte. Eu não preocupo com isso. Me preocupo com qualidade de vida, então o objetivo é outro e eu estou bem satisfeita.

M.T. – O que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

D.C. – Mudou o estilo de vida, né? Eu treinava oito horas por dia e de repente não treino mais. Fazia atividade como assistente técnica, treinava, fazia musculação, ajudava. De repente

tive que adaptar a outro estilo com relação à parte física, aos hábitos. Outra coisa que muda são os amigos. Você tinha um grupo de amigos que era do esporte e quando você para você começa a construir novos amigos, novos desafios. Então eu encarei, eu falei assim “não vou perder meus amigos que eu tive, vou construir novos amigos”. Então, onde eu estivesse qualquer trabalho que eu fosse era um começar de novo e aproveitando também pra resgatar minha família, porque ela ficou prejudicada esse tempo todo aí. Foi um momento de curtir minha família, meus irmãos, eu tinha tempo pra conversar... Antes, a gente só pensava no trabalho, no treinamento.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando você jogava ou depois de ter parado de jogar?

D.C. – Olha, eu acho que são momentos diferentes. Era uma alegria muito grande que eu sentia por jogar, essa liberdade e essa libertação de mim mesma. O fato de eu me conhecer, me abrir para o mundo, essa minha transformação, essa possibilidade de transformação me trouxe muita alegria. O não jogar é você conhecer um outro mundo, eu acho. O que eu vejo, a grande diferença do mundo real pro mundo do esporte é que no mundo do esporte tem as regras e se você não obedecer as regras tem o juiz, tem uma punição e no mundo real, as regras são... Tem muito jogo camuflado, que a gente não sabe jogar, como nas relações, no trabalho. Então, no mundo do esporte a gente é muito transparente porque no esporte você é o que é, você se mostra, você mostra a sua cara e todo mundo te conhece, do jeito que você é. Se você é nervoso, se você é calmo, não adianta tentar ludibriar o técnico. No esporte você é muito transparente e as coisas são muito claras e abertas. Já no mundo real isso não acontece isso. É muita camuflagem, é muito jogo por debaixo dos panos. Eu, sinceramente, tive muita dificuldade pra conviver nesse mundo real. Até hoje eu sofro com isso... Decepções com pessoas, de uma pessoa puxar tapete, uma coisa assim que no esporte o cara pode até querer fazer isso, mas você percebe fácil que ele tá fazendo isso e os outros também, todo mundo percebe. É muito mais transparente... Mas aqui no mundo real se esconde muita coisa debaixo do tapete e isso pra mim é muito complicado. Claro que tem coisas lindas como a questão dos sobrinhos da família... Quando eu falo disso é de uma forma mais geral. Outra coisa desagradável é saber que existem aquelas pessoas que me curtiam e aqui no mundo real estão me traindo. Aquelas pessoas que me prometiam muita coisa, depois que eu parei esqueceram de mim. Aí você começa a ver quem é quem. Eu sempre penso se o meu mundo real não é ilusório... Em termos de torcida sim, mas em termos de jogo, a gente conhecia o grupo

exatamente como cada um era. Agora aqui você pode ter um grupo e custa a saber quem é quem, você demora muito mais para saber quem é quem.

M.T.- Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar?

D.C. – Eu fui até técnica na Superliga, do Datasul, de Joinville. Depois eu fui assistente do Leite Moça e daí eu fui para a seleção brasileira com o Bernardinho como assistente junto com o Tabache, o Hélio, todo mundo e aí eu continuei na seleção até Atlanta. Aí quando foi Atlanta eu falei “Bernardo, eu não quero mais trabalhar com você na seleção, eu preciso ter um endereço, ter raiz”, que é outra coisa que é importante, porque depois que você para de jogar você começa a ter raízes, estabelecer num local, ter endereço, construir uma relação mais sólida porque no esporte, às vezes, o grupo era muito forte, mas fora era muito superficial e assim variava muito. Cada ano você estava numa seleção, numa cidade. Você conhecia muita gente, mas coisa sólida era difícil porque você mudava muito de time, de lugar. Hoje você está com a seleção viajando, amanhã você está em casa, você não tinha uma rotina e eu precisava estabelecer isso e aí eu falei “Bernardo, se você tiver um projeto com criança, que é a minha alegria, passar para as crianças e para os jovens essa experiência que eu tive como atleta” na minha vida, na minha formação é meu desejo e meu projeto de vida. Se você tiver um projeto desses, você me chama e aí veio o da Unilever, em Curitiba. Eu fui pra lá e fiquei quinze anos. De lá, eu vim pra cá, sempre com o voleibol, sempre com iniciação ao voleibol.

M.T.- Qual a sua ocupação hoje em dia?

D.C. – Trabalho no Comitê com projeto de educação que é levar a educação olímpica para as escolas e comunidades. Então é preparar as crianças e através das crianças preparar a cidade para entender dos vários esportes que vão acontecer aqui nos Jogos e aproveitar para trabalhar os valores olímpicos e paraolímpicos. Construir um legado junto com a secretaria de educação e essa experiência daqui ir pro Brasil. Estamos construindo essa estratégia, essa metodologia pra ir pro Brasil no próximo ano.

M.T.- O que o voleibol significa pra você?

D.C. – O voleibol foi um meio de eu me realizar, de aprender. Um meio de aprendizado, de autoconhecimento, de convivência, de relação. Uma forma de relacionar com os outros, de aprender a conviver, a desenvolver. Pra mim foi o maior meio de desenvolvimento humano.

M.T.- E qual foi o principal legado que o voleibol deixou pra sua vida?

D.C. – As lembranças, os amigos, as boas lembranças, a coragem de enfrentar. É, eu acabei me preparando para esse mundo real aí, que é não é nada fácil.

M.T.- E pra finalizar, você gostaria de deixar algum comentário sobre os temas que a gente abordou nesta entrevista?

D.C. – Acho pertinente, acho que vale a pena pesquisar sim. Você tocou num ponto que acho que faz falta: mais pesquisas sobre isso. Acredito que para essa transição acontecer, deixar de ser atleta pra entrar numa nova vida, isso mexe muito com a cabeça da gente e o atleta não é preparado pra isso, pra parar. Então eu acho que é uma área que a gente tinha que investir. A outra coisa é acompanhar esses atletas pós vida esportiva, pra ver o desenvolvimento na parte motora, saúde, pra elaborar pesquisas futuras, pra melhorar a qualidade do trabalho físico das gerações de base porque eles só acompanham enquanto você é atleta, depois te abandonam. Então tem várias sequelas que surgem e na medicina a gente poderia estar evoluindo com um trabalho preventivo porque tem muito atleta nosso que está todo estropiado por treinamento inadequado. Eu até proponho um plano de saúde vitalício para esses atletas olímpicos que foram submetidos a essa carga de trabalho. Essas empresas, responsáveis pelos planos de saúde poderiam continuar investindo e conhecendo esse dia a dia do atleta, aquele que parou de jogar e está fazendo atividade física, aquele que parou de jogar e não joga nada, não faz nada, aquele que parou de jogar e fuma, enfim, avaliar os riscos e as consequências desse trabalho. Eu acho que deveria haver um projeto nessa direção porque seria ótimo para o atleta que se dedicou, estourou seu corpo no limite depois de tantos anos de dedicação. Eu joguei durante vinte anos. É muita coisa. Eu acho que eu deveria ter pelo menos um plano de saúde e acho que todos os atletas também deveriam ter um plano de saúde vitalício, uma coisa que o Comitê Olímpico, não sei quem deveria se dedicar. Pode ser através de estudos, pesquisa, fazer uma parceria com Universidades. A gente estaria submetendo todas as nossas informações, o que aconteceu com o corpo da gente, eu acho que seria uma coisa muito produtiva. Eu acho que você deveria tirar dessa sua pesquisa algo que pudesse reverter pra novas pesquisas. Eu agradeço. Achei muito bacana e você falou dos pontos principais, os pontos chaves da mudança. Esses foram os pontos de mudança.

APÊNDICE F

ENTREVISTA **BLEND A BARTELS**

Data da entrevista: 25/08/2014

Local da entrevista: Minas Tênis Clube – Belo Horizonte - MG

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Blenda Bartels

E-mail: blendabartels@gmail.com

Data de nascimento: 21/10/1961

Idade: 53 anos

Estado civil: separada

Tem filhos: sim (2 filhos)

Grau de escolaridade: superior completo (Administração de Empresas)

Tempo dedicado à modalidade: 14 anos

M.T. – Blenda, o que te levou ao voleibol?

B.B. – Os meus pais jogaram vôlei. O meu pai e a minha mãe jogaram vôlei e a brincadeira minha e do meu irmão era jogar vôlei. Então, naturalmente fui começando a jogar vôlei.

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

B.B. – Não. Na verdade, todo mundo na minha casa jogava vôlei e os meus amigos jogavam vôlei. A gente viajava e todo mundo jogava vôlei. Meus padrinhos jogavam vôlei e iam para o fim de semana jogar vôlei. Tudo era jogar vôlei. Tudo era vôlei.

M.T. – Quando que você começou a jogar e por qual clube?

B.B. – Comecei a jogar no Minas (Minas Tênis Clube) e no meu primeiro campeonato escolar, o meu pai não quis que eu jogasse no Minas. Quis que eu experimentasse outros clubes, mas eu não gostei e comecei a jogar no Minas, com a Yara Ribas. Me encantei e fiquei.

M.T. – Isso em que ano?

B.B. – Em 1972.

M.T. – Com quem você começou a jogar voleibol? O teu treinador?

B.B. – Foi a Yara Ribas. Até hoje eu a chamo de professora.

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

B.B. – Que nem eu te falei. Tudo girava em torno do voleibol, era uma coisa tranquila. Não tinha problema. Para mim não tinha problema porque como meus pais jogavam vôlei e todo mundo era do vôlei era tranquilo.

M.T. – Descreva a sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar.

B.B. – Acho que as coisas foram assim bem naturais para mim, pelo fato de ter sido atleta do Minas, que tinha toda uma estrutura e por meu pai ser do esporte sempre apoiando. Eu desde cedo fui convocada para a seleção brasileira, então as coisas foram naturalmente acontecendo.

M.T. – Quando você precisou sair de Minas Gerais, continuou da mesma forma?

B.B. – Não. Bagunçou a vida, porque eu parei de estudar. Ficar longe da família foi um pouco complicado e também fui desistindo de jogar vôlei.

M.T. – Por quais clubes você jogou?

B.B. – Joguei no Supergasbrás e na Lufkin, além do Minas.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

B.B. – Bom eu acho que acima de tudo a família e todos os técnicos que tive. Apesar de cada um querer me colocar em uma posição diferente, todos foram importantes.

M.T. – Você pode falar o nome deles?

B.B. – Todos eles?

M.T. – Dos mais emblemáticos.

B.B. – Posso. A minha professora Yara que acho que foi o pontapé inicial e que possuo muito contato com ela até hoje. Seu Adolfo, que foi até técnico do meu pai e da minha mãe. O Enio Figueiredo, o Josenildo (Josenildo Carvalho), João Crisóstomo. Acho que todos foram importantes.

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

B.B. – Acho que a família é essencial. Porque você vai e volta e a família está lá, te esperando. Tem o fato dos meus pais terem sido atletas. Eles te entendiam e te apoiavam.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de 1980 que você considera importante?

B.B. – Acho que o “mundialito”, tanto masculino como feminino foram marcantes. Acho que o vôlei até então era mais um negócio de família, porque a gente ia jogar e os nossos amigos iam até o ginásio assistir a gente jogar. De repente, o “mundialito”, a Globo transmitiu e nós voltando e todo mundo sabia o que estava acontecendo.

M.T. – Você acha que isso aconteceu por conta do “mundialito” ter acontecido?

B.B. – Antes desse “mundialito” teve a vitória do Sulamericano, em Santo André e teve também o jogo masculino no Maracanãzinho, debaixo de chuva, que foi muito legal. Isso também foi o “boom” para o voleibol ser reconhecido.

M.T. – Dentre todos esses acontecimentos que você destacou qual foi o mais importante na tua opinião?

B.B. – Para o voleibol feminino acho que foi o “Mundialito”.

M.T. – Qual episódio marcou a tua carreira na década de 1980?

B.B. – Nossa, é tanta coisa que marca.

M.T. – O que vem a sua cabeça?

B.B. – É o que eu acabei de comentar com você [risos]. Eu sempre fui uma pessoa de gênio difícil.

M.T. – Pode dizer.

B.B. – Eu acho que assim... Eu custei para crescer porque eu era baixinha e depois cresci. Por ter uma técnica mais apurada, cada técnico achava que eu deveria jogar em uma posição. Então, foi uma coisa assim complicada, porque cada hora tinha que jogar em uma posição e cada técnico me via de uma maneira diferente. Foi um negócio complicado de viver com isso porque você nunca treinava 100% o fundamento.

M.T. – E isso, de alguma forma, atrapalhou o seu desenvolvimento?

B.B. – Com certeza.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de 1980?

B.B. – Acho que a profissionalização do esporte foi muito boa. Então, a minha geração que foi essa transição... Acho que para o esporte, para o vôlei em geral foi bom. Agora para mim foi um negócio difícil de assimilar, porque acho que gostava mais de jogar por amor a camisa.

M.T. – Quando aconteceu para você essa profissionalização? Qual foi o ano e o momento exato?

B.B. – Para mim foi quando eu sai do Minas.

M.T. – Quando isso aconteceu?

B.B. – Foi em 1984 quando eu fui para a Supergasbrás.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a tua vida, Blenda?

B.B. – Acho que no geral foi uma experiência de vida. Eu sou assim altamente competitiva, tanto que eu não entro em nada mais ou menos. Entro em tudo para ganhar e sempre dou o melhor de mim. Acho que o esporte me fez ser assim, o vôlei no caso.

M.T. – O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira?

B.B. – É uma coisa que na minha vida foi tão natural que acho que era consequência de fazer o melhor que podia fazer. Porque eu fiz parte da categoria infantil, juvenil e adulta. Então, acho que isso foi uma consequência; eu não me senti melhor ou diferente de todo mundo.

M.T. – Na seleção brasileira o que você almejava? Tinha algum título ou alguma conquista que você queria muito alcançar?

B.B. – Título não porque eu estava até lembrando vendo a China jogar esse fim de semana. A primeira vez que nós vimos a China jogando no voleibol universitário, não tinha essa facilidade de internet e televisão. Então, a primeira vez que a gente viu elas jogando, a gente parou no meio da quadra vendo elas jogarem, pois a gente nunca tinha visto um time tão rápido fazendo tantas jogadas. Era jogar de igual para igual contra as melhores equipes porque a gente não tinha esse intercâmbio igual tem hoje e a gente também não vivia só pra jogar vôlei. Então, era bem diferente.

M.T. – O que representou para você participar de um mundial?

B.B. – Representar o Brasil é muito legal. Ir lá fora cantar o hino é muito legal.

M.T. – Como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal?

B.B. – Olha, chegou um momento em que você larga tudo, abre mão de tudo pra jogar o vôlei. Eu estudava, trabalhava e abri mão de tudo para jogar o vôlei. Larguei tudo para poder jogar vôlei.

M.T. – Isso foi bom ou ruim? Difícil ou tranquilo?

B.B. – A eu acho que a gente cansa. Chega uma hora que cansa. Mas foi bom enquanto durou.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre o teu corpo atlético. Porque vocês tinham um corpo diferente, pois vocês trabalhavam a musculatura e como vocês percebiam o olhar das pessoas para essa mulher atleta?

B.B. – Você me pegou.

M.T. – Queria que você desse sua opinião. Era tranquilo? Você percebia alguma diferença?

B.B. – Acho que naquela época até mesmo na época da minha mãe, a mulher não fazia tanto esporte igual se faz atualmente. Atualmente, a mulher está mais no esporte igualmente ao homem. Era uma coisa mais recatada. Hoje tem muita mulher e ela está inserida em todas as modalidades. Na minha época a mulher não jogava futebol, as pessoas achavam inclusive que mulher jogando futebol era um horror. Então, a gente era vista diferente. Como eu vivia dentro do clube a gente era bem admirada mesmo.

M.T. – Como era a rotina de treinamento da seleção em termos de lesão, sacrifícios, superação, disciplina em relação aos treinos?

B.B. – A última seleção que eu fui, a gente treinava oito horas por dia. Então, o tempo que a gente tinha era pra descansar, fazer as refeições e recuperar. Era muito puxado [ênfase]. Atualmente eu sinto dor no pé, dor no joelho, mas meu pulmão funciona bem e meu coração também [risos]. As articulações....

M.T. – Na tua opinião havia diferenças entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980?

B.B. – Eu acho que sim. Sim.

M.T. – Quais eram essas diferenças? Quais diferenças você destacaria entre uma categoria e outra?

B.B. – Acho que o masculino sempre teve mais time, mais equipes, mais praticantes do que o feminino; e tendo mais quantidade tinha mais qualidade. Então, tem mais gente praticando. Mas em termos de tratamento, acho que não, pois a gente era tratada igual.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de 1980, na tua opinião em nível nacional e internacional?

B.B. – Eu acho que do mesmo jeito que as meninas foram ontem, acabaram de ser decacampeão (do Grand Prix, realizado em agosto de 2014) porque tudo foi um trabalho de base. Acredito que teve a geração anterior que a gente conhece o pessoal: Marta Miraglia, Leonésia, Yara. Todo mundo deu a sua contribuição e isso é um trabalho que a longuíssimo prazo vem sendo feito. Acho que em 1980 foi o “boom” de o voleibol nacional ser reconhecido pelo público em geral, porque antes era só futebol, futebol, futebol.

M.T. – Então você acredita que aqueles acontecimentos como o mundialito, as competições colaboraram?

B.B. – Sim. E a televisão não é?

M.T. – Você acredita que essa foi a grande virada?

B.B. – Sim.

M.T. – O que a geração dos anos 1980 na tua opinião deixou para geração seguinte?

B.B. – Acho que deixou um legado de disciplina, de luta, de coração e de correr atrás do sonho.

M.T. – Blenda, quando você parou de jogar? Qual clube você estava? Por que você parou?

B.B. – Quando eu parei de jogar eu estava na Lufkin e de verdade eu cansei de jogar (risos). Eu queria voltar para casa. Queria voltar para a minha raiz.

M.T. – Você estava com quantos anos?

B.B. – Eu estava com vinte e quatro.

M.T. – Como foi a decisão de parar de jogar?

B.B. – Tranquila, porque com quinze anos eu já jogava no adulto, então com vinte e quatro achei que já estava bom demais. Eu já estava cansada, o meu joelho já estava doendo. Eu queria ter filhos. “Chega de jogar vôlei”.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

B.B. – Quando eu parei de jogar eu resolvi ter filho.

M.T. – Então, uma coisa foi consequência da outra?

B.B. – Sim, eu queria ter filhos.

M.T. – Mesmo depois, com o exemplo da Isabel, você não pensava em voltar?

B.B. – Tive mais filhos, quis ter mais filho e então resolvi estudar. Fui fazer faculdade e voltar para o vôlei não era mais opção. Treinar não era mais opção.

M.T. – Voltar não era uma opção?

B.B. – Não. Treinar não era uma opção.

M.T. – Você sente saudade da época em que você jogava?

B.B. – Sim ... Mas treinar é muito desgastante. Acho que jogar é legal, mas esse negócio de treinar era muito puxado, pois treinar oito horas por dia era muito complicado. É muito desgastante para o corpo.

M.T. – O que mudou na sua vida depois que você parou de jogar?

B.B. – Assim, você sai dos holofotes e sai da mídia. Você passa a ser normal e eu fui criar filho porque queria ter filho.

M.T. – Isso para você foi tranquilo? Sair da mídia e dos holofotes naquele momento em que vocês conquistaram tudo, para você foi tranquilo?

B.B. – Foi. Acho que é uma opção de vida. Acho que foi a idade. Apesar de quê, eu fico vendo hoje que com vinte e quatro (anos), muita gente está começando. Mas tudo isso assim... porque, eu também comecei muito nova.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz quando você jogava ou quando você parou de jogar?

B.B. – São momentos diferentes. Não tem como... Quando eu jogava eu era nova e você vai na onda de tudo, é outra cabeça. Se eu tivesse essa cabeça agora jogando vôlei.

M.T. – Mas em qual momento você foi mais feliz? Mesmo sendo nova, tudo bem. Mas qual momento você foi mais feliz você podendo ver esses dois momentos?

B.B. – Acho que não existe isso de momento mais feliz, acho que são momentos completamente diferentes.

M.T. – Os dois são felizes?

B.B. – Os dois são felizes.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que você parou de jogar?

B.B. – Não.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

B.B. – Sou coordenadora de escolinhas, no Minas Náutico.

M.T. – Escolinha de vôlei?

B.B. – Não. Escolinhas de todos os esportes e não só esportes, porque eu tomo conta da academia e do Pilates.

M.T. – Blenda, o que o voleibol significa para você?

B.B. – Acho que é uma parte da minha história e da minha vida. Acho que o voleibol me ensinou a crescer, as conquistas me ajudaram a ter uma personalidade forte, a lutar pelo que eu quero e me ajudou na minha personalidade, na vida, foi importante.

M.T. – Qual o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

B.B. – Acho que é isso. A minha personalidade, o meu temperamento, a construção da minha educação.

M.T. – Bom, você gostaria de deixar algum comentário ou depoimento sobre os temas que a gente abordou nessa entrevista?

B.B. – Não. Acho que no esporte em geral, agente deve levar a criança para o esporte. A gente tem que levar a criança ao esporte. Tirar a criança da rua e colocar para fazer esporte. A minha filha jogou vôlei também e eu acho que é o melhor que a gente pode fazer pela nossa juventude, pelas nossas crianças é colocar no esporte.

M.T. – Você colocaria o esporte na escola?

B.B. – Com certeza [ênfase]. Eu acho que é o modo mais fácil e mais barato de dar educação para as crianças. Com certeza que eu colocaria qualquer esporte.

M.T. – Ok, Blenda, muito obrigado pela entrevista!

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE G

ENTREVISTA FERNANDA VENTURINI

Data da entrevista: 02/09/2014

Local da entrevista: Restaurante Prima Bruschetta, Leblon, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Fernanda Porto Venturini

E-mail: fpvent@gmail.com

Data de nascimento: 24/10/1970

Idade: 44 anos

Estado civil: casada

Tem filhos: sim (2 filhos)

Grau de escolaridade: 2º grau completo

Tempo dedicado à modalidade: 24 anos

M.T. – Fernanda, o que te levou ao voleibol?

F.V. – Na época, eu morava em Ribeirão Preto, tinha um problema na coluna, de crescimento, cresci muito rápido e o médico falou “porque você não joga vôlei, faz algum esporte e tal?” Como eu gostava do vôlei, já acompanhava, assim, já via na época do Bernard, Bernardinho, já acompanhava. E aí foi quando eu comecei e depois que comecei eu vi que tinha jeito e aí não parei mais.

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

F.V. – Não, assim de fazer no colégio eu jogava basquete, handebol, coisas de colégio. Mas não assim de fazer como eu fiz o vôlei, não.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

F.V. - Eu comecei na Cava do Bosque com o meu primeiro técnico, o Roger Viana. Mas o clube mesmo que eu jogava era a Recreativa (Recreativa de Ribeirão Preto). O começo da minha carreira toda foi na Recreativa, até os quinze anos.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol?

F.V. - Com esse técnico Roger Viana que foi quem me ensinou a jogar voleibol.

M.T. – Na tua opinião como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta?

F.V. - A década de oitenta não rolava tanto dinheiro como rola hoje. Você tinha uma ajuda de custo. Eu era novinha e já ganhava uma ajuda de custo lá no clube. E assim já tinha Jaqueline e a Isabel que jogaram uma temporada comigo lá, eu tinha doze ou treze anos quando elas jogaram lá na Blue Life, em Ribeirão. Então, assim, eram outros tempos; a gente estudava de manhã, treinava à tarde até então eu não tinha pegado seleção. Depois, na seleção que começou a treinar dois períodos e aí que começou a profissionalizar mesmo o vôlei.

M.T. – Descreva a sua trajetória esportiva desde o começo até o momento em que você resolveu parar.

F.V. – Ah, comecei a jogar me destaquei no time, lá em Ribeirão acabou, eu tinha quinze anos. Desde os treze anos a Pirelli me chamou pra jogar em São Paulo e minha mãe nunca deixou e tal. Eu era muito nova e com quinze acabou e aí eu fui pra São Paulo. Minha mãe me emancipou, eu sempre fui muito responsável. Sempre fui eu, eu tenho dois irmãos mais velhos e aí foi quando eu comecei né? Dali não parei mais. Aí fui para o Pão de Açúcar que foi pro time que eu fui, na época, com a Fátima, não lembro o nome dela agora, uma negona, alta que é de Ribeirão, a Fatão, foi com ela que comecei, que a gente foi morar em São Paulo. Aí teve a Simone Storn, que também vinha de Brusque e foi quando começou, quando eu comecei mesmo no Pão de Açúcar. Aí, depois do Pão de Açúcar eu fui jogar uma temporada em Minas que era aquele perfume L'acquadi Fiori. Aí depois eu voltei e joguei, eu não sei se eu fui direto pra Sorocaba, teve a Sadia, eu joguei três anos na Sadia. Aí depois da Sadia eu fui pra Sorocaba, depois fiquei mais três anos. Aí veio Curitiba, mais três anos, sempre de três em três ((risos)). Aí eu vim pro Rio, joguei sei lá quantas temporadas. Aí eu parei, depois eu voltei, aí acabou no Rio minha temporada. Aí nesse meio tempo joguei três meses na Espanha e o geral é isso.

M.T. – (Quais) as pessoas foram importantes na sua trajetória para consolidação da tua carreira?

F.V. – Ah, com certeza a minha família, a minha mãe, que sempre me apoiou. Meu pai faleceu quando eu tinha dezessete anos e até então ele gostava. Meu primeiro técnico que acho que é o mais importante na carreira de um atleta, que é o que ensina que o mais difícil é ensinar, eu acho. Mas, a família sempre teve do meu lado, né?

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da tua trajetória?

F.V. – Ah, foi assim, minha mãe falava “ah, não pode parar de estudar”. Tanto é que eu fiz o segundo e o terceiro colegial empurrando com a barriga, né? Eu já jogava profissionalmente, mas ela sempre me apoiou. Quando eu chorava no começo pra ir embora e tal eu falava “mãe quero ir embora” e ela respondia “volta, pega um ônibus e volta”. Daí, no dia seguinte você acha que eu voltava? Nem queria né?

M.T. – Quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta, você considera importantes?

F.V. – Foi a fase de mudança na minha vida, né? De sair de uma cidadezinha e ir morar em São Paulo sozinha, total independência e até uma fase mesmo de eu resolver se eu queria jogar ou não, né? Pra mim, uma fase decisiva, de escolher “não eu não quero parar não, é isso que eu quero”. Enfim, foi ali que eu realmente decidi que queria jogar vôlei. Aí eu comecei com levantadora, depois, com dezessete anos passei pra levantadora, na época o Inaldo Manta que era na Sadia e foi uma mudança grande na minha vida. Acho que esse foi o marco mais importante.

M.T. – E o fato de ter sido campeã mundial juvenil em oitenta e sete?

F.V. - Foi em oitenta e sete, né? Eu acho que ali eu já era atacante, primeiro mundial eu joguei de atacante. O segundo que eu joguei levantando. Então, assim, também foi uma transição já lá no mundial em Seul. Ele já me colocava, já treinava um pouquinho. Eu gostava, né? Eu até já fui desde novinha, eu lembro que na época do Cava do Bosque eu falava pro Roger, meu técnico, que quando ele quisesse, se eu podia levantar. Às vezes faltava uma levantadora eu já gostava desde aquela época. Eu já tinha habilidade.

M.T. – Qual episódio marcou tua carreira na década de oitenta? Eu sei que os principais ocorreram depois de oitenta, mas, na década de oitenta que é o foco do estudo, quais você destaca?

F.V. - Eu acho que ter disputado uma Olimpíada com menos de vinte anos foi um fato marcante. Eu acho que ter jogado os dois mundiais e ganhado também foi importante. O Inaldo ter peitado todo mundo e ter me colocado levantando e agente ganhou todos os campeonatos. Então todos esses fatos foram importantes.

M.T. – E a entrada de vocês três na seleção adulta? Foi uma responsabilidade grande, foi uma adaptação fácil? Como aconteceu isso?

F.V. – Ah, pra mim tudo era fácil. Eu era quieta no meu canto, nunca fui muito de... Fazia lá meu treinamentozinho, nunca me intimidei por causa disso, não é meu tipo fazer isso, então nunca tive problema.

M.T. – Quais as principais dificuldades você enfrentou no esporte na década de oitenta?

F.V. - Por ter me destacado desde cedo eu nunca tive problema com dinheiro, vim de uma família média alta, então, assim, eu podia viver do vôlei. Não tinha nenhum problema como amigas minhas que precisavam de dinheiro, sabe? Não tinham condições e tal. Mas, não lembro assim de problema, não tive problema, graças a Deus.

M.T. – O que significava pra você ser jogadora de voleibol da seleção brasileira?

F.V. – Ah, já era um status, né? Nossa, tão nova e já tá na seleção, já vai jogar uma Olimpíada. Mas isso é coisa do falatório porque aumentava seu salário, cada vez você ia ganhando mais, alcançava um nível maior. Então, só status mesmo, nada demais.

M.T. – E na seleção qual era o seu objetivo? O que você sonhava conquistar?

F.V. – Ah, conquistar era chegar em algum lugar, né? Porque a gente não chegava. O vôlei naquela época era quinto, sexto, sétimo. Então, melhorar de posição e realmente quando o Bernardo entrou que deu a reviravolta do Brasil começar a ganhar competições, enfim, então foi por ali.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo pra tua vida, Fernanda?

F.V. – Ah, trouxe meu casamento, né? O futuro, eu conheci meu marido no vôlei, minhas duas filhas, uma vida confortável. A gente tem muito mais do que a gente imaginava ter. Então, a gente não pode reclamar. Hoje eu tenho mil coisas já. Então, o vôlei foi muito bom, mas ficou. Não é uma coisa que eu quero continuar estar dentro dele não, menor vontade.

M.T. – O que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

F.V. - Tudo de bom. Eu acho que todo atleta sonha disputar uma Olimpíada, né? Você vê todas as nacionalidades, os melhores do mundo. Realmente, só quem participa é que sabe como que é uma emoção sensacional.

M.T. – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal?

F.V. – Ah, na época não tinha filho. Eu comecei a namorar o Bernardo na década de noventa e nunca tive problema; não tinha nada que me prendesse. Podia ficar aqui, podia ir pra lá, já tinha meu dinheiro, fazia o que eu queria. Minha mãe nunca me podou, então, assim, eu tinha a vida que eu quis, viajava pra cá viajava pra lá. Então fui muito independente.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre seu corpo atlético?

F.V. – Normal. Acho que todo mundo aprecia a mulher, mas, assim, nada de mais.

M.T. – A questão dos músculos não era uma coisa que as pessoas reparavam?

F.V. - Não porque eu sempre fui forte, mas não macha ou qualquer coisa assim. Eu não era “sapata”, sempre fui feminina. Então, não havia nada que pudesse chamar a atenção mais do que o normal.

M.T. – E como era a rotina de treinamentos na seleção? Em termos de sacrifício, lesão, superação?

F.V. - Tudo a gente começa a falar a partir do Bernardo, né? Foi quando realmente tudo ficou difícil porque os treinamentos eram intensos, a preparação física mudou radicalmente com o Zé Inácio (José Inácio). Então, você treinava no limite, tinha que descansar à tarde, porque senão você não aguentava treinar período manhã e tarde. Tinha briga por posição, mas era saudável. Tinha que ficar treinando sempre no máximo. Então ali que a gente via o que era treinar, né? Até então era outro ritmo.

M.T. – As meninas falavam que era uma carga intensa de treinamento, oito horas por dia. Mas também era chamada uma geração cobaia porque não tinha um treinamento adequado. O que você pensa disso?

F.V. – As mais velhas. Eu já tinha, mas concordo que elas foram cobaias.

M.T. – Mas em termos de intensidade de treinamento era igual ou pior?

F.V. - Sete horas, mas eram duas horas de manhã, de forma intensa, que valia mais do que quatro horas. Então não é quantidade. A qualidade que era forte.

M.T. – Havia diferença na tua opinião entre o voleibol feminino e o voleibol masculino na década de oitenta?

F.V. - O masculino tinha mais ibope, dava mais porque já tinha tido mais status, pode-se dizer assim, eu acho.

M.T. – Você acredita que por conta das conquistas que eles tiveram primeiro do que as meninas?

F.V. – É, eu acho que por causa de oitenta e quatro, né? Então eu acho mais por isso mas as meninas também eram super...

M.T. – Em termos de tratamento você percebia alguma diferença?

F.V. – Não, não, nada assim gritante.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta na tua percepção, tanto em nível nacional quanto internacional?

F.V. – Ah, quando a gente começou a sair pra jogar fora, em oitenta e cinco, foi na época que eu peguei a primeira seleção. Ai que você vê o que era vôlei, mundialmente falando porque era outra coisa. Uma coisa é jogar a liga nacional e depois você jogar uma liga mundial, né? Aí é que você via realmente “nossa, como são boas, como saltam, como são fortes!” Então aí é que se começou a fazer esse intercâmbio, que faz você crescer. Não tem você ficar aqui treinando e querer jogar lá fora, né? Por isso que esse intercâmbio tem que existir sempre. Você jogar lá fora, perder, perder, perder, até que começou a ganhar.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

F.V. - Eu acho que deixou esse ensinamento de responsabilidade. Aos poucos iam entrando as meninas mais novas, então ela já tinha uma bagagem. Elas meio que norteavam a gente sobre o que tinha que fazer sobre o que era certo o que era errado. Enfim, a pessoa ia se moldando, né? Eu acho que elas abriram mesmo as portas pra gente e depois ficou bem mais fácil.

M.T. - Quando você parou de jogar Fernanda? Em qual clube? Por quê?

F.V. – A primeira, eu parei lá no Rexona, em Curitiba, uma vez que eu não queria mais ir pra seleção. Estava cansada, não aguentava mais viajar, ir pro Japão, não aguentava mais. Depois foi no Rio quando eu parei bem depois que eu sai da seleção, quando já era Unilever. Dessa vez parei mais pela idade mesmo, porque já não aguentava mais treinar. Eu gostava de jogar; até pouco tempo atrás tinha vontade de jogar, mas hoje em dia nem isso eu tenho mais. Então

chega a hora, né? Tem hora pra tudo. Tem hora pra começar e tem hora para terminar e o físico também não ajudava.

M.T. – E como que foi a decisão de parar de jogar?

F.V. – Ah, foi muito tranquila porque eu já vinha pensando nisso. Aí, quando você faz uma coisa por prazer é uma coisa, mas quando você faz uma coisa por obrigação não tem por que. Tudo bem, eu sou obrigada a trabalhar, isso é uma coisa, mas não era uma coisa que dependia do meu corpo, uma hérnia cervical com meu joelho ruim. Então, não era uma coisa assim saudável, mas uma coisa que virou sacrifício. Então, a partir desse momento não tinha porque eu fazer o que eu não preciso mais se eu posso ficar em casa. Tinha minhas filhas já, então foi muito tranquilo pra mim parar.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

F.V. – O Bernardo que inventou de eu voltar a jogar dessa última vez. Eu nem ia voltar mais, já havia decidido cuidar das meninas, ficar mais tempo com elas. Queria montar uma academia minha que acabou de ficar pronta esse ano, lá em Ribeirão. Então, assim, me dedicar a outros projetos e também ficar um tempo sem fazer nada. É tão bom. Eu fiquei um tempo sem fazer nada, me cuidando e fazendo as coisas que eu gostava e foi uma época gostosa. Comecei a pedalar, daí foi quando fiz um monte de amizade no pedal, enfim, poder acompanhar meu marido também nos jogos, assistir os jogos lá fora. Então, foi uma transição legal não foi uma coisa como todo mundo diz. Não teve perrengue. Muita gente diz que não tem dinheiro, não tem trabalho. Eu, graças a Deus, tenho um casamento super bem sucedido, uma família ótima. Então, não tenho do que reclamar.

M.T. – Você sente saudades da época em que jogava?

F.V. - Sinto lógico. Era uma época muito divertida, a gente se divertia muito junto, não posso reclamar. Se eu falasse que queria mudar isso, não queria. Se tivesse que viver tudo igual, viveria tudo igual novamente. Mas, foi uma época que passou, muito gostosa. Tenho poucas amizades do vôlei, mas tenho contato com meninas que jogaram comigo lá no juvenil e tal, mas acho que é isso o bom, que fica.

M.T. – E o que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

F.V. - O quê que mudou? Mudou isso de aproveitar mais a vida porque eu fiquei muito tempo dentro de hotel, dormindo tarde na concentração. Nesse sentido, acho que a gente leva uma vida muito sacrificada, então, quando você tem mais isso foi muito bom.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando você jogava ou depois de você ter parado de jogar? Por quê?

F.V. - Eu acho que em todos os momentos eu fui feliz. Eu não posso reclamar. É lógico que tem as tristezas, tem as coisas boas, as derrotas, mas isso aí não é o mais importante. Então, eu acho que agora é um momento da minha vida que eu não jogo mais. Nesse outro momento da minha vida eu também estou muito feliz. Então tá tudo caminhando bem, minhas filhas crescendo bem, enfim, só falta meu marido sair da seleção e o resto tá perfeito ((risos)). Só mais dois anos. Então, não posso reclamar da vida.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar? Qual sua ocupação hoje em dia?

F.V. – Não. Hoje eu sou sócia, eu e o Bernardo somos sócios da rede Body Tech, de uma loja de bicicleta. Eu tenho essa academia que é minha, lá em Ribeirão, que agora está com quase quatrocentos alunos e abriu faz quinze dias. Se chama Fórmula e é a segunda marca da Body Tech. Eu montei lá porque minha mãe mora lá, meu irmão e pra poder ficar mais tempo com a minha mãe que está numa idade avançada. Então um dos motivos foi montar lá porque a gente ia muito pouco pra lá e minhas filhas são as únicas netas da minha mãe, então assim aproveito levo e tal. Eu cuido de muita coisa, casa, acabei a obra da academia, agora é obra de casa e tem as coisas do Bernardo, sou eu que cuido de tudo já que ele não sabe nem o que nada, enfim...

M.T. – Fernanda, o que o voleibol significa para você?

F.V. - Minha vida. Me deu meu marido, deu minha família, deu minhas filhas, meu enteado. O vôlei vai estar sempre na minha vida, não tem como.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou pra sua vida?

F.V. – Ah, deixou que o vôlei me trouxe o marido que é o mais importante, a possibilidade de constituir uma família, que é o que toda mulher sonha. O respeito, acho que o vôlei é o esporte que te traz muita disciplina, então acho que isso é o mais importante e os contatos que eu tenho até hoje e está muito enraizado com o vôlei. Lá dentro de casa por causa do meu

marido e do Bruno, né? Então não tem como eu fugir dele. Às vezes eu quero fugir, mas não tem como.

M.T. – Fernanda, pra terminar você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou nessa entrevista?

F.V. – Não, não de maneira nenhuma, eu acho que é por ai mesmo. Acho que hoje o vôlei é outro vôlei. Eu peguei esse vôlei que paga muito dinheiro para as meninas que andam de classe executiva. Hoje é outra realidade. Elas choram de barriga cheia. O que eu falo é que quem passou um pouquinho do que nós passamos, da base ruim, não reclamaria tanto. Mas, peguei a base boa também. Elas choram de barriga cheia mas o importante que o vôlei, a seleção está bem. Precisa é moralizar a CBV porque o Ari (Ari Graça Filho), tem que tirar o Ari lá da CBV, da confederação internacional porque se ele roubou aqui no Brasil deve estar roubando muito lá fora também. Enfim, é uma pena porque fizeram aquele centro de treinamento, mas que nem o Bernardo fala as federações não trabalharam nada durante vinte anos. Então, daqui a duas Olimpíadas não vai ter mais ninguém, porque não se trabalhou, não tem renovação; é uma catástrofe porque a gente colhe o que planta. Então como nós não plantamos nada de uns vinte anos pra cá... O voleibol vai ser um fiasco porque não tem renovação.

M.T. – Eu queria te fazer uma última pergunta. Na década de oitenta, Isabel e Jaqueline serviram de espelho pra vocês, pois elas já estavam atuando e você estava começando a jogar. Eu fiz questão de te entrevistar porque eu acredito que elas passaram o bastão pra tua geração. Vocês tiveram a oportunidade de trocar essa experiência e seguir adiante. Queria que você me falasse um pouco de como que foi pra você essa geração em termos não só de convivência, mas em termos de espelho. Serviu de inspiração? O que você poderia dizer a respeito disso?

F.V. – Então, com certeza. Eu estive muito com a Isabel e Jaqueline por causa de Ribeirão e tal. Eram “porras loucas”, ainda bem que não segui nada delas porque se eu seguisse... Não gostavam de treinar, faziam tudo pelo meio. Então, não eram um espelho perfeito. Mas, com certeza, elas quebraram muitas barreiras e eram guerreiras. Eu acho que se não fosse a geração delas, a gente ainda estaria ralando pra colocar o vôlei onde ele chegou. Com certeza, elas influenciaram muito. Eu lembro da Jaqueline... Quando eu já era atacante eu gostava de ver a Jaqueline levantando... Ficava vendo, assim, era uma inspiração. Ela e o Maurício foram os que eu mais gostava de ver levantando.

M.T. – Entendi. Fernanda, eu te agradeço demais pelo teu tempo.

F.V. – Imagina, imagina.

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE H

ENTREVISTA VERA MOSSA

Data da entrevista: 04/09/2014

Local da entrevista: Picolla Acessórios (loja da entrevistada), Campinas, SP

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Vera Helena Bonetti Mossa

E-mail: veramossa@terra.com.br

Data de nascimento: 27/09/1964

Idade: 49 anos

Estado civil: casada

Tem filhos: sim (3 filhos)

Grau de escolaridade: 2º grau completo

Tempo dedicado à modalidade: 27 anos

M.T. – Vera, o que te levou ao voleibol?

V.M. – Bom, na verdade meus pais sempre foram esportistas e hoje são professores de Educação Física aposentados, então sempre fizeram muito esporte e sempre incentivaram os filhos a fazer esporte. Como a gente era sócio de um clube aqui em Campinas eu fiz um pouco de tudo. Fazia natação, aprendi a jogar tênis, correr, meu pai foi atleta de atletismo e ele queria que eu aprendesse atletismo, enfim, fazer um pouco de tudo. Aqui no Clube Fonte São Paulo, em Campinas, sempre teve uma boa tradição no vôlei, tanto no masculino como no feminino, mas principalmente no masculino. Então, eu devia ter uns oito anos e tinha um técnico japonês, o Saburo, que estava trabalhando com a equipe masculina e também ajudando de uma forma geral no vôlei. Aí eu comecei, entrei para a escolinha e gostei, comecei a gostar. Estava lá no clube e foi uma das modalidades oferecidas, mas eu me apaixonei pelo vôlei e comecei a acreditar que era aquilo que eu queria fazer. Foi desse jeito.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

V.M. – Então, comecei exatamente no Clube Fonte São Paulo, eu devia ter uns oito ou nove anos quando comecei na escolinha e depois a fazer parte das equipes. Na Fonte eu joguei só o pré-mirim porque eu fiquei um ano sem jogar por conta de um problema na coluna que existe ainda, mas na época, em 1975, eu fiquei sem jogar. Eu era muito magra, muito alta e cresci muito rápido e tive uma escoliose e fiquei um ano de gesso para corrigir o problema e nesse ano eu fiquei sem jogar. E exatamente nesse ano a Fonte encerrou o time feminino nessa categoria, o pré-mirim, e eu acabei indo para o Guarani e continuei jogando pelo Guarani, aqui em Campinas.

M.T. – Com quem você começou a jogar?

V.M. – Eu comecei na Fonte com o Saburo (risos), que era esse japonês e tinha a Mariza também que jogava ou tinha jogado pelo Guarani e dava treino lá na escolinha, sei lá direito, eu era muito pequena também não consigo lembrar muito bem, mas do Saburo eu lembro bem e a Mariza eu lembro também. De lá eu fui para o Guarani e lá tinham várias pessoas, o Barbosa, tinha o Pádua, depois veio o Rizzola que está aí até hoje. O Rizzola começou meio como assistente do Pádua, técnico das categorias inferiores e eu joguei com ele lá também.

M.T. – Como era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

V.M. – Olha, eu acho que foi uma experiência única, eu acho que só quem jogou nessa década viveu o que a gente viveu porque foi uma época de transição bem clara do amador para o profissional e eu acho que a gente teve essa oportunidade de viver isso de uma forma também muito tranquila, sabe? A gente não forçou nada, a gente estava ali, claro, as coisas não acontecem por acaso, mas eu acho que a gente aproveitou bem, da melhor forma possível e conseguimos, de alguma forma, marcar a nossa vida, construir uma carreira no voleibol no meio dessa transição, que não era uma coisa muito simples, né? De repente era um esporte que ninguém conhecia, era um esporte que a gente conhecia que a gente gostava que a gente amava, mas que a gente fazia de uma forma amadora sabendo que um dia a gente ia ter que parar ou que a gente ia ter que dividir com alguma outra atividade e de repente foi oferecido para a gente a possibilidade de viver do voleibol. Nossa, foi ótimo, maravilhoso, tudo de bom, né? Durante esse processo a gente não pensa muito, a gente vai vivendo e foi isso que eu fiz, eu vivi o que era apresentado eu fui vivendo. Eu não ficava elaborando, racionalizando “ah, estamos vivendo uma fase de transição no voleibol, somos pessoas que vamos marcar a história”. Não, não tinha a menor noção do que a gente estava vivendo, não, a gente foi em frente, a gente foi só aproveitando as oportunidades.

M.T. – Vera descreva sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar?

V.M. – Então, eu comecei lá na Fonte e a primeira dificuldade foi essa da minha coluna, mas eu já tinha sido picada pelo bichinho do vôlei porque eu falava que eu ia ser jogadora de vôlei de qualquer jeito. Então, ter que ficar um ano sem jogar foi duro, mesmo com dez anos de idade eu me lembro como foi duro. Aí, quando eu voltei a jogar lá para o Guarani eu estava cheia de gás, cheia de vontade mesmo. Eu acho que eu tive o privilégio de ter nascido numa família de esportistas porque eles sempre me incentivaram e ter o biótipo também que favorecia né? Aí foi só treinar e me desenvolver. Desde muito cedo eu sempre me destaquei

bastante porque eu sempre fui muito alta. Aí teve o campeonato brasileiro juvenil de seleções estaduais, em Minas. Eu já tinha ido para a seleção infanto, já tinha ido para o JEBS, no ano anterior, em 1979 e sempre muito mais nova porque eu competia pelas categorias acima da minha. Aí no início de 1980 teve a seleção brasileira infanto que eu fui titular e em seguida teve o campeonato juvenil em Belo Horizonte. Eu tinha 15 anos e era titular num campeonato em que as idades eram de 19 anos. Nesse campeonato o Ênio estava presente e me viu jogar. Logo depois o Brasil foi convidado a participar das Olimpíadas de Moscou e o Ênio me convocou para a seleção brasileira adulta, eu tinha 15 anos. Eu fiquei completamente surpresa porque eu não imaginava. Era um sonho sim ir para a seleção adulta, mas eu não esperava que fosse acontecer tão cedo. Foi a primeira vez que eu andei de avião, que eu fui de teco-teco para o Rio para treinar com a Seleção e a primeira vez que eu andei de avião grande mesmo, de verdade que eu peguei foi quando eu viajei para Moscou. Você imagina a cabeça de uma menina de 15 anos? Eu estava vivendo um sonho, eu estava dentro do sonho. Aí eu já namorava há quase um ano com o meu primeiro marido e acabei descobrindo que estava grávida lá. Era para eu ter ficado menstruada lá e não fiquei, mas eu achava que devia ser por causa da viagem, a primeira vez que eu viajei, enfim. Mas, eu estava grávida mesmo e quando eu voltei foi confirmado. Meu filho nasceu em fevereiro de 1981, o Éder, hoje ele tem 33 anos. Logo em seguida, eu não queria parar de jogar e começou essa coisa de “olha, vou te dar uma ajuda para você vir jogar aqui”. Estava começando. Então, eu fui jogar em São José dos Campos. Foi o primeiro salário que eu recebi como jogadora. Era uma coisa boba, era um dinheirinho que dava para juntar com o dinheiro do marido e viver e assim eu fui indo. Em 1982 eu fui para a Pirelli e em 1983 eu fui para a Supergasbrás e lá fiquei durante os sete anos de existência da equipe. Em 1984 fui para a Olimpíada de Los Angeles. Em 1985 o Jorjão assumiu a seleção e eu tive um desentendimento com ele por conta de família. O esporte estava passando pela transição e o Jorjão chegou com a mentalidade de apostar todas as fichas na carreira. Eu estava disposta, mas tinha o meu filho também. Eles me prometeram que eu poderia levar o meu filho para a concentração e depois não podia. A concentração era em Jacarepaguá e aí ficou complicado porque eu saía muito cedo, o Edinho estava dormindo e quando eu chegava ele também estava dormindo. Aí eu falei “não, não dá”. Fora isso eu estava me separando e acabei não indo para a seleção em 1986 e 1987. Eu já tinha conhecido o Bernardinho em final de 1984 e em 1986 o Bruno nasceu. Em 1987 eu pedi dispensa da seleção. Em 1988 eles tiveram uma conversa comigo, a gente se entendeu e eu acabei voltando para a seleção. Disputei a Olimpíada de Seul. Em 1989 entrou o Inaldo Manta para a seleção e ele resolveu fazer uma renovação. Em 1989, teve o Campeonato Sul Americano e

ele resolveu me colocar em todas as posições, menos a de levantadora, no jogo final contra o Peru. Eu achei aquilo um desrespeito. Depois ele teve uma conversa comigo e disse “eu acho que você deve ficar mais motivada, bla, blá, blá”. Eu falei “Inaldo, você faz o que achar melhor. Se você achar que deve me convocar você convoca, se achar que não, não convoca, faz o que você achar melhor”. Eu achei um despropósito aquele tipo de conversa. Eu sempre joguei do mesmo jeito. Eu não era a jogadora mais eufórica, mas também não era a mais fria, eu sempre joguei daquele jeito e no final eu nem lembro se ele me convocou ou se eu pedi dispensa. Eu sei que acabei indo para a Itália e por lá fiquei cinco anos. Fiquei dois anos em Perugia e foi legal porque foi o time que o Bernardo tinha ido e ele salvou a equipe naquele primeiro ano e eu fui no segundo ano e a gente chegou na final. Uma campanha bem legal porque o time chegou à final saindo lá de baixo. Eu ganhei o prêmio de melhor jogadora do campeonato. No ano seguinte fomos vice-campeãs de novo. Depois eu fui para Sumirago e foi mais complicado porque eu machuquei o joelho e fiz a cirurgia e a recuperação no Brasil. Voltei para a Itália para jogar o terceiro ano e machuquei de novo. No final, os três anos em Sumirago não foram tão bons quanto em Perugia, mas foram cinco anos bem legais na Itália. Aí eu acabei voltando para o Brasil, para a Recra de Ribeirão Preto e fui ficando um ano em cada time, eu não consegui uma estabilidade (risos). Encerrei a carreira no MRV Minas em 2000.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

V.M. – Primeiro meus pais porque sendo eles esportistas, sempre, sempre mesmo incentivaram a gente a fazer esporte. Não é nem a questão da competição, mas estar envolvido com o esporte, estar em movimento. É levar para o clube, “vamos nadar, vamos jogar” e sempre tiveram muito presentes. Por exemplo, nessa época que eu fui convocada para a seleção infante do paulista, o clube de Campinas não tinha condições de bancar os treinos em São Paulo. A federação convocava “os treinos são no Paulistano, tal dia e tal hora” e o atleta tinha que se virar. Os meus pais bancavam tudo. Eu tinha uma avó e uma tia avó que moravam em São Paulo. Eles me colocavam num ônibus do Cometa, eu com 13 ou 14 anos e a minha avó ou minha tia avó estavam me esperando na rodoviária. A gente pegava um táxi, ia para o treino e depois do treino a gente fazia um lanche, pegava um táxi de volta para a rodoviária e os meus pais estavam me esperando aqui. Hoje as coisas já melhoraram um pouco, porque os grandes times dão essa infraestrutura, mas naquela época não era assim. Além disso, tinha o Saburo, que era um japonês exigente. Quando o treino começava a

encher muito, ele logo inventava um treino de defesa e só ficava realmente quem queria treinar. Aquilo cortava logo metade do grupo. Então, ele foi importante porque me testou. No Guarani, o Pádua que era o coordenador do vôlei e me levou para os Jogos Abertos quando eu tinha 14 anos. Depois o Enio, que eu não tenho palavras para descrever (emoção), eu até me emociono. Ele era uma pessoa muito boa. No dia que ele faleceu foi muito triste, muito triste. O que ele fez para mim, principalmente, foi muito bonito. Ele apostou em mim. “Oh, gostei daquela menina”. Fora isso ele trabalhava com paixão, ele sempre foi muito dedicado e isso era transmitido para a gente. Então, ele foi muito importante, ele nem sabe o quanto. Além disso, tecnicamente, coisas importantes para entender o jogo eu entendi com ele. Ele também era muito divertido, muito engraçado. Eu lembro que quando eu cheguei à seleção depois de ter tido o Edinho, em 1982, logo no começo eu lembro que ele falou “você tem muito potencial, mas para você conseguir um lugar aqui você vai ter que passar bem”. Eu acho que ele já estava antevendo alguma coisa. Quem eram as titulares da seleção? “Isabel e Fernanda Emerick, as duas passavam uma porcaria, eram ruins”. Aí eu falei “vou começar a treinar passe, vou ficar boa nisso”. Mas eu tinha uma boa base porque no Guarani tinha o Pádua e o japonês. A gente treinava muito fundamento. Meus fundamentos eram bons. Mas, na seleção tinha a Heloísa, a Helga a Regina Uchoa, um monte na minha frente para entrar até chegar a mim. Aí nós fomos fazer uns amistosos no Japão e ele começou com a Helga, a Isabel não foi porque estava grávida da Maria, mas a Helga não estava muito bem e eu entrei no lugar dela e não sai mais. Eu falei “agora vai”. Ele fez a coisa certa. Ele testou todo mundo e me deu a oportunidade. Eu fiquei com aquilo na cabeça, treinei e quando chegou a hora eu aproveitei.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de 1980, que você considera importantes?

V.M. – Para o voleibol, né? O fato de terem começado a falar de voleibol, o Luciano do Vale teve uma importância fundamental nisso tudo. Ele comprou essa ideia do Nuzman. Já em 1981, no Sul Americano, em Santo André ele já começou. O Nuzman teve a ideia e o Luciano comprou a ideia de vender o vôlei e isso foi bem positivo. Além disso, a criação dos clubes-empresa, apesar de eu achar que uma hora ia acabar porque precisava evoluir para uma coisa melhor. Até hoje a gente está capengando com essa história do patrocínio. Tem empresa que não tem projeto e por isso não tem continuidade. Eu acho que a CBV deveria fazer o papel de exigir que a empresa ficasse no mínimo dez anos, com um trabalho de base, enfim, os clubes-empresa ainda estão longe do ideal. Então, o Sul Americano (1981), o Mundialito (1982) e o surgimento dos clubes-empresa foram os acontecimentos mais importantes.

M.T. – E qual desses acontecimentos você considera o mais importante?

V.M. – Um aconteceu atrelado ao outro. Os três foram igualmente importantes.

M.T. – Qual episódio marcou a tua carreira na década de oitenta?

V.M. – Aquele jogo que a gente perdeu para os EUA na Olimpíada de Los Angeles, em 1984 porque foi muito triste, né? Porém, ao mesmo tempo, olhando hoje, é claro, dá exatamente a dimensão do que a gente se propôs a fazer. A gente não tinha estrutura, a gente estava engatinhando na estrutura e a gente chegou quase a tirar os EUA da semifinal dentro da casa delas. Foi por pouco mesmo. Colocamos dois a zero, perdemos o terceiro e o quarto sets e no quinto a gente estava doze a oito, com vantagem. Foi uma frustração, mas eu acho que exatamente por ser tão marcante foi importante. Depois daquele jogo acabamos perdendo para a Alemanha porque a cabeça foi embora. O regulamento também foi ridículo porque você ir para uma Olimpíada para jogar cinco jogos... Depois do jogo um jornalista da Veja veio me entrevistar para fazer uma avaliação para a coluna Ponto de Vista. Eu lembro que eu respondi “a gente não joga com ninguém, não tem intercâmbio”. A partir daí, foi caindo a ficha de que era necessário mudar a estrutura, que era muito precária.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou na década de oitenta?

V.M. – A estrutura e a questão de tudo ser meio um teste. A gente foi a geração cobaia. O masculino, apesar de estar num outro nível, com jogadores maravilhosos também foram cobaias. Também faltava estrutura para eles. Era tudo na tentativa e no erro “vamos tentar fazer isso? Os cubanos estão trinando assim. Vamos tentar?”. Era tudo assim.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida?

V.M. – Muita coisa. Primeiro qualquer esporte traz disciplina, socialização, faz você entender que você sempre precisa melhorar, precisa buscar melhorar de alguma forma, tanto na questão do fazer quanto nas relações. Eu era muito tímida e fui melhorando, aprendi a me relacionar, aprendi com meus erros, aprendi a expor meus erros sem medo. O esporte me trouxe muita coisa legal e foi meu ganha pão por vários anos. Através dele eu consegui criar os meus dois primeiros filhos. A terceira está fora da minha fase do vôlei, apesar de estar jogando vôlei. O voleibol só me trouxe coisas boas.

M.T. – O que significava para você ser jogadora de seleção brasileira?

V.M. – Era um orgulho, uma honra. Sempre foi um sonho, aquela coisa de criança mesmo. Parece até clichê, mas é isso mesmo “quero vestir a camisa da seleção brasileira, quero ver a bandeira, quero ouvir o hino” (risos). É bem isso.

M.T. – E o que você almejava?

V.M.– Tudo. Mas a gente tinha consciência que era muito difícil. Por isso que aquele jogo contra os EUA ficou tão marcado, porque aquele jogo deu exatamente essa dimensão, a gente ficou a um passo do pódio. Se a gente ganhasse, a gente estava na semifinal com uma equipe fraca. O próximo jogo eu acho que era contra o Japão, porque a outra chave era fraquíssima. A gente poderia pegar um pódio numa Olimpíada, que é o título máximo que todo atleta persegue, exceto o futebol que é a Copa do Mundo.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

V.M. – É isso, missão cumprida. Consegui atingir meu objetivo como atleta “estou entre os melhores”. Na realidade, a cultura brasileira considera os melhores aqueles que estão no pódio e na realidade o fato de estar numa Olimpíada já é uma gratificação muito grande. Você vê o Japão, uma superpotência está fora do mundial masculino de vôlei. Então, participar é muito importante.

M.T. – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com sua vida pessoal?

V.M.– Não era fácil, foi como eu te falei no início da entrevista, mas a gente ia levando, a gente ia fazendo, a gente ia vivendo, a gente ia dando um jeito. Contrata uma babá, chama a mãe para ficar o tempo que podia e ia se dando um jeito.

M.T. – Como você percebeu o olhar do outro sobre seu corpo atlético?

V.M. – Eu não tinha muita noção disso não, sabia? Eu nunca fui muito ligada nessas coisas. Aliás, eu me achava um horror “eu achava a minha perna fina”, eu queria que as minhas pernas engrossassem, eu não me achava nada. Aí, eu comecei a ter algumas surpresas “estão me achando bonita, eu? Tem certeza?”. Uma vez escreveram sobre as minhas pernas que eram lindas, longilíneas... Eu não tinha muita noção sobre o meu corpo. Hoje a minha filha reclama da perna fina e eu falo “são lindas, acredita em mim” (risos). Porque a minha avó era uma pessoa que falava assim “olha que pessoa bonita, que gorda”. Eu sempre escutei que as

peessoas bonitas tinham corpo de violão e eu era completamente o contrário. Eu sabia que eu tinha um rosto bonitinho, mas... Hoje essa exposição na internet é tão absurda que se uma pessoa vai para a praia e aparece com uma celulite já está na rede. Hoje é tudo muito grande e naquela época era tudo mais leve. A beleza para mim era um conjunto e era legal saber que eu era bonita. Hoje tem a Mulher Melão, Mulher Melancia, tem a bunda, tem o peito, tem o abdômen é tudo grande.

M.T. – E como você lidava com o rótulo de musa?

V.M. – Tranquilo, mas eu não dava essa importância toda. Eu achava que acabava tendo que destacar alguém e eles iam destacar as que fossem mais bonitinhas e eu até preferia que eles falassem do jogo, se jogava bem. Eu não entendia muito isso. Claro que é sempre bom você ouvir elogios, mas eu ficava meio incomodada, eu preferia que focassem no jogo ao invés da beleza, da aparência.

M.T. – Como era a rotina de treinamentos da seleção?

V.M. – A gente teve várias fases, mas normalmente eram dois períodos de treino por dia, de manhã e mais para o final da tarde. De manhã normalmente a gente fazia musculação e preparação física, mas também tinham várias fases. Tinha épocas que a gente corria, corria, corria e fazia musculação. Tinha vezes que a gente não corria tanto e fazia musculação para imitar Cuba e a gente quase se arrebatava lá com os pesos (risos). Mas, basicamente era isso: parte física e técnica de manhã, bloqueio parado, defesa, passe, saque, fundamentos mesmo e à tarde a parte técnica e tática.

M.T. – Você acredita que havia diferenças entre o voleibol masculino e feminino?

V.M. – Tinha. Bastante. Eles tinham mais privilégios que a gente. É histórico isso, os homens tinham mais preferência. Eu entendo que eles já tinham conquistado mais coisa e estavam um degrau acima da gente, mas era uma diferença bem grande porque eles tinham coisas que a gente não tinha. Eles tinham mais regalias, ficavam em hotéis melhores, recebiam patrocínio e era muito complicado. Hoje ainda é, mas as mulheres não aceitam isso mais tão passivamente. Naquela época a gente ia reclamar e eles falavam “me dá resultado primeiro”. É como funciona em algumas casas ainda, a velha batalha entre homem e mulher e que a mulher precisa aprender a se impor. Mas, havia muita diferença sim.

M.T.– O que representou o voleibol feminino na década de 1980, na sua percepção em nível nacional e internacional?

V.M. – Em nível nacional foi uma descoberta para os brasileiros, uma grata surpresa. “Olha, tem mulheres que jogam vôlei, jogam bem, são bonitas”. Tinha um encantamento, uma novidade bacana. O povo descobriu que tinha isso de bom aqui também. Em nível internacional eu não sei direito, mas acredito que a gente começou a marcar um território, a gente conseguiu mostrar que estava batalhando, que a gente estava correndo atrás.

M.T. – O que a geração de 1980 deixou para as gerações seguintes?

V.M. – A gente deixou esse legado de ter corrido atrás, entendeu? Porque se a gente não tivesse feito isso, mesmo capengando, sem estrutura, sem nada, não ia nem ter chegado perto dos resultados que tiveram. Eu acho que a gente deixou esse exemplo de acreditar, mostrou que a gente tinha potencial, que a gente acreditava. Eu tenho certeza que as que viram a nossa luta acreditaram que podiam conseguir também.

M.T. – Quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

V.M. – Parei de jogar no início do ano 2000 no MRV Minas porque eu tive outra ruptura de ligamento cruzado anterior no joelho direito, eu já tinha tido o mesmo problema no joelho esquerdo há seis anos, na Itália e nesse ano aconteceu no joelho direito. Além disso, eu estava passando por um momento difícil porque eu já havia começado a sentir naquele ano que o meu corpo não estava respondendo exatamente da forma como eu gostaria, como eu estava acostumada. Tinha dias que estava tudo bem, tudo certo e tinha dias que eu não conseguia fazer movimentos básicos. A cabeça estava boa, eu queria, mas o corpo já não acompanhava. Depois, conversando com algumas pessoas eu fui perceber que acontece com todo mundo num certo momento da carreira. A sua cabeça está perfeita você quer, mas o corpo não está respondendo da mesma maneira. Aí eu pensei “seis meses de cirurgia e mais seis meses de recuperação” e voltar com o corpo ainda mais lento, acho que é o meu corpo que está pedindo para parar.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento em que você decidiu parar de jogar?

V.M. – Então, eu fiz a cirurgia no joelho e aí eu comecei a fazer a fisioterapia e a recuperação não estava sendo tão boa. A cirurgia tinha sido perfeita e o meu joelho começou a inchar. Foi quando eu comecei a ter dúvida sobre a minha recuperação e aí eu achei melhor encerrar mesmo porque o meu corpo estava falando “chega, chega, chega, para, para, para” e não foi

fácil porque eu não sabia fazer outra coisa, só sabia fazer aquilo. Eu acho que tem muita gente que não escuta o corpo falar e insiste. Eu simplesmente escutei e parei.

M.T. – Qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando jogava ou quando parou de jogar?

V.M. – Ah é tão difícil essa pergunta... Porque eu fui muito feliz enquanto eu jogava, muito feliz mesmo, porque eu gostava muito de jogar, muito mesmo. Eu não posso dizer que eu sou tão feliz hoje com a minha profissão como eu era quando eu jogava, ia ser mentira, não é verdade (risos). Mas eu sou feliz agora também, eu não sofro, não fico me lamentando “ah, eu podia estar jogando até hoje”. Não podia. Não podia. Não seria feliz, eu estaria sofrendo se eu estivesse jogando hoje. Aquilo foi bom naquela fase da minha vida, naquele período. Agora eu tenho que dar um jeito de ser feliz nessa fase. Eu tenho que viver o presente e tentar ser feliz todo dia, hoje, depois, amanhã. Eu tenho que viver o presente. Eu sempre tive essa dificuldade, eu sempre me joguei muito para o passado e não conseguia planejar o futuro. Eu sou muito agora, eu vivo o presente e agora eu estou muito bem, estou ótima, mas tive momentos difíceis quando eu parei de jogar, mas passou.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar?

V.M. – Eu tentei trabalhar numa escolinha uma vez, mas o vôlei é um esporte muito difícil, principalmente na iniciação. A escolinha é muito complicada e as crianças não têm paciência para aprender a jogar vôlei porque demora a aprender. Demora a aprender a dar um toque, demora para aprender a dar uma manchete. Não é que demora um mês, o que para eles é uma vida, demora um ano. Então depois de um mês a maioria já tinha abandonado e eu percebi que não tinha vocação para isso, eu não ia ter paciência para ficar convencendo as crianças “olha, você tem que perseverar” e aí eu desisti.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

V.M. – Então, eu sou comerciante aqui em Campinas, tenho uma loja de acessórios, bijuterias e bolsas e roupas também e gosto bastante disso. Estou sempre em contato com pessoas, foi uma coisa que de alguma forma, sem ter concluído a faculdade, não ter nível superior é uma das opções que a gente tem. Eu já estou nesse ramo há algum tempo e acho que já aprendi um pouquinho. Comércio é uma coisa complicada, mas eu meti as caras e estou aí. É a vida.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

V.M. – O vôlei foi uma grande paixão, uma conquista minha mesmo. É difícil falar o que significa... Hoje é uma coisa que para eu trazer para o meu presente eu fico focada no Bruno, fico focada na Ana Luísa a minha filha que está começando a jogar. É um esporte muito legal, é uma coisa que eu gosto muito, mas eu não sou doente, fissurada e não é que eu não faça outra coisa, que eu só pense nisso. Eu acho um esporte bonito, acho que é o esporte coletivo mais coletivo que existe. Tem essa coisa da solidariedade, de se ajudar, de estar todo mundo junto e você vê claramente que o time campeão é o time mais unido, mais junto, que é o grupo que dá certo. Então essas coisas eu acho muito bacana no vôlei.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

V.M. –É tudo isso. É viver dentro dessa filosofia de todo mundo se ajudando, de colaboração, de integração, de parceria, de sociabilidade. Eu acho que é isso.

M.T. – Você quer deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou na entrevista?

V.M. – Eu acho que a gente poderia comentar sobre os patrocínios que existem no Brasil, sobre a necessidade de haver uma forma mais eficaz e inteligente de gerir a entrada das empresas no esporte para que os projetos fossem mais sólidos e permanentes. Além disso, falar sobre o futuro das jogadoras, sobre o momento de parar, de pensar nisso. Ter pessoas que possam ajudar a planejar o final da carreira. Porque é muito complicado parar para pensar na pressão, no calor do momento. Se houver um planejamento ajudará muito.

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE I

ENTREVISTA SANDRA LIMA

Data da entrevista: 11/10/2014

Local da entrevista: Padaria Nosso Pão, Teresópolis, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Sandra Maria Lima

E-mail: sandralima1996@yahoo.com.br

Data de nascimento: 07/04/1963

Idade: 51 anos

Estado civil: solteira

Tem filhos: sim (2 filhos)

Grau de escolaridade: 2º grau completo

Tempo dedicado à modalidade: mais de 25 anos

M.T. – Sandra, o que te levou ao voleibol?

S.L.- A minha família toda, os meus irmãos jogavam e o meu pai jogava voleibol, então foi isso que me levou a jogar, os meus irmãos mais velhos. Eu era a mais nova e todos eles saiam pra treinar e nessa eu fui junto. Eles pararam e eu continuei.

M.T. - E você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

S.L.- Na escola eu tinha a prática de todas as atividades, inclusive olimpíadas. Eu jogava todas as modalidades, mas o voleibol pra mim sempre foi o mais interessante, mas eu tive prática dentro da escola sim. Antigamente acontecia muito nas escolas, a gente tinha esse bom hábito de praticar todas as atividades. Hoje em dia já é uma coisa mais específica. Então foi dentro da escola que eu me interessei pelo voleibol.

M.T. – E quando que você começou a jogar e por qual clube?

S.L.- Eu comecei a jogar, assim a pegar, a brincar com a bola, já que eu acompanhava meus irmãos mais velhos e o meu pai, com sete anos. Então, eu ia para o ginásio e ficava brincando com a bola na parede, entendeu? Então, foi ai que eu comecei (risos). Mas, federada mesmo foi com doze anos. Na época, eu sou de Maceió, eu jogava em Maceió. Então foi no Iate Clube Pajussara, que meu pai era como dono desse clube que começou tudo isso. Mas federada mesmo foi no Clube de Regatas Brasil, o CRB de Alagoas que eu comecei a minha carreira mesmo.

M.T. - Com quem você começou a jogar voleibol?

S.L.- Tadinho, né? (risos). O nome dele era Tenente Madalena. Era ele que pegava as crianças, que ensinava. Então ai, o Tenente Madalena era da época do Iate Clube. Depois que eu passei pro CRB quem começou comigo junto foi o Toroca, que hoje em dia é o Valter Laranjeiras, o presidente da CBV.

M.T. - E como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta, Sandra?

S.L.- Era difícil, era muito difícil. A gente tinha que ter ajuda da família, tinha que ter ajuda de todo mundo. O próprio Toroca era uma pessoa, sempre foi uma pessoa que me deu muito incentivo. Ele ajudava a gente em tudo porque ele gosta, ele ama o voleibol. Você vê que ele hoje está ai na frente da CBV. Então era muito difícil, a gente não tinha as facilidades que tem hoje. Eu acho que a gente, essa nossa geração de oitenta foi que realmente deu o pontapé para o que está acontecendo hoje e isso é uma coisa que infelizmente não é reconhecida.

M.T. - Eu gostaria que você descrevesse a sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de você ter decidido parar de jogar.

S.L.- (risos) Vai levar o dia inteiro, meu Deus do céu (risos). Bem, eu comecei em Maceió, aos sete anos e comecei a participar de campeonatos brasileiros a partir dos doze anos. Fui convocada pela primeira vez pra uma seleção brasileira com quinze anos pra participar de seleção juvenil, infantil, porque antigamente era assim: infantil, juvenil, adulto. Agora já tem outra categoria, então eu comecei a ser convocada mesmo morando em Maceió. Eu ficava praticamente meu ano inteiro no Rio, porque a seleção sempre ficava no Rio. Então, eu continuava jogando pelo CRB e sendo convocada para a seleção. Depois que surgiu a Supergasbrás, que foi a minha primeira equipe quando eu saí de Maceió para morar no Rio de Janeiro. Sai de Maceió e comecei a morar no Rio e assim ficou mais fácil com relação ao clube porque eu já estava no Rio. Antigamente, como eu era de Maceió, ficava naquela coisa de acabar a seleção ter que voltar para Maceió para jogar pelo CRB. Então, depois que eu fui para o Rio para jogar na Supergasbrás, as coisas facilitaram em relação a isso e eu fiquei na Supergasbrás durante sete anos, do início ao final. Eu e a Vera fomos as duas únicas que iniciamos e fechamos a Supergasbrás, de 1983 a 1990, na época o Ary Graça era um dos diretores e o Enio Figueiredo era o nosso técnico. Também na época era o técnico da seleção, então assim a gente estava sempre todo mundo junto e isso foi uma coisa assim, para mim, muito gratificante porque eu tinha o meu técnico do clube sendo o mesmo técnico da seleção. Não eram pessoas que a gente encontrava de vez em quando. Então a gente tinha ajuda toda

vez que precisava ainda mais eu, que estava saindo de Maceió para morar no Rio com duas, três garotas, todo mundo ainda de menor. Foi uma coisa complicada eu sair de Maceió e vir morar no Rio. A minha mãe teve que ir, a Supergasbrás pegou minha mãe e levou pra ver onde é que eu ia morar, entendeu? Aí, eu fiquei esse período na Supergasbrás, mas quando acabou teve muita gente desempregada. Foi uma fase muito ruim porque as empresas não queriam investir. Foi um período meio difícil. Aí o Ajuz, que agora trabalha no Comitê Olímpico Brasileiro (COB) conseguiu formar uma equipe que se chamou Armazém das Fábricas e essa equipe foi mais assim pra dar um sustento pra esse pessoal que estava desempregado e, por incrível que pareça, atletas de seleção brasileira. Essa equipe durou apenas um ano. Depois, o Marco Aurélio tentou montar uma equipe para aproveitar as jogadoras, mas não conseguiu porque rolava aquela ideia de que jogadora de seleção ganhava muito dinheiro e as equipes não tinham condições de pagar. Então, teve uma época que a gente foi chamada de descamisadas porque ninguém queria pagar o salário que a gente teria direito, um salário que a gente estava conquistando. E aí surgiu o time da Rioforte, que na época era o Marcão, o Tabache, que hoje em dia é auxiliar do Bernardinho e o Zé Inácio que era nosso preparador físico e que também faz parte da comissão do Bernardinho. Eu fiquei durante vários anos na Rioforte, que também era uma equipe do Rio, então a minha base continuava a mesma porque depois que eu sai de Maceió eu fiquei no Rio de Janeiro praticamente o tempo inteiro e isso pra mim era fácil. Depois que a Rioforte acabou, não teve mais time no Rio e aí eu tive que sair do Rio de Janeiro porque agora só tinha time em Minas ou São Paulo. Antigamente o foco do vôlei era todo no Rio de Janeiro, quando as equipes começaram, né? Lufkin, Supergasbrás, Rioforte, Bradesco. Então, eu tive que ir para São Paulo e aí eu fiquei três anos lá. A minha primeira equipe lá foi o BCN, que na época era no Guarujá e foi o Enio Figueiredo que me levou pra lá, entendeu? Então eu fiquei um ano no BCN do Guarujá e depois o BCN passou pra Osasco. Eu também joguei um ano no Solo Tietê, que o técnico na época era o Cacá Bizocchi, sempre com pessoas que estavam envolvidas com o núcleo do voleibol. Depois, me deixa tentar lembrar porque é difícil... (risos).

M.T. - Mas quando que você começou a jogar na posição de libero?

S.L. - O libero? Aí teve uma parada, eu fiquei fora da seleção porque eu já estava na seleção durante muitos anos e eu precisava descansar porque era aquela coisa: “sai do clube, seleção. Sai da seleção, clube”. Então, eu não tinha férias, eu não tinha nada e quando tinha era assim dez dias que eu ia a Maceió, visitava a minha família correndo no final de semana e já voltava

para a seleção. Mas, o líbero? Então, eu fiquei um período fora da seleção porque eu falei que precisava descansar. Depois, alguns técnicos que entraram na seleção acabaram tendo algum tipo de atrito comigo e eu fiquei fora da seleção. Quando o Bernardo, o Bernardinho, entrou logo depois, não sei quantos anos depois, cerca de dois ou três anos depois que ele já tinha assumido, ele me chamou de volta pra seleção. Eu estava até viajando, estava nos Estados Unidos de férias já que eu finalmente podia ter férias (risos) e aí eu tive que voltar das férias porque ele tinha me convocado. A geração estava totalmente modificada, praticamente todo mundo da minha geração já tinha parado e eu continuava. Apesar de ser jogadora de meio de rede, ele me chamou dessa vez, para fazer a especialização de fundo de quadra porque durante vários campeonatos brasileiros eu sempre fui escolhida a melhor defesa e era difícil uma jogadora de meio ter destaque nesse fundamento. Mas, naquela época a gente tinha que saber fazer tudo, passar, levantar, atacar, apesar de não ser a maioria que fazia tudo, a gente treinava tudo. Enfim, por três anos consecutivo eu fui eleita a melhor defesa, entendeu? Então, ele me chamou porque ele achou que na seleção faltava essa atleta que fizesse o fundo de quadra e eu aceitei. Foi um desafio porque eu já não queria mais voltar pra seleção, achava que o meu ciclo de seleção já havia acabado, mas eu aceitei o desafio. Eu falei “se ele tá acreditando em mim, eu vou”. E foi maravilhoso porque eu pude ajudar com a minha experiência uma nova geração que estava ali começando. Para mim foi muito gratificante, eu tive o total apoio do Bernardo e de toda comissão. Então, eu sentia a confiança que ele tinha em mim e isso fez com que eu desenvolvesse meu trabalho tranquilamente e fiquei só fazendo isso até a Olimpíada de Atlanta, em noventa e seis. Eu fazia a função de fundo de quadra, mas quando ele precisava de jogadora de meio com habilidade, com rapidez, ele me botava nos treinamentos. Quando treinava as meninas para jogar contra a China, Japão, Coréia ele botava a Sandra na rede porque eu possuía características parecidas com as das orientais. Então eu fazia e eu ainda brincava com ele “agora eu tô subindo pra fazer meio, né? Agora eu não sou mais fundo de quadra não, né?” Ele falava: “não, é porque você é parecida com as chinesas e japonesas, então você tem que ficar aí”. E aí até noventa e seis eu só entrava pra fazer o fundo de quadra. E aí, no Grand Prix seguinte, depois da Olimpíada surgiu essa função de líbero. Primeiro surgiu como experiência e depois é que foi aprovada. O Bernardo me chamou e falou “olha, você é a que vai fazer pelo Brasil a experiência de líbero”. Então, eu fui a primeira líbero do Brasil. Depois da experiência ter sido bem sucedida, a Federação Internacional instituiu a função e todos os países começaram a contar com uma líbero nas equipes. Na época só tinha uma e hoje já tem duas, uma especialista em passe e outra especialista em defesa. Mas, geralmente executam bem os dois fundamentos. Na minha época

era uma só e se eu me machucasse ferrou. Eu lembro que no GrandPrix eu tive que jogar machucada, com a perna toda ferrada porque não tinha ninguém, entendeu? Foi o Grand Prix depois da Olimpíada de noventa e seis, que teve a confusão com as cubanas. Em noventa e sete teve a briga de novo contra as cubanas e não sei quantas foram expulsas e a gente ficou com as seis titulares que estavam na equipe, eu como a libero e a Fofão que estava no banco de reservas (risos). Porque as outras...Ana Moser não tinha mais condições porque estava com o joelho muito ruim, então ela treinava, treinava e às vezes jogava um jogo, ou seja, não podia jogar e as outras foram todas suspensas pela Federação Internacional por conta da briga com as cubanas. Então era aquela coisa... Mas, quando essa função foi criada, eu adorei porque eu pude jogar mais tempo. Se eu continuasse jogando pelo meio já teria que ter parado há muito tempo porque a média de altura das jogadoras de meio subiu demais, para mim já estava ficando difícil jogar como atacante. Portanto, pra mim foi ótimo porque eu pude dar continuidade a minha profissão, aquilo que eu gosto e sei fazer de melhor, né? Além disso, eu fui uma atleta que graças a Deus não tive muita lesão, sempre fui uma atleta que me cuidei muito. Mesmo na época de férias, tanto da seleção quanto do clube, eu me cuidava, fazia o dever de casa. Os preparadores da seleção tinham a preocupação que a gente não voltasse muito zerada, então eu sempre fazia como faço até hoje, ou seja, eu parei, mas continuo malhando, continuo correndo. Depois desse Grand Prix, quando eu voltei para o Brasil eu comecei a jogar pelo Vasco, que foi aonde eu encerrei minha carreira. E foi no Vasco que aconteceram vários problemas porque eu não recebi salário, fechei contrato com algumas exclusividades e o Vasco também não cumpriu e eu fui obrigada, infelizmente a tomar uma atitude que eu não queria tomar, eu falei “ou me pagam ou me pagam”. Dei uns três meses para que eles me pagassem as premiações dos torneios e campeonatos que a gente tinha participado e dos salários que estavam em atraso senão eu estaria parando no meio da Superliga, que era em dezembro. Eu sempre falava com o Eurico e ele condicionava à grana que viria da venda do Edmundo. Eu sei que entrava dinheiro e saía dinheiro e a gente continuava sem receber nada, então quando chegou o meu prazo e eles não me pagaram nada, eu realmente encerrei. Além do mais, nessa época do Vasco eu tinha tido o Caio, meu primeiro filho e estava naquela situação de sair para treinar deixando um bebê em casa com a babá, quer dizer estava fazendo um esforço para fazer aquilo que eu gostava. Mas eu também queria ser mãe. Conciliar as duas coisas é muito difícil. É uma coisa muito complicada a gente ser mãe e continuar na carreira que a gente tem, porque o voleibol como eu sempre joguei exige muito da gente, não é uma brincadeira. Então, depois que eu tive o Caio, eu ainda voltei para a seleção para treinar para a Olimpíada, mas terminou que eu não fui. Então, o Vasco não

pagou e eu decidi não deixar o meu filho em casa para trabalhar sem receber. Em dezembro eu tomei a decisão de parar e entrei na justiça. Fui a primeira a entrar na justiça contra o Vasco. As meninas e a própria Isabel, que era a técnica reclamaram demais “pôxa, você não podia ter largado a gente no meio de um campeonato”, mas naquela época, em 2000, a gente já estava começando a ter dois líberos e a Fabi estava lá para me substituir. Foi dali que ela despontou e ficou na seleção por tantos anos. Quanto ao Vasco, eu entrei realmente na justiça, foi difícil de receber, mas eu recebi. Na época era o Flamengo e o Vasco que possuíam equipes muito bem montadas no Rio. O Flamengo até me chamou, mas eu tinha certeza que aconteceria a mesma coisa. No final, os dois times acabaram e foi ali que eu encerrei a minha carreira. Depois todas as jogadoras do Vasco entraram na justiça, mas não sei se receberam. Eu recebi tudo que o Vasco me devia.

M.T. - E Sandra por quais clubes você jogou? Sei que você já falou ao longo da entrevista, mas retoma pra mim quais foram os clubes?

S.L.- Eu comecei pelo Iate Clube Pajussara, depois o CRB de Alagoas, em seguida a Supergasbrás, Armazém das Fábricas, Rioforte, BCN, Solo Tietê e Vasco.

M.T. - E quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da tua carreira?

S.L.- Ah, foram muitas (risos). Em primeiro lugar minha família que se não tivesse do meu lado eu não teria conseguido chegar aonde eu cheguei. Minha mãe, meus pais que me deixaram sair de Maceió tão nova...Então primeiro lugar foram eles e aí acho que todos os técnicos com quem eu joguei, acho que cada um contribuiu para que a Sandra chegasse aonde ela chegou. Tenente Madalena, outro técnico que veio antes do Toroca, lá do CRB. O Reinaldo, depois veio o Toroca que foi muito importante, foi com ele que eu surgi para o cenário brasileiro. O Enio Figueiredo que foi quem me trouxe pro Rio de Janeiro e que também foi uma pessoa super importante. Aí teve o Jorjão, trabalhei com Jorjão, trabalhei com Marco Aurélio, Bernardinho que também pra mim foi excepcional... Eu passei pela mão dos melhores técnicos do Brasil. Cacá Bizocchi, que também trabalhei com ele. Eu acho que graças a Deus eu tive muita sorte de trabalhar com os melhores técnicos. Não tive assim o prazer de trabalhar com o Zé, que foi o único que eu não trabalhei e eu gostaria de ter trabalhado, o Zé Roberto, porque ele era na época até mais do masculino depois que ele começou no feminino e eu praticamente já tava parando. Ele foi a única tristeza que eu tenho

de não ter passado por ele. Mas acho que esses técnicos que eu passei cada um contribuiu um pouquinho para que eu chegasse aonde eu cheguei.

M.T. - Como que foi a participação da família ao longo da tua trajetória?

S.L.- Ah, foi essencial. Acho que a gente quando tem família do lado em qualquer profissão eu acho que é super importante. Minha família sempre, do pai até sobrinhos, irmãos, tios... Eu tive um tio que não está mais aqui, infelizmente faleceu que ele era assim fã número um. Ele e a esposa assistiam aos jogos de vôlei por minha causa. Ela mesma falou “você me deixou viciada”. Até hoje ela continua assistindo os jogos e esse meu tio foi muito importante pra mim porque minha mãe estava com medo de me deixar ir pro Rio e ele disse “ela tem que ir embora daqui, ela não pode ficar em Maceió porque aqui ela não vai evoluir”. Por mais que o Toroca me ajudasse eu precisava estar no Rio, então foi ele que convenceu a minha mãe e meu pai e de lá eu deslanchei. Então eu acho que família pra mim é tudo e foi tudo na minha profissão.

M.T. - E no voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta que você considera importante?

S.L.- Sempre foi nossa luta pra que a gente fosse reconhecida. Como você mesmo falou, na CBV não tem nada da era Nuzman, que foi a minha era. Não tem nada comprovado, não tem histórico, não tem nada. Você chega lá e tudo que você encontra é do Ari, entendeu? Você entra na CBV e tem foto de tudo, mas não tem nenhuma foto da geração de oitenta. Então eu acho que sempre foi a nossa luta. A própria Jackie, a própria Isabel sempre tentando fazer com que as coisas caminhassem de outra forma, com outro reconhecimento. A gente colocou a camisa ao contrário e aquilo foi um protesto porque a gente não era reconhecida, então eu acho que isso aí foi que ficou marcado. O que acontece hoje é produto do nosso trabalho.

M.T. - Você elencou alguns fatos que aconteceram em oitenta pra que a geração tivesse esse destaque e qual desses fatos você considera o mais importante?

S.L.- Eu acho que foi essa virada de camisa eu acho porque essa virada de camisa foi uma coisa que ninguém conseguiu esquecer até hoje, né?

M.T. - Me conta como era antes dessa virada de camisa? Vocês entravam na seleção ficavam na seleção, vestiam o uniforme com patrocínio e não recebiam nada? E a partir daí? O que aconteceu?

S.L.- A partir daí a gente começou a receber alguma coisa. Não era nada assim grandioso que pudesse te sustentar pro resto da vida, mas já era um reconhecimento daquilo que a gente fazia, porque era uma briga e acho que continua até hoje dos clubes com a seleção. Os clubes te contratam e te pagam durante um ano. Você vai pra seleção e eles continuam pagando, então os clubes tentaram dar uma virada nisso “enquanto você estivesse servindo à seleção, a CBV teria que pagar”, só que a CBV nunca fez isso e os clubes continuavam pagando, então a gente servia a seleção, por exemplo, dez meses e dois meses ao clube e o clube pagava o ano inteiro e os clubes sempre foram contra isso, sempre tentaram mudar e nunca conseguiram. Com relação a essa virada de camisa a gente falava “pô, a gente chega à seleção, coloca o uniforme do patrocinador, faz tudo pra CBV e não recebe nada?” Então foi daí que surgiu essa “não, vamos fazer um protesto, vamos começar a virar a camisa e aí vai ter uma foto”. Na época era Olympikus e aí juntava todo mundo e na hora que o cara ia bater a foto ninguém olhava, virava a cabeça. Isso já era uma coisa combinada entre a gente “na hora que bater ninguém olha” e aí a CBV foi começando a ficar irritada com isso porque a gente não fazia o que eles queriam.

M.T. - E isso foi depois da Jackie ter saído?

S.L.- Não, foi quando a Jackie ainda estava. A Jackie saiu exatamente por causa disso porque na realidade foi ela quem encabeçou o negócio, só que no vôlei é uma coisa que acontece, até hoje. Outro dia teve o encontro nacional do vôlei e foi muito legal, estavam as mais antigas porque as mais novas ninguém foi só a Fernanda que apareceu então só a gente continua né? Eu acho que tinha que ser mais unida. Mas naquela época quando a Jackie propôs a virada só metade concordou e eu acho assim “vamos fechar, vamos fechar” e naquela época umas fecharam com a Jackie e outras não fecharam com a Jackie, você tá entendendo? Então tinha sempre essa desunião e por isso que ela terminou, acabou sendo desligada porque foi ela quem encabeçou o negócio. Felizmente, ela encabeçou uma coisa que deu certo porque foi a partir dali que começou a ter uma valorização. Pouca, mas teve.

M.T. - Qual episódio ou quais episódios marcaram a sua carreira na década de oitenta?

S.L.- Não tem o episódio, acho que durante toda a minha carreira, acho que todo ano acontecia sempre alguma coisa muito importante pra mim. Ser eleita melhor isso, ser eleita melhor aquilo. Claro, minha primeira Olimpíada isso aí ninguém esquece uma atleta que foi convocada pra Olimpíada não vai esquecer. Minha primeira foi Los Angeles, em 1984, um episódio bem marcante. Mas assim eu acho que na minha carreira eu posso dizer que todo ano

aconteciam coisas marcantes porque graças a Deus eu tive uma carreira vitoriosa. Pode não ter sido vitoriosa assim “ah, não ganhou medalha de ouro na Olimpíada”, mas teve o Campeonato Sul-Americano que a gente não ganhava do Peru há muitos anos, eu estava lá. Eu era novinha naquela época ali, eu era reserva, era outra geração que estava ali, mas eu já estava entrando naquela geração. Eu peguei a geração de Célia, imagina? Heloísa, Fernanda Emerick, Eliana Aleixo, então eu peguei essa geração, então essas aí foram coisas que realmente marcaram.

M.T. - E quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta?

S.L.- A dificuldade era total. Claro que a gente começou a ter os incentivos dos clubes, das empresas que foi aonde tudo começou a melhorar, mas a gente tinha muita dificuldade até mesmo com a própria CBV porque tudo era masculino. O feminino era o que sobrava e isso era uma coisa que a gente reclamava muito. Tudo bem que o masculino conseguia resultados expressivos, tudo isso, mas a gente treinava, a gente procurava melhorar, a gente corria atrás da mesma maneira que eles só que lá do outro lado tinha uma Cuba, tinha um Peru que todo mundo sabe como era, tinha China, Estados Unidos. Naquela época essas seleções eram fortíssimas. Então a gente sempre lutou, mas treinava igual a eles. Então era essa dificuldade que a gente sempre teve. Não estou dizendo nas empresas, nos clubes porque eles começaram a investir na gente, mas com relação à CBV. O feminino sempre esteve atrás e era uma coisa que a gente sempre tentava buscar, uma igualdade com o masculino.

M.T. - O que o voleibol trouxe de positivo pra tua vida Sandra?

S.L.- Ah, trouxe tudo. Eu acho que é o que eu sempre tento passar para as minhas crianças: disciplina, humildade, respeito, educação. Eu acho que o voleibol trouxe tudo isso e é o que eu tento passar pros meu filhos também: responsabilidade. Eu falo pra eles “vocês têm que ter compromisso”, se vocês assumiram um compromisso vocês têm que cumprir. Respeitar horários é fundamental e o meu filho mais velho reclama “pô, mãe vou te contar, você não deixa chegar um minuto atrasado”. Não deixo mesmo, a vida da sua mãe sempre foi assim e eu quero que vocês sejam assim “se vocês assumiram um compromisso no horário, vocês têm que ter a responsabilidade de estar lá no horário”. O voleibol me deixou isso e eu acho que o esporte quando é bem direcionado, te leva a ser alguém lá na frente.

M.T. - O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira?

S.L.- Ah, qual é a atleta que não quer ser jogadora da seleção brasileira? Desde que eu comecei a jogar que eu botei na minha cabeça que seria jogadora de vôlei e almejava chegar à seleção brasileira. Eu sempre fui muito determinada, eu sempre fui muito disciplinada, graças a Deus meus pais me educaram dessa maneira e todos os meus irmãos são da mesma forma “com dedicação, com disciplina, com responsabilidade”. Então, ser jogadora de seleção brasileira para mim era tudo, tudo.

M.T. - E como jogadora de seleção brasileira o que você almejava?

S.L.- Almejava ir pra uma Olimpíada, que é a primeira coisa que a gente foca quando chega a uma seleção brasileira. Desde pequena eu falava, “mãe, eu vou ser da seleção brasileira” e quando eu fui convocada eu falei “não disse que eu ia para a seleção brasileira?”. Minha mãe dizia “você não tem jeito”. Eu sou assim, quando eu quero alguma coisa, quando eu falo que eu vou conseguir eu vou conseguir.

M.T. - Você acabou indo pra quantas Olimpíadas?

S.L.- Eu fui pra três Olimpíadas. Eu acho que para uma jogadora a primeira coisa do vôlei é ir pra uma Olimpíada, que é a copa do mundo do vôlei. Existem outros torneios como Panamericano, Sul Americano e Mundial, mas a Olimpíada é a copa do mundo, então uma atleta olímpica é uma atleta olímpica, ainda mais com medalha. Infelizmente a gente mora num país que não dá muita importância a isso, mas algumas pessoas sabem reconhecer. Outras, infelizmente, não dão valor a isso.

M.T. - O que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

S.L.- Ah, uma realização, ainda mais que eu participei de três. Se eu fosse pra Sidney eu seria a primeira mulher a participar de quatro Olimpíadas, mas infelizmente esse foi um sonho que eu não consegui realizar. Nem por isso me senti derrotada, de jeito nenhum. Eu tentei, mas não deu. Tinha acabado de ter filho, aquela coisa toda, mas foi uma realização.

M.T. - Mas foi a primeira libero, não é Sandra?

S.L.- É fui a primeira libero, exatamente. Então é o que eu falo a você algumas coisas não aconteceram da maneira que eu queria, mas eu acho que eu tenho mais coisas positivas que negativas na minha carreira.

M.T. - E como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal?

S.L.- (risos) Foi difícil, muito difícil porque é o que eu falo “quem quer chegar aonde eu cheguei, onde todas nós conseguimos chegar a gente abre mão de muita coisa, a gente abre mão praticamente de tudo”. Por isso que eu fui ter meu filho muito tarde, exatamente pra que eu pudesse me dedicar a minha profissão que sempre foi prioridade para mim. É difícil você conciliar sua vida profissional com sua a sua vida pessoal. Hoje em dia, eu trabalhando direto com dois filhos, eu passo o dia inteiro dando treino aqui, dando treino ali, cada hora num lugar e é difícil, é complicado. Então a gente tem que saber realmente conciliar, tem que se esforçar porque senão não consegue porque é muito difícil. Mas como a minha vida inteira foi voleibol, então eu graças a Deus consigo conciliar essas duas coisas, mas é complicado.

M.T. - Como que você percebia o olhar do outro sobre o seu corpo atlético?

S.L.- Olha (risos) posso dizer sinceramente? Era uma coisa que eu não me preocupava porque eu sempre fui uma jogadora que quando eu entrava na quadra eu entrava focada. Tem muitas atletas que se arrumam se enfeitam e eu compreendo porque somos femininas, mas no meu caso eu ia para o ginásio focada e nem prestava atenção em quem estava assistindo, quem estava na arquibancada, quem tinha chegado. Talvez por isso as pessoas falassem “a Sandra joga pra equipe, ela não joga pra aparecer”. Porque tinham algumas jogadoras que precisavam atacar, a bola tinha que ser para ela. Por mim, eu podia passar na rede sem receber bola, porque jogadora de meio você sabe como é... Eu me preocupava em passar direito e se não recebesse bola, nem por isso deixava de fazer as outras funções que eu teria de fazer dentro da quadra. Então foi uma coisa que eu nunca me preocupei. Claro que eu sabia que tinha um corpo legal, que todo mundo falava, mas não era uma coisa que me preocupava porque quando eu entrava na quadra eu entrava focada no meu jogo.

M.T. - Como era a rotina de treinamentos na seleção? Eu queria que você me falasse um pouco de lesão, superação, disciplina?

S.L.- Como eu falei no início, eu nunca graças a Deus tive contusão nenhuma que me deixasse afastada durante muito tempo, mas você precisa se cuidar porque senão as lesões acontecem. Eu me lembro da Leila, da Ana Flávia, da Ana Moser com o joelho. Nossa eu sofria junto com ela, chorava junto com ela porque era muita dor, muito sacrifício. Várias vezes eu joguei com dor, mas pouca. Até mesmo quando eu comecei a fazer a função de libero, muito tempo com a lombar flexionada é uma coisa que eu sinto até hoje não tem jeito porque fica muito tempo flexionada. Quando eu atacava o joelho doía, o ombro também porque é muito salto ainda mais jogadora de meio que pula, pula, pula. Era muita sobrecarga,

a gente tem que saber conciliar. Várias vezes entrei na quadra com dor, várias vezes tive que tomar Voltarem pra poder voltar e com quase todo mundo é assim, mas acho que eu ainda fui uma das poucas que jogava com pouca dor. A Ana Moser só entrava na quadra com injeção de Voltarem, senão ela não conseguia jogar. Então é realmente muito sacrifício, mas é o que te falei sempre gostei e eu acho que o sacrifício que eu fiz valeu a pena.

M.T. - Havia diferença entre o voleibol masculino e o voleibol feminino na década de oitenta? Caos afirmativo quais as diferenças você destacaria?

S.L.- Foi o que eu já te falei, sempre teve essa preferência pelo masculino até mesmo pelo masculino ter conseguido esses resultados e a gente não. Eu acho que foi até uma injustiça com a nossa geração. É claro que a gente conquistou muita coisa e melhoramos com o Enio de uma Olimpíada para outra. Aquele jogo com os Estados Unidos... Mas era aquela coisa “tá vendo, é o feminino, se fosse o masculino teria ganhado”. Sempre tinha essa comparação e eu acho que foi uma geração que treinou tanto, batalhou tanto, lutou tanto e que infelizmente não conseguiu nenhum resultado. Não porque o trabalho era errado, não o trabalho não era errado, o trabalho era certo, era dentro do que tinha condições da gente trabalhar. O negócio é que sempre teve essa diferença entre masculino e feminino. Mas é justo a CBV ter preferência pelo masculino por conta de resultados? Agora eu acredito que não tenha mais essa coisa porque primeiro tem dois técnicos que estão à frente: o Bernardinho no masculino e o Zé Roberto no feminino. Antes a figura dos técnicos não era tão forte assim. Por isso que a nossa geração é importante, porque ela abriu as portas, os caminhos para a consagração do voleibol e a conquista de medalhas. Eu participei das Olimpíadas de 1984, 1988 e 1996 e presenciei a diferença. As meninas de hoje podem até negar, mas fomos nós que abrimos as portas, conquistamos espaço para que elas chegassem lá. “Elas estão colhendo o que nós plantamos”. Infelizmente, a vida é assim, uns plantam, outros colhem. A gente não teve a sorte de colher, eu até tive, porque conquistei uma medalha olímpica, né? (risos). Por isso que eu digo que eu não tenho o que reclamar da minha carreira, da minha profissão enquanto eu estive presente.

M.T. - O que representou o voleibol na década de oitenta na tua percepção em nível nacional e internacional?

S.L.- Eu sempre friso essa abertura tanto nacional, com a entrada das empresas que começaram a investir, acreditando no voleibol e hoje ele é o segundo esporte do país. O voleibol se organizou e hoje em dia não deixa a desejar porque conquistou seu espaço.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes?

S.L.- Eu acho que tudo ((risos)). De repente não vão concordar, mas eu acho que a geração dos anos oitenta deu o pontapé inicial e elas estão dando continuidade naquilo que a gente deixou. Então eu acho que deixou tudo. O fato das empresas terem entrado, o incentivo que nós recebemos como eu te falei “o Toroca me dava tênis para treinar”. Hoje em dia você recebe material esportivo e é tanto que você pode até distribuir. Então, a entrada das empresas e o amor das pessoas pelo voleibol foram tudo. A gente deixou a cama pronta pra elas.

M.T. - Quando você parou de jogar em qual clube e por qual motivo Sandra?

S.L.- Eu parei de jogar em dois mil pelo Vasco e parei porque no Rio não tinha mais equipes, ou era o Vasco ou era o Flamengo e pra eu continuar jogando eu teria que sair do Rio de Janeiro e como eu tava com bebê de meses em casa eu botei na minha cabeça que era a hora de eu parar. Achei que já tinha dado tudo que podia para o voleibol brasileiro. De repente poderia continuar mais um pouco, mas eu acho que o que eu tinha que dar eu já tinha dado então por isso eu resolvi parar.

M.T. - E como foi a decisão de parar de jogar?

S.L.- Foi difícil, mas eu parei com quarenta anos e por eu ter parado tão tarde foi depois que eu coloquei na cabeça “eu vou querer jogar até aonde der”. Eu vou ter filho mais tarde pra poder ter dedicação pra poder viajar com tranquilidade sem ter que me preocupar, porque adulto a gente se vira, mas com bebê, com uma criança em casa já fica mais difícil. Tem algumas coisas que me marcaram como o caso da Virna que quando teve o Vitor, o primeiro filho dela a gente passou cinquenta dias fora do Brasil e numa dessas viagens nossas quando a gente voltou o filho dela estava com o marido esperando no aeroporto e ela chorava a viagem inteira com saudades e quando ela chegou ao aeroporto o menino simplesmente tipo não reconheceu não queria ir pra ela e ela chorava mais do que nunca. Aquilo foi uma coisa que me marcou e eu falei “não quero isso pra mim”. Então, eu acho que parei na hora certa, por um bom motivo. Claro que tenho saudade, aquela vontade, mas não me arrependo. Tenho saudade porque eu joguei minha vida inteira e tenho a sensação de dever cumprido.

M.T. - E como que foi a transição a partir do momento que você decidiu até efetivamente parar de jogar?

S.L.- Não, eu não vinha pensando não, eu acho que tudo aconteceu porque Deus foi muito bom comigo. As coisas aconteceram assim, eu não planejei. O Caio nasceu e ficava em casa

com a babá, numa estrutura muito boa e eu saía para trabalhar tranquila, mas calhou com o problema do Vasco e a falta de times no Rio. Essa conjunção de fatores me desanimou. Eu nunca anunciei. Como não teve time no ano seguinte no Rio eu perdi o interesse e parei. Não teve nenhuma preparação e eu nem sofri tanto porque me dediquei ao papel de mãe. Acabou um ciclo e começou outro.

M.T. - E você sente saudades da época em que jogava?

S.L.- Sinto. Não vou dizer que não sinto porque eu estaria mentindo. Sinto mas tem a sensação do dever cumprido e eu joguei até onde deu. Eu até poderia ter jogado mais dois ou três anos, mas seria difícil porque o líbero precisa de velocidade, agilidade e eu ainda tinha, mas será que teria por muito mais tempo? Eu sinto saudade sim, mas é uma saudade boa. Hoje, de vez em quando eu assisto, mas não fico na frente da televisão “hoje tem jogo de vôlei”. Eu não tenho essa.

M.T. - E o que mudou na tua vida depois de você ter parado de jogar?

S.L.- É outra vida, né? É outra vida. Depois que eu parei de jogar eu comecei outra fase na minha vida que foi ser mãe, então eu me envolvi naquilo de ser mãe e eu não senti assim muita perda porque logo me envolvi com outra coisa também prazerosa. A rotina de jogadora de vôlei é uma rotina difícil é uma rotina que a gente abre mão de tudo, é aniversário, é final de ano, às vezes a gente não tem carnaval porque a gente tem só dois dias, nos outros dias estamos dentro do ginásio treinando. Então a diferença é essa, que você pode curtir essas coisas que você não conseguia curtir, eu posso ir pras coisas que antigamente eu não podia. Eu tinha que dormir cedo porque tinha treino no dia seguinte. Hoje eu posso dormir tarde. Essa mudança na rotina é forte. Um atleta de voleibol de alto nível precisa se dedicar muito tem que abrir mão de muita coisa.

M.T. - Em qual momento da sua vida você foi mais feliz enquanto jogava ou depois de ter parado de jogar?

S.L.- Eu fui feliz nos dois momentos. Enquanto eu joguei fui muito feliz e agora que estou nessa outra fase da minha vida eu também sou muito feliz porque eu tenho meus filhos ai perfeitos e eu gosto de ser mãe, eu sou uma super mãe. São fases diferentes e eu fui e sou feliz nas duas fases.

M.T. - E você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de ter parado de jogar?

S.L.- Estou trabalhando agora. Eu fiquei um tempo sem fazer nada só cuidando realmente das crianças porque depois do Caio, após três anos veio o Patrick e se eu ainda tinha alguma intenção de voltar a jogar quando eu engravidei do Patrick eu falei “agora é que eu não tenho mesmo” (risos). Então, eu fiquei um tempo parada me dedicando mesmo aos meninos. Depois que o Patrick cresceu já mais um pouquinho foi quando eu sai do Rio e vim morar aqui em Teresópolis. Quando eu cheguei aqui em Teresópolis o Patrick tinha dois anos e ele está com onze anos agora, então quando ele cresceu um pouquinho eu falei “bem, acho que agora é hora de eu começar a investir no que eu gosto de fazer que é trabalhar com crianças”. Eu estou como treinadora da equipe de másteres lá em Saquarema porque me pediram, mas o meu foco são as crianças. Então eu tenho ai escolas que eu dou aula, em duas escolas particulares de Teresópolis e tem um projeto social também , que são dois núcleos: um núcleo com a idade de quinze a dezoito anos e o outro núcleo com a idade de oito a quatorze anos. Então é nisso que eu tô trabalhando.

M.T. - E o que o voleibol significa pra você Sandra?

S.L.- Olha se eu cheguei aonde eu cheguei e se eu sou quem eu sou eu devo muito ao voleibol porque ele me ensinou tudo, a disciplina, a minha vida... Eu comecei jogando aos sete anos, então tudo que eu conquistei como eu sou a pessoa que eu sou, eu aprendi tudo dentro do voleibol e isso eu tenho que passar pra todo mundo, pros meus alunos, pros meus filhos, pros meus amigos. A humildade, a disciplina, a responsabilidade, o compromisso. Claro que a minha família me educou dessa maneira porque eu sei que a minha família educou todos os meus irmãos desse jeito e é uma família que funciona dessa maneira, todo mundo com respeito, todo mundo gostando muito um do outro, ajudando sempre um ao outro porque eu acho que a gente está nesse mundo pra isso. A gente não vai ajudar querendo nada em troca, se tiver que ajudar é na hora. Então eu acho que o voleibol junto com a minha família me levou pra esse lado. Se eu consegui ser vitoriosa na minha carreira e ser vitoriosa na minha vida particular é porque eu devo a minha família e ao voleibol.

M.T. - Qual o principal legado que ele deixou pra tua vida?

S.L.- Ser a pessoa que eu sou, que respeita as pessoas. Eu posso dizer que o voleibol me deixou tudo, posso dizer que a Sandra que eu sou hoje em dia eu devo ao voleibol.

M.T. - E pra encerrar Sandra eu gostaria de saber se você gostaria de deixar algum comentário sobre o assunto abordado nessa entrevista?

S.L.- Foi uma entrevista maravilhosa porque faz você reviver a sua vida inteira e deixar para as pessoas porque eu tenho certeza que várias pessoas vão ler, quem foi essa geração dos anos oitenta e dizer que você está de parabéns pela sua entrevista ((risos)).

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE J

ENTREVISTA JACQUELINE SILVA

Data da entrevista: 17/10/2014

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Gávea, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Jacqueline Louise Cruz Silva

E-mail: jackievolley@gmail.com

Data de nascimento: 13/02/1962

Idade: 52 anos

Estado civil: solteira

Tem filhos: não

Grau de escolaridade: superior (Empresária)

Tempo dedicado à modalidade: 34 anos

M.T. – Jacqueline, o que te levou ao voleibol?

J.S. – Olha, eu frequentava a praia durante os finais de semana com meus pais e nós íamos à praia de Copacabana. O meu pai gostava muito de jogar vôlei e a minha mãe também. Eu brincava com as crianças e a brincadeira era jogar voleibol.

M.T. – E você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

J.S. – Não, que eu me lembre, não. Inclusive, eu adorava jogar voleibol. Eu jogava direitinho, desde pequenininha (risos).

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

J.S. – Na realidade eu comecei na escola, no Colégio Notre Dame e depois eu fui para o Flamengo e em clube mesmo eu só estive no Flamengo, desde 1972.

M.T. – Com quem você começou a jogar voleibol?

J.S. – Enio Figueiredo que depois foi técnico da seleção brasileira, da seleção carioca. Foi uma pessoa que também trabalhou muito para o crescimento do esporte.

M.T. – E como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta, Jackie?

J.S. – O que eu vejo nessa época é que eu era muito jovem, muito garota. Então, o esporte era praticamente um esporte mesmo, não era como hoje, a máquina que tem por trás, com toda a profissionalização. Então, a gente seguia aquelas coisas básicas: entrava na escolinha, no

mirim, depois ia para o infantil, o infante, sem maiores pretensões a não ser de vencer o campeonato. Então, a ideia que eu tenho era sempre de um grupo muito unido, de uma equipe que cresceu junta dentro do mesmo clube, de pessoas com um afeto muito grande, uma coisa de camisa, de bandeira muito forte. Não tinham outras questões como tem hoje, materiais, de dinheiro.

M.T. – Descreva sua trajetória esportiva. Desde o momento que você começou a jogar até o momento de parar.

J.S. – Aff! Eu comecei a jogar voleibol na praia de Copacabana. Eu estudava no Colégio Notre Dame que, por coincidência, o Enio Figueiredo, esse que nos levou para o clube e depois para a seleção, também era o técnico da escola. Por coincidência também, nessa escola estudavam outras jogadoras, inclusive a Isabel. De lá eu fui chamada junto com outras jogadoras para formar uma equipe dentro do Flamengo e no Flamengo começamos a trabalhar desde o mirim até eu chegar como jogadora adulta. Sendo jogadora do Flamengo eu fui convocada para a seleção carioca e seleção brasileira. Em determinado momento fui jogar na Itália, por dois anos. Antes de ir para a praia eu joguei duas Olimpíadas, Moscou e Los Angeles. Passei pela primeira equipe de empresa que foi criada, a Supergasbrás. Depois disso eu passei pela Recra, de Ribeirão Preto, com Fernanda Venturini. Foi dali que surgiu Fernanda Venturini, nessa equipe. Em 1985, 1986 eu fui para os Estados Unidos para começar a jogar voleibol de praia, em 1996 eu fui campeã olímpica de voleibol de praia, nossa é muita coisa (risos). Fui campeã panamericana, em 1979, acho que em Porto Rico, não vou conseguir lembrar de tudo... Aí depois de 1996, teve Atleta do ano em 1997, no Brasil. Depois teve o Hall da Fama, que eu não lembro quando foi. Depois teve o prêmio de Embaixadora da UNESCO, em 2008 e o resto eu não lembro (risos).

M.T. – E por quais clubes você jogou?

J.S. – Além do Flamengo teve a Supergasbrás, a Recra, de Ribeirão Preto. Joguei por um time da Itália chamado ChiviChivi, em Modena. Acho que a Rio Forte. Depois da praia eu joguei na Atlantictur, um time fortíssimo, cheio de dinheiro, mas que também não resistiu.

M.T. – E quais pessoas foram importantes para a consolidação da sua carreira?

J.S. –Tiveram fases. O Enio Figueiredo, com quem eu comecei a jogar e depois foi técnico da seleção, então teve uma história muito grande com ele. Mas, tiveram altos e baixos, coisas boas e coisas ruins, sabe? Mas, sem dúvida alguma, ele foi uma pessoa muito importante

nessa passagem. Teve o Ramon, que era o auxiliar dele, que também foi um cara que ajudou muito, já que ele pegava as categorias de base. É que eu era mirim, mas jogava no adulto. Então, ele foi um técnico que chamou muita atenção. Depois o que mais me marcou mesmo foi o último técnico, nos Estados Unidos, que me ajudou a conquistar a medalha olímpica, Net Zarth.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta você considera importantes?

J.S. – Toda aquela geração foi muito importante, tanto dos homens quanto das mulheres, até porque ali existia uma transição. Era um esporte amador, todos nós começamos como atletas amadores e no decorrer da nossa vivência, que não era nem carreira, porque não tinha carreira, começou a mudança do amadorismo para o profissionalismo, com a entrada dos clubes-empresa. Então, isso foi um fato muito marcante para a nossa geração. Além disso, o Nuzman quis imprimir uma marca, uma administração. Como o voleibol era o negócio que ele sabia fazer, teve um desenvolvimento muito grande. Então, foi um esporte que teve um desenvolvimento muito grande naquele período: primeira equipe a participar de uma Olimpíada, primeira equipe a entrar em Cuba, o nível de campeonatos internacionais, o início dos intercâmbios. Foi a semente de tudo que acontece hoje. Apesar de antes da gente, o Brasil ter tido outros grandes atletas, foi a partir daquelas conquistas que a gente começou a ver que o voleibol do Brasil estava no caminho certo.

M.T. – Quando você fala da transição do amadorismo para o profissionalismo, como você avalia a sua participação nesse processo?

J.S. – Olha, como era uma transição, os atletas não tinham muita informação. Não foi uma coisa que estava explicada. Foi acontecendo aos poucos, as pessoas iam descobrindo, “eram algumas coisas dentro da lei, outras fora da lei, era contra, a favor, enfim, não tinha...”. Então, algumas coisas precisaram ser conquistadas na batalha mesmo. E nesse percurso, o meu papel, ainda que eu não tivesse feito nada com aquela intenção, foi muito marcante. Dentro da parte interna do voleibol feminino havia um questionamento muito grande de como aquilo funcionava, já que parecia que tinha um lado sendo mais beneficiado do que o outro. E como isso não chegava na gente existia sempre essa questão. E talvez eu tenha sido a pessoa que tenha questionado mais “se tinha para um lado por que não existia para o outro”. Que tipo de posicionamento a gente estava tomando. Isso causou muita confusão, houve um desgaste muito grande da minha pessoa, até porque naquela época existia um comando muito austero.

Mas, eu sei que desse episódio para o futuro, para os que vieram depois disso as portas estavam super abertas. Eu estou falando isso porque outro dia eu escutei uma entrevista de pessoas que vieram depois dizendo que pô, aquilo ali foi...

M.T. – Mas, você não tem consciência da sua participação, do seu posicionamento?

J.S. – Eu tenho consciência, mas eu não usufruí dela, entendeu? A consciência eu tenho. Mas, na época da confusão mesmo você vai entrando, vai entrando, vai entrando e depois não tem mais volta, entendeu? Então, eu fui questionando, questionando, questionando e a direção era bem rígida e então era assim: “corta, elimina” e todo mundo vai ficando como está e ela vai ser eliminada. Todo mundo acha que eu não vejo. É lógico que eu vejo. É que graças a Deus eu consegui ver uma coisa melhor, porque a minha situação ficou muito ruim, entendeu? Muito ruim mesmo. É porque eu consegui fazer do limão a limonada. Talvez se não tivesse acontecido aquilo, eu não tivesse chegado aos Estados Unidos e não tivesse me transformado na campeã olímpica. Por isso hoje para mim é mole falar: “eu fui seguir a vida e graças a Deus as coisas deram certo”. Mas, da maneira que aconteceu era para ter acabado mesmo.

M.T. – No voleibol quais os principais fatos ocorridos na década de 1980, que você considera importantes?

J.S. – Teve a medalha de prata do masculino, nas Olimpíadas de 1984, que foi muito importante. Por parte do feminino, tinha uma imagem muito especial daquela equipe feminina. Ainda não existia um esporte coletivo feminino carismático e aquele grupo trouxe uma imagem diferente. E eu acho que aquilo foi uma coisa legal. Até então era só futebol, muito futebol (risos). E de repente veio essa imagem e trouxe toda uma coisa... Como era muito futebol e aquele tipo do jogador de futebol, de repente teve uma imagem de meninas, de meninas mães, de meninas que faziam filmes, que era a Vera Mossa, de meninas que andavam pelo Posto Nove, que tinham opinião. Eram pessoas, também atletas. Existia uma forma de pensar. Tinha um pensamento aquela história ali. Isso era muito importante. Então a medalha de prata dos meninos trouxe muito sucesso para o voleibol. Foi um sucesso muito grande. Nossas histórias vinham mais por outros lados. A gente tinha algumas conquistas, mas nada assim... Teve o Mundialito, mas foi uma coisa isolada. Foi bom pra caramba, mas “a gente “cagava” muito”. Deu uma levantada e logo depois veio o mundial e “a gente se ferrou” (risos), a gente meio que “cagava” na hora de decidir. Faltava muita psicologia, O nosso treinador, o Enio era muito despreparado. Era muito amador, as circunstâncias eram totalmente amadoras. Tinha boas atletas, mas ao mesmo tempo “uma tinha filho, a outra

estava separando do marido. Era uma confusão...”. E o Enio também não era das melhores pessoas (risos) para comandar aquela zona, entendeu? Sabe quando a pessoa não consegue, “ele puxava errado, soltava errado”. Não era culpa dele, ele simplesmente não sabia. Ele me repreendeu várias vezes, ele me cortou uma cacetada de vezes e nada adiantava porque só provocava raiva. Então ele não era o cara mais indicado (risos) e tinha nas mãos pessoas fortes, não era qualquer coisa que ele falava que as pessoas iriam aceitar, rolava o maior tititi. Mas, isso talvez tenha sido a coisa que mais chamou a atenção daquela geração. Hoje, tem esse time que é bicampeão olímpico, que teve muito mais resultados que o nosso e que você não conhece as pessoas desse grupo. Você não consegue saber quem são as pessoas, o que pensam, que tipo de ideias possuem. Ninguém fala nada, entendeu? Parece um pouco o Brasil. O Brasil é um pouco isso. Falta as pessoas se colocarem mais, serem mais expressivas. Parece que todo mundo tem medo de alguma situação, medo de perder o emprego, medo de perder o patrocínio, eu não sei exatamente o que é. Mas, falta articular, saber falar. Eu penso muito nisso e não acontece só no voleibol, mas em todos os esportes.

M.T. – Qual episódio marcou a sua carreira na década de oitenta?

J.S. – Ah, deve ter sido esse do corte, da virada de camisa, com certeza.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou na década de oitenta?

J.S. – Dentro da minha vontade de ser uma boa jogadora, de querer ser uma campeã olímpica, apesar de saber que ser campeã olímpica ali ia custar muito. Eu queria sair de casa, alugar meu apartamento... Você olhava para aquela situação ali e falava “como é que a gente vai sair desse mato aqui?” (risos). Mas, isso não era uma coisa que me tirava o sono. Na época todas nós tínhamos uma situação financeira, porque quem não tinha não estaria ali. Sempre tinha um pai ou uma mãe dando apoio, com certeza. Mas, aos poucos, mesmo ainda não sendo profissional, aconteciam algumas coisas que faziam a gente acreditar que a situação ia mudar. A diferença que eu sinto é que as coisas eram mais naturais. ‘Tinha um papo que rolava dentro do nosso grupo: “você fica jogando vôlei, jogando vôlei, jogando vôlei e aí de repente você já está dez anos jogando vôlei e naturalmente você para de estudar, porque não tem como”. Você pergunta “e aí?”. Mas não era uma coisa que tirava o nosso sono, entendeu? Como as coisas davam muito certo de uma certa maneira, éramos vencedoras dentro do nosso mundinho, não era o mundo internacional, parecia que as coisas fluíram bem e acabou que fluiu mesmo. Daquela geração dos anos oitenta, quem tinha que vingar mesmo, quem botou

fê, vingou. Fecharam contrato com a Itália, aconteceram. Quem não foi é que não tinha que ter ido mesmo.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida?

J.S. – Ah, tudo. A base. Eu vejo o voleibol como uma coisa muito sólida, concreta e que me posiciona até hoje. Tem atleta que fez vinte anos de carreira de voleibol, a Lica, depois se tornou atriz, né? A Dora também. O esporte deu base para que essas pessoas chegassem a outro lugar, porque teve muita disciplina, muito foco, principalmente essas que trocaram de emprego. Quando você deixa de ser atleta você vai se tornar outra coisa. É uma hora difícil, mas é uma hora que chega. Eu acho que eu briguei pouco por isso porque eu, mesmo jogando, eu montei uma escolinha de vôlei. Eu sempre gostei de ensinar, sempre estive envolvida com o esporte fora da quadra, então, essa transição para mim foi uma coisa muito natural. Mas é muito dolorido porque você não aprende e eles não te ensinam o que fazer depois, isso era uma coisa que devia fazer parte do currículo. Eles só ensinam o cara a ficar ali batendo bola e deviam preparar a cabeça do cara também.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

J.S. – Dos três? Tiveram sensações diferentes. O primeiro, em 1980, parecia que Olimpíada era uma coisa tão longe, mas tão longe... A televisão com aquela corzinha meio desbotada e o ursinho (Ursinho Micha, mascote da Olimpíada de Moscou) ali. Aquilo ali, só de estar lá, não precisava nem fazer nada e foi mais ou menos isso que nós fizemos lá também. (muitos risos) Só de ir e “ficar de kikiki, kákáká” já estava de bom tamanho (risos). Aí, em 1984, já botaram na nossa cabeça que aquilo era possível, já teve todo um “approach” diferente. Mas, pecou naquela falta de psicologia que eu te falei. Tivemos até a oportunidade, só faltou a gente acreditar porque foi provado que a gente podia. Ficamos em São José dos Campos um tempão, era tudo meio desnecessário “aff”, era tudo muito mais ligado no sofrimento, sacou? Você tem ideia do que é ficar quatro meses em São José dos Campos, num lugar sem atrativos, acho que não tinha nem piscina, eu acho, não me lembro de nada, cara. O quarto horrível, deprimente, tudo em cimento. Não, nada a falar, sabe? Mas, você está chuva é para se molhar. Então, você passa o tempo todo querendo fugir de uma situação. Em vez de estar com a cabeça querendo ir para um lugar, você ia para o outro e não fazia sentido. E não tinha uma preparação psicológica e quando chega o momento em que todo o sacrifício era para justificar a vitória, parecia que não tinha objetivo. Então a gente começou super bem, metemos dois sets a zero e “vamos, vamos, vamos”, mas chegou a hora do teste “é isso

mesmo que vocês querem?”. Dois sets a um. Novamente: “é isso mesmo que vocês querem, têm certeza?”. Dois sets a dois e como não teve preparação para segurar a vitória, a gente acabou perdendo. A cabeça não foi trabalhada para segurar o rojão. O coletivo é muito mais difícil (risos), juntar as peças todas. Essa equipe pecava muito, tinha muitos grupinhos. Eu posso falar que eu sabia quem era o meu grupinho e sabia quem não era meu grupinho. Nessa hora ou todo mundo se junta e vai embora ou já era. Mas aí vem à tona todo aquele processo de São José dos Campos, quatro meses, estrutura ruim e cada uma tendo que fazer por si ou pelo seu grupo. “Ah, só tem um voo pra ir pro Rio de Janeiro, quem chegar primeiro no avião é que vai pro Rio, o restante vai ter que esperar o próximo”. Aí, era um puxa tapete daqui e dali... Pergunta quem eram as duas que já estavam lá no aeroporto para ir no primeiro avião? (muitos risos). “Quando falavam já estavam as duas lá, eu e Isabel...” (risos). Aí falavam “tão se dando bem, hein? Tão se dando bem”. Tinham umas concorrências grandes dentro do grupo. Então, na hora do vamos ver, que precisou da união, da força, faltou. Com o passar do tempo, essas coisas me deram experiência para ganhar a Olimpíada na praia. Eu já jogava há oito anos nos Estados Unidos e escolhi a Sandra para jogar a Olimpíada de Atlanta, em 1994. Ela tinha dez anos a menos do que eu, mas nós tínhamos muitos problemas. Ela tinha um lado muito bom, já que ela era uma atleta muito “Caxias”, mas mesmo sem experiência, ela era uma pessoa muito difícil, uma cabeça muito dura, implicante. Mas, eu acho que aquela experiência lá de trás me fez chegar aonde eu cheguei. Eu só lembrava do que tinha acontecido e queria fazer diferente. Foi importante aquela derrota. Apesar dela ter uma resistência muito grande, eu sempre puxava ela pro meu lado e as coisas andavam mais ou menos como eu achava que tinha que andar. Eu tinha mais experiência e os caminhos deram certo, as escolhas foram boas.

M.T. – O que você almejava como jogadora de seleção brasileira?

J.S. – Quando você não é seleção brasileira, você almeja chegar à seleção brasileira. Quando você está lá você almeja ser a melhor jogadora do campeonato, a melhor jogadora em quadra. Você quer ganhar o campeonato x, chegar a uma Olimpíada, enfim, você fica almejando as coisas que você acha que são possíveis. Eu recebia prêmios individuais, mas não era intencional. Eu jogava para ser a melhor, mas eu gostava muito de aprender. Eu admirava as levantadoras japonesas e chinesas, eu puxava sempre pro “top de linha” e eu levei essa mania para a praia também. Eu fui atrás de quem conhecia técnica. Eu queria que a minha técnica fosse exemplar. E gostava de ver o Bernard jogar, achava ele super técnico e depois treinava aquilo que eu ficava vendo. Eu era muito mais aplicada que a Isabel. A Isabel era muito mais

rebelde do que eu. Eu nesse lado aí eu era super “Caxias”, eu treinava pra cacete, sempre treinei muito. Porque eu achava que tinha uma diferença e eu achava que eu tinha essa diferença. Eu sabia que no meio daquele grupo todo, eu tinha um toque diferente, eu tinha um potencial para ser desenvolvido e eu apostava naquilo forte, fazia por onde.

M.T. – Como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a sua vida pessoal?

J.S. – Ah, se eu tivesse que fazer voleibol, eu fazia voleibol. Era prioridade. Se eu tivesse que ir para a Itália, eu ia para a Itália. Se tivesse que morar nos Estados Unidos, eu morava. Era muito forte, era a minha essência. Se eu não fizesse é que não ia ser legal. Hoje, a Jaqueline, que tá sem jogar (Jaqueline Endres) recusou seiscentos mil dólares para jogar seis meses no Japão. Aí eu fiquei pensando “a Isabel foi para o Japão com papagaio, cachorro, empregada, dois filhos e babá”. Mas, a babá não era pros filhos não, era para a Isabel (risos). Imagina só a situação de hoje, que elas só viajam de primeira classe. Ninguém sabe de nada...

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sob o seu corpo atlético?

I.S. – Era bem diferente. Hoje elas são bem maiores. Isabel e Vera Mossa eram as maiores, com mais de um metro e oitenta. Eu me achava meio gordinha. Na praia é que eu fiquei bem mais forte. Eu achava aquela roupa bem mais legal, adorava o uniforme. O uniforme era uma coisa muito conquistadora. Eu tinha uma amiga que sonhava com a possibilidade de ficar no vestiário e usar o uniforme, mesmo que não jogasse. O uniforme era bem legal. O da seleção brasileira, quando o Brasil começou a jogar era importado japonês, era lindíssimo, Mizuno e Tiger. Terminava o jogo e ele continuava colado. Não tenho nenhuma roupa dessa época... Quando o Brasil fechou contrato com a Rainha, acabou com o nosso uniforme, terminava o jogo e o uniforme estava todo largo.

M.T. – Como era a rotina de treinamentos da seleção brasileira naquela época?

J.S. – A gente treinava duas vezes por dia. Ah, me lembro que era muito chato. “Não sei como é que podiam rodar um treino tão chato na minha vida”. Tinha uma época que a gente ficou muito tempo concentrado no casarão de Belo Horizonte. Aquilo era deprê. Pensa numa coisa deprê. Era aquilo. Todo mundo entrava numa Kombi e levava um tempão para chegar numa área militar. A gente sempre estava em áreas militares. Não era uma coisa conquistadora, prazerosa. A gente fazia a parte física sem entender o que estava fazendo. Era forçado porque não tinha ninguém explicando. Era necessário que as pessoas se atualizassem. Por exemplo, o voleibol é um esporte que ao mesmo tempo em que ele alonga, ele encurta, te endurece. E não

tinha ninguém para te falar sobre isso. Era necessário que o atleta tivesse consciência do seu corpo, do seu equilíbrio. Então, você deixava de fazer coisas que eram importantes para você pensar e melhorar. Não tinha nada disso. A gente era totalmente cobaia. Era um tal de subir arquibancada... Era uma época que quem não tinha joelho forte se ferrou. Eu não tinha problema com joelho, mas tinha um tornozelo muito ruim. Era todo mundo junto para a mesma roubada. Todo mundo trabalhava tudo. Você não tinha um treinamento específico porque o seu joelho estava bichado, era em série.

M.T. – Havia diferenças, em sua opinião, entre o voleibol feminino e o masculino na década de 1980?

J.S. – O tempo inteiro (risos), mas eu falo isso com muita admiração. Claro, eles tinham conquistado, eles iam conquistar. Parecia que seriam os primeiros campeões olímpicos, enfim, eles eram formidáveis. Eu, muitas vezes, bati palmas de pé. Era uma coisa que revolucionou o Brasil. Mas, no pacote era tudo igual. “Compre o masculino e leve o feminino”. Era mais ou menos isso. Nós éramos a parte promocional, a promoção: “compre um e leve dois. Pague por um time e leve dois, mas só quem recebia eram eles”. Tinham muitas diferenças, por exemplo, nós concentrávamos em São José dos Campos, eles concentravam no Leme. Eles ficavam em hotel, nós ficávamos em alojamentos. Eles recebiam dinheiro, a gente não recebia. É até explicável, já que eles tinham resultados e agente não tinha. Quem tem mais resultado tem que ter um retorno maior. Mas, havia algumas coisas que faziam a gente questionar. Tinha patrocínio na camisa, os mesmo patrocinadores. Então tinha sinais claros que o jogo era bom, que rolava um jogo bom. E por nós sermos muito garotas, nós não conseguíamos falar sobre aquilo, não era uma coisa clara. Além disso, a maioria, fora da situação, falava bem e dentro da situação não falava nada. Isso enfraquecia muito.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta, em nível nacional e internacional?

J.S. – No exterior era um time que jogava bastante, ia a todos os campeonatos, mas era um time desequilibrado, não tinha equilíbrio emocional. Mas, era um time visto com potencial, com investimento, que estava sendo levado para os lugares. Mas ainda ia acontecer, era o início de alguma coisa. No Brasil, era uma equipe feminina, de um esporte feminino, mas não era um time que as pessoas falavam “vai ser campeão”. No final dos anos 1980, aquela coisa ruim já tinha passado. Os times que patrocinavam aquelas meninas já tinham grana. Era uma realidade completamente diferente.

M.T. – O que você acha que a geração de voleibol dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes?

J.S. – Deixou o caminho. Nós viemos cavando no deserto e elas já entraram no deserto, numa situação diferente, com outra mentalidade, com o profissionalismo que muda a cabeça dos atletas. O problema na minha carreira inteira é que eu estou sempre à frente. Você vê, eu ganhei a Olimpíada num momento em que não tinha a grana toda. Eu estou fazendo um trabalho aí que parece ser super legal, mas eu falei “pode passar na minha frente, eu não quero ser a pioneira” (risos).

M.T.– Quando você parou de jogar? Em qual clube? Por qual motivo?

J.S. –Ah, não sei. Acho que foi a Atlantictur, mais ou menos em 1987. Parar de jogar definitivamente foi assim: “tem uma hora que é assim que acontece, você continua com o desejo de continuar jogando, mas você não aguenta mais a rotina”. O jogo é diferente, a emoção é diferente, mas tem uma hora que o rendimento vai caindo. A sua cabeça não consegue manter a mesma motivação de quando você tinha dezesseis anos de idade. Aí você pega um adversário jovem que vai te ganhar de qualquer maneira e você tem que buscar uma motivação que não existe mais. “Não é nem que você jogue melhor do que eu, mas é porque eu já tive isso”. Aí, você começa a fazer esforço além do normal para buscar a motivação, para fazer o corpo aguentar e para fazer time. Quando o atleta se aposenta ele está no auge da sua idade e não no final da idade como em outros empregos. Mas, tem um momento na vida de todo ser humano que ele precisa focar de uma forma diferente para rejuvenescer. Então, se você não fica atento a esse momento você só vai estar adiando o problema, porque a idade no esporte é uma coisa que pesa muito. Então, eu foquei nas coisas que eu curto, nas minhas escolas, porque eu curto ensinar “é muito interessante porque hoje eu reinvento a história de ensinar voleibol, que não é ensinar para ser jogador, mas ensinar voleibol para viver a vida”. Isso fez a minha vida. Se hoje eu sou o que eu sou é porque eu vivi toda essa história com o voleibol. Eu não preciso tirar nada da minha personalidade, eu coloco tudo dentro. Então, quando eu faço um trabalho com um grupo de estudantes, por exemplo, poucos vão ser jogadores de voleibol, mas muitos vão continuar a viver. Portanto é legal focar numa coisa que está para além do voleibol. Vai até sair o jogador de voleibol, mas a maioria pode ampliar as suas conquistas para outras coisas importantes da vida. O Evandro, que está na seleção de voleibol de praia, treinou comigo, mas passaram outros trilhões. Então, é melhor focar em cem, do que focar em um.

M.T. – Como foi a transição de quando você decidiu parar de jogar até efetivamente parar?

J.S. – Ah, não lembro não, cara? Já tem oito anos. Não lembro, não. Acho que parei de ir para os torneios. De repente, eu parei de batalhar, porque é uma batalha. Esse voleibol de praia é muito mais difícil. Você tem que ficar em cima de patrocinador, do parceiro, da equipe. Eu desliguei o automático e falei, “não vou mais colocar a minha força nisso, não quero mais, chega”. E eu acho que é assim, com a Giba foi assim, de repente ele falou assim “ah, chega”, Você vê que o sentimento é igual para todo mundo, o cara supercampeão... É difícil você dar o braço a torcer porque tem uma hora que você questiona o motivo da sua luta. E o pior é que você já está cheio de dor, você não é mais um jovem atleta. Não que você não tivesse tido dor quando jovem, mas é que quando você é jovem o gás é muito maior, você quer conquistar e esquece a dor. Quando você está mais velho, quando você já conquistou e ainda tem a dor para atrapalhar. Aí não dá!

M.T. – Você sente saudades da época que você jogava?

J.S. – Ah, muita! Era muito mais fácil.

M.T. – E o que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

J.S. – Ah, mudou muita coisa. Eu acho que o mais difícil é sair daquela rotina: “você acorda, você treina, você come, você dorme, você joga”. Você incorpora e isso é muito legal. Passa a ser você e de repente você não precisa mais acordar cedo, você não precisa mais ter pressa. Você deixa de ter a disciplina e isso é uma roubada. Você tem que criar uma nova rotina e nem sempre é tão eficaz. Eu me dou muito bem com rotina, felizmente. Não sinto falta é das viagens. Era muito cansativo, você passa a vida fazendo e desfazendo malas. Mas, ainda assim, quando você para, você fala: “ih, não vou mais viajar”.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz? Quando você jogava ou depois que parou de jogar?

J.S. – A emoção do jogo... Eu jamais vou conseguir fazer isso acontecer de novo. Às vezes eu durmo e sonho que eu estou jogando e acordo com um sorriso enorme e não tem mais como fazer o sonho se tornar realidade. Mas, me sinto feliz formando outros. É bem interessante. Tem um trabalho social que eu faço que me realiza enormemente. Vou de coração. Um é uma realização pessoal e o outro é a realização da alma, acho que eu vou para o céu. Eu falo “que bom que eu tenho essa causa”.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de ter parado de jogar?

J.S. – Eu trabalho. Tem um projeto chamado Atletas Inteligentes, que eu iniciei em 1998 com o governo do estado, logo depois das Olimpíadas, quando o voleibol estava bombando. Abriram algumas escolas de voleibol pelo Rio de Janeiro, que acontecia em praças, áreas públicas. Foi muito bom, mas eu sempre quis fazer em escolas e os governos nunca aprovaram. Anos se passaram e eu consegui realizar o projeto na praia. Fiz um trabalho bem legal, a UNESCO reconheceu e eu recebi o prêmio O Esporte pela Educação. Esse ano eu consegui colocar o projeto num CIEP, em Duque de Caxias e essa escola se transformou. Eu consegui buscar patrocínio pelas indústrias do entorno desse CIEP, que é a melhor coisa que existe nessa área. O projeto entrou na escola e transformou as aulas de Educação Física que era só rola bola, futebol, aulas sem imaginação nenhuma. Aí eu introduzi o voleibol, com uniforme, professores que não faltam, não atrasam. O projeto entra com uma mentalidade diferente, com vídeos, reuniões, palestras, mas a base é a educação. Essas crianças nunca jogaram voleibol. No início era só pancada e aos poucos o futebol foi indo para o canto. Hoje todo mundo joga voleibol e você identifica um trabalho de equipe acontecer desde a base. Essa escola começou a chamar muita atenção por causa disso, o comportamento dos alunos foi mudando dentro da escola, o comportamento dos professores também. Aí, a secretaria trocou o material da escola, que era todo infantil e a escola é de ensino médio. Eu tenho vontade de pegar outra escola, mas ao mesmo tempo eu acho que preciso transformar essa escola num modelo. Mas, apareceu uma escola do lado dessa, cerca de cinco minutos, de ensino fundamental e poderia ser interessante porque já poderíamos formar um circuito, do fundamental até o ensino médio. Sai de uma escola e já entra formado na outra. O mais legal é que é um trabalho de comunidade, porque essas empresas que investem no projeto precisam desses alunos para serem seus futuros empregados. Eles viram nesse projeto uma forma de educar. Aí, dentro do projeto eu escolho os melhores alunos para trabalharem como jovens aprendizes dentro dessas empresas. São atletas que têm iniciativa, que têm coragem, que são colaboradores, que têm boas ideias, que querem fazer, que gostam de trabalhar em grupo. Essas empresas têm obrigação de contratar jovens aprendizes. Então, uma coisa está puxando a outra e esse projeto virou um símbolo. Os alunos querem estar ali dentro. Além disso, eu quero fazer alguma coisa na Olimpíada, mas até agora não rolou nada.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

J.S. – Significa a minha forma de viver. Eu não consigo imaginar a minha vida sem o voleibol, sem esse esporte. Ele me dá a base, ele me dá as ideias, ele me faz visualizar as

coisas que eu quero. É através dele que eu me movimento que eu conquisto. Eu continuo de certa forma sendo a jogadora que eu fui só que sem ser mais aquela jogadora. Hoje eu jogo de forma diferente, jogo para os outros, jogo com os outros. Talvez dessa forma eu consiga desenvolver o meu trabalho melhor porque quando eu era muito competitiva eu não conseguia ver alguém jogar voleibol e não ser um bom jogador. Eu não conseguia achar aquilo interessante. Eu não conseguia entender alguém praticar o voleibol com outras intenções. E hoje é exatamente isso que eu foco, o meu estilo de vida.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

J.S. – Isso tudo aí, a minha vida. Eu, eu do jeito que eu sou. (risos)

M.T. – Você quer deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou na entrevista?

J.S. – Acho bom isso, a gente contar as histórias porque é muito interessante você reconhecer um passado para você entender o que você é, que parte você teve. Uma coisa completa a outra, acho até mais importante do que você pensar no futuro. Você constrói por etapas. Então, os anos oitenta foram marcantes para o esporte sim, super marcantes. Tenho certeza que os setenta também, de outra forma. Eu não tenho esses dados, apesar de reconhecer que houve jogadoras importantes. Mas não conheço nada que elas fizeram para deixar para as outras que vieram depois, como aconteceu nos anos oitenta. Então, isso tudo é muito importante para a gente saber de onde a gente vem e o que aquilo era, até porque é bom evoluir e não retroceder, porque isso pode acontecer. Eu lembro que no ano passado, no voleibol de praia, a confederação quis ser dona do voleibol de praia e mudou a regra. Os atletas deixaram aquilo acontecer porque eles se esqueceram da história, uma história da qual eu fui a pioneira. Quando eu fui para os Estados Unidos eu ajudei a fundar a primeira associação de jogadores de voleibol profissional, ou seja, os próprios atletas sendo seus próprios dirigentes. O que fez o esporte crescer, todas as medalhas que o Brasil conquistou no voleibol de praia foi dessa maneira. E de repente eles receberam uma migalha, que foi aquilo que eles deram, uma migalha e todos os atletas se esqueceram da história, esqueceram da sua força, esqueceram do seu poder e abriram mão, como se aquilo não tivesse peso nenhum. Então, por isso é muito importante ter a história escrita.

APÊNDICE K

ENTREVISTA ISABEL SALGADO

Data da entrevista: 03/09/2014

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Gávea, Rio de Janeiro, RJ

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Maria Isabel Barroso Salgado

E-mail: isabelvolei@globo.com

Data de nascimento: 02/08/1960

Idade: 54 anos

Estado civil: divorciada

Tem filhos: sim (4 filhos)

Grau de escolaridade: 2º grau completo

Tempo dedicado à modalidade: 28 anos

M.T. – Isabel, o que te levou ao voleibol?

I.S. – Olha, eu venho de uma família que não era ligada em esporte, mas eu, de alguma maneira, sempre gostei da competição, assim, as poucas oportunidades que eu tive na minha primeira infância de lidar com essa sensação eu já gostava. Uma vez, numa entrevista, sem me dar conta, comecei a me lembrar que meu pai me levava para entrar no mar, quando eu era muito pequena com ele, em dias que o mar estava mais pesado e aquela foi a primeira relação com a adrenalina, assim, aquela sensação do medo que é tão presente também dentro do esporte e pode ser tão divertida para alguns; e para mim era. Então, eu estudava no Colégio Notre Dame, que era um colégio de meninas só. O esporte que se praticava era o vôlei. O Enio Figueiredo fazia um trabalho já, que a gente tinha um ginásio no último andar, que era um ginásio muito bom para a época, assim, o espaço físico era muito legal na escola e eu estava doida para passar de ano porque aí eu passaria a estudar num turno que seria pela manhã e com isso eu poderia frequentar a escolinha de vôlei que era na parte da tarde. Então, entrei pra escolinha sem nenhuma pretensão de um dia virar uma atleta, porque eu nem sabia como é que era. Eu não tinha noção e eu tenho, nós somos quatro irmãs, a atmosfera na minha casa era de muitas mulheres e só um homem que era o meu pai e nós tínhamos muito poder até. Não éramos subjugadas ou oprimidas, nada disso, mas eu não tinha essa brincadeira com bola, não tinha, em casa. Em casa eram outras atividades assim. Então, quando eu pude entrar numa escolinha eu adorei, de vôlei, eu adorei, eu adorei. Eu acho que eu sempre gostei de esporte e por sorte caí num esporte que tinha muito a ver comigo. Eu tinha um biótipo bom, era magra, alta. Já com meus 11 anos você já podia perceber que eu tinha um biótipo bom para a modalidade. Mas, eu não sabia disso, nem ninguém na minha casa comentava nada e o

esporte também estava começando a acontecer e principalmente no feminino em qualquer modalidade. Aí, eu fui para essa escolinha de vôlei no colégio e logo em seguida o Enio me chamou para formar a primeira equipe do Flamengo mirim. Aí foi incrível porque meu mundo assim ia crescer muito.

M.T. – Isabel, você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

I.S. – Olha, eu tive contato com natação. Quando eu era ainda muito menina, a minha mãe me botou pra nadar, como todas as mães querem que as filhas saibam sobreviver dentro de uma piscina, mas até aquilo ali eu adorava também. Eu gostava, eu gostava da hora da prova, assim e eu não vivi nada disso porque era uma escolinha. Mas, quando o cara já iniciava qualquer competição, aquilo ali já me atraía mais. Eu nadava muito mal, não nadava nada bem e foi uma experiência sem profundidade, sem nenhuma pretensão e nenhuma exigência maior. Era uma escolinha para aprender a sobreviver dentro d'água. Mas, eu já sabia nadar, então eu ia aprendendo a nadar crawl, um pouquinho. Ter um pouco mais de desenvoltura na água; nunca tive. Eu sempre gostei de mar e não era muito de piscina.

M.T. – E quando você começou a jogar e por qual clube?

I.S. – Eu comecei a jogar com 11 anos, na escolinha do Notre Dame, minha escola e com 12 anos eu fui para o Flamengo.

M.T. – E com quem você começou a jogar?

I.S. – Eu comecei a jogar com o Enio Figueiredo. Ele tinha uma relação muito paternal também com as meninas, porque nós éramos muito novas. Eu pelo menos, a minha mãe era muito rigorosa com segurança, com essas questões. “Menina não faz isso, menina não pode isso, menina não pode aquilo”. Eu não podia andar sozinha ainda. Eu era muito nova. Apesar de o Rio ser outro Rio naquela época, eu ainda não podia andar sozinha. Então, ela deixava porque o Enio passava e recolhia todas as meninas que moravam em Ipanema e Leblon para poder treinar e dava carona para todo mundo. Eu não podia andar de ônibus, eu não podia andar de ônibus sozinha. Mas, mesmo com todo aquele início ainda controlado, eu já sentia também que o vôlei estava abrindo um mundo para mim e aquilo era muito legal. Eu ia frequentar um clube, um clube de massa como o Flamengo, que ao mesmo tempo era um clube de massa, mas era um clube muito familiar. Tinha um lado muito assim, todo mundo cuidava da gente. Tinha uma roupeira que cuidava. Nós voltávamos com uma condução, que

era uma Kombi, que levava cada uma para sua casa. Aquilo era uma diversão, você pode imaginar, para uma menina que era toda, a mãe não deixava fazer isso e aquilo e de repente eu me via numa Kombi com meus 13 ou 14 anos voltando à noite para casa. Eu ganhava um vale para lanche, então eu já achava que aquilo era o máximo. Eu ganhava um queijo quente e um refrigerante ou um suco. Eu achava aquilo incrível. Aí mais tarde eu ganhei uma bolsa de estudos, porque eu fui expulsa da minha escola porque discuti com a professora, nem lembro mais. Eu volta e meia tinha uma suspensão por comportamento. E era uma escola muito assim, eu até hoje gosto muito, tanto que eu até botei os meus filhos lá. Mas, era uma escola muito careta, era muito certinha, era muito cheia de exigências. Se o tênis estava sujo, você tomava advertência. Se você contestava alguma coisa era outra advertência. E é a idade que você quer contestar é na adolescência. Então, você imagina. Aí, eu fui suspensa algumas vezes e depois eu acabei sendo expulsa. Mas, o vôlei me deu uma bolsa de estudos no Rio de Janeiro (colégio). Então, eu pude barganhar com a minha mãe, dizer olha, eu tenho já a solução. Eu tenho já onde estudar de graça porque o Flamengo vai me dar bolsa e o Rio de Janeiro era uma escola legal.

M.T. – Isabel, como é que era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

I.S. – Olha, tinha um lado que o esporte para as moças estava começando a não ser tão marginal. Assim, não existia tanto preconceito. Porque eu venho de uma geração, uma geração anterior a minha, as meninas iam fazer balé. Poucas iam fazer esporte, entendeu? Nos anos 1970 é que começou essa onda das academias, das mulheres começarem a querer ter um corpo mais malhado. Então, ainda era visto um pouco como uma atividade muito masculina. Mas, eu peguei o final disso. Então, eu peguei o final disso e acho que a minha geração contribuiu um pouco para esse novo olhar para o esporte, mas tinha ainda uma coisa assim, um reduto, “ou você é feia ou você é sapata”, entendeu? Então, eu acho que esse estigma ainda tinha no ar, sabe? Então, ser jogadora nessa época tinha um lado um pouco contra a corrente assim... , mas também tinha um certo preconceito grande, de um modo geral, assim, quem fazia esporte eram pessoas intelectualmente um pouco limitadas também. Tinha um olhar um pouco assim. Tanto, que você vai ver os corpos nos anos 1970, eram corpos mais magros. Eram até mais bonitos, eu hoje olho e falo eu achava mais bacana. Hoje, as pessoas já estão acho que revendo, mas agora tem uma coisa assim de malhar, malhar, malhar, malhar, mulheres enormes de forte, entendeu? Por exemplo, eu venho de uma geração em que ainda a mulher ter músculo? Hum! Não era legal, entendeu? Então, a gente fazia musculação e eu lembro que eu falava: “vê lá se eu não vou ficar enorme?!”. E eu era um palito, eu era magra,

magra, magra. Mas mesmo assim eu tinha uma preocupação de não ficar masculinizada, assim com a musculação. Mas, até a página dois porque depois eu queria era jogar, eu queria estar na quadra, eu gostava. Mas, eu acho que tinha um pouco... Eu tinha muitos amigos de outras áreas, de teatro, de música e ninguém malhava, ninguém fazia nada, sabe ligado ao corpo. Mas, eu sempre, eu nunca sofri isso porque eu vivia numa família que tinha assim muito, eles nunca ficaram incentivando: “Ah, você vai ser uma jogadora, que legal!!” Não, não tinha nada disso, mas também não tinha nada contra. Eu tinha muita liberdade para fazer o que eu queria, o que eu gostava. E eu falava como era? Isso eu lembro, eu já falei isso outras vezes, isso assim é muito emblemático. A minha mãe é professora e a questão do ensino era importante na minha casa, nunca foi uma coisa, apesar de eu (risos) não ter feito uma universidade. Eu não ter acabado, eu entrei, mas eu nunca acabei nada. Mas, a minha mãe tinha essa questão muito assim firme. E eu lembro que eu chegava às vezes tarde em casa e dizia para as minhas irmãs: “por favor, estudem muito porque eu vou ser uma jogadora de vôlei e eu vou me dedicar a isso, não sei se eu vou conseguir fazer uma faculdade ou se eu não vou”. Mas, eu era muito garota para já ter um papo meio por aí. Eu acho que eu poderia ter feito, sabe? Mas, tinha uma coisa também que era a adolescência, da juventude, de contestar, contestar, contestar e até isso eu acho que eu poderia ter aproveitado um pouco melhor. Mas, tudo bem.

M.T. – E a quebra dos paradigmas, por exemplo, entrar em quadra grávida que era uma coisa inimaginável na época?

I.S. -Olha, eu vou te falar. Eu não planejei a minha gravidez. Eu fiquei grávida muito menina, com 17 anos e tive a Pilar com 18 anos. Então daí você pode concluir. E eu não era uma menina com 17 anos que tivesse assim vivido... Tido uma vida solta, com experiências. Não, eu era uma menina mesmo, eu era uma garota que morava na casa dos pais em Ipanema, uma família de classe média, com todas as questões que envolvem uma família típica como a minha e ficar grávida foi uma coisa assim que me deixou muito feliz, apesar de não ser a hora para uma garota. Mas, eu estava felicíssima. Eu me achava incrível por ter um bebê dentro de mim e que eu ia ter um filho. Então, eu não tive nenhuma dúvida que eu queria ter aquele filho. Eu não tive nenhum conflito. Tive um apoio familiar. Tive uma força familiar assim, “o quê que você deseja? o quê que você quer?”. Então, eu não planejei: “eu vou jogar grávida”. Na minha primeira gravidez, eu não joguei. Eu não queria jogar. Eu não tinha vontade. Então eu fazia tudo, eu corria, eu jogava frescobol, mas eu não tinha vontade de jogar vôlei e parei e voltei só quando fui convocada. Voltei logo já convocada para a seleção. Voltei muito rápido,

muito bem. Eu tive sorte de ter quatro partos normais e isso me ajudou muito. Nunca ter engordado muito durante as gestações, né? Mas, na segunda não. Na segunda, eu fiquei grávida e eu vinha jogando e aí eu resolvi continuar jogando.

M.T. – Até quantos meses você jogou?

I.S. – Eu joguei bastante. Outro dia eu até vi uma imagem minha jogando. Eu falei: “Nossa, eu não via há um tempão”. A minha barriga estava grande (risos). Mas, eu me sentia muito bem na quadra. Eu não me sentia nem um pouco desconfortável. Eu também dei a sorte que eu tinha um médico muito bom, eu tinha um ginecologista que era um cara muito fera. Então, ele me deixava muito segura com relação a várias questões. E aí eu fui jogando, eu me sentia bem.

M.T. – Você sabia o que você estava fazendo, na realidade?

I.S. – Eu não sei se eu sabia. Eu me sentia segura, sabe? Eu acho que a gravidez tem um lado muito curioso, que você fica com a sua sensibilidade muito apurada. Então, tinham coisas assim que se preconiza que não tem problema, sabe? O protocolo diz “pode fazer”, grávida pode fazer, mas eu não me sentia bem fazendo. Então, eu não fazia. Então, eu acho que a gravidez tem um lado assim que você também tem uma sabedoria instintiva, que você se defende, sabe? E nesse departamento, eu acho que a vida foi generosa comigo (risos). Eu tinha um faro bom, um “feeling” bom de saber “que aqui não vai ser legal ou aqui dá para eu ir”. Mas, depois começou a virar mais assunto o fato de eu estar jogando grávida do que o meu voleibol, então eu comecei a achar que aquilo estava virando meio “mico de circo”, sabe? E aí eu falei “está na hora de parar. Isso não está divertido, deixou de ser”. Então foi isso, eu parei. Claro que já estava um pouco na hora, mas eu fui até quase seis meses jogando e eu estava muito bem fisicamente. E o voleibol era mais lento, não era como hoje. Eu me sentia muito segura dentro da quadra, era um ambiente que eu entendia. Obviamente que tinham jogadas que eu já não ia com tanto “elã”, com uma pegada do mesmo jeito porque eu sabia que ali entrava algum risco. Então, foi assim que eu fui indo. E foi bom, foi legal. A minha gravidez foi ótima e o meu parto foi normal. A Maria nasceu e eu voltei muito rápido. Com duas semanas eu acho que eu voltei, mas bem devagar. Eu tive um parto muito bom. A Maria nasceu um bebê sem nenhum problema. Então, foi tudo fácil foi tudo tranquilo. Aí entra outro departamento que nem te interessa: “a minha primeira gravidez eu não tomei nada, na segunda eu só tomei o soro para induzir, mas não tomei anestesia, então são coisas que facilitam você voltar. O parto é mais difícil porque dói mais, é mais complicado”. Enfim, o

terceiro, o Pedro foi mais fácil ainda porque quando eu fui ter o Pedro (risos), eu tive no Hospital Samaritano e a minha irmã estava tendo uma pedra no rim, no quarto ao lado e o médico só dizia “você não reclame porque a sua irmã está sofrendo muito mais do que você, porque ela está com uma pedra no rim horrorosa” e eu ficava com tanta pena da minha irmã... Enfim, e a Carolina é que não foi tão fácil porque ela teve que ser puxada por fórceps, curiosamente, o quarto filho.

M.T. – Isabel descreva a sua trajetória esportiva, desde que você começou até o momento de parar, destacando os fatos que você julga mais relevantes.

I.S. – Eu não tenho boa memória não. Eu comecei com 12 anos no Flamengo. Com 15 ou 16 anos eu fui convocada para a minha primeira seleção. Com 14 anos eu fui convocada para a minha primeira seleção carioca. Eu joguei as categorias de base. Eu sou dessa geração que obviamente você sabe, do Bernardinho, Xandó, Renan, Montanaro, Badá. No feminino era a Jacqueline, a Heloísa era um pouquinho mais velha que a gente, mas pouca coisa, mas numa idade que assim 14 anos e a outra 17 anos, mas faz uma diferença ainda. Regina Vilela, Denise Matioli. Elas eram um pouquinho mais velhas que a gente, mas a gente jogava com elas. Então, tinha uma coisa legal que você jogava todas as divisões. Eu comecei, eu era muito desajeitada, eu era muito longilínea, muito comprida, muito magra e sem habilidade, eu era descoordenada. E o Enio falava “não, ela vai jogar, ela vai jogar”. Mas, eu adorava o que eu fazia. E eu lembro que na minha primeira temporada que eu tive de férias, logo que eu resolvi jogar mesmo, que eu fui para o Flamengo, eu lembro que quando acabaram as férias, eu lembro até hoje o Enio falando “a única que não faltou foi a Isabel, nenhum dia”. Então, eu era muito bagunceira, mas eu adorava o que eu fazia. Então, isso contribuiu muito. Eu tive um técnico maravilhoso que foi o Enio, que gostava muito do esporte. Então é muito bom você ter um professor, em qualquer área que você vá se dedicar, que goste do que ele faz, porque aquilo ali ele passa para o aluno, não tem como. Aquele amor também, se ele tem uma semente de envolvimento, o professor faz aquilo aflorar e crescer. Isso para mim foi muito importante ter tido um treinador como o Enio, tão dedicado. Acho que eu perdi também, porque, ao mesmo tempo, eu comecei com uma geração que tornou o vôlei popular, mas ao mesmo tempo, o Enio foi um grande técnico, mas o Enio permitiu também que eu abrisse mão de fundamentos que eu tinha que ter investido mais. Eu não era uma boa jogadora de defesa. Eu fui uma boa atacante, uma grande atacante, mas eu poderia ter sido uma jogadora mais completa, se tivesse passe. Eu não estava preocupada com isso. Eu queria dar porrada na bola, eu queria bater, eu queria atacar, atacar, atacar. Então, se eu tivesse que atacar três horas, eu

atacava. Mas, se tivesse que treinar meia hora de passe, eu já reclamava. E o Enio nisso, eu acho que ele foi um pouco benevolente demais. Mas, era outra época. Enfim, mas o que interessa é que a minha trajetória, aí eu fiquei grávida muito cedo, aí eu voltei, joguei um campeonato mundial, depois voltei com 19 anos e fui para a minha primeira Olimpíada, em 1980. Em seguida eu fui para a Itália, joguei uma temporada na Itália; nenhuma jogadora tinha saído do Brasil ainda, eu fui a primeira jogadora a sair, a tentar uma experiência jogando fora. Foi incrível, eu nunca tinha ganhado dinheiro jogando vôlei. Foi a primeira vez que eu ganhei dinheiro. Eu vinha de uma família que me protegia muito. Então, eu tive que me virar. Eu lembro que quando meu técnico me deixou no apartamento que eu ia morar com a minha filha, eu fui com a minha filha. Eu não deixei a minha filha para trás porque eu não conseguiria render se ela não tivesse do meu lado. Não existia essa possibilidade para mim de deixar ela para trás, eu não entendia. Então, eu era muito nova, mas eu era muito responsável por um lado. A maternidade nunca me assustou nunca me causou conflitos. Só que eu tinha que gerenciar aquilo de outra maneira, porque eu ia estar sozinha com a Pilar num país que eu nunca tinha morado, numa cidade que eu não conhecia ninguém e o Bernard, que era jogador na época foi muito legal comigo. Foi ele que fez a transação do meu contrato porque ele jogava na mesma cidade que eu. Então eu almoçava no mesmo restaurante com ele todos os dias. Ele tinha uma coisa muito bacana. Ele jogava na equipe da Panini, ele dava umas protegidas em termos de contrato, não deixava ninguém folgar comigo. Então, isso eu devo a ele porque ele foi muito camarada comigo nessa época. Em outras ocasiões também foi. O Bernard foi muito parceiro nisso. E aí eu jogava numa equipe e o técnico me deixou no apartamento que eu ia morar, eu cheguei na Itália pra jogar e eu fui direto para a quadra do aeroporto, porque eu fui jogar só o retorno do campeonato. Na época era turno e retorno e eles tinham perdido pra essa equipe no turno e eles queriam que a estrangeira que estava indo pra resolver jogasse. E o vôlei feminino naquela época lá estava engatinhando e eu saí do aeroporto com a minha filha embaixo do braço tomei um banho e entrei na quadra. Era bola para mim, bola para mim, bola para mim e era bola no chão, bola no chão, bola no chão e porque era fácil e não que eu era nada de mais, mas porque eles lá eram um pouco de menos, na época. Aí eles adoraram, me acharam bacana, legal e aí o técnico depois desse jogo foi me deixar em casa com a mulher dele e aí eu disse para ele assim “mas, como é que eu acordo amanhã?” e ele falou assim “você bota o despertador”. Aí eu falei assim “ah, tá.” E fingi que aquilo era normal, mas para mim não era normal. Sempre alguém tinha me acordado, sempre alguém me chamava. Aí eu me dei conta que eu estava sozinha, porque na casa da minha mãe tinha as pessoas que trabalhavam, tinha a minha mãe, tinha a minha avó, tinha as minhas

irmãs, eu deixava um bilhete pras pessoas que trabalhavam em casa, “por favor, me acorde tal hora”, quando era um horário diferente da família. Aí eu me dei conta que eu que ia ter que resolver a minha vida dali pra frente com a minha filha. Eu tinha 19 anos, mas, eu me senti muito feliz também, aquilo da independência não me assustava. Aí muito bem, eu joguei na Itália, voltei e aí proibiram a gente de jogar no exterior, eu e mais uma leva de jogadores, todos do masculino. Fiquei muito chateada com isso e aí eu fui cortada da seleção (pausa). Acho que eu fui cortada mais algumas vezes, mas aí você vai ter que buscar e é fácil de descobrir. Aí eu fui convocada no final, porque eles descobriram que se não me convocassem eu teria a minha carta de liberdade, eu poderia jogar na Itália, porque depois de um ano que você ficasse fora da seleção, uma coisa assim, eu poderia ir embora. Na verdade, eu queria ir embora, eu queria morar na Europa. Eu tinha um lado meio “hippieronga” também que eu gostava. Eu gostava de música, não que eu não goste hoje, mas na época, imagina uma menina poder morar na Europa. Eu não queria só jogar vôlei, a verdade é essa, tinham outras coisas que eu queria ver. E aí eu comecei a perceber que a minha vida poderia também ser legal também fora do Brasil ganhando grana e eu já no Brasil eu gostava de ir a shows, eu gostava de ir ao teatro, eu gostava de ir ao cinema, eu já tinha uma vida interessada em outras coisas, apesar do voleibol ser tudo para mim, eu nunca tive dúvida daquilo. Mas, o meu momento de lazer era ir à praia, era ver outras coisas; aquilo me abastecia para jogar. E eu vi que na Europa eu poderia ter a mesma vida e até melhor, eu poderia conhecer outras coisas, o mundo ia se abrir mais ainda e aí eu estava proibida de ir. Mas, aí quando estava quase dando esse período, me convocaram e para minha sorte também porque foi o “boom” do vôlei nessa época, com o Mundialito que a gente jogou. A gente não esperava que desse o retorno que deu. A gente foi pega assim completamente de surpresa. Nunca esperei. Eu entrei para jogar, isso eu já disse algumas vezes, mas, eu, Vera Mossa, Jacqueline, até hoje eu lembro. Quando você conversar com a Jackie, com a Vera, com certeza elas vão te contar isso. Eu lembro da gente no vestiário, que era um vestiário meio camarim, que tinha em São Paulo e a gente brincava, falava “nossa, camarim das estrelas!”, porque era diferente de um vestiário, era mais glamoroso. Mas, a gente olhava e falava “mas que merda, a gente vai entrar nesse ginásio enorme e não vai ter ninguém”, o teu pai lá, o irmão da fulaninha, aquele público cativo, que vinha sempre. Mas aí a coisa foi crescendo, a Record começou a transmitir. O Brasil tinha acabado de perder Copa do mundo de futebol, tinha perdido o mundial de basquete que a Globo tinha transmitido e a nós entramos em cena e começamos a ganhar, ganhar, ganhar e nós não éramos feias, nós éramos femininas, éramos um time que tinha um apelo estético também. Não que nós fôssemos lindas, longe disso, mas nós não éramos uns “canhões”. E o

Brasil queria ganhar alguma coisa. Pô, você vem perdendo e é natural que se alguém começa a ganhar... E aí nós fomos percebendo que aquilo estava tendo eco, que estava reverberando em outros lugares, não era só ali no nosso mundinho. Então, do dia para a noite a gente teve uma exposição maior do que a gente tinha tido até então na nossa carreira naquele pequeno período; muito mais, porque o voleibol era registro, saía uma notinha, uma coisinha. E aí no dia seguinte estavam querendo opinião para saber se eu gosto de babado na roupa. “Sei lá se eu gosto de babado, se eu não gosto de babado” (risos). Até a gente entender o que estava acontecendo... Por exemplo, hoje uma menina quando começa a jogar, ela sabe que vai encontrar uma modalidade que se estrutura dessa forma. Ela vai treinar e se ela for boa, ela vai poder ter uma independência financeira, se ela for boa, ela vai ter um espaço na imprensa, ela vai ter um papel dentro da vida da cidade, da vida do país. Naquela época era a gente, a gente, a gente. Então, esse torneio deu para a gente a dimensão de fazer sucesso. Eu lembro que quando eu voltei desse torneio, eu encontrei com o Evandro Mesquita (vocalista da Blitz) e o Evandro que é muito generoso, e a Blitz não estava fazendo sucesso, a Blitz estava “arrebentando”, fazendo um sucesso dez vezes maior do que o nosso e eles não tinham sido formados para isso, eles queriam fazer música, eles queriam se expressar, enfim, o que interessa é que o Evandro se virou para mim e falou assim “Pô, Bel, que barato, a gente tá fazendo sucesso junto, a gente começou a dar certo.” E eu respondi “pô, Evandro, a Blitz não tá fazendo sucesso, a Blitz está começando a arrebentar”. E era uma coisa assim que eu ficava impressionada. E de alguma maneira, a gente no nosso spacinho ali pequeno, a gente falava alguma coisa e no dia seguinte estava lá no jornal. Fui capa da Veja e opinião, Carlinhos de Oliveira escrevia, Armando Nogueira escrevia, elegiam A, B, C. Uma é musa, a outra é isso, a outra é aquilo.

M.T. – E como é que era ser musa? Você ficava chateada pelo fato de ser reconhecida como musa e esquecerem o seu voleibol?

I.S. – Eu não tinha nenhum conflito com isso. Eu nunca acreditei nessas coisas, essa onda nunca me pegou. Eu sou uma pessoa vaidosa, mas até à página dois. Eu me envaideço de outras coisas. A estética é uma coisa bacana que eu aprecio. Eu aprecio ver uma criança bonita, um velho bonito, uma mulher bonita, um homem bonito. Tudo isso era bacana, mas ali o que estava em jogo não era que nós éramos bonitinhas só. Estava em jogo a nossa “performance”. A gente estava mostrando um bom voleibol, então isso eu não tinha dúvida, então eu não estava preocupada com isso. Provavelmente eu entendia que aquilo ali era um mecanismo que as pessoas elegem. Você precisa até para transformar um esporte ou qualquer

atividade que seja. Mas a gente tinha substância, não era fogo de palha, a gente tinha profundidade, a gente tinha voleibol. E na mesma esteira falavam que eu era indisciplinada. Tinham outros rótulos que vinham a reboque e que não tinham reverberado tanto porque foram anteriores a esse “boom”, mas que eram rótulos que diziam que eu polemizava com tudo, era contestadora e outros que diziam que eu era gente boa, bacana, alto astral. Então, não dava para acreditar em tudo. Então era melhor não acreditar em nada e seguir o meu caminho. Então, eu não acreditava, não entrava nessa onda. Agora, também sabia e percebia que aquilo ali também me dava retorno. Me chamavam para fazer comercial, eu ganhava uma grana que eu nunca tinha pensado em ganhar dizendo que laranja era uma fruta bacana para ser consumida ou um jeans. Então, foi isso. Mas, como tudo que é novo você paga um preço pela inexperiência. Nem comissão técnica, nem jogadores, nem atletas. Ninguém daquele grupo tinha experiência para navegar naquele novo formato que o voleibol estava começando a tomar.

M.T. – E a organização principal, a CBV? Você também coloca nesse bolo ou você acha que ela tinha alguma outra intenção?

I.S. – Eu acho que o Nuzman, naquele momento, teve uma intuição muito grande. Até que ponto foi intuição, foi certeza eu não sei. Foi sorte também, foi tudo junto. Estar no lugar certo na hora certa. Eu acho que a CBV teve um papel fundamental. Quando ela proibiu todo mundo foi um gesto antipático que eu contestei, mas que eu tenho que reconhecer que acabou dando certo, que acabou resultando numa coisa boa. E isso foi o Nuzman porque ele acabou comprando um barulho que teve um resultado muito legal. E o encontro do Braguinha com o Nuzman foi fundamental para o vôlei brasileiro porque se não fosse a Atlântica Boavista ter investido daquela forma para segurar esses jogadores no Brasil não teria acontecido. Então foram várias coisas. Foi um projeto muito bem elaborado? Eu acho que foi até certo ponto porque teve um lado que ele arriscou. Mas, quem não corre risco também não acontece. Então, o Nuzman foi muito feliz. O vôlei brasileiro deve muito a ele, como deve ao Braga, como deve ao Luciano do Vale, que naquele momento foi o cara que estava ali narrando aqueles jogos e deu visibilidade para gente, como aos atletas que vinham trabalhando já há muito tempo, que se não tivesse o material humano bacana não rolava. Então foi isso.

M.T. – Então, para dar continuidade a sua trajetória você foi contratada por algum clube em 1983? Qual foi o primeiro clube-empresa que você representou?

I.S. – Na hora que eu ia sair do Flamengo para ir para a Supergasbrás, eu recebi uma proposta da Supergasbrás muito boa de grana para sair do Flamengo. Mas, na hora que estava para sair do Flamengo eu fiquei com muita pena porque eu gostava muito do clube, eu gostava muito das minhas companheiras e eu tinha uma responsabilidade muito grande com o time porque eu e a Jacqueline éramos as mais conhecidas da equipe. E chamaram eu e a Jackie para ir para a Supergasbrás. Então, o Flamengo cobriu a oferta da Supergasbrás, mas mesmo assim não foi uma boa escolha porque o time da Supergasbrás era muito superior. Mas na hora H eu resolvi ficar com o time pior, porque eu vi que eu ia me dar mal emocionalmente se deixasse o clube que eu vinha desde menina para trás. Então eu fiquei e a Jacqueline foi para a Supergasbrás. Depois de uma temporada eu não aguentava mais. Eu ganhava dinheiro, mas o time não tinha estrutura. Não tinha bola, era um trabalho sem estrutura. Eu dava “um tapa” numa grana, convivía com as pessoas que eu gostava, que eu estava ligada desde sempre, mas eu queria jogar vôlei, eu queria ganhar. E eu entrava em quadra com um time que não tinha podido treinar como queria e que não tinha estrutura. Aí, no ano seguinte eu saí, fui para a Super (Supergasbrás). Depois eu não lembro o que aconteceu (risos).

M.T. – Depois da Supergasbrás você foi para aonde?

I.S. – (Dúvidas...) Eu fui para o Bradesco, fiquei grávida do Pedro e não acabei a temporada. Aí eu fiquei sem time. Aí eu não lembro onde eu joguei, não tenho a menor ideia. Eu sei que depois dessa gravidez eu treinei igual a uma condenada para voltar à forma e pegar a minha posição de volta. Era tudo muito rápido, eu dava de mamar, ia treinar e quando eu voltei do mundial eu fiquei grávida de novo, tive a minha quarta filha. Aí com quatro filhos ninguém me convocava mais para nada. Aí eu falei “agora eu me ferrei, porque com quatro filhos ninguém me chamava mais para lugar nenhum”. Então, eu resolvi ir para um time pequeno na Itália, que era o único lugar que acreditava que eu poderia jogar vôlei ainda. Aí eu fui para a Itália e fiz uma temporada muito boa, apesar de estar voltando. Eu fui crescendo, crescendo, crescendo naquele time pequeno, inexpressivo. A gente não ganhou nada, mas eu tive um destaque muito grande na equipe. Mas, eu não queria continuar naquele time pequeno. Eu queria ir para um time forte. Foi quando eu voltei para o Brasil e fui para a Sadia. Foi exatamente isso. Eu estava bem e naquele momento ninguém podia falar de quantos filhos eu tinha. Eu tinha voleibol. Mas, naquele momento eu já era vista como uma jogadora muito mais velha. Eu tinha 28 anos, mas me olhavam como se eu tivesse sei lá quantos anos. Não pela minha “performance”, mas pelo meu histórico. Eu tinha um estigma de uma jogadora... Eu tinha só 28 anos, mas me olhavam como se eu já tivesse 35 anos, sei lá. Aí depois desse

ano na Sadia eu tive uma proposta para jogar na Toshiba (Japão) e fiz três temporadas seguidas lá. Eles me pagavam muito bem e eu não podia perder. Eu jogava no Brasil e jogava lá. Eu não tive férias, foi um momento muito puxado, mas eu não podia perder porque foi a chance de eu fazer a minha independência financeira. No segundo ano eu tive uma contusão feia de cruzado anterior e já tinha 30 anos. Eu rompi o cruzado e sofri bastante e tive a sorte de ter operado com o Arnaldo Santiago que fez uma cirurgia muito legal no meu joelho, mas a recuperação foi mais barra pesada. Aí, eu novamente tive a sorte de pegar o Nilton Petrônio, o Filé, que tava sem emprego, vindo de alguma equipe na Europa. Tinha operado o Romário, sei lá. Eu fiquei direto com ele. Foi a minha sorte. Eu ficava dia e noite com ele por uns oito meses me recuperando e foi assim que eu consegui fazer a minha terceira temporada no Japão. O que norteia a minha geração é que por mais que eu não frequentasse, o voleibol tinha uma identidade muito forte dos clubes, das jogadoras. O lado do amadorismo era muito particular, era muito a nossa cara. O público da gente era naturalmente engraçado. Tinha pessoas de outras áreas que iam assistir aos jogos. O bairrismo entre Rio de Janeiro e Minas. Flamengo e Fluminense, nem se fala e você menina pertencer aquilo era muito bacana, muito legal.

M.T. – Quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para a consolidação da sua carreira?

I.S.– Olha, o Ênio Figueiredo para mim foi muito importante, muito, muito, muito. O time que eu joguei no Flamengo, a Jacqueline, a Vera Mossa que apesar de não ter jogado no Flamengo foi uma companheira muito importante. As parcerias da quadra, a Roseli, com quem eu joguei na praia. Ah, por isso que tem esse “gap” porque tem o período que eu joguei na praia e que para mim foi muito importante. O Braguinha foi muito importante também em vários momentos. Quando eu fui para o Bradesco. Quando eu fui para a Sadia foi ele que intermediou porque o pessoal de São Paulo tinha uma coisa assim comigo. Ela boa de bola, mas... Ele deu um telefonema e falou. “Não, a Isabel quer ficar no Brasil e jogar num time forte”. Foi o Braga. Aquele grupo de meninas do Flamengo, Virgínia, Ana Lúcia, Valerinha, Viviane, minha irmã (Inês), Letícia, Regina Vilela foram a minha inspiração junto com o Ênio. Nós tínhamos uma identidade juntas. O Ênio, esse grupo de jogadoras, o Braguinha, inicialmente são as que eu lembro. A Roseli, na praia. A Shelda também foi importante. E toda essa geração. Eu lembro que eu nunca via jogo de masculino, mas teve um jogo do masculino no Maracanãzinho e o povo todo gritando “jornada, jornada, jornada”, eu falei “que legal, cara, eu faço parte disso”.

2ª PARTE DA ENTREVISTA REALIZADA EM 22/11/2014, NO MESMO LOCAL

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

I.S. – A minha família não vivia uma atmosfera esportiva, não era uma família de esportistas. Meu pai gostava de esporte, mas não era praticante. Ele trabalhava em aviação, gostava de mar, de praia, eu entrava no mar com ele e eu me lembro dele me mostrando umas fotos de pranchão. Ele gostava de futebol, ele era botafoguense, meu pai faleceu há um ano e meio. Minha mãe é uma pessoa ligada às Letras, não tinha absolutamente nada a ver com esporte, mas o que foi mais legal é que nunca fizeram nenhuma objeção ao fato de eu querer jogar. Então, eu tive muita liberdade e isso foi muito bom de escolher o que me dava prazer, a atividade que eu me identificava. Então isso foi uma coisa boa. Eles sempre deram força. Somos quatro filhas de uma família de classe média. Minha mãe era professora, meu pai era funcionário público e minha mãe me incentivava do jeito dela, ela não entendia nada do esporte. Quando ela ia ver um jogo, ela via muito mais o lado plástico. Eu podia ter perdido que aquilo para ela não era importante. Ela falava “ah, a Isabel joga bola”. Eu lembro que um dia eu fui para a escola à tarde e a gente foi jogar uma pelada, eu nem jogava ainda e a minha mãe completou o time. Eu lembro que ela conseguiu dar um saque por baixo bem certinho, ela jogou até muito bem. Meu pai era muito mais coordenado que a minha mãe. Ele dançava bem, tinha uma coisa física, mas nunca foi um esportista, apesar de ser alto e gostar de praia, como eu falei. Mas, a força que eles deram... Quando eu ia viajar para fora do Brasil, eles procuravam saber como era, se eu ia estar protegida, se não era perigoso, se eu não ia perder a escola. Aí, quando eu comecei a perder eles perceberam que eu estava muito envolvida com o que eu fazia. Meu pai trabalhava ainda. Eram quatro filhas e não dava para ficar... Eu nunca fui uma menina mimada. Aí, de repente eu dei certo no vôlei, ser titular, comecei a ir para a seleção. Mas, eles não ficavam contando isso para os outros. Depois de uns anos, minha mãe já bem mais velha começava a falar “ah, eu sou a mãe da Isabel do vôlei”. Eu ficava morrendo de vergonha, eu já era mais velha, uma mulher feita. Mas, eu tinha que entender também, né? É natural uma mãe querer falar dos filhos e ela já era mais velha... Mas, ao mesmo tempo me fez muito bem isso não ser importante para eles, porque eu tinha liberdade.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta você considera importantes?

I.S. – Oitenta? Importante? Que eu me lembre assim de cabeça foi como Cuba transformou o voleibol, com força, com explosão, com uma capacidade física que não era vista ainda no

voleibol feminino. Para mim, a coisa mais marcante que eu lembro dos anos oitenta foi Cuba. A mudança do voleibol a partir daí. Antes veio a velocidade dos asiáticos e como eles conseguiram enfrentar isso com um jogo lento e depois outras equipes que começaram a tentar conciliar a velocidade com a força. Mas, a força veio de forma impactante com Cuba. Os anos 1980 no Brasil foi uma grande virada do vôlei, foi um momento que o vôlei se tornou um esporte com muito mais projeção do que tinha. Foi uma mudança enorme. Eu fazia um esporte que só saía em registro de jornal e do dia para a noite começou a ter espaço na imprensa, as pessoas conheciam os jogadores e as jogadoras. O Brasil começou a ter uma expressão numa outra modalidade que não era o futebol. O basquete tinha até certa penetração, mas o vôlei muito pouca. Então foi muito legal porque foi uma grande mudança. O Mundialito foi um grande evento, sem dúvida, uma grande guinada tanto no masculino quanto no feminino. Foi um torneio que nem tinha uma grande importância, mas como veio logo após uma Copa do Mundo e um Campeonato Mundial de Basquete, eu acho. O basquete foi transmitido e não teve um sucesso como se esperava. Aí o primeiro Mundialito foi feminino e depois o masculino. Aí a gente chegou no estádio, eu acho que eu já te disse isso e todas elas também, não esperávamos ninguém... Foi quando a coisa mudou. E a entrada das empresas no Brasil que fez o esporte se democratizar mais. Isso tornou o esporte menos amador e menos elitista porque a partir do momento que você sabe que pode viver daquilo... Além disso, projeção, espaço, enfim, grandes mudanças.

M.T. – E dentre todos esses fatos que você destacou qual o que você considera mais importante?

I.S. – Não tem um fato, têm vários. Por exemplo, o Braguinha é determinante no vôlei, o Antonio Carlos de Almeida Braga fez muito pelo voleibol. Sem o Braguinha não teria sido possível. Sem essa geração de atletas todos também não, essa geração de atletas e técnicos. Sem o momento ter conspirado a favor. Sem o Nuzman ter segurado os atletas no Brasil também, que isso contribuiu, porque eu mesma queria ir embora, estava muito chateada de ter que continuar no Brasil. Mas, o Nuzman segurou todo mundo aqui e acabou dando certo. Então, “o que foi mais importante?”, não teve um fato mais importante, tudo foi importante, foi uma conjunção de fatores. A própria Record ter topado transmitir o Mundialito. Sorte também porque teve uma super audiência e poderia não ter tido televisão, o que seria um absurdo. Mas, teve uma super audiência e as pessoas ficaram sabendo que eram aqueles meninos e aquelas meninas. Do dia para a noite começaram a perguntar para a gente nossa opinião sobre várias coisas. Era engraçado e estranho.

M.T. – Qual episódio marcou a tua carreira na década de oitenta?

I.S. – Os cortes, perder para os EUA, em 1984 depois de estar ganhando um jogo que era praticamente impossível de ganhar e a gente perder depois de estar ganhando por dois a zero. Tudo foi marcante. Pô, nós tivemos uma carreira super intensa. “O que foi mais marcante?” Para mim, tudo, tudo foi marcante para mim, até os meus jogos contra o Fluminense, meus jogos pelo Flamengo, pela Supergasbrás, pelo Bradesco. Eu gostava de jogar, então o que foi mais importante foi fazer o que eu mais gostava de fazer, que era jogar. Jogar a Olimpíada, mesmo com essa derrota que foi tão marcante para a minha geração. Foi muito emocionante, a gente viveu.

M.T. – Quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta?

I.S.– Faz tanto tempo... O esporte tinha um resquício muito grande do governo militar. Você não podia ter opinião, você não podia contestar você não podia dizer que não gostava. Isso era difícil, complicado. Você ver uma coisa rolando que não é justa e você tentar argumentar e aquilo ser considerado um absurdo, ainda mais para uma garota nascida numa atmosfera familiar onde se argumentava se discutia. E isso tudo associado à juventude é mais intenso ainda. Era chato esse lado do esporte, era desagradável você toda hora ser considerada indisciplinada porque você contestou, porque você reagiu. Hoje olhando para trás, eu vejo que foi importante, mas, na época, eu queria mais é que olhassem para o meu jogo.

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para a sua vida?

I.S. – Ah, o voleibol trouxe muita coisa positiva para a minha vida. Primeiro, eu pude me dedicar a uma coisa que me dava muito prazer e isso eu acho que é um privilégio quando você tantas pessoas que trabalham em coisas que elas não gostam. Então, eu tive o privilégio de fazer o que eu gostava. Depois eu consegui jogar e ao mesmo tempo ter os meus filhos e construir a minha vida. Mas, o que o voleibol me deu de mais importante foi me emocionar, porque jogar é uma relação muito intensa. Pelo menos para mim era. Então, era muito legal e bacana viver tão jovem sensações muito intensas e fortes como medo, como alegria, como tristeza, como a questão de fazer parte de uma equipe onde você é importante, tem um peso. Você depende dos outros, os outros dependem de você. Tudo isso tem uma magia, uma coisa que é muito legal e muito bacana. Se você pensar porque as pessoas ficam tão alegres quando ganham já que não vai mudar nada, mas é uma delícia. A minha filha mais nova, a Carol diz uma coisa que eu concordo: “ganhar é muito bom e talvez seja muito bom só porque perder é

uma merda” (risos). Eu acho que ela tem razão porque a derrota traz uma sensação muito ruim, é assim físico o negócio. Já a vitória é muito divertida também. Depois dá um vazio, mas traz uma coisa que é muito legal, uma coisa quase infantil.

M.T. – O que significava para você ser jogadora de seleção brasileira?

I.S. – Era muito legal. Eu achava legal ser escolhida para representar o Brasil. A gente costurava as nossas camisas porque eu era muito magrinha. Os uniformes não eram todos novos como agora. Mas, o que significava? Eu me achava uma pessoa muito privilegiada por estar ali naquele momento, eu gostava muito de jogar pelo Brasil.

M.T. – O que você almejava?

I.S. – Ganhar. O esporte é uma coisa muito legal porque ele não tem essa coisa tão racional. Se você pensar porque um monte de adulto fica correndo atrás de uma bola, ver quem bate mais forte. O que eu almejava? Eu gostava de jogar, gostava de treinar, gostava de melhorar, gostava de bater forte na bola, gostava de ter medo, de ter emoção. Era engraçado viver num mundo tão... Eu estudava em colégio de freira onde era tudo certinho. De repente, eu estava saindo de casa, viajando. Tinha também tudo que vinha junto com o voleibol, apesar de ter um lado muito chato, de repressão, tinha um lado que era ganhar o mundo. Qual menina com dezesseis anos que está morando fora de casa? Isso para mim era muito legal, eu achava que eu era muito independente. Foi legal.

M.T. – O que representou para você participar dos Jogos Olímpicos?

I.S. – Eu não tinha essa consciência que o pessoal tem hoje não. Talvez porque eu não tenha vindo de uma família de esportistas. Eu não tinha essa coisa do desfile. Eu achava chato essas coisas, tipo “eu estou numa olimpíada”. Eu não tinha dimensão disso. Eu tinha dimensão quando eu estava jogando. Mas eu não tinha dimensão como hoje. Hoje uma menina vai jogar uma Olimpíada, nossa, meses antes tem gente falando. Mesmo que ela não ache, ela vai passar a achar porque é tanta falação. Não sei, era diferente na época. Eu achava muito legal pensar “nossa aqui estão os melhores do mundo”. Eu olhava e via pessoas incríveis. Não tinha essa paranoia, apesar de ter muita paranoia porque eu joguei Moscou e Los Angeles. Mas, eu não tinha essa dimensão, não tinha mesmo. Nem em uma, nem em outra.

M.T. – E como foi para você conciliar as demandas do voleibol com a sua vida pessoal?

I.S. – Olha, olhando para trás, eu acho que eu tive bastante jogo de cintura porque eu sempre fui muito próxima dos meus filhos, em todas as temporadas que eu fiz eu sempre estive com eles. Era difícil, mas eu sempre contei com pessoas que me ajudavam. Para você ter uma ideia, eu tenho uma pessoa que trabalha comigo desde que a Carol nasceu a caçula. Ele está comigo há vinte e oito anos. Ele é motorista da gente e um grande amigo. É uma pessoa que me ajudou demais com os meus filhos, participando da vida deles sempre e os meus filhos são muito ligados a ele. O Pedro, meu filho, se batizou mais tarde, já adulto e escolheu ele como padrinho. Então, isso me ajudou muito, ter uma pessoa tão próxima, amiga e que até hoje está comigo. Tem a filha dele, que eu sou madrinha. Tem as babás todas que sempre me ajudaram. Mas, isso foi possível porque eu não tinha muita frescura com a casa. A minha casa era a minha casa com eles, sem frescuras, sabe? O pai dos meus dois últimos filhos sempre foi um pai muito presente, do Pedro e da Carol. Depois eu me casei de novo e tive a sorte de ter ao meu lado pessoas que sempre foram muito parceiras. Para mim não existia nenhuma relação que não fosse de amizade. Quando você tem filhos, você é um pacote, é um kitizão mesmo. As pessoas sabem que quem tem filho pequeno não tem essa. Eu ia para a praia com os quatro, num final de semana “vamos embora, vamos todo mundo para a praia, cachorro, papagaio”. Eu viajava e levava as babás, mas íamos todos juntos. À tarde, eu chegava do treino morta, caía na cama e falava “deixa eu dormir agora”. De repente, eu já ouvia a bola. Mas, eles gostavam do fato de eu jogar e eu acho que o fato de eu ter tido quatro filhos ajudou muito porque eles se tinham. Eles eram muito parceiros e não tinha aquela coisa da criança sozinha, triste, deprimida em casa e a mãe. Eles estavam ali, juntos. A ideia de nós sermos uma família nunca foi uma dúvida para eles. Nós éramos um grupo mesmo, aonde eu ia iam todos. Quando eventualmente não dava para levar eles ficavam com a babá. Os meus filhos nunca competiram com o vôlei. Talvez por isso eles tenham querido jogar, não sei. O vôlei nunca deu a eles essa sensação “o vôlei tira a minha mãe”. A gente viajava junto, eu dizia “só vou se der para levar todo mundo”. É bem por aí.

M.T.– Como é que você percebia o olhar do outro sob o teu corpo atlético?

I.S. – Eu venho de uma geração que não se fazia muita musculação, não tinha isso. A minha própria mãe não achava legal ser forte e nem eu gosto muito não. Eu gosto de ser magra, sempre gostei de ser magra, me sinto melhor magra e nunca fiz muito sacrifício para ser magra. Eu sempre fui muito longilínea e venho de um país onde a média de altura não é muito grande, eu sempre fui muita alta para o padrão brasileiro. Mas, eu vivia num mundo de

esportistas, eu jogava então o olhar do outro era um dos olhares porque no mundo do esporte me olhavam como um par. Então, não era nada de mais.

M.T.– Como era a rotina de treinamentos da seleção em termos de lesão, sacrifício...

I.S. – Eu nunca tive lesão, eu fui me lesionar muito tarde. Eu fui muito sortuda com isso. Eu não entendia como as pessoas se machucavam, “meu Deus, como é que se machucam?”. Até os trinta anos eu não tive nada disso, nunca tinha torcido o pé, nunca tive uma distensão. Só depois é que eu tive uma lesão séria no joelho, que eu já comentei contigo. O que era chato para mim é que eu adorava música, eu adorava pegar praia no posto nove, eu gostava de teatro e tudo isso era à noite. Volta e meia, a minha geração estava indo para Trancoso, para Arraial D’ajuda. Eu nunca fui para Arraial D’ajuda jovem. Todos os meus amigos iam e eu ia para a seleção. Puxa vida, eu queria ir para Londres ouvir música e a minha vida não dava. Mas, eu ia a todos os shows que eu queria, eu ia para o MAM ver show, tudo que dava para eu ver eu dava um jeito. Eu morava no Rio de Janeiro e isso também ajudava. Eu era interessada em coisas que às vezes era difícil, mas dava-se um jeito. Eu ouvia muita reclamação, mas eu adorava música, cinema, teatro.

M.T. – Havia diferenças entre o voleibol masculino e o voleibol feminino na década de oitenta?

I.S. – Havia, eles ganhavam mais. Eu acho que eles eram melhores, os resultados mostram isso. Eles eram uma geração muito brilhante assim. Eles foram campeões olímpicos, enfim, eles eram melhores. Se hoje você percebe que o mercado de trabalho não é igual, imagina naquela época. Mesmo assim, o voleibol feminino conquistou tantas coisas que é incontestável, mas na minha geração ainda era diferente. Eles ganhavam mais, mas eles mereciam. O masculino era muito forte na minha geração. Muita coisa me incomodava, mas quando você fala de esporte a resposta é dentro da quadra. O masculino ganhava muita coisa e por isso conquistou mais. Então, apesar de muita coisa ter incomodado a gente os resultados não vinham. Eu confesso que não lembro muito disso não. A Jackie e a Vera podem responder isso melhor do que eu. A Vera então tem uma memória brilhante.

M.T. – A Jackie disse que o voleibol masculino era o produto principal e vocês eram a promoção.

I.S. – É, talvez ela tenha razão, pode ser.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta em nível nacional e internacional?

I.S. – Eu já te respondi isso. Em 1980 o que representou foi a mudança da velocidade para a força, os EUA chegaram com jogadoras muito mais altas. No Brasil, a entrada das empresas, o esporte se profissionalizou, as pessoas perceberam que poderiam pensar mais em longo prazo permanecendo naquela atividade. Mudou tudo, essa possibilidade, esse olhar para o esporte visto para além do lazer, da recreação, mas como formação, como retorno publicitário, como uma ferramenta que gerava recursos e trabalho, enfim, mudou muito, no mundo inteiro.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes?

I.S. – Eu acho que a geração dos anos oitenta no Brasil abriu as portas, trouxe o olhar, tornou o esporte popular e isso gerou um grande legado para as gerações seguintes, sem dúvidas. Você começar uma atividade que você gosta e saber que ela tem eco, que está começando a se estruturar, que tem o interesse do público, que você está num terreno muito mais fértil. Isso faz você perceber que o esporte está muito mais propenso ao sucesso. A minha geração trouxe isso e a gente mesmo sentiu esse impacto.

M.T. – Quando você parou de jogar, em qual clube e por quê?

I.S. – Eu parei de jogar muito tarde, eu joguei mais do que eu tivesse imaginado. Acho que foi em 2000. Depois da Sadia eu joguei no Dayvity, na Itália, no Japão. Eu joguei até quase os quarenta anos. O último talvez tenha sido o Macaé, o primeiro ano da equipe de Macaé, mas eu não tenho certeza.

M.T. – Como foi a decisão de parar de jogar?

I.S. – Eu nunca ensaiei não “vou parar, não vou parar”. Eu fui parando. Chegou uma hora que o meu corpo... Na verdade, eu senti muito pouco a coisa física, mas eu entrei no lugar de alguém e outras jogadoras foram surgindo para jogar no meu lugar. Além disso, não tinha clube no Rio de Janeiro naquela época e eu fui perdendo o interesse, então para jogar eu teria que sair do Rio de Janeiro e os meus filhos estudando, então eu fui parando. Aí eu resolvi virar técnica, do Vasco. Foi quando eu parei, para virar técnica. Aí eu conversei com o Bernardo, porque o Bernardinho já era técnico e é uma pessoa que eu tenho uma relação boa, confio e tudo mais e ele foi muito legal comigo e me disse “olha, Isabel, eu não vejo porque não, não tem mistério nenhum, vai à luta, só cuidado com isso”, me deu alguns toques que foram muito importantes e eu tentei não perder o olhar para aquelas coisas que ele tinha me

falado. E até hoje eu lembro alguns desses toques. Aí virei técnica. Fui técnica do Vasco, depois do Flamengo. Eram grandes jogadoras que eu estava dirigindo. Eram times de muitas estrelas e isso é difícil, isso é chato, complicado, cansativo e estressante e aí eu percebi que não queria aquilo para a minha vida, eu não adorava aquilo. Aí surgiu a possibilidade de treinar as minhas filhas e me interessou muito mais. Eu achei muito mais divertido, muito mais estimulante, era um trabalho mais artesanal, elas estavam começando, eram muito novinhas, então eu podia dar uma força para elas no sentido delas contarem com uma técnica que ia se dedicar, que gostava daquilo, enfim, treinei as meninas por cinco anos e depois parei de treinar. De repente todas perceberam que seria interessante elas terem outra visão, outra voz, outra informação. Fiquei cinco anos afastada delas e muito presente como mãe, indo às competições, torcendo como qualquer mãe, até que no início desse ano elas me chamaram para voltar. Eu fiquei meio reticente no começo sem saber se seria uma boa, mas logo percebi que poderia ser uma coisa interessante para nós três. Então, estou com as meninas, a gente está indo para a quinta etapa agora e o nosso objetivo é tentar uma vaga para a Olimpíada, como outros times que têm o mesmo objetivo nosso e vamos lá para ver o que acontece.

M.T. – Como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

I.S. – Não teve isso eu não fiquei ensaiando. Primeiro eu joguei muito tempo, depois me tornei técnica no ano seguinte. Não tive tempo para pensar, foi uma conjunção de fatores. Por acaso, meu filhos resolveram ser jogadores de vôlei, eu não catequizeei ninguém para isso. Aí a minha vida continuou dentro do vôlei. Eu tenho saudade da minha vida como atleta? Tenho, tenho saudade porque era emocionante, aquela emoção que você sente como jogadora, mas foi, a vida segue e acabou.

M.T. – Você sente saudades da época em que jogava?

I.S. – Tenho saudade da emoção, mas hoje eu confesso que também é muito emocionante você ensinar alguém, quando você consegue... Mas é diferente, é totalmente diferente a emoção.

M.T. – O que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

I.S. – Ah, mudou muita coisa. Eu tinha uma rotina diferente, tinha uma bajulação que rola quando você joga que muda, mas a vida é isso. Eu entrei no lugar de alguém sabendo que o esporte é uma atividade de curta duração. Joguei mais do que eu esperava e joguei mais do que qualquer um esperava (risos). Então eu saí totalmente no lucro. Hoje não combina uma

atividade física, que demanda vigor, músculo, explosão. Isso é coisa de jovem, sabe? Eu tenho 54 anos, não combina, não dá mais para eu fazer. Eu acho bonito as pessoas fazerem uma coisa que não dá mais para eu fazer, mas dá para fazer outras. A velhice tem ganhos e perdas. As perdas são evidentes e os ganhos também são, quando você tem a capacidade de perceber a paciência, um olhar diferente que a idade te dá e que é legal também. E tem as perdas naturais. Eu estou envelhecendo como qualquer um que está vivo.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando você jogava ou depois de ter parado de jogar?

I.S.–Ah, não existe isso, não existe. Eu fui feliz quando tive filho, eu fui feliz jogando, eu fui feliz casando, fui feliz mergulhando na praia, não tem essa. Sou feliz, sou feliz agora.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois de ter parado de jogar?

I.S. – Fui técnica de voleibol e hoje sou técnica das minhas filhas no voleibol de praia.

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

I.S. – Sou técnica das minhas filhas e isso me toma muito tempo.

M.T. – O que o voleibol significa para você?

I.S. – O voleibol para mim significa muita coisa. Foi a atividade que eu fiz e faço e ele se confunde com a minha vida porque eu desde muito cedo comecei a jogar e o fato dos meus filhos jogarem acabou acontecendo de uma forma curiosa que eu não esperava de me manter também dentro do vôlei. Essa ligação com o vôlei se dá muito por conta deles e o voleibol representa muita coisa, representa tudo que eu te falei, alegria, tristeza, diversão, eu gosto de estar ali, sabe? Mas, quando acaba eu também quero ir embora. Eu não gosto de ficar falando de vôlei. Eu gosto de conversar com os meus filhos sobre voleibol, mas eu não gosto de ir para ginásio, eu não vou ver jogo, eu não tenho saco. Não gosto de sair de casa, não gosto de gente, de muvuca, eu sou chata. Os jogos de voleibol são cheios e isso me cansa um pouco. Então, já bastam os torneios de praia.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou para a sua vida?

I.S. – Ah, foi ter me emocionado tanto com uma atividade. O vôlei é uma coisa divertida, legal. Eu gosto de participar de uma equipe... O maior legado é esse, é me emocionar até hoje com essa atividade.

M.T. – Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou.

I.S. – Não, eu acho que o grande lance do esporte, o grande barato é que você não explica muito, né? É muito legal você entrar em campo, você torcer, você eleger um time para torcer. É engraçado como isso mobiliza as pessoas, mobiliza a gente, apesar de ser só um jogo, uma bola, mas isso mexe com a paixão, mexe com sentimentos que são tão legais e que ao mesmo tempo continuam ali, presentes. Isso é muito legal, é muito emocionante mesmo você estar em campo.

FINAL DA ENTREVISTA

APÊNDICE L

ENTREVISTA LENICE PELUSO

Data da entrevista: 27/03/2015

Local da entrevista:

Entrevistador: Marcelo Tavares

Atleta Entrevistada: Lenice Peluso de Oliveira

E-mail: lepeluso@gmail.com

Data de nascimento: 24/04/1961

Idade: 53 anos

Estado civil: viúva

Tem filhos: sim (1 filho)

Grau de escolaridade: mestrado

Tempo dedicado à modalidade: 30 anos

M.T. – Lenice, o que te levou ao voleibol?

L.P. –Olha, eu tenho lembrança de que os irmãos jogavam no clube da aeronáutica como lazer, fim de semana. O pai levava a gente pro Clube Militar e eu assistia o pessoal jogando; meus irmãos são uns três anos mais velhos que eu e o outro quatro anos e eu ficava sempre na beirada da quadra olhando e segundo o relato deles, do pessoal mais velho, eu ficava “pentelhando” na beirada da quadra querendo jogar e eles não deixavam falando que eu era criança. Eles começaram a fazer vôlei na Tijuca, meu irmão e minha irmã, aí eu entrei para a escolinha. Foi através desse caminho deles que eu fui parar no Tijuca e desde o início me apaixonei, tava lá o dia inteiro treinando.

M.T. – E você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

L.P. –Não.

M.T. – E quando você começou a jogar e por qual clube?

L.P. – Foi em 72. Entrei na escolinha em dezembro e em 73 já estava jogando campeonato carioca. Pelo Tijuca.

M.T. – E com quem você começou a jogar?

L.P. –Olha na escolinha era Célia Garritano, que foi levantadora. Depois cheguei a pegar a seleção com ela. Era ela e o irmão dela, que é o Luís Carlos, o Mosquito, na escolinha. Aí, depois, peguei outros treinadores: Haroldo, Sérgio Pinto, Balarine. Tudo no Tijuca.

M.T. – Lenice, como é que era ser jogadora de voleibol na década de 1980?

L.P. – Na década de 80 começaram a entrar as empresas, então em 80 foi a minha primeira saída do Rio pra ir jogar na Pirelli, em Santo André. Vamos dizer assim eu no Rio jogava no Tijuca, com a Dora. Tinha um diretor bem bacana com visão já de profissional, vamos dizer assim, que ajudava a gente às vezes com ajuda de custo, nas viagens, então eu era a única do Tijuca, do Rio, da Zona Norte, não era Flamengo, Fluminense que tinha aquela rivalidade de Zona Sul e ai ele me apoiava. Tinha viagem ele me dava uma ajuda de custo, na época cem dólares uma coisa assim. Ai em 80 eu recebi uma proposta pra ir pra Pirelli porque tava entrando as empresas. Foi a época que entrou a Atlântica Boavista, a Pirelli né? Foram as pioneiras, vamos dizer assim, no esporte profissional, no vôlei. E ai o vôlei era pura paixão né? A gente jogava e não ganhava nada. Até eu ir pra Pirelli era puro amor. Você ganhava um tênis, uma blusa de treino, o lanche. O nosso prazer era sentar no bar após o treino com vale refeição que dava direito a tomar um sundae, se você abrisse mão do misto com guaraná. Então, no inicio era pura paixão mesmo e a partir de 80 começou empresa a entrar, mas era um treino por dia ainda, depois é que a coisa começou a um treino pela manhã um treino pela tarde e por ai foi evoluindo.

M.T. – E por quais clubes você jogou, Lenice?

L.P. – Tijuca, no Rio. Joguei na Pirelli, Paulistano, Transbrasil, em São Paulo. Ai fui pra Itália. Lá eu joguei pelo Reggio Calabria, porque lá é o time da cidade, não tem o nome do patrocinador, que no caso era L'agostina, mas eles conhecem mais como time da cidade. Então, foram dois anos em Reggio Calabria, no sul da Itália; dois anos em Ancona, que é do lado do mar Adriático e dois anos na Ceilia, em Agrigento. Quando eu voltei para o Brasil fiz uma final de temporada pelo Minas em 95 e fiz um temporadinha pequena pelo Teuto Vila Rica, também em Minas. Cheguei a treinar na praia 95, 94, mas já com 34 anos eu tinha que me bancar. Já com filha, marido. Então, era um novo esporte para aprender e um investimento que teria que ser meu até eu galgar um espaço. Então, eu comecei a treinar na praia, mas ai não dava pra segurar financeiramente a família. De clube a experiência foi essa. Depois tive em 97 na Espanha, acho que três ou quatro meses e ai me machuquei e depois também na França a mesma coisa, três ou quatro meses e já tinha 40 anos, né? Ai a musculatura já não responde. Em 2002 eu fui para a França e trabalhei dando aula pra criança e jogando, mas já era a segunda ou terceira divisão, era uma coisa mais pra complementar salário e de 97 a 2001 eu joguei campeonato máster no time de Pinheiros, em São Paulo. Então, eu fui pro mundial

máster nos Estados Unidos. Fui pra uma Olimpíada máster. Eles chamam de “World Master Games”. Então são todas as modalidades com pessoas acima de 35, 40 anos e vai até 70anos. Foi uma experiência também muito bacana ver todo mundo já pós carreira jogando. Então praticamente encerrei de vez de bola, nunca mais joguei. Em 2002 eu tive lesão na panturrilha já jogando máster e arrebentei as duas panturrilhas e aí como eu trabalho dando aula eu dependo do meu corpo, cheguei a ir dar aula na areia de muleta. Eu ia de muleta e ficava sentadinha e tal. Depois eu botei na cabeça que eu não podia mais ter esses prazeres. Então eu resolvi parar de vez. Aí parece que eu sou marrenta, “ih a Lenice e marrenta, não se mistura”, eu sou provedora com filha, apartamento tudo pra bancar então eu entrei numa consciência que eu não posso mais jogar que é o meu trabalho que está em jogo.

M.T. – Lenice, quais pessoas você considera importantes ao longo da sua trajetória para consolidação da tua carreira?

L.P. – Eu acho que os meus treinadores. Aqui do Rio o Haroldo, na época que eu era infantil ele foi muito importante porque ele foi jogador, ele era atacante e levantava também. Ele tinha muita garra, era aquele treinador de dar esporro e gritar com a gente o tempo inteiro; era exaustivo. Depois eu peguei o Balarine, já na época de juvenil joguei com a Elenise de Freitas, que já foi a melhor jogadora do Brasil na época da seleção brasileira, também levantava e cortava. Então eu era infantil, com 15 anos e jogando com uma que tinha 30, 32 já no fim de carreira. Então foram pessoas que me deram muita tranquilidade, muita visão de jogo no sentido técnico. A minha vida inteira jogando eu não era uma jogadora de pancada, eu era uma jogadora técnica então vamos supor eu sou da geração da Isabel. Quando eu era do Tijuca todo mundo dizia hoje é o confronto Lenice e Isabel. Meu apelido era sapinho, era a sapinho de um lado e a Isabel do outro, só que a Isabel era tudo pancada, um jogo mais de emoção e meu o jogo da razão: uma largada, uma batida no bloqueio pra fora, uma bolinha mais inteligente e tudo mais. Tanto que teve um Sulamericano Juvenil, no Tijuca, em 78 e o técnico do Peru, Man Bok Park, que foi campeão anos e anos virou para quem eu estava namorando e falou assim: “daqui uns anos vamos ver quem joga mais, a Lenice, a Isabel ou a Cecília Thait, a canhota do Peru. Só que dois anos depois disso eu casei, engravidei e fui mãe, ou seja, eu interrompi a minha fase de seleção brasileira e me dediquei à maternidade. Fiquei jogando em clube e a própria Isabel agora já trabalhando com praia vamos botar aí 6, 8 anos atrás uma pessoa, aluna foi procurá-la, até parente de gente que jogou comigo em São Paulo, e ela disse assim: “procura a Lenice na Barra que você mora na Barra e a Lenice é muito mais técnica”, técnica no sentido gestual, de fundamento, então vai lá que ela vai te preparar

melhor. Então eu acho que ela se colocou assim, eu sou boa para pegar pessoas que estão prontas, que no caso são as filhas dela entendeu? Eu, desde que eu me meti com vôlei de praia no primeiro estágio em 97 que eu já fui fazer a faculdade velha, eu sempre dei muita atenção ao gesto. Então você me perguntou quem foram as pessoas mais importantes e eu te respondo: esses que curaram o meu gesto porque eu também pulava em extensão, o meu salto não era vertical, eu não levantava os dois braços para fazer o movimento da cortada, o braço esquerdo pesava para um lado; foi quem ficou no meu pé para me ajeitar esse gestual, que passou a ser uma pessoa mais equilibrada e de técnica do que de porrada. Então eu acho fundamental esses dois. Porque quando você vai para a seleção brasileira é um período menor e ele não pode ir lá e ficar. Ele não pode ir lá e te ensinar, ele te escolheu porque você já tem um diferencial então eu vejo dessa forma. Tanto que eu falo que eu gosto de pegar pessoas na minha escolinha que eu botei com o nome LP10 Lenice Peluso as iniciais e o número da camisa que eu joguei, pessoas que eu vou fazer porque eu digo assim os pais me trazem uma maçaroca de argila, um pedaço de argila pra eu modelar e eu tenho que botar olho braço nariz e boca pra eles jogarem vôlei ai vale minha assinatura LP10. Então eu consegui uma época de eu conseguir ter um padrão de eu padronizar um gesto que todos faziam igualzinho igual o Rexona lá que tem a metodologia do mini vôlei e tal lá no Paraná e isso por eu ter tido treinadores que tinham esse olhar. Eu quero que meus alunos tenham essa oportunidade de falar de um treinador, de um educador. Ao longo da carreira eu tive ótimos treinadores, treinadores bons no banco que a gente fala que é o cabeça e outros bons na quadra que é o que tem bom treino a boa didática. Então a gente sempre falava o Enio Figueiredo ele é bom na quadra o meu ex marido Ramon era bom no treino e por ai vai. Os outros eram Inaldo Manta, eu tive ele na Transbrasil era bom na quadra e no banco e no treino ali do gesto na tática do time no treinamento e que era outro tipo de treinamento. O Imai, um japonês em São Paulo na Transbrasil que pra mim foi um que mudou o gestual. Tinha a escola soviética e a escola asiática então a gente sempre aprendeu se você tá do lado esquerdo da quadra, a perna esquerda que fica à frente pra você dar uma manchete a vida inteira na escolinha tudo era assim. O japonês chegou e falou que era a perna direita e você tinha que fazer a manchete com o braço vindo e entrava pra lá ao invés de estar com a perna esquerda na frente e fazer assim. Ele ensinava a gente a tirar o corpo e trazer assim de lado; esse pra mim foi outro que pra mim foi tipo um guru que eu já tinha 23, 24 anos já tinha encerrado a seleção brasileira já era mãe e ele falava assim seu jeito é bonitinho mas experimenta fazer assim ai a gente dizia “puta que japonês chato que quer me mudar” ai ficava eu e mais uma na Transbrasil treinando mil passes e eu nunca tinha sido boa passadora mas ele mudou o meu gesto, essa forma contrária da perna e ai ele dizia qual

melhor? O Imai, eu me senti melhor com o seu então ele te provava. Tem muito treinador que fala assim você tá fazendo errado e vira as costas; pra mim o educador ele tem que te mostrar a forma, então eu faço isso nas minhas escolinhas olha eu não vou exigir de uma forma mas eu quero que você conheça que tem outra então depois você vai dizer como você se sente melhor porque a minha forma de ensinar é assim eu vou ensinar a forma mais fácil de jogar vôlei existem “n” formas. Às vezes o cara levanta pra cortar faz um dois e três ai eu falo ai tem um gasto energético tremendo você perde o tempo da bola e eu vou te ensinar a vir uma vez com o braço só e voltar se você se sentir bem você vai ter um alcance melhor vai gastar menos energia vai botar a bola onde você quer e tudo mais se o cara é cabeça dura e quer rodar o braço pra bater, ele escolhe. A minha função é informar.

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

L.P. – Eu sou bem diferente dos meus irmãos somos quatro sou a caçula então meu pai militar. Em casa tinha aquela coisa assim seu pai mandou chegar tal hora o pai não quer que passa dessa forma o pai não vinha até a gente era a mãe que trazia o recado e como eu era essa caçula eu fui moleque eu andava de bicicleta eu me escondia de baixo de carro motor de carro saia cheia de graxa eu descia ladeira de bicicleta caia rolava eu tava sempre machucada mas aproveitei muito a infância então quando eu entrei no vôlei eu era moleque se o cara mandasse fazer dez arquibancadas eu tava lá dava peixinho eu tava lá ficava toda roxa então eles viram assim eu acredito né que eu tinha uma identificação vamos dizer corporal do corpo mesmo do movimento e do temperamento e da personalidade. Então, de 12 pra 13 anos eu comecei no clube e de 14 pra 15 eu era seleção carioca junto com a Isabel já, entendeu? Só que eu sou mais nova do que ela. Então você tem uma filha de 14 anos que já tá na seleção ele apoiava eu joguei meu primeiro campeonato em Poços de Caldos a família inteira foi de carro ver a final eles viajaram oito horas de carro de Kombi entraram no ginásio assistiram e vieram embora porque não tinha dinheiro pro hotel. Aí o outro campeonato foi em Campinas lá foram os irmãos com as namoradas com o pai todo mundo de Kombi. Era uma coisa. Eles me apoiavam e ai eu tinha uma coisa assim que eu nunca pedi pro meu pai é pai fui convocada para a seleção brasileira pai eu posso ir? A noticia saia no jornal. A convocação de “x” jogadoras e eu falava assim amanhã eu tô indo para Belo Horizonte a gente vai morar lá nove meses a gente vai ficar tantos meses. Eles me apoiavam muito.

M.T. – Lenice, no voleibol quais fatos ocorridos na década de 80 que você considera importantes?

L.P. – Eu acho que a entrada das empresas. A gente começou a engatinhar em 80 vamos dizer assim em relação ao que existia já fora do Brasil. Eu acho que a possibilidade da gente ter ido pra Olimpíada que foi uma conquista de uma vaga através de um boicote então de 79 para 80 a gente foi pro pré-olímpico e não foi bom ficamos em terceiro e perdemos a vaga; só que aí com o boicote outros países saíram as vagas do pré-olímpico o primeiro lugar já tava classificado o segundo lugar foi chamado então nós preenchemos uma vaga mas a gente não tenho certeza assim o pré-olímpico foi em janeiro em março nós vamos para as olimpíadas. Então a gente foi fazer turismo né nem sei se foi março foi maio e agente em agosto estava na olimpíada então a gente não treinou para jogar uma olimpíada mas foi a primeira participação feminina do voleibol isso foi um marco. Nenhum esporte brasileiro feminino tinha participado de uma olimpíada, então foi um marco. Eu acho que isso talvez pro pessoal de agora isso não tenha a mínima importância mas nós jogadoras dessa geração quando a gente fez um encontro nacional ano passado e esse ano vai ter o segundo em São Paulo o primeiro foi no Rio e o que mais a gente falava é isso nós fomos cobaias nós moramos nove meses em Belo Horizonte quem hoje moraria nove meses longe da família do convívio deixou escola e foi estudar em outra escola deixou faculdade deixou tudo ninguém hoje em dia você fica num hotel cinco estrelas lá no centro de treinamento em Saquarema que tem tudo a gente ficava num alojamento comendo em bandejão fica na marinha aqui na avenida Brasil no Rio que não tinha nada então era abstinência de tudo até de convívio social porque lá dentro era só soldado e marinheiro comendo em bandejão aquela comida que vem aquela placa de arroz não tinha escolha hoje é muito gostoso estar na seleção brasileira eu gostava porque eu não namorava não saía eu era totalmente voltada pra aquilo mas muita gente odiava pulava muro fugia da concentração pra poder ver gente pra poder dar um mergulho na praia hoje em dia tudo é muito bom tudo é muito fácil eu sou de outra geração e a gente foi cobaia realmente. Você me perguntou eu acho que foram as entradas das empresas e a participação das Olimpíadas em Moscou porque em Moscou você deve saber disso era o vôlei era uma moça do arco e flecha se eu não me engano era Darci o nome dela ou Arlete e a Conceição Jeremias do Atletismo únicas mulheres na delegação inteira em Moscou era o vôlei uma do atletismo e uma do arco e flecha.

M.T. – E dentre todos estes fatos, qual você considera o mais importante?

L.P. – Eu acho que a entrada das empresas porque isso deu mais segurança. Porque como é que a gente ia conseguir uma vaga para a próxima olimpíada? Através do apoio destas empresas que te fizeram ter um equilíbrio emocional, uma estabilidade financeira, uma

consciência de treinamento diferente para que fosse possível conquistar a vaga. Porém, sem dinheiro e sem apoio ficava difícil. Uma coisa puxou a outra.

M.T. – Qual episódio marcou tua carreira na década de 80?

L.P. – Teve episódios pessoais como a maternidade em 82, quando nasceu minha filha eu com 21 anos então praticamente era o meu auge de seleção brasileira e eu deixei de ser convocada em 81 quando eu era presença certa em todas as seleções desde 76. Não é marra minha, eu compunha esse esquadrão e a partir do momento que eu casei eu pedi dispensa porque eu assinei com o Paulistano e eu já estava com carteira assinada de trabalhar como professora de escolinha então eu pensei assim “eu peço dispensa da seleção adulta e vou para a seleção juvenil”. Eu já estava casada então veio aquelas coisas do adulto de fumar, beber, sair, hoje não estou a fim de treinar, dar um sacaneada, num dia treinava bem no outro dia aquilo já me dava um desconforto. Então eu queria dispensa e nessa época você pedir dispensa era você se retalhar das próximas seleções e nunca mais eu fui convocada, nunca mais e eu não sei o motivo. Eu deduzo que tenha sido isso. Então isso marcou o meu afastamento de seleções, mas não foi um trauma. Em 88 eu fui para a Itália e joguei com Rosa Garcia, Gabriela Perez, búlgaras, jogadoras de toda a parte do mundo e isso foi muito enriquecedor para mim. E culturalmente também foi maravilhoso.

M.T. –E quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de 80?

L.P. – Quando entraram as empresas eu joguei pelo Paulistano, joguei pela Transbrasil e joguei pela Pirelli eu acho que a gente não tinha muitas dificuldades porque quando entra a empresa você não se preocupa com nada a ordem vem do que a diretoria seus supervisores os técnicos definiram e planejaram. Você só vai lá treina e volta pra casa tanto que muita gente fala que vida de atleta é fácil porque vocês dormem a tarde inteira, mas eu treinei quatro horas de manhã teve época de eu treinar quatro de manhã e quatro de tarde. Dificuldade era conciliar filha com profissão. Fora a falta de profissionalismo que tinha na Itália, com salários atrasados e você sozinha num país diferente e sem salário. Além disso, as atletas não queriam saber de treinar e você era acusada de chata porque queria realizar corretamente o seu trabalho.

M.T. – Lenice, o que voleibol trouxe de positivo pra sua vida?

L.P. – Eu acho que tudo, eu acho que o voleibol me ensinou essa garra que eu tenho de vida. Aí vou ter que fazer um parêntese enorme: eu não sei se você sabe, eu tive um câncer

diagnosticado em 2006; eu fui atleta a vida inteira, joguei até 2002, eu não fumo, eu não bebo, eu durmo horas de sono suficientes, a minha alimentação é, eu não vou dizer que sou modelo, porque eu amo chocolate e sou gulosa de doce, como bolo, como doce, mas é pautada em legumes e frutas. Minha filha também acompanha essa linha e eu tive um câncer. Aí você vai naqueles fatores que te levam a ter uma predisposição ao câncer e eu não preencho nenhum, nunca teve câncer na família e eu tive um câncer de mama. Então eu tenho certeza absoluta que foi ligada a estresse porque eu tinha acabado de me separar em 2003, uma paixão que eu vivi no segundo casamento que eu nunca pensei que existiria um homem daquela forma. Só que depois ele mostrou outro lado, então foi a decepção. Juntou com a minha filha numa aborrecência contínua dos 15 anos aos 28 anos e a perda do meu pai. Foi um vacilo do médico que fazia o acompanhamento de mamografia e acabou que fiquei dois anos sem fazer e quando fiz aí deu micro calcificações e ele não deu importância, e deu micro calcificações aumentadas e depois deu câncer. Eu levei isso como um jogo, eu recebi a notícia liguei pro médico, fui almoçar porque era aniversário da minha mãe, não contei pra ninguém, aí me inscrevi no INCA, me inscrevi não, entrei na triagem no INCA, fui pro SUS que lá era o melhor tratamento e aí que eu contei pra família, aí eu disse não conta pra minha mãe, pra gente ter a certeza absoluta que é um câncer maligno e que eu vou ter que operar, vou ter que isso, isso e aquilo. Eu estava começando a entrar com e-mail essas coisas e eu comecei tipo assim, estou com um tumor, nem tumor eu falei, estou com câncer e é um jogo e ele vai ser 3 a 2 pra mim. Então todas as mensagens que eu trocava com amigos eu tinha a certeza que eu ia vencer, porque eu nunca fui pra uma seleção, pra um clube, pra um campeonato pra perder, entendeu? Então pra mim era tipo assim: “Deus está me dando, porque sabe que eu sou guerreira”. Quando eu joguei na Itália tinha uma coisa muito de, nos vamos jogar na cidade tal, sempre perdemos naquele ginásio, a iluminação é ruim, a visão sua da quadra é ruim, a gente entra se sente mal, que tem aquela arquibancada, aquele holofote e eu dizia assim: “frescura, vamos quebrar esse tabu”, até que a gente quebrou um dia, dei um esporro em todo mundo tipo assim: botamos a mão, e disse assim como é que a gente vai jogar hoje e aquele babaca do treinador não veio no vestiário falar com a gente, o que a gente vai jogar hoje, qual é a tática, qual é o esquema de jogo ele tá de frescurite lá de rabo virado e a gente vai jogar como? Aí a gente começou a dizer, vai entrar no lugar da fulana, você vai fazer isso, e a gente se uniu, quando botamos a mão pra dar o grito de guerra no vestiário eu falei assim, no Brasil uma palavra que define tudo e eu sei que não tem significado aqui na Itália é tesão, se a gente não tiver tesão pra jogar não rola. Mas, como é que vou explicar pro italiano o que é tesão? Como no time tinha um monte de sapatão, um monte de piranha eu disse: “a gente transa, a

gente faz amor, amor a gente faz com quem a gente ama e sente aquelas sensações do corpo correspondendo. Isso é tesão”. Até antes de você estar complementando o ato em si, você está tendo um tesão louco, o teu corpo está respondendo as inervações, imagina eu falando isso no vestiário antes de jogar, mas você tem tesão também pra uma transa qualquer, eu nunca tinha tido transa qualquer porque eu era casada, mas eu imagino, eu imagino, aí eu falava, vocês deitam com um, beijam, mas o beijo de uma pessoa que você ama é diferente de um beijo que você dá num cara da balada, pelo menos eu acho, posso até estar errada porque eu não sou experiente nisso, mas aí elas captaram, captaram isso e o nosso grito de guerra a partir desse dia passou a ser tesão, e elas diziam T-E-S-A-Ó, porque lá não tem o “til”. Então ali eu quebrei um tabu e a gente ganhou um jogo, que sempre perdia naquele ginásio. Então eu vejo que o voleibol me deu garra de viver, tudo, culturalmente, fisicamente, emocionalmente, amavelmente, tudo, tudo, tudo, tudo, porque na hora que eu tive o maior tropeço da minha vida eu tirei de letra: fiz quimioterapia, não me derrubou, mandaram eu fazer acupuntura, eu tava lá fazendo pra estimular pâncreas, fígado e rim e tirei de letra, dava aula carequinha de toquinha. O voleibol me deu e me dá a vida.

M.T. – Lenice, o que significava pra você ser jogadora de seleção brasileira?

L.P.– Eu acho que eu fui muito nova Marcelo, peguei seleção brasileira com 15 anos, então eu joguei com Fátima Pinto, de Alagoas, que era uma craque baixinha que jogava pra caceta, Angélica, que é a Gegê, de Campinas, Fernanda Emerick, Marilda levantadora, uma geração pra trás, bem pra trás. Eu tinha 15 anos e elas tinham 20, 21. Disputei uma olimpíada com 19 anos, hoje eu assisto uma olimpíada na televisão e eu falo assim “caraça, que mega evento”, quando eu fui eu nem sabia o que era, que emoção a gente tinha de ser seleção brasileira se o Brasil perdia pro Peru no sul-americano há 11 anos? A seleção era um saco de pancadas. Lógico que era um orgulho entendeu? Material da seleção brasileira tenho até hoje, minhas camisas da olimpíada tudo novinho, mas eu não boto pra ir dar aula, tenho vergonha, eu acho que é um enfrentamento, um confronto. Meus alunos falam: “você é uma boba”, mas eu morro de vergonha, eu boto debaixo do moletom e aparece a gola, quando tá calor e eu tenho que tirar o moletom, tiro toda envergonhada. Quer dizer era um orgulho, era uma satisfação, era um alcance que sei que poucos tiveram, mas a dimensão a gente não tinha. Hoje tem uma dimensão muito maior porque o Brasil ganha tudo e é uma responsabilidade maior. A gente já ia sabendo que ficou em vigésimo no mundial, aí ficou em sétimo “uau! Maravilhoso”, mas a gente não tinha isso.

M.T. – Lenice o que você almejava como jogadora de seleção brasileira?

L.P. – Eu nem pensava nisso não, sinceramente. O prazer era tanto e as coisas chegaram sem eu almejar, porque eu fui pra uma olimpíada com 19 anos, eu com 15 estava jogando sul-americano, com 17 joguei o mundial, com 16 joguei o mundial juvenil, eu quando joguei no Tijuca não imaginei que eu ia ser seleção brasileira, que eu queria ser seleção brasileira eu não entrei pra isso. A gente almejava ganhar do Peru e isso era fato, só que no juvenil a gente era tricampeã eu fui tetracampeã juvenil sul-americana em cima do Peru, esse tabu era no adulto entendeu? E aí a olimpíada veio sem a gente esperar. A gente sabia que nunca ia pra olimpíada porque a gente não ganhou o pré-olímpico, a gente não tinha classificação significativa e era difícil de almejar, tava muito engatinhando mais muito mesmo. O almejar era estar entre as 12 escolhidas para ficar para participar do campeonato. O almejar era “eu quero ser convocada e ficar entre as 12 e ser reconhecida como uma das melhores do Brasil”, posso estar enganada, mas eu acho que era mais por aí.

M.T. – E o que representou pra você participar dos jogos olímpicos?

L.P. – A gente caiu lá de gaiato, então era um mundo novo. Você entrar naquele estádio chorando e ver aquela organização, porque a gente driblou lá a segurança porque na verdade o atleta não vê o desfile, o atleta fica em pé cinco horas fora do estádio esperando toda organização ficar pronta de atletas, de bandeiras, tá tendo a festividade e você não está vendo. Hoje em dia tem telão, na minha época não tinha telão lá fora, aí você entra dá aquela volta toda no estádio e entra no gramado aí você espera todas as delegações, aí tem a palavra do juramento, a tocha, você sai e não vê mais nada, mas a gente driblou não sei como e consegui ficar na arquibancada. Então nós vimos o show, eu, Ênio, a Paula, tem algumas pessoas aí nas fotografias; a gente conseguiu uma coisa que não podia então a gente viu o show. Depois o convívio na vila olímpica, almoçar ao lado da Semenova, jogadora soviética de basquete de dois metros significava ver o joelho dela acima da mesa e ela comendo no prato lá na frente, olhar pro pé dela debaixo da mesa e o pé alcançava a pessoa do outro lado que o pé tava e a gente ria, então eu era menina eu tenho fotos da gente botando joelheira no bíceps e brincando no quarto, botando coisa no ombro pra se fazer de forte, era uma farra, descer e ver os craques do atletismo na vila olímpica. A gente não tinha dimensão do que era aquilo entendeu? A gente viu poucas modalidades porque na Rússia o comunismo existia e a gente não podia assistir as outras competições, mas com 19 anos foi um deslumbre uma emoção que não tem fim nem como contar. Pra você ver como a gente não tem dimensão do

que é eu não fiquei pro encerramento porque que eu estava apaixonada e pedi para voltar antes.

M.T. – Lenice, como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com a vida pessoal?

L.P. – Eu abdiquei de estudo, eu cheguei a passar no vestibular meio que pra poder jogar pela faculdade porque eu só tava ficando em seleção, mas depois também larguei. Eu comecei na matemática pra depois passar pra arquitetura, e então conciliar o estudo foi difícil que na época da gente não tinha um salário significativo. Então você para de estudar, fica só jogando, como é que você banca tua casa? Então era difícil casar, era difícil namorar, era difícil ter a família. Hoje em dia não, hoje em dia você tem a grana, você tem uma folga de sábado você vai dar um beijo na tua mãe em São Paulo e volta, o marido tá jogando lá em Fortaleza você pega um avião vai lá e volta, tirar mil do seu orçamento pra pagar uma passagem aérea hoje em dia pra quem tá jogando com esses salários milionários que eu nunca tive é mais fácil. Naquela época conciliar era bastante difícil. Quando eu tive a filha, essa minha sogra que não era sogra, foi fundamental pra eu poder continuar jogando em clube. Aí depois lá na Itália era eu sozinha.

M.T. – Lenice como você percebia o olhar do outro sobre o seu corpo atlético?

L.P. – Eu nunca me achei com corpo atlético. Sempre me achei desajeitada com pneu, com isso com aquilo com uma bainha do lado. Corpo atlético que você tá dizendo é isso, o físico? Ouço até hoje a minha filha falar, “caraça, foto da minha mãe com abdômen sarado”. Nunca tive abdômen sarado, eu nunca me vi com o abdômen sarado, a época que eu joguei em São Paulo na Transbrasil com o Inaldo Manta, o time era Ana Lúcia, Ida, Ivonete, Ana Claudia, Edna, jogadoras que tinham físicos esguios eram altas, magrinhas, secas. Eu nunca fui maguinha e seca, eu fui magrinha e seca com 15 anos, depois que eu casei e tive filha já era um quadril largo, uma gordurinha localizada com pneuzinho do lado, entendeu? Nunca me vi esse corpo atlético não. Talvez pela timidez também. Sempre fui, blusas até aqui, mangas até aqui, ninguém me via. Depois que eu separei é que foram ver que eu tinha braço, colo, um monte te coisa.

M.T. – Lenice como era a rotina de treinamento da seleção, em termos de lesão, sacrifício?

L.P. – Eu não acompanho muito agora não, eu não tenho saco de ver jogo de televisão e tal, mas eu sei que logo após a minha geração teve muita lesão. A Ana Moser jogou comigo na

Transbrasil com 15 ou 16 e ela já chegou operada; uma cirurgia de joelho. Eu sei que ela deve ter umas dezou coisa assim. O meu preparador físico de seleção foi o Brunoro, e na época devia ser o melhor do Brasil porque era muito estudioso, muito diferente de tudo que tinha por aí. Eu lembro que em dias de folga a gente recebia o planinho de treinamento, isso década de 70, e eu nos dias de folga treinava no Tijuca, sozinha, corrida intervalada, musculação, tanto que eu quebrei um dedinho antes do mundial em 78 adulto que eu ia ser titular, treinando na folga, de tão Caxias que eu era. Aí a babaca quebrou o dedo e não foi pro mundial, então assim eu com lesões não tive nada, eu tive essa fratura e vejo que na nossa época tinha joelho, problemas de ombro aquelas cicatrizes enormes e tal, mas é porque não se entendia ainda a importância da preparação física. Eu acho que a década de 70 é que o professor Tubino inseriu no Fluminense já que ele era técnico do Bernard, Fernandão, aquela geração, o treinamento esportivo, os princípios do treinamento esportivo. Eu nunca parei por distensão, por lesão, estiramento, ruptura de músculo não, eu tive já com 40 anos e aí a minha irmã psicóloga ela sempre me disse assim, você foi jogadora profissional então teu corpo ele tá como um bagaço, a verdade é essa, porque a gente é judiado, o sacrifício que você perguntou aí agora, então o teu pijama de dormir o melhor é aquele com que o elástico é bambo né? Aí ela diz o músculo da sua perninha é aquilo ali agora bambo, ele não tem mais aquela elasticidade do elástico que você comprou hoje pra botar na calça, então ele tá aqui, ele faz isso ó e antigamente ele fazia isso. Então, o cérebro manda o estímulo pra você fazer uma impulsão assim, aí ele arrebenta como eu arrebentei, eu já não treinava só malhava de vez em quando na academia, uma corridinha e fui jogar o mundial máster, aí depois fui pra olimpíada máster, rompi o gastrocnêmico parcial. Mas assim na minha época eu graças a Deus fui protegida porque acho que eu fui muito séria trabalhava direito nunca tive lesão, tinha uma tendinitesinha, torcer um pé mas não aquelas lesões de afastar, aí eu acho que a geração depois de mim foi judiada porque a gente fazia salto na arquibancada, o treino de salto era na arquibancada de cimento, sem colchonete embaixo, sem areia, sem nada. Depois entrou a piscina. Na época da Transbrasil em 88 a gente já nadava. Era uma corrida em volta de um campo de futebol, entrava pra fazer musculação, tudo intervalado, nada intenso e sacrificante e maçante, o Inaldo tinha muita visão de ser humano atleta, não é atleta ser humano, primeiro via você como um todo, preciso ter esta composição este bloco de tudo de emoções e de tudo para jogar, não é como no clube que te arrebenta e você tem que jogar e não estão nem aí pra você.

M.T. – Lenice havia diferenças entre o voleibol feminino e o masculino na década de 80?

L.P. – Havia, claro. Você já deve ter escutado, eu parei de pegar seleção mas a gente sabe das histórias. A Jacque botou a camisa do avesso porque tinha patrocínio pro masculino e sempre foi assim; a relação financeira e econômica deles era sempre melhor do que a nossa. O salário sempre foi diferenciado e o tratamento também era. A gente sabia deles irem em locais no avião privilegiados e as meninas eram sempre apertadas lá no último banco, no fundão; eles iam de taxi e a gente ia de comboio na caçamba de um caminhão. Sempre teve, não sei agora, porque agora acho que a coisa mudou bastante. Hoje acho que todo mundo é muito mais culto, todo mundo já jogou no exterior, na Turquia, no Japão, na Coreia, você vem com outra bagagem. Você vê que lá hoje é muito mais profissional, então esse profissionalismo de lá foi se adaptando aqui dentro porque senão a gente ia ficar pra trás, indo todo mundo jogar fora e o campeonato ia ficar ridículo, entendeu?

M.T. – E o que representou o voleibol feminino na década de 80 na sua percepção, tanto em nível nacional, quanto internacional?

L.P. – Eu acho que foi início de uma mutação. Ele começou a botar as caras para serem respeitadas e incomodando. No quesito degrau passou de um oitavo lugar pra quarto, e as pessoas dizerem “caramba, lá existe um potencial humano”. Não na altura, mas nas qualidades e nos dotes, porque eu acho que o feminino foi começar a ter atleta alta na década de 90, na minha época 80 era a Vera, Isabel. O mais alto era 1,79 que era a minha altura 1,80 depois que veio a geração da Márcia Fu, da Hilma, da Virna. Eu acho que 80 foi esse perfil do vôlei feminino, tipo você viajar pra uma seleção e a Ida podia fazer uma ponta, um meio ou uma saída; a Vera era exclusiva na ponta a Isabel também, mas tinha uma outra jogadora que era muito boa de defesa e excelente no ataque. Antes de 80, era só excelente no ataque ela não sabia fundo, no fundo ela tinha que ser substituída. Então eu acho que eu posso estar errada, mas que eu lembre, eu estou perto de um Alzheimer aí, a gente vai vendo uma mudança de conteúdo, da qualidade técnica das jogadoras.

M.T. – O que a geração dos anos 80 deixou pras gerações seguintes na sua opinião?

L.P. – Eu acho que deixou um modelo. Deixou uma persistência, uma perseverança que tem que lutar. Eu acho que as mais novas vieram com essa comodidade dos salários, mas sabendo o que a gente tinha passado elas iam passar num nível num grau mais fácil talvez, menos dificultoso, mas que a conquista vinha através de trabalho, então eu acho que a gente teve o trabalho e não teve a conquista, a gente teve os ganhos da consciência, do que seria um bom resultado, mas talvez não tivesse ainda material humano, tanto do atleta quanto dos

profissionais que estavam à frente e da confederação. Não vamos entrar nesse mérito, a vergonha que a gente teve passando aí agora, mas a gente imaginava que fosse um padrão modelo, que eles fizeram força para tal. Então eu acho que essa galera de 80 trouxe isso, essa persistência, esse amor que um pouquinho ele pode ter se diluído na questão financeira mas eu acho que deixou essa marca, esse legado.

M.T. – Lenice, quando você parou de jogar, por qual clube e por quê?

L.P. – Eu parei mesmo em clube profissional em 97. Depois veio o máster e depois vieram esses dois clubes na Europa que eu já fui por outros motivos: voltar pra Europa, qualidade de vida, estabilidade e tal. Então o último mesmo foi na França numa cidade pequenininha, de três mil habitantes e do ladinho a 10 minutos era essa outra cidade que tinha o ginásio. E na França foi um nível bem mais inferior, acho que terceira divisão, segunda divisão, uma coisa assim. Eu já estava com mais de quarenta anos.

M.T. – E como que foi a decisão de parar de jogar?

L.P. – Foi tranquila. Quando voltei da Itália já sabia que o mercado pra mim ia estar difícil, porque você passar 8 anos fora do Brasil, ninguém te vê, na época ninguém sabia, não tinha vôlei na televisão da Itália pra cá, então o que a Lenice fez durante esses oito anos lá? Aí eu voltei como Zé Ninguém e o Minas me chamou pra eu entrar no lugar de uma que tinha se machucado, mas nunca me deram espaço lá. Como eu não estava em forma, eu fui pra ser a décima segunda no time que tinha Márcia Fu, Hilma, Leila e Virna, quatro estrelas da década de 90; aí eu peguei o time num turbilhão de estresse, de egos. Tinha reuniões e reuniões e ele falava assim “você como a mais experiente, mais velha...” e eu dizia “não quero colocar minha mão nessa panela fervendo não porque não tem nada a ver comigo”. Uma queria o patrocínio x a outra queria mais cinquenta mil, a outra queria um carro e eu aí fui vendo que eu já estava no meu final. Então, eu fui pro Teuto Vila Rica que era com o Wadson, treinador que já faleceu. Eu tinha quase quarenta e as meninas tinham 18 então houve uma folga entre Natal e Ano Novo e vim passar Natal com a minha filha que estava separando ou separada e voltei para treinar dia 26. Quando eu cheguei para treinar eu escutei os comentários do tipo “beijei sete”, a outra “tomei uma garrafa de whisky” e “não sei com quantos eu dormi” e aí eu me dei conta que as minhas colegas estavam fazendo coisas que a minha filha ainda não fazia e eu percebi que estava no lugar errado. Foi quando eu sentei com o Wadson e pedi para

rescindir meu contrato. Aí eu voltei para a faculdade, em seguida já fui procurar os estágios. O primeiro estágio foi vôlei de areia e aqui eu estou até agora.

M.T.– Você sente saudades da época que você jogava Lenice?

L.P. –Lógico, era gostoso. Amo treinar. Eu sempre falei depois que eu parei que se me pagassem para treinar praia eu tava jogando até quarenta e tantos anos porque eu amo treinar, eu amo que alguém coloque um desafio para eu saltar melhor pra eu pegar uma bola de defesa diferente. Hoje, além do câncer eu tenho prótese no quadril, então nem jogar eu jogo com as crianças mais, nem brincando eu bato uma bola. A bola vem do lado eu não vou porque já fiz luxação, já saiu do lugar. Então eu parei total e ninguém acredita que é possível. É possível por necessidade, por estilo de vida, por prioridades. Eu não posso. Tenho saudades de um tempo maravilhoso que passou. Agora eu faço o que eu amo transmitindo para os outros. Eu demonstro, passo o circuito de condicionamento físico na areia porque eu posso correr, posso fazer tudo, mas jogar eu evito porque o jogo é improvisado é aquele momento de você pegar uma bola e de surpresa e correr o risco de se machucar.

M.T.– O que mudou na sua vida depois de você ter parado de jogar?

L.P. – Eu estou com 53 anos. Ontem mesmo eu falei que não tenho mais pique de dar aula pras minhas crianças como eu tinha; entra uma criança agora que é cri-cri que é chata e fica te perguntando coisa que não tem nada a ver e não quer aprender, isso me irrita. Então eu acho que a irritabilidade chega depois que você para de jogar. Você foi alto nível, alto rendimento e aí você vem pro ensino e você não está ensinando alto rendimento. Se bem que eu tive uma experiência com vôlei de praia de levar uma dupla de comunidade carente a três mundiais; a gente foi ao mundial de sub19 e eu fui a dois mundiais universitários com elas, então é considerado um alto rendimento, mas fora isso eu tive que mudar a minha cabeça: “agora dou aula lazer, social”. Eu já tive 50 alunos com dois querendo ser profissionais, hoje eu não tenho nenhum, e agora mesmo teve uma oportunidade, estou com uns moleques que querem competir e eu não quero mais passar meu sábado e domingo numa arena de vôlei de praia, de 8 da manhã às 5 da tarde. O câncer de traz outra visão de vida após a doença entendeu? Então eu não tenho nenhuma limitação nem constrangimento de falar, eu falo toda hora “o câncer muda a sua vida, você vê a vida diferente, você quer aproveitar o hoje intensamente” e aí eu fico assim, to dando aula pra três que querem competir, então quem sabe ano que vem eu não tenho mais paciência pra ficar dando tipo um “personal” pra três moleques de 15 anos? Se fosse gente já pronta de 20 anos como a Isabel faz que pega o pessoal formado tudo bem, mas

eu vou dar a minha experiência e ele tá no Whatsapp na hora da água, ele tá no facebook e aí não dá, não tenho mais paciência. Eu acho que ao parar vem uma exigência muito grande da minha casa, da minha filha, com os relacionamentos. Relacionar pra quê? Só pra ter alguém pra tomar cerveja? Não quero, não tomo cerveja, entendeu? Você fica muito mais exigente, pelo menos eu.

M.T. – Em qual momento da sua vida você foi mais feliz, quando você jogava ou depois de ter parado de jogar?

L.P. – Eu acho que cada um é voltado pra um aspecto. Enquanto você jogava era uma realização própria, de uma resposta tua do seu corpo do seu aprendizado, da sua experiência. Depois eu tive momentos felizes de ver duas meninas que não tinham perspectiva de vida nenhuma e eu proporcionei a elas serem atletas de alto rendimento da categoria de base levá-las pra França, elas ficarem em quinto no mundial que ninguém imaginava que elas iam conquistar a própria Confederação Brasileira, que aí entram outras histórias. Eu fui como treinadora das duas duplas da seleção brasileira e é uma conquista diferente porque é você passar tudo que você adquiriu e construir essa personalidade dessa jogadora e eu consegui esse fato entendeu? São os momentos de alegria de estar com minha filha e fazendo o que eu gosto mesmo tendo sido difícil ter ido pra Itália e saber que ela pode compreender esse meu sonho de jogar no exterior que não era um sonho, mas era uma coisa que era bacana pra todo mundo ter essa vivência. Agora eu ser avô eu já estou aqui pensando se eu vou ter minha neta como minha aluna eu vou dar cambalhota. Eu preciso estar bem porque ela já está com dois aninhos e daqui mais uns cinco anos ela vai estar lá na areia comigo. Então momentos felizes todas as épocas, porque muda o foco. Antes o foco era eu, depois é você dar o teu eu pro outro.

M.T. – Você trabalhou profissionalmente depois de ter parado de jogar com o voleibol?

L.P. – Sim, trabalho até hoje, não em equipes de clube, mas com o meu negócio. Comecei como estagiária do Jorjão, que foi treinador também, na academia que ele dava aula, e até hoje eu estou dentro do voleibol. Então eu posso dizer que eu estou dentro do voleibol há 42 anos porque eu comecei a jogar com 11 e sempre estive dentro de quadra fazendo alguma coisa dentro do voleibol até hoje, com 53 anos.

M.T. – E qual a tua ocupação hoje em dia?

L.P. –Hoje em dia eu tenho a minha escolinha que se chama LP10 e que é um centro de desenvolvimento e aperfeiçoamento de vôlei de areia. Além disso, trabalho como “personal”. Fiz um curso de “personal” com professor que é bastante capacitado e agora trabalho com duas crianças especiais, “down”; então o objetivo é dar qualidade de vida, parte cardiorrespiratória. Uma agora tá com Alzheimer, 45 anos com síndrome de down e com Alzheimer; esse trabalho depois que você tiver um dia no Rio e quiser ver será interessante. O outro menino chegou com 100 kg e ele tá pesando 93, tem 33 anos hoje, já tô há quatro anos com ele, ele não sabia andar e a gente começou na piscina, andar na piscina porque ele queria nadar. Ele foi nadar e a gente não conseguiu; tenho filmes de cada conquista diária que é maravilhoso. Agora ele anda na esteira e tem até um trabalho científico bacana pra fazer porque eu trago minha experiência do vôlei pra uma realidade que eu nunca tive e eu vou adaptando. Então eu dou tipo um circuito funcional para ele ter que elaborar e criar estações de exercícios no cone, bambolê na corda, com a música, pego a bola de medicine ball e dou outros exercícios pra ele adquirir força entendeu? É muito maneiro, uma experiência muito diferente.

M.T. – E o que o voleibol significa pra você Lenice?

L.P. – Tudo, tudo que eu tenho eu devo a ele, a minha pessoa, a minha vida, a minha casa, o meu trabalho, a minha determinação, tudo.

M.T. – Qual foi o principal legado que o voleibol deixou pra tua vida?

L.P. – Eu acho que a determinação, a persistência, esse intercâmbio de cultura e de pessoas, de costumes e línguas. O legado que ele deixa é uma coisa que eu não vou perder nunca e acho que ele vai se perpetuar pela minha filha, porque agora essa relação mais amena que a gente tem de conversas e tudo, ela traz muitas coisas dessa época da Itália que eu imaginava que na adolescência ela tinha perdido que ela nunca deu valor. Eu fiz e faço terapia, e a terapeuta diz “sua filha nunca vai perder isso, nunca vai perder”. E realmente ela diz “mãe, o que eu vivi foi maravilhoso”. Ela teve momentos de dificuldades também, de relacionamentos aqui no Brasil, porque a brincadeira dela era em Italiano, a metodologia do joguinho da brincadeira lúdica era outra, a experiência cultural dela era outra com as outras crianças; meu pai dizia: “a minha neta conversa comigo sobre Revolução Francesa, porque ela estudou Napoleão Bonaparte, ela sabe a Revolução Industrial, os gregos e os romanos, e qual neto daqui que sabe isso? Sabe nada, sabe do Pedro Álvares Cabral, mal sabe do indígena, das capitânicas hereditárias, e a Marcela chega aqui com uma cultura que eu fico apaixonado”.

Então ela diz “mãe, eu não trocaria nada, tudo que você fez foi certo”, porque às vezes penso que eu não me preocupei em te botar numa escola X ou Y que tenha um ensino tal, tipo Piaget porque não tinha tempo, eu tinha que me adaptar. Eu estava numa cidade nova, não conheço ninguém, onde é a padaria, onde é a escola, não tem cartório. Graças a Deus ela vê que tudo isso foi bom, foi bom, ela é uma pessoa maravilhosa, ela tá sendo uma mãe exemplar, a menininha de 1 ano e 10 meses fala tudo na linguagem dela, mas corresponde e entende todos os comandos, porque ela tá dando essa autonomia, ela tá dando tudo isso. Então assim, o legado ele vai perpetuar, se ela souber levar isso, e ela é uma mamãe sozinha, não tem o marido pra dividir; então é maravilhoso você ver isso tudo continuando. O voleibol vai estar lá mesmo ela não tendo jogado, ela vai estar com isso na veia e as lembranças dela são todas ligadas ao voleibol.

M.T. – Você quer fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que a gente abordou nessa entrevista.

L.P. – Olha, acho que eu falei demais. Eu estou agora num momento da minha vida com essa obra que é como se eu tivesse fazendo um divisor de águas também na minha vida; eu andei meio parada de motivação comecei a escrever um livro sobre a minha dissertação do mestrado que ele estava pronto antes de Londres, 2012, e aí eu falei “cara eu tenho que esperar o resultado do vôlei de praia”, porque é sobre o vôlei de praia, porque aí eu já vou botar os resultados, porque fala tudo da Jackie, das olimpíadas, dessas conquistas todas, mas o Brasil não teve medalha e aí eu brochei e foi por água abaixo um trabalho que eu fiz com uma pessoa maravilhosa que me ajudou que é pai de atleta olímpico, e o meu livro tá parado e esse livro é um resgate como essa entrevista porque nele eu começo falando da minha vida, como é que entrou esse vôlei de praia, como é que eu entrei de paraquedas nisso. Essa visão que eu tenho é um orgulho, não é uma marra, mas que eu vejo que é diferente quando você conversa com uma atleta que só foi atleta. Ter feito a faculdade muda a sua cabeça, feito uma pós, um mestrado é outra conversa como a que nós estamos tendo aqui. Você próprio tá vendo, tem conteúdo, o conteúdo e o peso da palavra, uma palavra diferente que só viveu jogando, vamos dizer assim: é através dessa dissertação do mestrado que é do Tubino e ele morreu, a mulher dele que me abraçou eu fui pra essa coisa do livro que é um reconhecimento, aí todo mundo me perguntava, você quer ficar rica? Não é ficar rica por causa do livro, porque eu acho que ninguém dá nada por você; a Lenice tá esquecida por aí, ainda mais que eu fiquei 15 anos fora do Rio, 8 anos em São Paulo e 6 ou 7 anos na Itália, entendeu? E aí quando eu voltei quem é a Lenice? A Lenice (era) do Tijuca. Talvez se eu

fosse voltar pra São Paulo, onde eu já tinha uma raiz mais forte, minhas melhores amigas estão lá, eu joguei até um tempo maior, mas o vôlei profissional eu fiz quase todo fora do Rio, e esse livro ia me dar uma satisfação. As pessoas quando me encontram é bacana, mas a Lenice não foi só uma jogadora, ela tem uma cabeça que quer defender essas mulheres que lutaram que sabe que a CBV tá errada, e no livro tinha um capítulo falando só sobre isso, agora eu não preciso mais dizer que isso existia, porque agora já veio à tona, então eu vou ter que tirar esse capítulo, mas eu nunca tive parceiros, então hoje aqui com você eu tô fazendo uma parceria bacana, porque é uma conversa do nível que eu gosto de ter, agora pra eu me ajudar no livro não tenho, porque neguinho só quer fazer as entrevistas, não quer conteúdo como você quer, uma ou outra. Geralmente é “ah foi maneiro, muito show”, “irado” e não é assim. Eu não consigo estar do lado dessa galera, eu sou um pouco seletiva pra isso. Então o que eu queria comentar é voltar a fazer parte desses grupos de estudos.

FINAL DA ENTREVISTA